



O Amante do
TRITÃO

DA AUTORA DE CONTOS E ROMANCES GAYS

R. B. MUTTY

O Amante do Tritão



Copyright © 2017 R. B. MUTTY
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução não autorizada.

Capa:
© Can Stock Photo / AntonioGuillem
Design da capa:
R. B. Mutty

3ª Edição

Os modelos da capa são meramente ilustrativos e não correspondem a nenhum personagem da história.

Para acompanhar os lançamentos de R. B. Mutty, siga-a no Facebook:

<http://fb.me/rbmatty>

Ou através da lista de e-mail:

<https://tinyletter.com/rbmatty>



Sumário

[Sumário](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Interlúdio 01](#)

[Interlúdio 02](#)

[Interlúdio 03](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo 01](#)

[Epílogo 02](#)

[O Amante do Tritão](#)

[FIM](#)

[Conheça os livros da série *O Amante do Tritão*](#)

[Outros romances por R. B. Mutty](#)

[Obrigada por ler este livro!](#)



Capítulo 01

Eu sentei sobre a prancha de surfe e assisti o cara da namorada ruiva tentar acender a fogueira. Não lembrava o nome dele, nem da maioria daqueles surfistas.

Já faziam semanas desde minha mudança forçada para Orla das Sereias, e as coisas não estavam indo bem. Eu era péssimo em fazer amizades, ainda mais com pessoas tão diferentes de mim. Pela primeira vez nos meus dezoito anos de vida eu pisava numa praia, e ali todos pareciam ser surfistas, ou namoradas de surfistas, ou donos de lojas de surfe.

Tentando me enturmar, meu irmão até emprestou sua famosa prancha amarela, com a qual já ganhou dezenas de campeonatos. Eu apreciava a boa intenção, mas não teria coragem de usar algo tão precioso.

Desistindo de participar da conversa, esperei que todos corressem para o mar e fiquei na areia, assistindo meus novos *amigos* demonstrarem suas habilidades no surfe. Que coisa mais chata.

O sol terminava de se pôr quando o loirão líder do grupo conseguiu enfim acender a fogueira. Outro cara ajeitou o violão no colo e começou a cantar sertanejo, e todo mundo se balançou lentamente ao ritmo da música, enquanto se passavam um baseado e baforejavam uma fumaça esverdeada. As latinhas de cerveja se acumulavam pelo chão.

Nossa, aquelas pessoas não tinham nada a ver comigo. Mas que escolha eu tinha? Meu irmão teve a bondade de me aceitar na casa dele quando nosso pai me expulsou por ser gay. Não queria preocupar o Alisson parecendo um recluso desajustado.

“Aceita, Gabe?” A pergunta da garota ao lado me devolveu à realidade. Ele me oferecia um cigarrinho de maconha já pela metade.

Eu forcei um sorriso e aceitei, dando uma curta tragada antes de

passar adiante. Odiava ficar chapado, mas se fosse para passar a noite com um bando de surfistas maconheiros, eu preferia me anestesiá-lo também.

A propósito, meu nome é Gabriel, mas me chamam de Gabe. Estou tentando dar algum rumo à minha vida, ou pelo menos sair da fossa, como dizem. Nada em mim é impressionante. Tenho cabelos castanho-claros, olhos azuis, peito estreito e poucos músculos, embora me exercite todas as manhãs. Meu corpo não me orgulha muito, ainda mais comparando com o meu irmão, então vestir apenas aquela bermuda me deixava meio constrangido.

Digo, eu não estava fora de forma nem nada assim, mas aquelas pessoas eram tão mais bonitas que eu. Todos bronzeados, com músculos duros e sorrisos radiantes. Surfe devia ser um esporte divertidíssimo, porque todos riam animados após um domingo pegando ondas.

Todos, menos um. E era justamente aquele o cara que eu não conseguia tirar os olhos. Dylan, o único que eu decorei o nome de imediato, era sensacional.

Dylan não parecia ser como os outros, talvez por isso me interessasse desde o primeiro luau. Cabelos cacheados pretos, queixo quadrado, peito largo e musculoso, e olhos de um verde sobrenatural, quase iridescentes. Nunca vi alguém com um olhar tão incomum e tão lindo. E ele sempre vestia apenas uma sunguinha azul, revelando a totalidade de suas coxas grossas e firmes.

“Cala a boca, Michel. Deu problema da outra vez.” Uma das mulheres gargalhou, já super chapada. A atenção do Dylan foi para a confusão na rodinha, então fiz o mesmo antes que ele me percebesse babar por ele.

“Deu problema nada, foi divertido.” O tal de Michel era quem acendeu a fogueira. Ele agitou o baseado no ar, gargalhando. “É o nosso ritual, e temos um recém-chegado. Porque não?”

“Você é um idiota.” Outro cara riu, aquecendo os pés à frente das chamas. “Que acha, Gabe? Vai mesmo jogar os dados?”

“Dados?” Perguntei, surpreso que soubessem meu nome. Geralmente me ignoravam, e acho que só me deixavam ficar pois meu irmão era um surfista famoso.

“Carlos, não tem graça se perguntar. É um desafio. Ou ele aceita, ou para de andar com a gente.” Michel afinou seus olhos avermelhados, com um sorrisinho felino.

Eu engoli seco e me inclinei para Dylan, que sentava ao meu lado.

“Do que eles estão falando?” Perguntei, vibrando por ter conseguido falar com ele.

Dylan apenas baixou os olhos e estalou a língua nos dentes, com uma expressão aborrecida. Poxa, eu me preparei para uma resposta estúpida, mas me ignorar era simplesmente rude. Talvez os outros estivessem certos sobre Dylan ser um esquisitão.

“Esqueçam os malditos dados.” Falou Dylan, o que me surpreendeu. Seus olhos cintilaram num brilho verde-esmeralda, iluminados pelo dourado da fogueira.

“Vejam só. A boneca muda sabe falar, quando é para defender o maridinho.” Michel riu da própria piada, mas poucos riram junto. Eles sabiam pelo que passei para estar ali. “Você nem surfa, Dylan. Na verdade, nunca te vi entrar no mar, e você também não cumpriu o desafio. Por que raios anda com a gente?”

Dylan baixou o rosto e abraçou os próprios joelhos, com um olhar bravo e angustiado. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas se jogar dados fosse importante para continuar no grupo, eu faria isso. Não podia preocupar meu irmão, e algo em mim dizia que aceitando o desafio, eu conseguiria me aproximar de Dylan.

“Eu vou jogar.” Falei, o que fez os mais chapados me aplaudirem.

“Não aceite.” Uma mão quente e firme apertou meu braço.

Os olhos de Dylan cintilaram lindamente para mim, e ele apertou os lábios em uma linha. Como ele era lindo. Era impossível vê-lo tão de perto sem querer provar sua boca e abraçar seu torso coberto de areia.

Nosso momento foi interrompido por Michel, que empurrou Dylan e o fez me soltar. Michel pegou algo na coxa dele e observou à frente da lareira, rindo.

“Outra escama. Sério, Dylan, como consegue estar sempre coberto

delas? Você é filho de pescador?” Michel riu em deboche e jogou a coisa na areia. “Se nossa brincadeira te incomoda procure outros amigos, seu palhaço.”

Eu peguei a coisa que Michel jogou, e bati a camada de areia. Era uma escama mesmo, tão grande que eu não conseguia imaginar o tamanho do peixe. O brilho verde e iridescente me lembrava alguma coisa.

Dois cubinhos foram jogados à minha frente, distraindo meus pensamentos.

“Estes são os dados.” Michel apontou para eles, orgulhoso como se estrelasse um espetáculo. “As regras são simples. Você joga os dois, e precisa fazer o que é dito.”

“Michel, o garoto é um adolescente. Deixa ele em paz.” A garota ruiva riu, se esfregando nos braços do namorado.

Todos me confundiam com um menor de idade pela minha altura e rosto liso, então não me importei em corrigí-la. Mas eu não podia ser tímido para sempre.

“Já disse que vou jogar.” Eu fechei os dados nas mãos e agitei, ignorando a repreensão no olhar do Dylan.

Ninguém nem respirava enquanto eu agitava as mãos. Quando lancei os dados a rodinha jogou-se ao meu redor, ansiosa pelo resultado.

CHUPAR dizia o primeiro dado.

PÊNIS dizia o segundo.

Todos gargalharam, comentando que era o pior resultado possível. Dylan, o único que não participava da histeria coletiva, suspirou tristemente.

Só então fui ser inteligente, e verificar os lados dos dados. O primeiro continha seis ações, como beijar, lambe e morder, e o outro continha partes do corpo.

Meu sangue gelou. Não sabia no que me meti, mas sabia que estava fudido.

“E agora?” Perguntei, enquanto todos brindavam, bebiam e se chapavam, rindo de se matar.

Michel Sentou ao meu lado na prancha do meu irmão, e passou o braço ao meu redor como um amigo de longa data.

“Agora, meu querido Gabe, você vai fazer justamente isso. O pessoal se reúne aos domingos. Até lá vamos querer o selfie.”

“...selfie?” Gaguejei, me encolhendo. Michel era alto e atlético, com longos cachos loiros e pele muito bronzeada, mas já passava dos vinte e tantos anos. Eu preferia caras da minha idade, como Dylan.

“Exatamente.” Michel alargou o sorriso. “Um selfie chupando o pau de alguém. Pode ser qualquer um. Se conseguir isso, você será um membro oficial do grupo, que nem o Alisson.”

Eu engoli seco ao ouvir o nome do meu irmão.

“Ok.” Eu disse. Tive a impressão de ouvir Dylan suspirar, ao meu lado.

“Você é o cara.” Michel me ofereceu o baseado de novo, e dessa vez eu aceitei com um sorriso.

“Sou mesmo.” Falei, e dei uma longa tragada.



Capítulo 02

Acordei com a água salgada batendo no meu rosto. A fogueira havia se apagado, inundada pela subida da maré.

Eu apertei minha cabeça dolorida e me levantei, atordoado e vendo o mundo girar. Droga, eu fumei muito mais do que estava acostumado e nem imaginava o quanto havia bebido. Dezenas de latinhas vazias flutuavam ao meu redor e eram carregadas para o mar.

“Michel? Dylan?” Eu olhei ao redor, cambaleando na areia encharcada.

Nada, além de umas gaivotas terminando de comer nossos salgadinhos. Pelo céu limpo e acobreado já era madrugada.

Eu esfreguei atrás do pescoço, tentando acordar direito quando percebi algo que arrepiou cada pelo do meu corpo. Me virei num salto e olhei para a areia.

A prancha do Alisson havia sumido.

Ai, que merda. Com o coração na garganta eu percorri os arredores. Meu irmão ganhou um torneio nacional naquela prancha, ele iria se desesperar.

Eu já segurava o peito prestes a ter um infarto, quando avistei um pontinho amarelo muito ao longe, em meio ao oceano de ondas calmas.

Puta merda, a prancha do Alisson. Sem pensar duas vezes eu me joguei no mar e nadei. Nadei o mais rápido que conseguia, o que era quase nada. Eu nunca tive aulas de natação, mas não podia ser tão difícil.

Não demorou até meus músculos queimarem pelo esforço. Eu tentei descansar os pés e não alcancei o fundo. Atrás de mim a cidade era uma linha distante, e à minha frente a prancha do Alisson ainda era só um pontinho,

muito mais distante do que eu havia previsto. Ela ondulava na direção de um rochedo preto.

Ofegando pesado, eu continuei nadando, mas a água começou a entrar na minha boca, e eu perdi a força de vencer as ondas, sendo arrastado para trás mais do que avançava para a frente.

A prancha ainda se afastava quando minhas forças se esgotaram. As ondas me carregaram para o fundo, e meus pulmões queimaram com a água salgada.

Despertei aos poucos, sentindo algo macio contra os meus lábios. Eu abri uma fenda dos olhos e me sobressaltei.

Um cara estava me beijando.

Eu tentei me afastar, mas uma alfinetada horrível no peito fez eu tossir pesado, cuspiendo litros de água nos pedregulhos onde eu estava deitado. Minha respiração chiava de tão rápido que eu buscava ar, e todo o meu corpo tremia. Não foi um sonho? Eu realmente afundei no oceano?

Meu pensamento logo voltou à prancha do Alisson. Eu ergui o rosto dolorido e em pânico, e percebi que a bela prancha de estampados amarelos descansava ao meu lado, com o cordão amarrado nas pedras.

“Você é meio louco.” Falou uma voz atrás de mim, que eu reconhecia. “Que humano se jogaria nas ondas, sem saber nadar?”

Eu sentei com esforço e me virei para Dylan. A pressão quente ainda estava carimbada nos meus lábios, o que me fez avermelhar.

Na verdade não avermelhei, eu peguei fogo. Dylan estava sentado à beira d’água, sem vestir absolutamente nada. Ele retirou uma escama do tornozelo e jogou no mar, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Um pensamento horrível passou na minha cabeça. Eu murchei os ombros, escondendo o corpo atrás das mãos como se estivesse tão despido quanto ele.

“O que fez comigo, enquanto eu dormia?” Perguntei.

Dylan me fitou com seus lindos olhos iridescentes, e alisou os cachos para trás com os dedos. “Te salvei, talvez? Você não estava exatamente dormindo.”

Eu baixei o rosto, envergonhado por pensar mal dele, e porque não conseguia parar de olhar para aquele corpo rígido e dourado pelo sol. Seus mamilos castanhos me davam vontade de morder, mesmo que eu nem soubesse a sensação. Nunca fiz mais que dar um selinho em outro cara.

Só então percebi algo estranho. Digo, algo mais estranho que ter um homem delicioso pelado na minha frente.

“Que lugar é esse?” Eu olhei ao redor. Havia apenas pedras escuras e molhadas, constantemente castigadas pelas ondas. O oceano se expandia à minha frente, iluminado pelo céu azul, e um pontilhado minúsculo indicava uma cidade distante. Atrás de nós havia apenas mais pedras, que se apoiavam umas na outras e formavam uma caverna.

Dylan só ficou me olhando, descendo os olhos pelo meu corpo magrelo e voltando a me encarar. Certo, ele realmente era meio esquisito. Não existia aquele ditado: beleza, dinheiro, sanidade mental, escolha dois? Dylan devia ser rico, porque sanidade mental ele não tinha muita, não.

“Escuta, Gabe...” Ele bufou e olhou pro nada, avermelhando. “Preciso que me desculpe pelo que acontecer, eu não faço as regras. Te trouxe para cá porque não tive escolha.”

“Quê?” Eu abri um sorrisinho nervoso.

Dylan se levantou, e o sol do fim da tarde iluminou os gomos molhados de sua barriga.

Lambi os lábios involuntariamente, assistindo-o se aproximar de mim. Não queria olhar para baixo, mas foi impossível agora que estávamos de frente. Minha primeira vez vendo o pau de outro cara, e o do Dylan, mesmo flácido, era bem grande. Não havia nenhum pelinho, assim como no resto de seu corpo.

Uma barraca se armou na minha bermuda, e minha posição não ajudava. Eu estava sentado de pernas abertas, praticamente convidando Dylan a se ajoelhar entre elas. E foi o que ele fez.

Dylan afagou meu rosto, mandando espasmos quentes pelo meu

corpo.

“Eu te trouxe pra ilha. Desculpa, Gabe.” Seus olhos encontraram os meus, tão lindos quanto doloridos. “Precisamos acasalar.”

“Quê??” Dessa vez eu gritei.

Só então lembrei do jogo dos dados e comecei a rir meio aliviado, mas não tanto assim. Dylan já estava praticamente grudado em mim, e se aquele peito gostoso tocasse o meu, virgem como eu era, eu passaria a maior das vergonhas.

“Eles te desafiaram, também?” Perguntei, querendo me afastar e ao mesmo tempo não querendo. “Você precisa transar com alguém? Porque acasalar é uma escolha de palavras bem estranha.”

“Entendo.” Os lábios de Dylan estavam tão próximos que sua respiração acariciava meu rosto, quente e com o cheiro do mar. “Nesse caso, quer transar comigo?”

Meu coração saltou, e meu pau saltou, e meu corpo entrou em pane, parte dele querendo correr, parte dele querendo me despir e gritar *vem!*.

Por algum milagre, meus instintos de fuga falaram mais alto e eu recuei, engatinhando para trás até bater as costas num rochedo, encurralado. Não, não, não! Dylan podia ser gostosíssimo, e misterioso, mas ele exalava um ar de insanidade que me fazia tremer. Nenhum cara normal convidaria tão diretamente, não é? Ainda mais quando Dylan sabia que eu era virgem, já havia contado a ele.

“Dylan, quando você diz transar...” Eu engoli seco, observando-o parado em meio às pedras, como a mais linda estátua grega. “...você fala de fazer sexo, não é?”

Dylan soltou uma risadinha encabulada. “Falo de acasalar. É o nosso destino.”

Ceeeeerto. Hora de levantar e correr gritando pela vida. Ou era isso o que eu deveria fazer mas meu pau já ardia dentro das calças, com seus próprios planos para aquela manhã.

Ai, e agora? Louco ou não, Dylan era gostoso demais, e eu já havia passado do prazo para perder a virgindade. O meio das minhas pernas

implorava por isso.

“Tudo bem.” Falei, tentando relaxar os músculos. “Mas vamos com calma, ok? Eu nunca fiz isso.”

Dylan abriu um sorriso tão doce que meu coração acelerou. Ele sempre foi o cara quieto e angustiado, vê-lo feliz ao se aproximar de mim e me estender a mão me fez querer abraçá-lo e beijar seu corpo todo.

Eu alcancei minha mão à ele e deixei Dylan me levantar. Ele laçou seus dedos nos meus e me conduziu para dentro da caverna.

“Serei tão gentil quanto quiser que eu seja. Você é meu predestinado, Gabriel.”

Ai, meu Deus. Eu estava com um péssimo pressentimento sobre aquilo.



Capítulo 03

A caverna era maior do que parecia ser, por dentro. Também haviam diversas mobílias: um sofá-cama, estantes de livro, e diversos penduricalhos dourados nas paredes de pedra escura, do tipo que pareciam resgatados de navios submersos. Havia também uma piscina interna, que iluminava o interior num tom azul intenso e trêmulo.

Eu não esperaria um lar menos insano para um cara como Dylan.

Bem, pelo menos havia um clima aconchegante, e a mobília parecia confortável. Talvez eu só estivesse nervoso em dar a bunda pela primeira vez.

Os braços do Dylan me contornaram por trás, envolvendo minha barriga. Eu soltei todo o ar em um gemido excitado, sentindo seus biquinhos duros pressionarem as minhas costas. Algo roçou na fenda da minha bermuda, e o ar me faltou completamente.

Minhas dúvidas sumiram. Eu queria demais dar, e precisava ser agora.

Dylan mordiscou minha orelha, me eletrizando por completo. “Onde prefere fazer?”

Eu rebolei contra a ereção dele, sentindo-a crescer até cutucar minhas bolas. Meu corpo tremia e ardia em ansiedade.

“Onde quiser. Só me come.” Supliquei, sentindo o rosto queimar.

Dylan não me levou a lugar nenhum, só desceu a mão para dentro do meu calção. Seus dedos envolveram meu mastro, e ele me masturbou devagarinho.

“Preciso de você prontinho pra mim.” Ele sussurrou no meu ouvido, com a voz úmida e excitada.

Eu mordi o lábio, deixando gemidos altos escaparem. Aquilo era

bom demais. Nunca tive outro cara me tocando, muito menos um tão gostoso. Minhas pernas ameaçavam ceder, mas Dylan me segurava firme, aumentando o ritmo aos poucos.

Não demorou e eu estremeci, gritando o nome do Dylan enquanto melava seus dedos.

Mesmo extasiado, senti o calor da vergonha quando Dylan tirou a mão toda suja de dentro do meu calção. Eu não resisti nem meio minuto. Dylan devia estar rindo de mim, por dentro.

Sem fazer comentários, Dylan apenas beijou meu ombro e brincou com o elástico do meu calção.

“É a minha vez, agora.” Ele bateu na minha bunda com a virilha. “Deita ali. Vou fazer bem gostoso.”

Com o coração na boca, eu deitei no sofá-cama, bagunçando os lençóis azuis sob as costas. Não queria ser completamente submisso, então eu mesmo desci o calção... até metade das nádegas.

Ah, eu estava morrendo de vergonha.

Dylan não pareceu ver meu desconforto, porque simplesmente livrou-me do calção com um puxão e deitou sobre mim, já beijando meu peito.

“D-Dylan...” Eu arfei, sentindo a língua quente se aproximar do meu mamilo rosado. Mesmo comigo empurrando sua cabeça para longe, Dylan continuava me mordiscando e meu pau começava a reagir de novo. “...Dylan, mais devagar.”

“Posso te comer de quatro?”

“Não!” Eu o empurrei com força, até que sentasse sobre os meus joelhos. Meus olhos umedeceram pelo medo. “Você disse que seria gentil.”

Dylan torceu o lábio, como se não fizesse ideia do que eu falava. Aquele cara também era virgem? Não parecia ser. Dylan era lindo e muito confiante. Eu devia ser só mais um, entre centenas de fodinhas rápidas.

Pensativo, Dylan observou os próprios dedos, ainda esbranquiçados e brilhando de gozo, e pareceu ter uma ideia. Ele lambeu a mão com uma expressão tão extasiada que eu fervei de tesão, assistindo. Ele chupou cada

dedo até limpar bem, mas não parecia ter engolido. Ele deu um sorrisinho safado e forçou minhas coxas para cima, até meus joelhos encostarem no peito.

“Dylan, o que você... ah!!”

Dylan lambeu minha entrada, deslizou a língua para cima, e chupou minhas bolas suavemente antes de descer de novo. Eu cravei as unhas no sofá, gritando e gemendo de prazer. Recém havia gozado e meu pau já estava petrificado, apontando para cima enquanto Dylan beijava lá atrás.

E então ele meteu a língua dentro, me alargando em movimentos molhados e quentes. Senti algo escorrer, e percebi que ele me preparava com meu próprio gozo, babando minha entradinha enquanto circulava a língua lá no fundo.

Eu vi estrelas, torcendo os dedos dos pés enquanto Dylan me segurava firme naquela posição vergonhosa. Aquilo era perfeito demais. A língua do Dylan roçava quente dentro de mim, apertando um ponto que me fazia pegar fogo.

Quando pensei que não melhoraria, Dylan soltou uma das minhas coxas e me fez outra punhetinha, dessa vez já começando rápido.

Ai, meu Deus. Comecei a gritar como um ator pornô. Então isso que era transar? Nunca senti nada tão bom.

E Dylan foi adiante. Ele soltou meu pau e tirou a língua de dentro. Antes que eu reclamasse ele abocanhou meu pau com vontade, arranhando minhas ancas enquanto chupava com dedicação.

Três chupadas. Foi o que eu aguentei antes de lavar a boca daquele gostosão louco com outra leva de gozo.

Quando Dylan afastou os lábios do meu pau e olhou nos meus olhos, eu estava todo desmontado.

“Melhorou?” Ele lambeu as gotas brancas do lábio, sorrindo travessamente.

Eu nem conseguia falar. Só fiz que sim com a cabeça, sentindo o suor escorrer do meu corpo.

Dylan acariciou minha barriga, com um sorriso satisfeito. Ele

observou meu umbigo, e meu ventre magricelo.

“Fui agraciado com o predestinado perfeito.” Ele disse, com um brilho estranho no olhar. O que ele queria dizer com *predestinado*, afinal?

“Continua.” Eu pedi, vermelho como um tomate. “Faz na posição que quiser.”

Dylan saiu de cima de mim, e eu entendi o recado, virando na cama e me apoiando nos joelhos e nos cotovelos, com as pernas bem afastadas.

Eu espiei por cima do ombro, querendo ver a reação do Dylan ao me ver tão exposto.

Dylan me admirava como se eu fosse uma pintura numa galeria, com seus olhos brilhando de forma tão empolgada quanto devassa. Naquela posição ele podia ver tudo, tudo mesmo. Eu podia sentir minha entrada afrouxada pela língua dele, e a saliva escorrendo até minhas bolas. Devia ser o cenário dos sonhos de qualquer ativo.

Ao invés de morrer de vergonha, enfim senti um certo orgulhinho. Se aquele deus grego se encantava com meu corpo, eu não era tão sem-graça assim.

“Vem me tomar, vem.” Dei uma reboladinha, só pra ver o que ele faria. “Você vai ser meu primeiro.”

Dylan afagou minhas nádegas, me arrancando um suspiro. Ele se encaixou entre as minhas pernas e meteu um dedo lá dentro, brincando de me fazer gemer.

Eu abracei o travesseiro, gemendo abafado na fronha enquanto Dylan me fodia com o dedo, indo e voltando de dentro do meu cuzinho virgem. Pelo tremor nas minhas pernas eu logo iria gozar de novo, mas daquela vez queria um orgasmo de verdade.

Felizmente, antes que eu precisasse implorar, Dylan tirou o dedo e espaçou minhas nádegas, agarrando com força até suas unhas afundarem deliciosamente na minha pele aflorada.

Com a cara escondida na almofada, senti uma pressão alargando lá atrás. Meu anel esticou dolorosamente, recebendo o pauzão do Dylan. Primeiro passou a glândula arredondada e lisa, depois o mastro, latejando

grosso e quente. A cada centímetro da dolorosa invasão eu sentia o ar desaparecer dos meus pulmões.

“Devagar.” Implorei, com a voz chorosa. Não imaginava que fosse doer tanto, eu me sentia prestes a rasgar.

“Relaxe os músculos.” Ele disse, como se fosse fácil com aquela vara enorme me penetrando.

“N-não consigo.” Dessa vez soluzei no meio da frase. Droga, eu estava chorando, eu ia estragar tudo.

Dylan se interrompeu, com metade do pau já dentro de mim. Ele inclinou até pressionar seu peito quente contra as minhas costas, soltou minhas nádegas e deslizou as mãos aos lados da minha barriga, subindo-as até o meu peito.

Eu gemi macio, dolorido e apreciando o carinho. Mas as mãos de Dylan seguiram adiante, viris e firmes pela minha pele. Ele pinçou meus mamilos, e foi como tomar um choque.

“Não...” Arfei, rebolando minha bunda dolorida enquanto Dylan brincava de puxar meus bicos.

“Você não gosta?” Perguntou ele, bem pertinho do meu ouvido.

Se eu não gostava? Aquele machão deitou nas minhas costas pra beliscar meus biquinhos sensíveis, tudo isso com o pau enterrado lá dentro. Eu me sentia numa tempestade elétrica no centro de um vulcão.

Eu afastei os joelhos ainda mais para esfregar meu pau no sofá e conseguir aquele prazerzinho que faltava. Eu acabava por me empalar no Dylan, fazendo isso, mas agora só existia êxtase, e uma vontade imensa de ser arrombado à força.

Estremecendo todo, eu arrisquei tirar o rosto da almofada. Péssima idéia, porque tive visão total das mãos do Dylan, ambas torcendo meus mamilos como se me ordenhasse. Aquela visão dos sonhos era muito mais do que eu aguentava. Eu soltei um gemido gritado e ejaculei nos lençóis, espremendo o mastro do Dylan num espasmo descontrolado.

Dylan também gemeu. Eu podia sentir o quanto ficar parado o torturava.

“Pode meter.” Falei, um pouquinho envergonhado. Minhas bolas doíam de tanto gozar, mas eu sentia que estava só começando.

Ouvi a risadinha fofa do Dylan. Ele beijou meu ombro e tornou a agarrar minhas ancas, erguendo-se das minhas costas.

“Eu não poderia desejar um predestinado melhor.” Disse ele, mas antes que eu perguntasse ele retirou o pau até a pontinha e meteu todo de uma vez, com tanta força que nossas peles estalaram molhado.

“Ai!” Eu gritei, mas não de dor. Eu... eu nem sabia o nome daquela sensação, mas ah, meu Deus, eu queria mais.

E Dylan me deu muito, muito mais. Ele recuava e invadia cada vez mais rápido, se enterrando dentro de mim quase que com brutalidade.

Eu gritei contra a almofada, alucinado pelas sensações tão intensas quanto desconhecidas. Era como morrer de dor, e querer sofrer para sempre mesmo assim. Eu só podia estar enlouquecendo. Queria que não parasse nunca, que Dylan me arrombasse até não sobrar nada de mim.

“M-mais forte!” Não acredito que pedi isso em voz alta.

Dylan cravou as unhas nas minhas nádegas e as afastou ao limite. Ele mudou o ângulo e me empalou de cima para baixo, enterrando-se tão profundamente que eu vi estrelas, galáxias, e nem sei mais o quê. Eu gritei tanto que agradei estarmos numa ilha isolada. Dylan latejava dentro de mim cada vez mais quente, e meu desejo em ser preenchido por ele se tornava insaciável.

Pensando bem, hum, não deveríamos estar usando camisinha? Aquilo podia ser perigoso.

“Dylan... Dylan, por favor...” Miei, tentando mandá-lo gozar fora, mas só conseguia soar como um putinho, implorando por mais surra de piroca.

Meus gemidos pareciam excitar o Dylan. Ele arranhou minhas nádegas e nós dois arfamos juntos. Eu gozei uma quarta vez, sentindo seu líquido quente preencher meu interior, até transbordar e escorrer pelas minhas coxas.

Quando Dylan saiu de mim, eu derreti nos lençóis. Eu queria mais. E

eu não queria nunca mais. Eu estava fora de mim.

Dylan deitou ao meu lado e deu um selinho em mim. Eu nem conseguia me mover, não que eu quisesse evitar seus lábios.

“Espero ter satisfeito o meu predestinado.” Ele sorriu pra mim, com um brilho reluzente e doce no olhar.

Eu tentei falar, mas o cansaço me derrotou. Adormeci abraçado em seu torso suado e bem definido, mergulhado em um profundo relaxamento.



Capítulo 04

Eu agachei na piscina interna e lavei meu rosto. Segundo o bilhete que encontrei na cama, Dylan precisava fazer compras no continente, então eu precisaria esperá-lo.

Aproveitei o tempo livre para observar sua casa, se é que podia chamar assim. Não haviam equipamentos elétricos naquele lugar úmido, mas haviam muitos baús, alguns deles com moedas de cobre e taças. Pensei brincando que todas aquelas tralhas fossem resgates de navios, mas pela ferrugem e pelas cracas e algas secas, talvez fossem mesmo. A única fonte de luz parecia ser a piscina, que refletia a luz do exterior. Como era pôr do sol ela brilhava em tons cor-de-rosa. Era muito bonito.

Algo que não reparei antes, era o quanto o sofá-cama era novo. Diferente das velharias, ele parecia nunca ter sido usado. Será que Dylan havia trocado de cama recentemente? Senão, onde ele dormia? Quando acordei ele já havia partido.

Um borbulhar no meu estômago me fez correr para fora. Quase não tive tempo de chegar no mar antes de avessar o conteúdo do meu estômago.

Droga. A cerveja e a maconha da festa realmente não me fizeram bem. Só podia esperar que Dylan chegasse logo, de preferência com um lanchinho e...

Hum, pensando bem, como raios ele foi para o continente? A prancha do Alisson continuava ancorada nas pedras, e eu com certeza não avistei nenhum barco. Dylan era muito musculoso, mas será possível que tenha atravessado o oceano à nado? Orla das Sereias mal podia ser vista, daquela distância.

Faminto e atormentado pelo enjôo incomum, eu sequei a boca e deitei nas confortáveis pedras negras do exterior da caverna. Alisson devia estar à beira de um infarto, por eu ter sumido. Assim que Dylan aparecesse eu

pediria que me levasse pra casa.

Eu ouvi um estalo molhado e virei o rosto, me surpreendendo ao ver Dylan. Ele trajava apenas sua sunguinha azul, e carregava uma bolsa de neoprene por cima do ombro.

“De onde você veio?” Perguntei, enjoado demais para me levantar. “Você trouxe comida, espero.”

Dylan deixou a sacola ao meu lado e inclinou-se sobre mim. Ele deu um beijinho nos meus lábios e sorriu com a doçura de um pão-de-mel.

Ok, ele era fofo, eu precisava admitir.

“Eu trouxe frutas e refrigerante. E uns remédios para enjôo. Logo volto com o jantar, meu predestinado.”

Eu apenas concordei. Estava fraco demais para reclamar, e começava a me acostumar com as insanidades do Dylan.

De repente percebi algo estranho e sentei rapidamente, virando-me para ele.

“Espera, como sabia que eu estava enjoado?”

Mas tudo o que ouvi foi o som da água reverberando contra as pedras. Dylan já havia desaparecido.

Eu devia algumas explicações ao Alisson. Ok, muitas, muitas explicações.

Assim que entrei em casa, Alisson veio correndo me abraçar.

“Gabe, onde você se meteu? Liguei pro pessoal, ninguém sabia. Eu quase chamei a polícia!”

Com o olhar nos pés eu lhe entreguei sua preciosa prancha, sem saber por onde começar. Desde que fui expulso de casa, Alisson tentava ser pai e irmão ao mesmo tempo. Meu irmão era quinze anos mais velho que eu, e vivia a vida de lazer e glória dos surfistas profissionais. Eu não queria ser um fardo para ele.

Além do mais, como começar a explicar as últimas 24 horas? Eu quase me afoguei, fui resgatado por um cara bonito e louco que me deflorou durante horas, e depois ele apareceu com um arpão em uma mão e vários peixes frescos na outra. Para completar ele assou um delicioso jantar que eu devorei como um morto de fome, embora o enjôo alfinetasse meu estômago. No fim, Dylan chamou uma lancha da guarda costeira para me trazer de volta e eu voltei ouvindo xingões sobre a marinha não ser um serviço de táxi.

“Desculpa, Alis.” Falei, com a culpa pesando o meu peito. “É complicado.”

Alisson cruzou os braços e bufou em desaprovação, mas depois sorriu.

“Na sua idade eu também tinha meus segredinhos. Fico feliz que esteja fazendo amigos.” Ele afagou meus cabelos. “Agora vai tomar um banho, você está cheirando a peixe.”

Eu assenti, e fui para o chuveiro. A água quente aliviou a dor no corpo.

Alisson era o melhor irmão do mundo. Ele era baixo como eu, e nós tínhamos o mesmo cabelo castanho claro, embora o dele fosse longo, e preso por um rabo-de cavalo. Enquanto meus olhos eram azuis os dele eram pretos como os da mamãe, mas no geral éramos muito parecidos. Nas fotos antigas do Alisson ele era igualzinho a mim.

Exceto que Alisson era hétero. Mesmo divorciado, ele é o orgulho da família. Meu pai até fez um quarto para expor as medalhas e troféus, mas Alisson parou de mandá-las quando a mamãe morreu, e passou a manter suas conquistas para si mesmo.

Eu não possuía talento algum, e mesmo que possuísse não importaria nada. Ter beijado um colega nos fundos da casa me tornou o pior ser humano da terra, ponto final.

Assim que terminei de me vestir, trancado no meu quarto, eu procurei o celular. Ainda bem que o deixei em casa. Podia ser um celular à prova d’água, mas o que eu faria se ele caísse no mar?

Não esperava encontrar mensagens, mas haviam cinco. As primeiras eram selfies do Michel, sempre com uma cenoura na boca e o recado *não*

esquece, você tem até domingo!.

Eu estremeci. Puta merda, a aposta dos dados. Eu precisava me fotografar chupando um cara ou não seria aceito naquele grupinho de idiotas.

Assim que pensei em candidatos, lógico que Dylan veio à mente. Minha cueca esticou para a frente, gostando da minha imaginação fértil.

Não, nem pensar. Dylan era divino como um Deus, e fodia de arrancar meus sentidos, mas ele era louco da cabeça. Aceitava ter sido desvirginado por ele, mas nosso relacionamento terminaria ali.

Enquanto tentava esfriar os pensamentos, verifiquei a última mensagem, e meu pau saltou pra cima de novo.

Era um... nude. O primeiro nude que já recebi, e a virilha sem pelos e dourada de sol indicava que só podia ser uma pessoa.

Eu sentei na cama, pensando em algum desaforo para responder ao Dylan, mas minha mão já se movia para dentro da cueca. Aquele pau gostoso apontava para a câmera, tão grande que mal acreditava que recebi dentro de mim. Uma pérola de pré-goço cintilava no orifício. Ah, eu queria demais saber o gosto...

O celular vibrou de repente e eu gritei com o susto, quase derrubando ele no chão. Uma mensagem do mesmo número que enviou o nude.

Chegou bem em casa, meu predestinado?

Eu abri a boca em indignação. Eu queria xingar ele. Eu deveria mandá-lo à merda, pelo bem da minha dignidade. Mas meus dedos pareciam ter vida própria naquela noite.

Obrigado pela tarde maravilhosa, eu respondi.

Ai, meu Deus. Me diz que não estava me apaixonando pelo louco da ilha.

“Gabe?” Alisson bateu na minha porta. “Você não vem jantar?”

Eu guardei o pau de volta na bermuda, apressadamente. “Já jantei.”

“Desça, mesmo assim. Tem um cara vestindo apenas uma sunga te procurando, um tal de Dylan.”



Capítulo 05

Aquele estava sendo o jantar mais constrangedor da minha vida. Alisson cozinhava ainda pior do que eu, então o prato da noite era o de sempre: macarrão com molho de tomate, daqueles que vêm pronto na caixa. Como tínhamos visita, ele enfeitou com queijo ralado e salsinha.

Meu coração dava pulos. Não bastasse o enjôo e o banquete de peixe que recém tivemos, ver Dylan me devorando com os olhos, bem ao lado do meu irmão, tornava impossível tocar na minha comida.

Droga, minha cueca já estava esticada há não sei quanto tempo. Eu nunca me interessei muito por sexo, mas naquele momento me sentia um cachorro no cio. Não queria ficar assim perto do Alisson, ele sabia que eu era gay, assim como toda a família após o escândalo, mas ele era o único que não sentia nojo de mim, e eu preferia que continuasse assim.

“E então, Dylan. Você é da nova geração?” Perguntou Alisson, se referindo ao grupo com quem eu saía, os surfistas de vinte e poucos anos que aspiravam ser como ele. Com dezoito anos eu era o mais novo do grupo, e Dylan parecia ter a mesma idade que eu.

“Eu? Ah, não. Eu não surfo.” Respondeu Dylan, sem deixar de me penetrar com aquele olhar verde e tão intenso que meu rosto ardia. “Mas eu andava com aqueles caras, até hoje.”

“Até hoje?” Alisson franziu a testa, seus olhos indo da visão penetrante de Dylan para o meu rosto vermelho.

“Sim. Já encontrei o que procurava.” Dylan bebericou seu copo d’água, descendo cada gole enquanto me observava fixamente.

Ai, socorro.

“Entendi...” Respondeu Alisson, com cara de quem não entendeu porra nenhuma. “Fico feliz que seja amigo do Gabe. Foi um primeiro mês tão

difícil pra ele, eu começava a me preocupar.” Alisson riu travessamente para mim, e voltou a conversar com Dylan. “Tendo dito isso, o trabalho do Gabe começa amanhã, então espero que ele não se distraia.”

“Você sabe que estou bem aqui, não sabe?” Perguntei, indignado.

“Trabalho? Ele vai trabalhar onde?” Enfim Dylan desviou o rosto de mim, fitando Alisson com um sorriso interessado nos lábios carnudos.

Eu arregalei os olhos pro Alisson, implorando telepaticamente que ele não dissesse nada. Mas era óbvio o quanto Alisson estava se divertindo.

“Um amigo meu tem uma loja de pranchas, ao fim da praia. Gabe vai ajudar nas vendas.” Alisson sorriu para mim, e voltou a atenção ao Dylan. “Pode visitá-lo às vezes. Não aparecem muitos clientes na baixa temporada, e o Gabe se entedia fácil, né Gabe?”

“Eu vou te matar.” Rosnei.

“É uma ótima idéia.” Dylan sorriu lindamente, fazendo meu coração pulsar. Ele deixou o copo vazio na mesa. “Obrigado pela refeição.”

Eu e Alisson nos entreolhamos. Dylan apenas bebeu água, mas aquela oportunidade não podia ser jogada fora. Eu precisava sumir com Dylan antes que meu irmão descobrisse que dei a bunda para um maníaco.

“Vou voltar pro quarto. Vem Dylan, preciso... devolver aquela coisa que... você esqueceu comigo.”

À beira de um ataque de nervos, eu corri escadaria acima e me fechei no quarto, com a respiração à mil. Droga, como ele descobriu meu endereço? Por que estava ali? Se Alisson descobrisse aquela bobagem sobre predestinados não acho que me expulsaria, mas ele com certeza se mataria de rir.

Um pouco depois, Dylan bateu. Eu o deixei entrar e sentei na cama, enquanto ele trancava a porta.

Com o coração pulsando e o meio das pernas mais ainda, eu precisei me esforçar para manter a seriedade no meu rosto.

“Tá certo, Dylan, como raios você me encontrou?” Eu expus os dentes, na esperança de que isso me tornasse mais ameaçador. “O que tivemos hoje foi apenas...”

Dylan me empurrou a deitar na cama, subindo em cima de mim e grudando os lábios nos meus. O susto me fez esperar, mas assim que meu corpo compreendeu aquela cena, eu fervei implorando mais. Era meu primeiro beijo de verdade. Eu abri a boca e deixei que Dylan me explorasse com a língua, gemendo macio e cheio de desejo.

Ah, como aquele cara podia ser tão gostoso? Ele irradiava calor através do corpo escultural, e seu hálito era fresco, com um leve gostinho de mar. Eu não conseguia acompanhar sua língua habilidosa, mas sabia que ele não se importava. O desejo em me entregar só foi crescendo.

Não, eu não podia me entregar como um putinho necessitado. Eu afastei meus lábios com relutância, e empurrei os ombros do Dylan.

“Você não respondeu. Por quê está aqui?”

Dylan traçou círculos no peito da minha camisa, com o dedo. “Você é meu predestinado, esqueceu? Duas metades de uma mesma alma.”

Eu tentei segurar, mas estourei dando risada. Até broxei. Como assim, duas metades de uma mesma alma? Isso confirmava que Dylan se apaixonou por mim, mas puta merda, que cara mais cafona.

“Desculpa, Dylan, mas...” Eu segurei a barriga de tanto rir. “...mas não funciona assim. Foi uma transa, certo? Gostei muito, foi a melhor primeira vez que eu poderia desejar, mas não vai...”

Minha voz embolou na garganta, como se os hormônios das minhas bolas travassem guerra contra o meu bom senso. O cara mais gostoso do planeta bem ali na minha frente, ardendo de tesão por mim, e eu iria mandá-lo embora? Já não sabia se o louco era ele ou eu.

“Escuta, só vamos com calma, tá?” Eu coçei o antebraço, todo nervoso. “Aconteceram umas merdas grandes comigo, eu não tô pronto pra um relacionamento. Mas nós podemos, sei lá... dar uns beijos?”

“Uns beijos. Ok.” Dylan lambeu os lábios, nem um pouco chateado. “Onde quer que eu beije?”

Eu avermelhei. “Uh... nos meus lábios, é óbvio?” Respondi, tentando soar inocente. Ele achava mesmo que treparíamos sob o teto do meu irmão? Porque eu nunca...

Dylan engatinhou sobre a cama até nossos lábios se roçarem. Eu paralisei, como se aqueles olhos iridescentes e profundos me envolvessem. Vencido pelo meu próprio tesão, eu estiquei a língua e chupei seus lábios macios. Ele caiu fácil na provocação, e no instante seguinte estávamos trocando amassos e embolando os lençóis.

“Ah... Dylan...” Arfei, no curto espaço entre dois beijos. Dylan me abraçava apertado, deitado sobre mim. Seu corpo esfregava no meu enquanto ele mordiscava minha boca, e dançava a língua ao redor da minha com tanta vontade que fiquei totalmente duro. Meu pau espetava sua sunga de natação através da minha bermuda.

Dylan me massageou lá embaixo, apalpando minha ereção por cima do tecido.

“Você quer mais.” Ele constatou o óbvio com um sorriso, só pra me matar de vergonha.

“Nem pensar. O Alisson não permitiria uma coisa dessas, na casa dele.” Falei, com a respiração alterada.

Dylan riu e puxou algo do elástico da sunga. Um envelope quadrado. “Será mesmo? Ele deu risada quando me entregou isso.”

Eu cobri a boca, morto de vergonha. Uma camisinha? Mas... Mas...

Dylan nem esperou eu me recompor. Ele abriu o envelope e me entregou a argolinha de borracha transparente.

“Quer colocar em mim?” Ele mordiscou o lábio, como um completo safado.

Eu olhei para o meio das pernas dele, onde aquele pauzão gostoso aguardava prontinho para me desmontar de novo. A sensação daquela manhã retornou à minha memória, me fazendo estremecer.

“Dá isso aqui.” Rosnei, furioso com minha própria falta de autocontrole. Nunca peguei numa camisinha, não imaginava que fossem tão oleosas, e eu não fazia idéia de como colocar.

Bem, eu teria que descobrir logo. Dylan já tirava a sunga e jogava ao pé da cama, me olhando fixamente da mesma forma perturbadora de antes.

Como se minhas mãos já não tremessem o bastante, Dylan puxou

meu pulso e me fez segurar seu membro. O mastro latejou quente na minha mão, molhando meu polegar com uma gotinha de pré-goço.

Tudo bem, calma Gabe. Não podia ser tão difícil.

Eu cobri a glândula com o anel de borracha, e comecei a rolar ao longo da extensão. Os gemidos do Dylan me faziam queimar em expectativa. Bem que eu podia ter descido a camisinha com os lábios, mas meio que era tarde demais.

“Olha, consegui” Constatei com orgulho, apertando a pontinha contra seu orifício, para ouvi-lo gemer. “Não que adiante muito, nós transamos sem proteção ainda hoje cedo.”

Dylan riu. “Claro que sim. Por que usaríamos camisinha para acasalar?” Ele perguntou, já descendo minha bermuda. “E não, não tenho doenças. Mesmo que tivesse não seriam contagiosas a humanos.”

Eu torci o lábio. Precisava me acostumar com as palavras estranhas daquele demente. Pelo menos ele fodia bem demais, ou eu jogaria ele pra fora.

Pensando bem, duro como eu estava, Dylan poderia falar qualquer besteira, e ainda assim eu o deixaria arrombar minha bundinha de novo.

“Devo ficar de quatro?” Perguntei, já deitando as costas nos cobertores macios enquanto treinava meu olhar devasso.

“Não. Quero ver seus olhos, quando gozar pra mim.” Dylan deitou sobre mim e beijou meu peito, enquanto entrelaçávamos nossos dedos.

Eu ardi de tesão, torcendo o corpo e tentando mirar meu mamilo naquela boca perfeita.

Dylan entendeu de imediato o que eu queria, chupando meu biquinho até eu gemer.

Nossa, seria bem difícil não gritar, mas não queria que Alisson me ouvisse.

“Por que quis fazer de... ah... fazer de quatro, antes? Era tipo, sua posição favorita?” Eu acaricieei seus cachos negros, enquanto ele mordiscava minha tetinha sem dó. Ai meu Deus, eu já sentia um orgasmo vir.

Dylan lambeu meu mamilo, e mudou para o outro, chupando até eu

espernear.

“Qualquer posição com o meu predestinado será a minha favorita.” Falou ele, entre chupadinhas deliciosas. Ele passou a me masturbar no mesmo ritmo. “Acasalar de quatro apenas facilita a inseminação.”

Facilita o quê?? Antes que conseguisse perguntar, meu orgasmo chegou intenso. Precisei morder a língua, ou gritaria sob aquele prazer enlouquecedor.

Dylan falava umas coisas insanas, mas nossa, ele sabia me fazer derreter. E aquele foi apenas o primeiro orgasmo da noite, parei de contar depois do quinto.



Capítulo 06

Meu primeiro emprego. Uma lojinha pequena e pitoresca à beira da praia, com uma placa de madeira e palha escrito *Amigos do Surfe*.

A decoração lembrava aqueles filmes clichê havaianos. Tarrafas, toras com entalhes de animais, tochas, folhas de coqueiro e, claro, pranchas de surfe encostadas em todas as paredes.

No interior atulhado de equipamentos de surfe havia um cheiro de poeira, maresia e milho. A parte do milho eu logo entendi, pois um tio meio gordinho e de barba grisalha apareceu para me cumprimentar, comendo uma espiga de milho-na-manteiga.

“Bem vindo à Amigos do Surfe, em que posso ajudar, rapaz?” Ele coçou a barriga com um sorriso e aquele jeito feliz e largado que todos ali pareciam ter.

“Hum...” Eu esfreguei o pescoço, meio encabulado. Pensei que o Alisson estivesse de zoação quando me disse que um calção de banho e chinelos seriam adequados no meu novo emprego, mas aquele senhor de meia idade vestia o mesmo que eu, além de um colar de flores. “Estou aqui pelo emprego. Sou o irmão do...”

“Ah, o irmão do Alisson!” O cara se empolgou, me cumprimentando com a mão bezuntada de manteiga. “Rapaaaz, ele falou demais de você. E né que são parecidos mesmo? Tu é até mais baixo que ele, cês não comem?”

“Nós dois temos exatamente um metro e sessenta e cinco.” Eu sorri, perdendo um pouco do nervosismo. “Então, hum... sobre a vaga?”

“Claro, claro. As coisas tão apertadas, mas pro Alisson sempre dou um jeito, né? O cara surfa demais. Tinha que ver antes da crise, o cara nos campeonatos com patrocínio da loja. Rapaz, as vendas costumavam ser loucas.” O cara me chamou pra sentar nas poltronas, que balançavam do teto

como redes. “Não culpo o cara, por mudar de patrocinador. Alisson tá tipo, com os grandes agora, né? Fiquei sabendo que vai competir no Havaí, daqui uns meses. A propósito, meu nome é Jones. Mas pode chamar de Jon, Jonnie... irmão do Alisson é irmão meu.”

Eu mantive o sorriso, meio atordoado. Nossa aquele cara falava muito.

“Meu nome é Gabriel, mas me chamam de Gabe. Meu irmão vai pro Havaí, você disse?”

“Vai. Ou acho, né. O cara é daqueles que sobem dez degraus por vez, daí os patrocinadores não acompanham, porque né, lá fora o cara né nada, ainda. Ainda! A inscrição é os olhos da cara, mas o Alis comentou que o pai de vocês tem grana, né? Ele faz o que da vida?”

“É pastor evangélico.” Eu baixei a cabeça, sentindo o peito doer.

“Pastor, é? Rapaaaz, como metem no bolso esses caras. O Alis tá de boas então, de ir pras internacionais. Chamam como isso? *Paitrocínio*, né?” Jones riu, como se fizesse a piada mais engraçada do mundo.

Eu fiquei quieto.

“Enfim, olha só.” Jones jogou fora o sabugo e limpou as mãos no calção. “O que tu vai fazer é vender prancha. Ou tentar né, porque com a crise e a concorrência tá foda. Mas tu é mano do Alis só isso deve atrair uns turistas, né. O que tu manja de surfe?”

Eu arregalei os olhos pra ele, e para o monte de pranchas em formatos diferentes, alinhadas na parede e ostentando as mais diferentes cores.

“Aquilo é uma... prancha, e aquilo é... uma prancha também. Essa é a cordinha de amarrar na perna.”

Pelo jeito que o senhor Jones olhou pra mim, eu sabia que tinha falado um monte de besteira.

“Bom... hoje não teremos muitos clientes, posso lhe ensinar como funciona cada equipamento. Ou pelo menos o nome de cada um.”

“Prometo me dedicar ao máximo!” Eu sorri cheio de empolgação e explorei os cantos da loja.

Algo logo chamou minha atenção.

Nos fundos da loja, por trás do balcão, havia um enorme pôster que parecia réplica de uma pintura. Uma praia de areia branca, mar azulado e pedras negras, que eu reconhecia como a praia em frente à loja. Sobre as pedras se divertiam e cantavam vários homens e mulheres lindos. Mas não eram humanos. Do torso para baixo brotava a cauda de um peixe, em um tom iridescente que chamou minha atenção.

Eu me aproximei como se hipnotizado, observando dois homens-peixe que brincavam com uma criancinha também caudada. Os olhos verdes de cada um me atraíam de forma quase magnética. Me lembravam alguma coisa.

“Gostou da pintura? Os artistas daqui não conseguem pintar a praia sem adicionar algumas sereias e tritões. O nome é Orla das Sereias, afinal. E também tem a lenda.”

“Lenda?” Perguntei, sem conseguir desviar os olhos da pintura. A criancinha de cabelos pretos e olhos iridescentes, verdes como a cauda... ela parecia me chamar.

“Rapaz, tenho que puxar as orelhas do Alis. Cês não conversam, não? A lenda que existe desde antes da cidade. Essa praia pertencia às sereias, antes dos colonizadores. Diz que caçaram todas, comeram que nem peixe. Umas paradas sinistras.”

Eu me virei para ele, com arrepios na espinha. Percebendo o horror nos meus olhos, senhor Jones gargalhou, dando tapas pesados no meu ombro.

“Relaxa, rapaz. Lenda tem por tudo, uma mais louca que a outra. Tá ligado que sereias não existem, né?”

Eu forcei um sorriso. “Sim, claro. Lendas.”

“Então tamos de boas, irmão do Alis! Agora vem, vou te mostrar a diferença entre uma prancha funboard e uma evolution...”

Senhor Jones não estava brincando sobre a crise. Só recebemos dois

clientes o dia todo, o tédio era tanto que ele me deixou cuidando do balcão, e foi dormir nos fundos da loja.

Minha função além de vendedor era manter a loja limpa, então continuei passando um pano nos produtos do mostruário. Queria ser um bom funcionário e mostrar pro Alisson que não era completamente inútil.

Atrás de mim, o quadro continuava me causando arrepios, mas decidi que não olharia mais para ele.

Pouco depois a campainha-de-vento tilintou na porta, e eu endireitei a postura.

“Bem vindo à Amigos do Surfe, em que... Dylan?”

Dylan entrou na loja com um sorriso que disparou meu peito. Seus cachos negros pingavam e a água no corpo traçava as linhas dos músculos, como se recém tivesse dado um mergulho. Será que ele possuía alguma roupa além daquela sunga?

“Boa tarde, meu predestinado.” Falou ele.

“Dylan, você não pode entrar molhado aqui!” Eu o agarrei pelo pulso e puxei pra fora da loja. Só então percebi que já anoitecia.

“Seu trabalho termina agora, não termina?” Dylan afagou o lado do meu pescoço, tão doce que quase me entreguei. “Vamos fazer alguma coisa?”

Eu suspirei, e bati para o chão uma coisa brilhante presa à cintura dele. Outra escama, de onde vinham tantas?

“Não posso, Dylan.” Eu toquei seu peito úmido, apreciando o calor. “Preciso ficar um tempo a mais e causar uma boa impressão ao...”

“Ah, então esse é o Dylan?” Senhor Jones apareceu atrás de mim, tão rápido que mal tive tempo de me afastar do Dylan. Mas o senhor Jones apenas riu e apertou a mão dele, com a mão que não segurava outra espigana-manteiga. “O Alisson falou dele também. Vai ser jovem, Gabe. O tio aqui cuida da loja.”

“Mas...” Eu avermelhei.

“Muito obrigado.” Dylan me abraçou pelo lado da cintura e por um instante eu me aterrorizei, até perceber que o senhor Jones não dava a mínima. “Eu e Gabe temos um jantar, hoje.”

“...Jantar?” Perguntei, mas era óbvio que eu não era parte daquela conversa.

“Eh, coisa mais boa. Divirtam-se, rapazes. Aviso ao Alis que o irmãozinho voltará tarde.”

“Eu mesmo posso fazer isso, eu tenho celular, sabiam?” Perguntei, já sendo arrastado pelo Dylan para a beira da praia, até onde as ondas rebentavam contra a areia fina.

Quando Dylan enfim diminuiu o ritmo, ele desceu a mão pelo meu braço até tocar a minha, mas eu me encolhi, nervoso. Só podia ser alguma brincadeira. Meu irmão não se enojou por eu ter levado um homem pro quarto, e não fui demitido por ter abraçado esse mesmo homem na frente da loja. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas a praia era um local público. Não queria arriscar.

Dylan me respeitou, e andou ao meu lado sem tentar me tocar de novo. Por algum motivo, sua desistência fez meus olhos marejarem.

“Você está meio pra baixo.” Falou Dylan. “Seu trabalho é ruim?”

“Não. É ótimo, na verdade, e o chefe é muito legal. É só que...” Droga, falar sobre o meu pai mais cedo realmente me quebrou. Não queria me deprimir ainda mais. “Falou sério sobre irmos jantar?”

“Meu predestinado precisa se alimentar bem, de agora em diante. Os remédios de enjôo estão ajudando?”

Eu concordei com a cabeça. De manhã esqueci de tomá-los e as náuseas voltaram fortes, mas depois passaram. Talvez devesse ir no médico sobre aquelas pontadas na barriga, mas não queria preocupar o Alisson.

Nós seguimos andando em silêncio, admirando o sol se pôr no mar. Ao longe diversos rochedos negros interrompiam a faixa de areia, lisos e brilhantes pelas ondas que espumavam em meio às fendas. Logo reconheci como a imagem da pintura, mas naquele momento vez não senti desconforto. Caminhar na praia deserta com Dylan me trazia uma paz que nunca antes eu senti.

Eu olhei para o chão, onde deixávamos pares de pegadas na areia molhada, as de Dylan bem maiores que as minhas. Com o peito saltando e o rosto inflamado, eu estendi a mão para o lado e toquei a dele. Após alguns

segundos de hesitação, eu entrelacei nossos dedos.

Dylan não disse nada. Apenas abriu um lindo sorriso para a paisagem adiante, e apertou firme seus dedos ao redor dos meus.



Capítulo 07

Não sei porque imaginei um jantar normal. Quando houve qualquer normalidade, com o Dylan?

Eu me sentei sobre os rochedos negros da beira-mar, assistindo ele acender a fogueira com duas pedras. Dylan considerou uma boa ideia deixar as coisas ali e ir me buscar na loja, então a lenha havia molhado um pouco.

“Posso ir comprar uma caixa de fósforos.” Me espreguicei, apreciando o calorzinho morno das pedras. Dava vontade de deitar e dormir.

Dylan bateu as duas pedras de novo, e uma faísca fez chamuscar a palha da fogueira. Para a minha surpresa, o fogo cresceu e envolveu a pilha de gravetos.

Dylan sorriu pra mim com o canto do lábio, todo vitorioso.

“Está bem, você conseguiu. Merece o seu prêmio.” Eu lambi os lábios, um pouco inseguro. Precisava treinar minhas expressões de provocação.

Dylan ajoelhou ao meu lado e me beijou, abraçando e deslizando as mãos nas minhas costas. Eu movi meus lábios contra os dele, explorando sua boca quente com a língua. Eu gostava demais disso, poderia beijar Dylan por horas mas o roncar do meu estômago logo cortou o clima.

“Desculpe, já vou preparar a comida.” Dylan me deu um último selinho, e foi abrir a caixa de isopor. Ele me jogou uma lata de chá gelado que eu abri e bebi com gosto, morto de sede.

Quando ele retirou da caixa a nossa *refeição* eu cuspi longe todo o chá.

“Dylan, que porra é essa?” Perguntei, enquanto Dylan erguia a longa criatura cinza e roxa, com barbatanas minúsculas e uma boca redonda forrada

de dentes afiados. Parecia uma cobra molhada, com pele ao invés de escamas.

“Uma lampreia-das-profundeza. Você nunca provou?” Dylan riu da minha surpresa, espetando o bicho já destripado em uma longa vareta.

“Eu... eu sei que você gosta de peixes, mas eu esperava uma tainha, ou salmão.”

“Humanos não conhecem peixes de verdade. Os abissais são os mais deliciosos.” Dylan lambeu os lábios, admirando a criatura horrorosa que ele agora prendia sobre o fogo. Ele jogou sal na criatura bizarra. “Confia em mim, vai ser um jantar inesquecível.”

“Tenho certeza que vai.”

Enquanto o monstro marinho assava, eu e Dylan bebemos e continuamos nos beijando, e logo os beijinhos se tornaram uma pegação tórrida. Não havia ninguém na praia àquela hora, então o desejo de me despir começava a tomar conta de mim. Cada toque do Dylan parecia feito para me enlouquecer. Os beijos na barriga me causavam cócegas no começo, mas de tanto ele beijar ali passaram a me dar tesão.

Não resisti e esfreguei o volume do Dylan por cima da sunga. Ele estava duro como eu, e gemeu macio ao toque, mas logo se afastou de mim.

“Depois, meu predestinado. Senão o jantar vai queimar.” Ele riu do meu estado após meia hora de amassos. Eu estava todo vermelho e despenteado, numa pose aberta de quem queria mais.

Eu precisava admitir que a fome falava alto. Apesar do enjôo, meu apetite me parecia maior que o normal, e o aroma de lampreia assada era tão delicioso que minha boca salivava.

Quando ficou pronto, Dylan cortou em postas e nos serviu, espetando garfinhos descartáveis na carne tenra. Ele realmente trouxe tudo para aquela pedra no meio do nada.

Eu torci o lábio por simples frescura, já que sem a cabeça o peixe parecia mesmo saboroso, com a carne rosada e succulenta e a pele assada ainda estalando pelo calor. Meu estômago grunhiu e eu meti um pedaço na minha boca, sob o olhar de expectativa do Dylan.

Meu Deus. A carne desmanchou macia na minha boca, tão saborosa

que eu não conseguiria descrever. Logo eu já estava enterrando o garfo no prato, comendo tudo de uma vez.

Dylan até esqueceu da própria porção, assistindo maravilhado o meu prazer em jantar com ele. Apenas quando eu repeti o prato ele começou a comer comigo, eu bebendo chá e ele uma garrafa d'água.

Quando terminei, meu humor estava maravilhoso. Sentados nas pedras mornas, Eu e Dylan conversamos e rimos das menores bobagens, como se fôssemos amigos de infância. Ou pelo menos, era como eu imaginava amigos de infância. Dylan talvez fosse meu primeiro amigo, de modo geral. A mudança para Orla das Sereias talvez não fosse o pesadelo que eu pensei que seria, quando fugi levando apenas as roupas do corpo.

“Obrigado pelo jantar.” Eu deitei a cabeça no ombro do Dylan, todo manhoso. Miei como um gatinho ao senti-lo acariciar o lado da minha barriga. Quando não estava falando coisas insanas, ele era tão gentil.

Dylan beijou minha testa, e meu nariz, e quando ia beijar meus lábios uma vibração nos interrompeu.

Eu catei o celular no meu bolso, aborrecido e impaciente. Pensei que seria meu irmão então nem liguei do Dylan estar de olho na tela quando abri a mensagem. Mas era Michel. Ele mandou outra foto chupando uma cenoura com um sorriso idiota nos lábios e a frase *estou esperando!*.

Dylan arrancou o celular da minha mão. “Mas que desgraçado! Onde mora esse cara?” Perguntou ele, com uma voz tão indignada que eu ri.

“Não pensa bobagem. É sobre o desafio dos dados.” Meu rosto aqueceu ao lembrar.

Por um instante pensei que Dylan faria um escândalo, mas ele apenas suspirou e me devolveu o celular.

“Que idiotice, falei para você não participar.” Ele voltou a me fazer carinho, me aninhando ao seu lado. “Não precisa fazer isso, você sabe.”

“Claro que sei, mas...” Eu engoli seco, me perguntando se deveria contar. “...aquelas pessoas são os irmãos mais novos e os filhos dos amigos do Alisson. Quero me enturmar com eles, é importante para mim.”

“Você não combina com eles, meu predestinado. Você é muito mais

especial.”

Eu sorri com o elogio, e dei um selinho nos lábios do Dylan, mas ele foi rápido roubou um beijo de língua, me fazendo rir. Não tinha nada a ver com impressionar meu irmão, ou ser quem eu não era. Se uma pessoa incrível e bondosa como o Alisson conviveu com pessoas assim, eu queria ser capaz de fazer o mesmo.

“Quer me ajudar com o desafio?” Perguntei, erguendo os olhos para admirar a beleza de seu rosto.

Dylan retesou como se fosse me empurrar e xingar, mas logo relaxou os músculos. Ele esfregou a testa e suspirou.

“Qualquer coisa, pelo meu predestinado.”

Eu sorri, todo feliz em ter resolvido meu problema, quando a realidade me atingiu.

E-espera, isso significava que eu iria...

Dylan desceu sua sunguinha até os joelhos, revelando seu pau praticamente flácido. Eu não esperava vê-lo excitado por acariciar minhas costas, mas eu teria que começar do zero?

“É seu castigo por ser um predestinado sem-vergonha.” Dylan mostrou a língua pra mim, rindo do meu drama.

Eu olhei para aquele mastro, que endurecia aos poucos sob meu olhar. Meu corpo tremeu de vergonha e de medo. Ai, meu Deus. Eu nunca fiz algo assim antes, e nem sabia como.

Antes que o Dylan mudasse de idéia, eu me abaixei entre as pernas dele, meu corpo já reagindo ao seu cheiro masculino. Eu segurei a base quente entre as mãos e Dylan endureceu e gemeu, me deixando um tanto mais confiante.

Eu queria ouvir mais dos gemidos do Dylan.

Abandonando a vergonha eu deitei e caí de boca, chupando a cabecinha avermelhada até um gosto salgado lavar minha língua. Eu afastei o rosto e lambi os lábios, saboreando tanto o pré-goço daquele bonitão, quanto seus gemidinho de êxtase. Dylan até forçava minha nuca discretamente, como se implorando por mais.

Eu sorri travessamente e lambi a ponta, circulando a língua até saboreá-lo mais. Erguendo o pau dele eu subi lambidas ao longo da extensão, gemendo para a textura das veias que latejavam.

Dylan crescia rápido contra a carícia dos meus lábios. Ele já parecia prontinho pra me foder, mas antes disso, eu queria provocá-lo mais.

Ao som dos gemidos do Dylan eu engoli a glândula e fui descendo, até o mastro grosso esticar meus lábios. Eu movi a língua por dentro da boca, buscando o ritmo que o fizesse gemer mais.

“Ah, isso...” Dylan moveu o quadril contra a minha boca, como se comesse a minha garganta. Isso me fez molhar o calção em prazer. A glândula lisinha apertava a base da língua e me forçava a voltar, à beira de engasgar, mas eu conseguia manter um ritmo gostoso, me deleitando no pau do Dylan tanto quanto ele curtia minhas lambidas e chupadas.

Concentrado em descer mais a cada ida e vinda, eu entreguei meu celular ao Dylan. Ele não estava em posição de protestar, mas eu massageei gostoso suas bolas, só para me garantir.

Arfando e respirando raso, Dylan apontou a câmera do celular. Eu olhei para a lente e me empalei até onde alcançava, e então Dylan clicou a foto.

Mesmo esticados, meus lábios curvaram num sorriso. Eu aumentei o ritmo até Dylan cravar os dedos nos meus cabelos, me puxando contra ele e gemendo alto o meu nome.

E então veio, grosso e em tanta quantidade que escorreu pelo meu queixo. Eu apertei os olhos, continuando a mamar o Dylan enquanto ele vertia gozo na minha garganta. Um pouco eu engolia, a maior parte transbordava e pingava no chão. Ah, era bom. Eu meti a mão dentro do calção, e Dylan puxou, sem deixar eu me masturbar.

“Nem pense.” Falou ele, ainda tremendo um pouco. “Vai ficar assim, é o seu castigo.”

Eu ajoelhei à frente dele e passei a mão na boca, olhando-o nos olhos com um sorrisinho.

“Me saí bem?” Perguntei.

Dylan relaxou as costas nas pedras, arfando. Estava todo suado e vermelho. O sorriso em seus lábios respondia a minha pergunta. Até compensava eu não poder gozar com ele, mesmo com as bolas doendo.

Eu peguei o celular das mãos dele, e quando vi a foto eu franzi a testa.

“Só aparecem meus lábios e o seu mastro gostoso. Como ele vai me reconhecer?”

“Foda-se. E se ele colocasse a foto na internet?”

Eu engoli seco, bem envergonhado. Não havia pensado nisso.

“Obrigado.” Falei, tentando não demonstrar o quanto estava alegre. Não só passaria no desafio do Michel, como acabei conseguindo um ótimo material pra me masturbar de noite. “Será que posso me aliviar agora? Estou duro como uma tora.”

Dylan riu, ainda se recuperando. “Me deixa ver.”

Eu fiquei de pé e baixei meu calção. Meu pau saltou pra cima, batendo contra a barriga e carimbando pré-goço nos meus pelinhos. O mastro latejava, quente e implorando pelo meu toque.

Dylan afinou o olhar de um jeito safado, e alisou a glândula com a ponta do indicador.

“Você vai mandar foto sua pra outro cara. Eu deveria te deixar assim, duro e sem gozar.” Dylan agarrou meu pau e me puxou por ele, me fazendo gritar de dor e de prazer ao mesmo tempo.

“Não me tortura.” Falei, ardendo ao ver nossa posição: Dylan ainda sentado no chão e eu bem à frente, com o pau ereto a centímetros de seus lábios carnudos.

Dylan torceu os lábios para mim, e voltou a admirar minha glândula pulsante, como se considerasse o que fazer. Do nada ele deu uma lambida, me fazendo gritar de prazer.

“Eu nunca torturaria o meu predestinado.” Ele lambeu de novo. “Vamos ver quem sabe fazer melhor.”

Nem tentei contar meus orgasmos daquela noite. Uns cinco no mínimo. Só sei que acordamos de madrugada com a chegada de alguns

turistas bem assustados. Eu e Dylan nos levantamos apressadamente, vestimos nossas roupas lambuzadas de gozo e fugimos com as coisas do jantar enquanto eles gritavam e ligavam para a polícia.

Nunca pensei que ser descoberto fosse ser engraçado, mas com o Dylan eu não conseguia parar de rir.



Capítulo 08

No fim, só mandei aquele selfie vários dias depois. Enviei sábado, no último dia do prazo, só para causar um suspense. Ainda assim quem me surpreendeu foi Michel. Ele não comentou nada da foto, apenas me passou o endereço dele e escreveu *passa aqui depois do trabalho*.

E o convite não foi a maior surpresa. Me espantei o tamanho do lugar à minha frente.

Tremendo de nervosismo, eu verifiquei o endereço de novo, parado diante do enorme portão de ferro preto e dourado. Logo adiante, após o vasto jardim de grama verde e árvores esculpidas, havia um espelho d'água e uma mansão branca e rosa, com terraços que davam vista para o mar.

Nem pensar que aquele surfista maconheiro morava naquele lugar. Eu caí em alguma pegadinha dele.

Quando eu já considerava ir embora, desconfortável com os olhares dos seguranças, um cara atravessou o gramado e acenou para mim.

“Gabe, oi! Abram o portão, ele está comigo.” Falou Michel, com um sorriso empolgado e roupas normais que pareciam ser de grife. Era a primeira vez que eu o via fora dos shorts de surfe, e agradeci internamente ter me vestido nas minhas melhores calça e camiseta, para visitá-lo.

Assim que entrei Michel me abraçou, todo amigável. Sua voz não-chapada era difícil de reconhecer, e seu cabelo sempre duro de água salgada com areia estava bem penteado, preso para trás com um rabo de cavalo, com uma mecha estrategicamente solta em frente ao rosto.

Para um cara de vinte e oito anos, Michel era muito bonito. Agora que não estavam avermelhados pela maconha os seus olhos brilhavam, revelando um tom cinza-azulado que me lembrava as nuvens de chuva.

“Por que me chamou?” Perguntei, enquanto contornávamos o

espelho d'água. A mansão parecia ainda mais imensa conforme nos aproximávamos.

“Precisa perguntar? Você passou no desafio, somos amigos, agora.”

Assim que demos um passo na varanda frontal, dois mordomos abriram as portas duplas da entrada. Michel passou à frente com os ombros retos e todo confiante, então me esforcei para fazer o mesmo.

Uma sensação estranha borbulhou meu estômago, e não era a náusea com o qual eu começava a me acostumar.

Talvez eu devesse ter avisado o Dylan que eu viria, mas nós nos encontramos todos os dias daquela semana, sempre para nos divertir e transar como animais. Eu temia que tanta proximidade acabaria nos enjoando um do outro.

Além do mais, algo me dizia que se eu avisasse Dylan ele reagiria mal, então achei melhor visitar em segredo. Não queria brigar com ele.

Eu e Michel atravessamos vários corredores e escadarias de madeira escura, com tapetes de veludo. Eu olhava os arredores o tempo todo como um idiota, admirando os largos lustres de cristal e pinturas nas paredes. Quando chegamos ao quarto do Michel eu já me perguntava se conseguiria encontrar o caminho de volta.

O quarto do Michel era grande e bem decorado como o resto da casa, com uma cama de docel branco e uma varanda com piscina de onde se podia avistar o oceano. Mas o que me surpreendia eram as estantes de livro e mesas de estudo. Havia cadernos e livros abertos por toda a parte, com anotações à caneta e papéis rabiscados.

“Não repara na bagunça.” Michel riu. “Eu estava estudando quando você chegou. Tenho prova na semana que vem.”

“Prova?” Eu folheei um dos livros mais espessos, chocado com a quantidade de anotações. Era um livro sobre doenças do sangue, ou coisa assim.

“Eu curso medicina, você não sabia? Estou no penúltimo semestre da UniOrse.”

Eu arregalei os olhos. Só podia ser piada. Aquele idiota que bebia e

se chapava até cair, estudando na melhor faculdade do estado? Não, nem pensar. A medicina de lá era conhecida pela dificuldade, quase ninguém conseguia passar pelos primeiros semestres.

Uma garota saiu da piscina e veio me cumprimentar, enquanto prendia a saída de banho na cintura. Não era a namorada ruiva da semana anterior, mas uma japonesa magrinha e sorridente que eu nunca havia visto.

“Oi, você deve ser o Gabe.” Trocamos beijinhos no rosto. “O Michel me falou de você. Sou Yuko, a namorada dele.”

Ah, então aquela era a namorada da semana. Michel aparecia com uma diferente a cada domingo.

“Não se assanhe com o Gabe, que esse aqui gosta da outra fruta.” Michel apertou a bunda dela. “Volta lá, e vai ser linda pra mim, gata. A conversa aqui é de homem.”

Ao invés de esbofetear Michel pela grosseria, Yuko apenas fez um biquinho ofendido e realmente voltou a nadar. Nossa, mais um namoro que não duraria dez dias, mas aquilo não era problema meu.

Quando ficamos sozinhos, Michel se aproximou de mim com um sorriso travesso nos lábios. Eu tentei me afastar mas já estava escorado na mesa de estudos.

“Eu vi sua foto.” Ele sorriu vitorioso. “Sinceramente, não esperava que fosse cumprir o desafio, mas você é o irmão do Alisson, afinal.”

“Não vai duvidar sobre a foto ser minha?” Perguntei.

Michel mexeu no celular e abriu a foto de novo, o que fez meu rosto arder. Para alguém que recém saiu do armário, eu estava exagerando na putaria, não estava?

“É você, sim. Eu tenho certeza.” Os olhos de Michel cintilaram de um jeito estranho, meio melancólico. “Seus lábios são iguais aos dele.”

“Do que está falando?” Eu arqueei a sobrancelha.

Michel pareceu sair do transe, e desligou a tela do celular.

“Não, nada.” Michel se afastou de mim, para o meu alívio. “Falei sério sobre antes. Te chamei aqui porque somos amigos agora. Apenas isso.”

“Verdade?” Perguntei, desconfiado mas sorrindo. Era a primeira vez que me chamavam de amigo.

“Bom, a gente só se vê nos luaus de domingo, e eu odiaria que o irmão do Alisson me visse como um drogadinho bêbado.” Michel riu quando eu avermelhei. “Não te culpo por ter pensado isso. Sou apenas um ex-surfista, tentando iniciar carreira na medicina. Felizmente os negócios da família permitem que eu siga com calma, então uso os domingos para relaxar dos estudos.”

“Entendo.” Eu baixei o rosto. “Hum... me desculpa por...”

“Já disse, cara. Relaxa. Tem certeza que é irmão daquele largadão do Alisson?” Michel tocou uma sineta, e um mordomo apareceu com uma bandeja. Sobre ela havia uma linda garrafa de líquido âmbar e copos de cristal. “Aceita whisky?”

Eu concordei, sem muita vontade de beber, mas curioso sobre o gosto. E nossa, o sabor era maravilhoso.

“Como está o Alisson?” Michel me perguntou, bebericando do próprio copo.

“Sempre treinando, não vejo ele muito. Em dois meses começam as inscrições pro Surfe-Hai, no Havaí, e ele conseguiu pontuação para participar.”

“Então ele conseguiu mesmo...” Michel olhou para o horizonte, e estalou a língua nos dentes. “Que bom pra ele.”

“Sim, não é ótimo?” Eu abri um sorriso enorme, terminando meu whisky. “Meu irmão vai trazer nome à Orla das Sereias, com certeza.”

O olhar de Michel sombreou por um instante. Ele serviu-se de mais whisky e voltou a sorrir.

“Bem, por que não mudamos de assunto?” Ele perguntou, brindando.

Eu concordei, e passamos a tarde falando de tudo. A vida na Orla, meu passado tedioso, em que preferi omitir as partes doloridas, e até falamos sobre o Dylan, quando admiti por acidente que o outro na foto era ele. Michel não pareceu nada surpreso, mas admitiu não saber de onde Dylan veio. Como

vários no grupo ele simplesmente surgiu, não muito antes de mim. E assim como eu ele nunca entrou na água, não parecia saber surfar.

Fui para a casa com um sorriso animado nos lábios. Cinco semanas em Orla das Sereias e eu já havia conquistado um ficante bonito e um melhor amigo. Meu futuro talvez não fosse tão negro assim.

Assim que abri a porta do meu quarto, alguém se jogou em mim.

“Você bebeu.”

Dylan fungou o meu pescoço, aproveitando a minha confusão. Por que ele estava no meu quarto? Avisei que estaria ocupado naquele dia.

“Bebi whisky.” Eu empurrei ele, me aborrecendo. “Você não tem casa, Dylan?”

“Como assim, whisky? Com quem você estava?” Ele cruzou os braços e afinou seu olhar iridescente.

Eu abri a boca, indignado. “Desde quando te devo explicações?”

“Você e meu predestinado, Gabe!” Dylan elevou a voz, me obrigando a fechar a porta para Alisson não ouvir. “Nós vamos ter um filho, seja mais responsável!”

Eu revirei os olhos. Tive um dia legal demais com o Michel para estragar tudo com as loucuras do Dylan.

“Dylan, já disse que não posso ter um relacionamento agora. Sim eu estava com outro cara. Não foi nada sexual, nós só conversamos, mas se eu quisesse que fosse, teria sido, tá bom?”

Acho que exagerei, porque os olhos do Dylan umedeceram e seus lábios tremularam. Meu peito bombeou amargo ao ver as lágrimas descenderem seu rosto.

Droga, eu odiava ser interrogado mas não podia soltar coices desse jeito. Precisava respeitar os sentimentos do Dylan por mim. Vai que algum dia eu sentisse o mesmo.

“Desculpa.” Eu segurei a mão do Dylan e ele puxou o braço, livrando-se de mim e cobrindo o rosto, num soluçar quietinho.

Perfeito, agora eu me sentia o pior idiota do mundo.

“Eu não faria com mais ninguém o que faço com você. Desculpa mesmo.”

“Prometa não beber mais.” Pediu ele, com uma voz chorosa. “Você é meu predestinado, se algo acontecer com o bebê, eu...”

Eu abracei o Dylan, sem entender coisa nenhuma. Ele não parecia alguém capaz de chorar por tão pouco, e a sensação de sufoco me assustava. Se Dylan fosse o tipo de cara que me proibiria de tudo, eu precisaria me livrar dele, não fugi de uma gaiola para entrar em outra.

Ainda assim, eu sentia que não era nada disso. Meu coração batia pelo Dylan de forma que não batia por mais ninguém. Nós dois precisaríamos ceder para aquilo dar certo.

“Não vou mais beber, se te incomoda tanto.” Eu afastei seus braços e passei a mão em seu rosto úmido. Nunca vi ele tão preocupado, ardia meu peito vê-lo assim. “Mas você me deixe sair com outras pessoas. Prometo que o meu coração será só seu, e meu corpo também.”

Meu rosto queimou ao falar essa última parte, mas era o tipo de coisa que o Dylan diria, e além do mais não era mentira. Mesmo que não houvesse nada entre nós, não sabotaria nossas chances daquele romance louco virar algo mais.

“Tudo o que meu predestinado quiser.” Dylan secou uma última lágrima, corando e com o olhar no chão. “Eu te amo, Gabe.”

Droga, eu realmente não queria ouvir isso. Com os olhos molhados eu o abracei forte, e nós choramos por um longo tempo.

Foi a nossa primeira briga, e felizmente a última por todo o mês que se seguiu.



Capítulo 09

Um pé na frente, o outro atrás, cuidaaado...

A onda virou a prancha e me atirou para trás. Eu caí de costas na água fria, esperneando confuso até encontrar o chão e voltar a subir. E ainda por cima o leash enroscou nas minhas pernas, me fazendo cair de novo.

Michel riu e segurou meu braço antes que a onda seguinte me devolvesse à praia.

“Tá melhorando.” Ele sorriu com travessura, e retirou uma alga do meu cabelo encharcado.

“Melhorando como? Eu mal consigo ficar de pé na prancha.” Eu bufei, segurando minha pranchinha azul de iniciante antes que acertasse minha cabeça.

“Semana retrasada você nem conseguia subir. Eu vejo progresso.”

Eu suspirei, assistindo os outros do grupo surfarem as enormes ondas que rebentavam ao longe. Quando eu apenas assistia já parecia difícil, mas quando passei a descobrir o quanto era complicado, vê-los manobrar por dentro dos tubos d’água me deixava de boca aberta.

E isso que eram todos amadores, meu irmão fazia manobras ainda mais sensacionais.

“Essa coisa de surfe não é pra mim, eu acho.” Admiti, com um sorriso tímido.

“Bobagem. Aposto que está se divertindo.” Michel acotovelou meu ombro e voltou para a parte funda, remando com a barriga na prancha. “Vem, vamos tentar de novo.” Chamou ele, com aquela voz enrolada de quem exagerou na bebida e na erva.

Eu concordei, mas antes virei o olhar para a praia, onde Dylan me

assistia solitário, à beira da fogueira. Já se completavam cinco semanas desde que nós dois... iniciamos algo que eu não sabia o nome. Olhar para o Dylan me fazia sorrir, e eu sabia que mesmo distante ele também devolvia o sorriso. Não sei o que aquele homem divino viu em mim, mas sentir todo o amor dele aquecia o meu coração e me fazia sentir capaz de qualquer coisa.

Até me acostumei com as esquisitices dele. Dylan comia apenas peixes, ou algas do mar. Ele odiava que eu bebesse, me proibia de fumar, e tinha obsessão em beijar minha barriga quando transávamos. E nossa, o sexo continuava ardente como no primeiro dia, se não ainda melhor. Dylan só parava ao me desmontar completamente.

Por mais que eu convidasse, Dylan também se recusava a entrar na água. Talvez não soubesse nadar, o que era estranho pois já o vi molhado muitas vezes, sem contar que sempre vestia uma sunga. E quem moraria em uma ilhota, correndo o risco de se afogar?

Bem, pelo menos ele aquietou sobre eu andar com outras pessoas. Após uma semana inteira trabalhando e depois tendo encontros com ele, eu apreciava a companhia do Michel e dos outros, que passaram a me tratar muito melhor. Claro que após o luau eu não perderia tempo em arrastá-lo pra o meu quarto e... heheh, eu mal podia esperar.

Michel me chamou ao longe. Eu deitei a barriga na prancha como ele ensinou, e remei até a rebentação das ondas. Mas havia algo estranho dessa vez. Uma pontada no ventre fez eu me retorcer, e eu caí da prancha.

Queimando de dor, eu gritei bolhas sob a água, cravando as unhas na barriga. Não conseguia me mover, a dor me paralisava e a superfície se tornava cada vez mais distante.

Alguém me agarrou pelo braço e puxou para cima. A namorada semanal do Michel. Dessa vez era uma italiana peituda, de cabelos castanhos.

“Tá tudo bem, Gabe?” Ela me perguntou, e logo os outros surfaram até mim. Acho que minha cara assustou a todos, então tentei disfarçar.

“Só uma câibra, é melhor eu voltar.” Gemi, todo dobrado. A dor aos poucos tornava-se suportável, mas meu estômago parecia em chamas.

“É melhor não exagerar, mesmo. Já está anoitecendo, e você não está acostumado a surfar.” Ela me confortou, toda doce e preocupada até

Michel aparecer por trás e dar um tapa na bunda dela, sempre tão cortês com as mulheres.

“Não tem nada com ele, Abigail. Só está louco pra dar uns amassos no esquisitão.” Michel piscou pra mim. “Tente não beber todas as cervejas, Gabe. Sua mamãe ali pode não gostar.”

“Ha, ha. Muito engraçado.” Falei, conseguindo enfim me endireitar. Eu retornei à praia sozinho, onde Dylan me esperava com pânico em seu olhar de esmeralda. Mesmo preocupado ele só avançou na água até os tornozelos.

Assim que cheguei no Dylan eu caí em seus braços, ofegante e dolorido.

“Você tomou o Mekolinol de hoje, Gabe?” Perguntou ele, referindo-se ao remédio para enjôo. Ele me ajudou a sentar na beira do fogo e sentou-se por trás de mim, me acolhendo.

Eu massageei a barriga, sentindo-a meio dura. Não me lembrava de ter comido demais embora meu apetite das últimas semanas tenha aumentado assustadoramente.

“Não é bom viver de remédios, sabia?” Eu deitei as costas em sua barriga e deixei ele me acariciar. “Tô enrolando demais para ir ao médico. Acha que pode ser apendicite?”

“É o nosso bebê crescendo. Seu corpo está se moldando para ele.”

Eu gargalhei, o que só aumentou a dor, mas a piada me pegou de surpresa. “Eu tô falando sério!” Falei, secando uma lágrima de riso.

“Prefiro que não vá ao médico. Pode ser problemático.” Dylan acariciou meus lábios e eu lambi a ponta do seu dedo, já começando a sentir tesão. “Não se preocupe, na sexta semana a dor costuma passar.”

“Sexta semana do quê?” Perguntei, apreciando as carícias do Dylan no meu ventre. Àquela distância o pessoal não veria a mão dele descendo para o meu calção, e eu comecei a desejar que ele fizesse isso. “Pensando bem, não responda. Não tô a fim das suas loucuras hoje.”

“Ah, é? E do que está a fim, então?” Dylan desceu a mão um pouquinho mais, até a linha onde começavam meus pelinhos. Eu gemi, mas

não teria coragem de continuarmos naquele lugar.

“Tem gente demais aqui.” Arfei, cobrindo a mão dele com a minha e conduzindo à minha parte mais dura. O gemidinho que Dylan soltou me fez pulsar lá embaixo.

Dylan agarrou na minha excitação por meio segundo e recuou a mão. Ele virou meu rosto e provou meus lábios.

“Vamos para a sua casa.” Ele sussurrou no meu ouvido.

As estrelas já pontilhavam o céu quando chegamos na minha rua. Eu estava todo molhado e coberto de areia e Dylan todo brincalhão, beliscando minha bunda sempre que eu me distraía.

Apesar da brincadeira, assim que nos aproximamos da casa algo fez meu sangue esfriar, e eu paralisei na calçada. Havia um carro estacionado em frente ao portão de entrada, e eu o reconhecia muito bem.

“Dylan, é melhor você ir.” Falei, com a voz tremendo.

“Como assim?” Ele riu. “Não sem antes agarrar essa bundinha e...”

Eu estapeei a mão do Dylan, e ele se encolheu com um olhar assustado. A culpa pesou o meu peito, mas o medo falava mais alto.

“Por favor, eu imploro. Vai, e não aparece até eu te procurar.” Eu apertei a mão que eu havia estapeado e beijei com todo o meu sentimento, tentando não chorar ou nunca que Dylan iria embora. “Se você me ama, promete que vai sumir. É importante.”

Dylan parecia tão confuso. Eu me odiei por fazer isso com ele, e até esperei ser xingado e agredido. Mas era mais provável que Dylan chorasse de novo, o que seria ainda pior.

“Qualquer coisa, pelo meu predestinado.” Falou ele, perplexo e ferido. “Me ligue assim que puder.”

Ele tentou acariciar meu rosto, mas eu recuei.

“Só vai.”

O brilho iridescente no olhar do Dylan tremulou, e ele me olhou por mais um tempo, como se eu fosse mudar de ideia ou pelo menos explicar o motivo. Mas me mantive firme até ele me dar as costas, e voltar por onde viemos.

Droga, eu teria muitas explicações a dar, isso se Dylan quisesse me rever depois daquilo. Mas eu não podia arriscar a segurança dele.

Com o coração saindo pela boca e minhas pernas quase desabando, eu me aproximei da casa. A porta de entrada estava aberta e haviam vozes alteradas. Eu me escondi ao lado da porta com as costas grudadas à parede, e tentei ouvir a discussão.

Uma das vozes era a do Alisson, a outra fez meu corpo estremecer e arder de dor, como se cada chute e cada hematoma retornasse ao meu corpo.

“Não inventa desculpas, pai. O que o senhor fez foi loucura! Nem reconheci ele, de tão roxo que estava!” Era a primeira vez que ouvia Alisson tão raivoso.

“Loucura?” Meu pai riu. “Loucura seria manter aquela aberração em casa. Filho, se eu errei como pai, foi por não prever que ele viria para cá. Um campeão que me traz tanto orgulho precisando lidar com algo assim é lastimável.”

“Por que você veio?” Rosnou Alisson. “É uma longa jornada de Forkend até aqui, ainda mais de carro.”

“Tem sido solitário morar naquela casa imensa, sem a sua mãe. Como você está dando um tempo com a Simone, pensei que gostaria de companhia. Nunca pensei que a aberração...”

“O nome dele é Gabriel.”

“Não seja assim, Alisson. A existência daquele garoto é um insulto a Deus.”

“Deus? Que Deus, pai? Um Deus que manda um pai fazer o que você fez é tão demoníaco quanto aquela monstra que abortou o meu filho. Eu e a Simone não estamos dando um tempo, pai. Nós nos divorciamos, o senhor sabe disso.”

Meu pai deu um longo suspiro.

“Eu sei que é difícil, Alisson, e você quer preencher o vazio. Mas aquele garoto, sob o seu teto? Você merece uma vida mais digna. Vou me transferir para a igreja daqui e conseguir uma casa maior, perto da praia. Não seria ótimo para os seus treinos?”

Eu arrisquei espiar para dentro. Havia uma mala de cada lado do pai. Ele tentou abraçar Alisson, mas Alisson livrou-se com um empurrão.

“O Gabe pode não ser mais a sua família, mas ele é a minha. Ele não vai a lugar nenhum.”

O pai rosnou um desaforo e ergueu as malas. Ele virou-se para a porta e eu me escondi bem rápido, com o coração a mil.

“Eu deveria queimar suas coisas, como queimei as dele.” O pai bateu os pés em direção à porta. “Boa sorte pagando sua maldita inscrição.”

Quando o pai saiu nossos olhares se cruzaram. Os olhos dele nem pareciam os da pessoa que me criou com tanto carinho, até me flagrar beijando meu colega. Eram os olhos de um demônio, que preferia me ver morto a respirando o mesmo ar que ele.

Lágrimas transbordaram dos meus olhos, escorrendo uma depois da outra em meu rosto pálido de medo.

Mas o pai apenas bufou enojado, como se pisasse num cocô de cachorro. Ele jogou as malas de volta no carro e arrancou embora, chiando os pneus.

Assim que ele sumiu eu caí de joelhos, chorando em desespero. Alisson ouviu minha choradeira e correu para fora. Ele me abraçou e tentou me acalmar, mas eu não merecia.

“Desculpa.” Eu soluzei, agarrado ao seu ombro. “Eu não queria ter estragado tudo, desculpa.”

Alisson afagou meu cabelo. “Você não fez nada errado.”

“Você precisava do dinheiro, como vai ir para o Havaí, agora?”

Alisson forçou uma risada. “Competição de surfe tem toda semana, por toda parte. Não se preocupa, ainda tenho muitos troféus a ganhar por aqui.”

Eu só chorei mais e mais, até os pulmões queimarem. Alisson

treinou a vida toda para competir nos mundiais. Ele ganhou dez campeonatos nacionais seguidos pela chance de ir ao Havaí. Com 33 anos o tempo dele como esportista estava acabando, eu arruinei a única chance dele se tornar famoso lá fora.

“Vem, vamos entrar. Alguém está precisando de sorvete.” Alisson secou minhas lágrimas e me ajudou a levantar. Eu via em seu sorriso que ele queria chorar também, mas ele se manteve forte.

Nós entramos e eu sentei à mesa de jantar, ainda fungando e soluçando pesado. Alisson nos serviu duas grandes taças de sorvete e a minha ele cobriu com rios de calda de chocolate, como eu gostava.

Eu comi a colheradas pequenas, me sentindo o pior lixo da Terra. Aos poucos fui parando de chorar, mas não conseguia que a dor fosse embora, como se meu corpo tivesse memorizado cada golpe daquele cinto.

“Desculpa não ter estado lá.” Alisson comeu o próprio sorvete, com um olhar triste. “Não fui um irmão muito presente, né?”

“Você é famoso desde que eu usava fraldas, Alis. Não se sintam mal por isso.”

“Que exagero.” Alisson esboçou um sorriso. “Mas podemos compensar agora. Dois irmãos, vivendo a louca vida de solteiro. Aliás, eu sim. Aquele Dylan está estragando meus planos.”

Eu ri. “Não tem nada entre eu e o Dylan. Talvez um dia, mas não agora.”

“Você é maturo demais. Na sua idade eu inventava jogos idiotas, me drogava, e convencia os amigos a me pagarem boquete.”

Eu arregalei os olhos, chocado com a revelação.

“Você já recebeu boquete? De outro homem?”

“Já recebi e paguei também. Mas é diferente, eu gosto de mulheres. Apenas quis provar de tudo e me divertir. E nossa, eu me diverti demais na sua idade.”

Eu arqueei uma sobrancelha, com um sorriso travesso. “Nossa ideia de diversão é mais parecida do que eu imaginava.”

“Claro que sim. É como dizem, não é gay se as bolas não tocarem.”

Essa parte me fez cuspir o sorvete, dando risada.

“Chega, informação demais!” Falei, limpando a baba com as costas da mão.

Alisson também riu. Nós terminamos nosso sorvete, e servimos mais.

Após algum tempo em silêncio, eu enfim criei coragem de perguntar algo sobre a discussão.

“Por que você e a Simone se divorciaram, exatamente?” Perguntei, hesitante. Eu lembrava da Simone como uma mulher linda, e sorridente e perfumada, sempre radiante ao lado do Alisson. Os dois se amavam demais, mas só os via nas reuniões de família então ignorei quando anunciaram o divórcio.

Alisson devolveu a colherinha de sorvete à taça.

“Então você ouviu.” Ele suspirou. “A história é longa.”

“Bom, eu enxotei o Dylan como um cachorro, mais cedo. Acho que tenho tempo.”

Alisson respirou fundo e esfregou atrás do pescoço, como se pensasse por onde começar.

“Aconteceu três anos atrás. Num dia qualquer encontrei um teste de gravidez positivo, no banheiro. Simone nunca quis ter filhos, então quando encontrei o teste fui idiota em pensar que ela mudou de ideia. Éramos casados há tantos anos, me parecia natural formar uma família. Eu esperei ansiosamente que ela contasse, mas os meses passaram. Simone dizia que as pontadas no estômago e os enjôos eram só uma virose. Com dois meses de gestação a barriga começou a formar e então eu a confrontei.”

Alisson esfregou a testa, com uma expressão dolorida. Eu esperei ele continuar bem quietinho.

“A Simone surtou. Me acusou de invadir a privacidade dela, e se tornou hostil e agressiva, quando não chorava por aí. Então ela fugiu para a casa de uma amiga e só voltou na semana seguinte. Não havia mais barriga, ou bebê. Depois de um tempo encontrei um cartão nas coisas dela. Era de uma clínica de aborto.”

“Mas...” Meu peito apertou. “O bebê era dos dois, não era? Ela não podia ter feito isso!”

“Mas fez.” Alisson deu de ombros, com um sorriso forçado nos lábios. “Eu teria criado o bebê sozinho. Foi burrice minha, eu nunca considereei o que ela queria.”

Eu torci o lábio, incapaz de compreender como Alisson se sentia, mas me sentindo horrível por ele.

“Ela foi uma completa vaca.” Falei. “Você vai encontrar uma mulher melhor, que te encha de filhos.”

“Vou sim.” Alisson riu, terminando sua segunda taça de sorvete.

Por trás do sorriso, eu via a dor profunda que Alisson escondia. Nesse sentido, ser gay era uma grande vantagem. Eu nunca precisaria me preocupar com bebês.

Porque no lugar da Simone, eu não sei o que faria.



Capítulo 10

Eu bocejei, terminando de encerar o chão da loja.

Dois meses trabalhando naquele lugar, e eu podia contar nos dedos quantos clientes tivemos. Começava a achar incrível o senhor Jones manter a calma diante da situação. Como aquele cara conseguia viver?

Assim que o senhor Jones retornou ele abriu a boca, todo embasbacado.

“Gabe, rapaaaz, a loja tá um brinco! Organizou as pranchas por ordem de cor, até! Contratar gay é outro nível, mesmo.”

Eu ri, esticando meus braços doloridos de tanto limpar os cantos. Eu não me considerava especialmente organizado, mas a loja estava um nojo quando eu cheguei. Pensei que uma repaginada atrairia mais clientes, mas até aquele momento tudo continuava na mesma.

“Como foi no banco?” Perguntei, secando o suor na testa.

“Nada. Não vão cobrir um empréstimo com outro.” Senhor Jones suspirou, sem perder o ar pacato de sempre. Ele tirou um envelope do bolso e me entregou. “Isso é pra você.”

Eu me senti horrível por não recusar, mas tomei o envelope nas mãos. Meu salário era minúsculo, mas tudo o que eu tinha para pagar a viagem do Alisson. Economizei tanto que se não fossem os peixes do Dylan acho que estaria passando fome.

Falando em passar fome, não sei como eu continuava engordando. Pensei que tanto surfe me deixaria musculoso como o Alisson, mas minha barriga salientava para frente, quase passando da linha das costelas. Talvez eu devesse me exercitar mais.

“Isso é sabe o quê, rapaz?” Senhor Jones cutucou meu umbigo ao

passar, me fazendo soltar o ar. “Falta de sexo. O Dylan não tá te tratando bem?”

Eu avermelhei. Que pergunta mais inadequada. “Tá tudo ótimo entre nós dois.” Especialmente a parte do sexo. Meu Deus, eu ficaria duro se lembrasse. Incrível como ainda não havíamos quebrado minha cama.

“Bom, eu tô indo puxar um ronco. Se quiser sair cedo, também, ninguém vai comprar prancha numa terça-feira de julho.”

Eu concordei e vesti minha camisa, aliviado porque o frio começava a intensificar, e também porque meu corpo começava a me dar vergonha. Não dava pra me chamar de gordo, mas naquela cidade de surfistas bonitões eu me sentia um boto.

Quando senhor Jones já escapava pela porta dos fundos, o sino-de-vento tocou na entrada e nós dois viramos, surpresos. Nosso primeiro cliente da semana?

Não, para a minha surpresa era alguém que eu conhecia. Michel chegou todo bem vestido, de terno e gravata, com os ombros retos. Ele prendia seu cabelo longo cuidadosamente para trás, com gel e grampos.

“Oi, Michel.” Eu acenei sorrindo, quase esquecendo o profissionalismo. “Digo, bem vindo à...”

“Gabe! Que surpresa te ver aqui!” Michel já veio me abraçando, até me erguer do chão. “Veio comprar parafina aqui? Não, cara. Nas lojas do papai são metade do preço, e o dobro da qualidade.”

Eu corei, envergonhado pelo senhor Jones. “Ahm, na verdade eu trabalho aqui.”

“Trabalha, é?” Michel afinou seus olhos cinza-azulados, e deu um sorriso ácido ao senhor Jones atrás de mim. “Os negócios melhoraram, Jones? Até funcionário você tem, agora?”

Eu me virei, e só então vi a expressão tensa e raivosa no senhor Jones. Nem parecia o senhorzinho pacato de sempre.

“Desiste, Michel. Já avisei seu pai que não venderei a loja.”

“Direto ao ponto, eu gosto disso.” Michel atravessou a loja casualmente, e se jogou nos sofás-rede ao fundo. “Odeio ser o garoto de

recados do papai. Tenho provas todos os dias dessa semana, mas o velho tem estado tão ocupado... São dezoito lojas sob a marca da nossa família. Dezenove, em breve.”

Eu acompanhei a conversa, perplexo com tantas coisas. Senhor Jones bravo e Michel metido a homem de negócios, o que estava acontecendo?

“A Amigos do Surfe existe há quarenta anos, desde a fundação da cidade.” senhor Jones rosnou. “Pertencia ao meu pai, e agora é minha. Não vou vender a um velho ganancioso, que pretende monopolizar o comércio de todo o litoral.”

“Velho ganancioso? Que rude. O papai está trazendo civilização a esse pequeno fim de mundo. Uma praia de águas tão limpas e ondas imensas merece lojas como a Surfe Somos Nós. As pessoas querem comprar em mega-lojas, não em casebres como esse, que... admito que já esteve pior.”

“As coisas vão melhorar.” Senhor Jones olhou para o chão.

“Ah, vão?” Michel olhou pra mim, e mordeu o lábio de um jeito brincalhão, me chamando com o dedo. “Vem cá, Gabe.”

Eu me aproximei, desconfiado. Quando estive ao alcance, Michel me puxou e sentou em seu colo. Eu arfei, surpreso pela ousadia e por sentir suas coxas firmes sob a minha bunda.

“O que raios, Michel?” Resmunguei, mas Michel passou o indicador pelos meus lábios, me calando.

“Que tal vir trabalhar na Surfe Somos Nós? Te coloco como atendente júnior da loja matriz, você vai ganhar dez vezes o que ganha aqui.”

Eu abri a boca para recusar, mas... nossa, dez vezes mais? Espera, eu não podia fazer aquilo com o senhor Jones. Ele sacrificou o pouco lucro que teve para me ajudar, fazendo um favor ao meu irmão.

Percebendo minha hesitação, Michel riu e me deixou levantar. Ele levantou logo depois, e ajustou a gravata.

“Não precisa responder agora, mas eu não continuaria aqui. Se não for o papai, será o banco fechando esse lugar. Quantas dívidas você já acumulou, Jones?”

Percebendo a humilhação no senhor Jones, eu empurrei o Michel.

“Não seja grosso, Michel! Pensei que você fosse legal.” Falei.

“Eu sou um amor de pessoa. Com os meus amigos.” Michel apertou minha bochecha e seguiu para a porta. “Mas negócios são negócios, e enquanto eu não me formar em medicina, ainda serei o assistente do papai. Me procura lá em casa hoje de noite, Gabe. Sinto que você vai querer conversar.”

O sino de vento tilintou com a saída de Michel. Eu massageei minha bochecha, fervendo de raiva. Claro que eu procuraria aquele imbecil. Para ensiná-lo a não desrespeitar um cara bondoso como o senhor Jones.

“Eu sinto muito por isso.” Eu fui até o senhor Jones, que se escorava no balcão e olhava baixo, todo devastado.

“Tudo bem. Não dá pra vender prancha pra sempre, né? Mas prefiro que o banco leve. Aqui é bonito, cheio de areia e mar, não quero que vire outro shopping center.”

Com o peito doendo, eu tirei o envelope do bolso e devolvi a ele, mas o senhor Jones ergueu as mãos, recusando.

“Nem pense nisso, Gabe. O dinheiro é seu, e você merecia bem mais. Fiquei sabendo que o Alisson não vai mais se inscrever, e imagino que o problema seja esse.” Senhor Jones suspirou com tristeza. “Desculpe não ajudar melhor.”

“Ainda temos duas semanas. Tentarei reunir o dinheiro.” Falei, sem soar muito esperançoso. Eu já previa que nos Estados Unidos o surfe profissional fosse coisa de gente rica, mas cinco mil dólares, só pela inscrição? E isso sem considerar as passagens, e outros gastos. Onde eu conseguiria dez mil dólares, em duas semanas?

Deprimido, eu guardei de novo o envelope no bolso.

“Se anima, Gabe. Deixa pra fazer essa cara quando for velho.” Senhor Jones abriu o frigobar sob o balcão e me alcançou uma espiga-na-manteiga. “Pode ir, deixa que eu fecho a loja. Preciso espair e você precisa de uns amassos do Dylan. Eu te conheço.”

Eu soltei uma risada e abocanhei o milho. Assim que perceberam o

quanto comer melhorava meu humor, todos se acostumaram a me encher de comida quando eu me chateava.

Hum, pensando bem, fazia sentido eu estar engordando.

“Nesse caso, obrigado por tudo.” Eu acenei ao senhor Jones, e deixei a loja.

“Ah, Gabe. Espera.” Falou o senhor Jones, e eu me virei para ele. “Michel tem um sorriso doce, mas é ardiloso como uma cobra. Muito cuidado com ele.”

“Pode deixar.” Eu saí da loja, sem dar atenção. Claro que o senhor Jones odiaria o Michel e a família dele. Mas apesar de ser grosseiro o Michel era o meu melhor amigo.

Eu considerei ir aos rochedos negros, meu ponto de encontro com Dylan, mas dei meia volta. Como fui dispensado no meio da tarde havia tempo de visitar o Michel. Não que eu considerasse a proposta dele, mas... o Alisson realmente precisava de dinheiro.



Capítulo 11

Segui o mordomo ao quarto do Michel, que terminava de anotar nas bordas de um livro grosso, em sua mesa de estudos. Ele havia trocado para camiseta e calças casuais, e usava um óculos fino que combinava com seu rosto.

Quando me viu, Michel deixou os óculos na mesa e dispensou o mordomo. Ele me cumprimentou com um sorriso adocicado, que por algum motivo me deixou desconfortável.

“Sabia que você iria aparecer. Mas tão cedo?” Michel avistou o céu azul pelos janelões do terraço, além da piscina. “Senta aí, vou te explicar sobre a vaga que temos em aberto.”

Eu sentei na beirada da cama, enquanto Michel nos servia de whisky. Eu rejeitei minha dose.

“Não estou aqui pelo emprego. É pelo Alisson.”

Michel quase engasgou na bebida. “Alisson? O que tem ele?”

“Preciso que a empresa do seu pai patrocine ele, ou ele não terá como competir no Havaí.”

Michel franziu a testa e andou pelo quarto, pensativo. Eu aguardei com o coração na mão que ele respondesse.

“De quanto dinheiro estamos falando?” Perguntou ele.

“D...dez mil dólares.” Eu baixei o rosto, avermelhando. “Para daqui duas semanas.”

Pensei que Michel fosse rir, ou soltar um grito surpreso, mas ele nem piscou.

“É perfeitamente possível. Conseguir dez mil dólares, quero dizer.” Michel afinou os olhos para mim, e lambeu os lábios molhados de whisky.

Algo em seu olhar me fez recuar na cama, enquanto ele dava passos na minha direção. “Mas você sabe o que Alisson fez, não sabe?”

“Ahm, não?”

“Quando Alisson ganhou fama, o papai insistiu em patrociná-lo através da nossa pequena lojinha de surfe. Mas Alisson sempre fez o que bem queria. Aceitou o patrocínio daquele otário viciado em milho, e com ele ganhou fama nacional até conseguir patrocínios melhores, mas temporários. A vingança veio quando a Surfe Somos Nós se tornou uma mega corporação, e agora o papai não quer nem vê-lo.”

Eu suspirei, frustrado. Não fazia ideia, mas claro que Alisson não me contaria algo assim.

“E agora? O Alisson batalhou demais para se classificar, não é justo.” Falei.

Michel sorriu com o canto do lábio por um breve segundo.

“Ah, o Alisson... sempre foi tão dono de si, desde que eu era até mais novo que você.”

“Vocês se conhecem há tempo?” Perguntei, meu desconforto aumentando quando Michel se aproximou de mim, com uma expressão de desdém. Ele terminou o whisky dele, e depois bebeu o meu.

“Bastante tempo.” Ele sentou ao meu lado, girando os gelos no copo vazio. “Desde que Alisson era o líder do grupo e eu era apenas um adolescente trouxa, que babava para as manobras dele.”

Eu arregalei os olhos. Meu irmão foi o líder do grupo, antes do Michel? Eu ignorei a sensação pesada no clima e sorri, me empolgando.

“Deve ter sido demais, vocês acompanharem o Alisson se tornar uma estrela do surfe. Tenho certa inveja, ele é meu irmão e ainda assim todos conhecem ele melhor do que eu.” Eu dei uma risadinha. “Aposto que com o Alisson o luau era mais comportado, sem essa coisa de bebedeira e jogo de dados.”

A última parte fez Michel gargalhar alto. Ele deixou os copos sobre a estante e segurou a barriga, chorando de tanto rir.

“Sério? Você acha isso mesmo? Quem você acha que inventou o

jogo dos dados?”

Eu franzi a testa. Percebendo minha desconfiança Michel desmanchou o sorriso e se aproximou de mim ainda mais, me encurralando contra o docel da cama. Cheguei a sentir o hálito de whisky vindo dos seus lábios.

Michel afinou os olhos pra mim, com o rosto avermelhado pela bebida.

“É natural que você coloque Alisson num pedestal. O irmãozão esportista famoso, todo sério e responsável. Mas adivinha também quem foi a primeira vítima daquele jogo idiota?”

Eu pisquei rápido, sem acreditar.

“Você?”

Michel deu outra gargalhada e com o susto eu escorreguei, caindo deitado na cama. Antes que eu me levantasse Michel já estava sobre mim, seu corpo atlético de surfista me prensando contra os lençóis de algodão e seda.

“Consegue imaginar? Um garoto de catorze anos recebendo do seu ídolo um tipo de atenção que ninguém mais recebia? Aliás, eu só pensava ser especial, é claro. Como eu disse, eu era meio trouxa.”

“Michel, sai de cima de mim.” Pedi. O rosto dele quase grudava ao meu, me forçando a virar a cabeça para não tocar nossos lábios.

“Tantos anos se passaram, e vejam só como o destino é louco. Você tirou os mesmos dados que eu. Mas eu não sou o vilão dessa história, Gabe. Eu deixei que escolhesse seu alvo e olha só que linda história de amor, isso ocasionou.”

“Você tá mentindo.” Rosnei, empurrando seu corpo sem conseguir movê-lo. “Não vou deixar inventar besteiras sobre o Alisson!”

Minha raiva pareceu satisfazer o Michel, porque ele saiu de cima por conta própria e levantou da cama. Ele alisou o cabelo para trás com um sorriso contente.

“Se não acredita, tudo bem. O grande Alisson nunca brincaria com um fã adolescente, nem o descartaria de uma hora para a outra, deixando que descobrisse o motivo ao receber um convite de casamento.” Michel deu de

ombros. “Ele não me procurou nem quando precisou de um ombro pra chorar, depois do divórcio.” Completou ele, com uma voz sussurrada.

Eu sentei na cama e ajeitei minha camiseta, bufando de raiva. Pensei que Michel me ajudaria, mas pelo visto só apareci para ouvir mentiras.

Michel pareceu surpreso quando o empurrei e avancei em direção à porta. O que ele esperava, que eu agradecesse por ele ser um completo inútil? Eu até fedia a whisky de novo, e Dylan pensaria besteira.

“O Alisson está prestes a perder o sonho da vida dele. Se você pode ajudar e não quer, então ele fez certo em te esquecer.”

Eu girei a maçaneta, e duas mãos bateram na porta, uma de cada lado da minha cabeça.

Com o susto eu dei meia volta e me vi prensado por Michel, que quase grudava seu peito ao meu. Me aterrorizei pensando que ele fosse me beijar, embora meu corpo parecesse não desaprovar a ideia. Michel era lindo, atlético e sedutor, mas prometi lealdade ao Dylan.

“Já disse que não sou o vilão.” Michel roçou o lábio no meu ouvido, me causando arrepios. “Não posso te conseguir um patrocínio, mas posso propor... uma troca.”

Pela forma que Michel beijou meu rosto, quase no canto do meu lábio, eu logo entendi que *troca* seria aquela. A forma como estremeci fez Michel sorrir.

“Pensa bem, Gabe. Dez mil dólares.” Ele aproximou os lábios dos meus. “Não sou o único que pode ajudar o Alisson.”

Eu apertei os olhos e ergui as mãos para empurrá-lo, quando um estrondo me fez gritar. Michel sumiu da minha frente, e houve uma confusão de copos quebrando, e coisas colidindo, e os janelões do terraço se esmigalhando.

Demorei a entender o que acontecia. Michel estava no chão, com alguém esmurrando a cara dele. O som de socos e gritos me aterrorizaram, e eu não consegui me mover.

Um cara de sunga... Dylan?

“Seu desgraçado!” Dylan desceu outro soco, com tanta velocidade

que o ar chiava. “O que ia fazer com o meu predestinado? Eu vou te matar!”

Vencendo o pavor, eu me joguei no Dylan e segurei seu braço. De onde ele veio? Como me achou? E... o que houve com os olhos dele? Era a luz, ou suas pupilas se afinaram como as de um gato?

Com o rosto ensanguentado, Michel tentou escapar, mas Dylan o agarrava como um urso abatendo a presa. Aquilo não era uma briga, era um massacre, nem nas lutas da televisão eu via algo tão feroz.

Dylan golpeou com a mão aberta, descendo um arranhão profundo no braço do Michel, e mordeu com força seu pescoço, fazendo Michel gritar em desespero, completamente indefeso. Os dentes do Dylan se enterraram como navalhas pontudas.

“Já chega, Dylan! Vai matar ele de verdade!” Eu gritei, mas Dylan estava fora de si, rugindo e atacando como uma besta selvagem.

Usando toda a minha força eu consegui conter os braços do Dylan para trás. Michel o chutou para longe e nós dois patinamos de costas e deslizamos nos cacos de vidro.

De repente deixei de sentir o chão atrás de mim. Agarrado ao Dylan eu caí, e nós dois mergulhamos na piscina do terraço.

A água gelada envolveu meu corpo, me forçando a nadar para cima. Puxei Dylan pela mão antes que se afogasse.

“Você é louco?” Eu gritei, assim que emergimos. Os olhos dele me fizeram estremecer. Definitivamente pareciam os de um gato, só que verdes e cintilando ódio.

“Ele pretendia macular nosso vínculo, e é como me agradece?” Dylan livrou a mão, e jogou para trás os cabelos molhados. “Como meu predestinado, você deveria...”

Dylan se interrompeu ao ver o temor e a palidez no meu rosto. Ele seguiu meu olhar aterrorizado, e avistou a própria cintura.

“Gabe, eu posso explicar.”

Eu cobri a boca, sentindo minhas lágrimas quentes se misturarem à água fria da piscina.

Não podia ser real.

Do quadril para baixo, as pernas de Dylan desapareceram. Em seu lugar uma longa cauda de escamas verdes e iridescentes balançava sob a água, refletindo o sol nas cores do arco-íris e despontando em uma larga barbatana, igual à cauda de um golfinho.

“O que é você?” Perguntei, querendo fugir e assustado demais para isso. Meus olhos procuraram por socorro.

Dentro da casa, Michel havia perdido a consciência e vertia sangue pela dentada no pescoço. Uma poça vermelha se formava ao seu redor.

“Eu... eu pressenti o seu medo e então... Não faz essa cara, Gabe. Eu contaria no momento certo.” Falou Dylan, com a voz tremendo e um profundo temor no olhar, que enfim retornou à aparência normal.

Eu mal conseguia respirar, com o olhar fixo naquela... coisa verde abaixo dele.

Para completar o meu horror, as coisas que nunca fizeram sentido começaram a se encaixar.

“Dylan... eu estou mesmo grávido do seu filho?”

“Nosso filho.” Dylan nem hesitou. “Gabe, pela milésima vez, você é o meu predes... Gabe?”

Com o ar travado na garganta, eu estremeci e minha visão escureceu. Dylan gritou meu nome, remando até mim com aquela coisa anormal, mas minha consciência se apagou completamente.



Capítulo 12

Assim que acordei reconheci o teto. Pedras negras e irregulares, que refletiam o ondular azulado de uma piscina.

Sentei num salto, reconhecendo o sofá cama do Dylan e as estantes de livros. A última vez que estive na ilha havia sido há meses atrás, na nossa primeira vez. Estar de volta fazia meu peito disparar. Suor escorria pelo meu corpo úmido.

“Dylan?” Eu circulei meu olhar pela caverna.

Nenhuma resposta. O único som eram as ondas e gaivotas lá fora.

Eu removi minha camisa molhada e espalmei os bolsos do calção. Meu celular ainda estava comigo e havia bateria, além de algumas mensagens do Alisson, perguntando por mim.

Com os dedos tremendo eu escrevi *socorro*, mas não consegui enviar. A lembrança do Michel ensanguentado no chão me fazia estremecer por completo, e me perguntar se o mesmo aconteceria comigo.

Michel... podia ser arriscado, mas eu precisava ligar pra ele. Eu tentei apertar as teclas apesar da tremedeira, mas enquanto eu digitava o número, o celular vibrou na minha mão. Ele mesmo estava me ligando.

“M-Michel?” Sussurrei, todo encolhido no sofá e de olho na porta. “Você tá bem?”

“Tô vivo. No hospital.” Michel deu um gemido de dor. “Me diz onde você tá, vou mandar a polícia.”

Quê? Polícia? Pensando bem, eu nem havia conseguido entender a situação. Por mais que Dylan tenha agido como um monstro e... talvez fosse literalmente um monstro, eu não queria tomar decisões precipitadas. Ele era o cara que me fez feliz por dois meses, afinal.

“Não envolve a polícia, por favor.” Eu apertei o celular nas mãos. “Não estou em perigo, eu acho. Ele só quis me defender de você.”

“...Você me odeia por antes?”

“Agora não é hora, Michel!” Eu ouvi o agitar da água lá fora, e desliguei o celular.

Dylan entrou na caverna molhado, apenas de sunga, e carregando uma bolsa com zíper, dessas à prova d'água. Qualquer outro dia a beleza de seus músculos úmidos teria fervido meu corpo, mas naquele momento eu apenas estremei. Duas escamas verdes pendiam ao lado da coxa do Dylan, resquícios de sua verdadeira forma.

Merda. No fundo eu queria acreditar que tudo havia sido um sonho. Dylan, o homem que me levou à cama tantas vezes era um tritão, um tritão violento que foi capaz de me enganar.

Sobre o que ele me enganou eu lutei para não pensar, ou desmaiaria de novo.

“Você vai me machucar?” Perguntei, apertando a barriga e sentindo o inchaço, o que me fez querer chorar. “Eu quero algumas explicações.”

Com uma expressão derrotada e triste, Dylan sentou ao meu lado. Ele me entregou a bolsa sem nem me olhar na cara. Eu me arrepiei com o que poderia haver ali. Era gelado.

Assim que abri o zíper eu arqueei uma sobrancelha. Havia um pote de sorvete, calda de chocolate e uma colher.

“Liguei pro seu irmão para avisar que passaríamos a noite juntos, e disse que você acordaria furioso comigo. Ele sugeriu isso.” Falou Dylan, com o olhar nos próprios joelhos. “Desculpa por ontem.”

“Ontem?” Eu avistei o céu matinal lá fora. “Dylan, *furioso* não define o que estou sentindo agora. Como pôde mentir pra mim sobre... sobre... tudo?”

“Gabe...” Dylan aproximou-se para me abraçar, mas a raiva nos meus olhos o fez reter-se. Ele suspirou, todo magoado. “O que quer saber?”

Eu abri o potão de sorvete e reguei com calda de chocolate. Senti que iria precisar.

“Não se faça de desentendido.” Eu meti uma colherada de sorvete na boca. “Esse maldito inchaço é um bebê, não é? Eu mereço saber como aconteceu.”

“Com todo o respeito, meu predestinado, mas o desentendido foi você. Tenho repetido desde o acasalamento que nós dois...”

Eu fuzilei Dylan com minha melhor cara de *não se atreva*. Ele engoliu seco e foi sentar na pontinha do sofá.

“Quando os tritões ouvem o chamado eles retornam ao continente em busca do par, do predestinado com quem irão proliferar a espécie.” Dylan falou bem devagar, como se eu fosse pular no pescoço dele, e talvez eu fosse mesmo. “É tipo as tartarugas marinhas, eu acho? Enfim, as sereias estão quase extintas, então o chamado de alguns conduz aos humanos, e foi o que aconteceu comigo.”

“Mas Dylan, eu sou um cara! Isso não deveria ser possível.” Eu apertei minha barriga, aterrorizado. “Digo, onde ele está crescendo? Como vai sair?”

“Eu vaguei na praia por vários dias, até meus instintos conduzirem àquele grupinho de humanos. Um tempo depois você apareceu, e percebi na hora que formaríamos um núcleo. Você também sentiu, não é? O chamado é sutil em espécies primitivas, mas pude notar a atração seus olhos.”

Eu murchei os lábios, percebendo que Dylan desviou da pergunta. Ainda assim, o que mais ardia em meu peito era a mais idiota das dúvidas. Talvez fosse o que menos importava, mas se eu não perguntasse eu iria chorar.

“Você mentiu, quando disse que me amava?” Eu apertei as mãos no pote de sorvete, tremendo.

Dylan arregalou os olhos como se eu falasse a maior das calúnias.

“Tritões são extremamente monogâmicos. Eu nunca mentiria sobre algo assim.” Dylan inclinou-se sobre mim, e tentou beijar meu rosto. “Eu serei todo seu para sempre, Gabe. Eu já disse e vou dizer de novo, eu te amo.”

Assustado, eu empurrei Dylan. Na verdade não empurrei, bati as mãos em seu peito e me afastei, o massacre do Michel latejando fresco na

minha mente. O pote de sorvete arrebentou-se no chão e eu me encolhi contra a parede de pedras negras, tremendo.

“Gabe...” Dylan fez aquela cara de quase-choro de novo, mas dessa vez eu não iria engolir. Quem merecia se desesperar era eu. Eu era o homem com um a porra de um monstro crescendo dentro de mim!

“Por quanto tempo ficarei assim?” Perguntei.

“A gestação é similar à humana. Nós acasalamos dois meses atrás, mais sete meses e você dará a luz ao nosso bebê.”

Um arrepio desceu minha espinha. Comecei a rir, saindo de mim.

“Sete meses. Vou ficar sete meses com essa coisa me rasgando por dentro.” Falei, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Dylan veio até mim, lento e temeroso. “Não fala assim, Gabe, é o nosso filho. A combinação das nossas almas.”

Dessa vez a raiva me venceu. Antes que Dylan tocasse em mim eu estourei a mão em seu rosto.

Por um segundo pensei que eu teria o fim do Michel, mas Dylan manteve-se onde caiu. Pelo tremor em seus ombros ele soluçava baixinho.

Mesmo vendo a surpresa e a dor em seus olhos enquanto tocava o vermelhão, me contive para não bater de novo ou não conseguiria parar. Aquele desgraçado sabia que iria me engravidar, e foi adiante sem nenhum aviso. Quem faria uma coisa dessas? E com alguém que supostamente *ama*?

“Não se atreva a me tocar.” Rosnei, como se minha voz não fosse realmente minha. “Suma da minha vida, nunca mais quero te ver!”

Os olhos de Dylan se encheram de lágrimas, o que só aumentou minha raiva. Eu ericei meus dentes e empurrei Dylan para longe de mim, retornando ao sofá.

“Eu ainda preciso te levar de volta.” Falou ele, recuando à porta como se não me reconhecesse. A dor em seu rosto começava a queimar meu peito, mas me mantive forte. Aquele maldito me usou desde o começo, e isso eu nunca iria perdoar.

“Eu mesmo ligo para o resgate.” Vociferei, apertando meus punhos até esbranquiçarem enquanto Dylan se afastava, com o rosto lavado em

lágrimas.

“G-Gabe...” Ele soluçou.

Por um momento eu hesitei, querendo correr para abraçá-lo. Mas eu não podia ceder. Dylan era um monstro que quase matou Michel, e me enganou desde o primeiro dia. Ele nem sequer era humano.

“Achou mesmo que eu aceitaria uma coisa dessas?” Gritei. “Na minha frente você se fez de normal, mas não passa de uma aberração!”

Ouvir a última palavra sair dos meus lábios fez meu sangue gelar. Eu cobri minha boca, aterrorizado comigo mesmo. Estava repetindo as palavras do meu pai.

Antes que eu conseguisse pedir desculpas, Dylan estremeceu como se fosse desabar, mas ele apenas ergueu o rosto úmido para mim, fazendo-se de corajoso.

“Adeus, Gabe.”

Emudecido, eu assisti Dylan dar-me as costas e deixar a caverna. O que eu estava fazendo? Eu movi os lábios, tentando gritar por perdão, mas a voz não saiu. O medo e o nervosismo tomaram conta de mim, eu sequer conseguia mover as pernas.

“D... Dylan...” Sussurrei, sentindo o calor amargo das minhas lágrimas. Mas a única resposta que ouvi foi o estourar da água lá fora.

Enfim criei forças de correr para a entrada da caverna. Olhei ao redor mas não havia nada além do oceano azul.

Ao longe, por um breve segundo, avistei uma cauda verde espirrando água para o céu, como uma cascata de cristal. E então a cauda mergulhou e eu me vi solitário, acompanhado apenas do som das ondas e do vento forte do alto-mar.

Eu contemplei o horizonte infinito adiante, depois olhei para baixo, massageando a leve saliência na minha barriga. Meus dedos estremeeceram.

Sozinho. Dylan realmente me deixou sozinho, com aquela coisa crescendo de mim. Eu cravei as unhas no ventre, deslizando arranhões e fazendo sangrar.

Dominado pelo pânico, eu caí de joelhos e gritei, derramando

lágrimas de desespero.

O que seria de mim, dali em diante?



Interlúdio 01

O aroma de gerânios me despertou. A porta do armário dela estava aberta.

Eu me levantei, sonolento e aborrecido, e fechei o armário novamente. Não consegui evitar sentir o maldito perfume, ainda impregnado nas roupas que Simone nunca levou embora. O cheiro fez a saudade e a raiva queimarem no meu peito. Como raios a porta do armário foi se abrir sozinha?

Eu respirei fundo, e decidi não me abalar com isso. O campeonato infantil de Orla das Sereias aconteceria naquela tarde, e fui convidado a fazer o discurso de abertura, além de abrir as apresentações com algumas manobras.

Nunca imaginei que me tornaria tão famoso, a ponto da minha presença decidir ou não o sucesso de um campeonato local.

Exibir meus truques para algumas crianças não me preocupava, claro. O problema seria deixar Gabe sozinho durante toda a tarde. Na semana anterior ele pareceu ter sofrido um colapso nervoso, e desde então não saiu de casa nem para trabalhar.

Droga, a preocupação estava acabando comigo, e eu sequer sabia o problema! Aflito, eu vesti um conjunto casual de bermuda e regata e fui até o quarto do Gabe. A porta continuava trancada, então eu bati.

“Gabe, já está acordado?” Perguntei, avistando o céu cor-de-rosa pela janela do corredor. Talvez fossem umas seis da manhã. “Gabe?”

“Quero ficar sozinho.” Ele disse.

Eu estalei a língua nos dentes. O que a mamãe faria, numa hora dessas?

“Vou fazer panquecas de café da manhã. Você prefere com mel ou

manteiga?”

Gabe nem respondeu. Eu continuei olhando para a porta fechada e coçei atrás do pescoço, pensativo.

“Que tal calda de chocolate, aquela do sorvete?” Insisti. “Deve ficar uma delícia com panqueca, não acha?”

Gabe continuou quieto, então eu apenas suspirei e desci as escadas. Quando descia o segundo degrau, enfim ouvi a voz dele.

“Calda de chocolate parece bom.” Falou Gabe, e eu ouvi a porta destrancar.

Me assustei com a aparência do Gabe. A cada dia ele parecia mais com um zumbi, emagrecendo nos braços e com olheiras cada vez maiores. Contribuindo para o olhar sombrio ele vestia roupas grandes demais para ele, aquela camiseta preta parecia um vestido.

Eu forcei um sorriso.

“Panqueca com calda de chocolate, vai ser!”

Eu espalhei a massa na frigideira, assistindo a primeira panqueca dourar sobre as chamas. Gabe adorava assistir eu jogar as panquecas para o alto, pois eu nunca errava a mira. Mas daquela vez ele apenas deitou a cabeça na mesa de jantar e se fingiu de morto.

Bem, pelo menos ele aceitou comer. Eu fiz uma grande pilha de panquecas e levei à mesa, com pratos para nós dois. O cheirinho gostoso de panqueca fresca tornou-se ainda melhor quando espremi a calda de sorvete em cima, inundando o ar num aroma adocicado.

“Que tal, não ficou lindo?” Perguntei, apontando para a nossa refeição como se fosse uma obra de arte.

Gabe ergueu a cabeça da mesa e me deu um sorriso quieto. Ele pescou as panquecas de cima com o garfo e comeu devagar, sem o menor ânimo.

“Tá gostoso. De verdade.” Falou ele, num tom meio mórbido. Mas qualquer palavra vinda do Gabe me aliviava profundamente. Eu já não sabia o que fazer.

“E então... já quer me contar o que aconteceu?” Perguntei, com todo

o cuidado. “Não precisa contar, se não quiser.”

Gabe olhou pra mim por um segundo, e voltou a comer seu café da manhã.

“O senhor Jones tá muito bravo comigo?” Ele perguntou.

“O Jonnie?” Eu franzi a testa. “Não, claro que não. Já falei com ele, você pode voltar quando estiver melhor.”

“E se eu não melhorar? E se eu precisar me esconder? Ninguém vai me entender, Alis. Vão pensar que eu sou um monstro.” Gabe esfregou as mãos nos olhos molhados.

“Gabe, qual é o problema? É o pai? O grupinho do luau fez alguma maldade?” Eu suspirei fundo, precisava perguntar. “...É sobre o Dylan?”

Gabe contraiu os ombros sutilmente, mas eu percebi e abri um sorrisinho encabulado. Já suspeitava, depois que aquele cara apareceu pedindo conselhos.

“Escuta, Gabe. Na sua idade eu tive muitas namoradas, e aventuras, e coisas assim. Orla das Sereias é repleta de garotas lindas e... uh.. caras bem interessantes, eu acho. Você vai encontrar outros homens muito legais.”

Gabe socou a mesa e recolheu minha louça e a dele, com gestos rudes.

“Vou lavar os pratos. Você não tem um campeonato para abrir?”

Eu esfreguei meu cabelo, frustrado.

“Você vai ficar bem, sozinho? Tem certeza que não quer vir junto?”

“Não preciso de babá.” Respondeu ele, com o tom de voz de quem queria me matar.

Gabe não parecia disposto a falar mais nada, então fui preparar minha prancha para a apresentação de abertura. Talvez de noite ele quisesse conversar mais.

O céu sem nuvens e o vento forte tornavam o dia perfeito para o

surfe. Como o objetivo não era pontuar eu trouxe minha funboard, uma prancha menor e estampada com flores coloridas. Como surfista profissional eu me especializei em pranchas grandes, mas uma pranchinha rápida permitiria umas manobras loucas, para enlouquecer a criançada.

Sob o olhar de centenas de pessoas gritando o meu nome, eu subi o zíper do meu traje de neoprene até o pescoço e deitei na prancha. Eu nadei até a rebentação das ondas, que naquela tarde formava tubos cristalinos de espuma branca e água cor-de-esmeralda.

A primeira onda chegou e eu saltei sobre a prancha, deixando que a corrente d'água fizesse seu trabalho. Mesmo distante da praia, eu podia ouvir o grito das crianças. Eu empinei a prancha e escalei a onda, surfando a crista. Eu adorava aquela sensação. No topo das ondas eu me sentia também no topo do mundo, como se nada pudesse me alcançar ou me atingir.

Eu acenei para a platéia, que agitava bandeirinhas com o meu nome. O melhor daquelas apresentações era não me preocupar com pontos ou ranking, então eu dancei na prancha, estendi meus braços pro alto, e até surfei de costas. A prancha agia como uma extensão do meu corpo, e as ondas violentas como uma fera que já havia domado há muito tempo.

Outra onda se aproximou. Pela formação de espuma seria uma tubular. Eu inclinei o corpo ganhando velocidade máxima e troquei de onda. A cortina de esmeralda me envolveu, e eu deslizei ao longo do túnel de água, rindo como se o peso do mundo escorresse das minhas costas.

Naquele momento, com a cortina translúcida entre eu e o céu azul, eu me senti livre de verdade.

Quando voltei à praia, mal segurei a prancha sob o braço e dezenas de crianças vieram me abraçar. Algumas trouxeram suas pranchinhas e canetões à prova d'água, para os autógrafos.

“Tio Alisson, você é como uma sereia.” Falou uma menininha com olhos brilhantes e um sorriso imenso. Ela seria uma das competidoras da tarde.

“Sou mesmo?” Eu ri, enquanto chegávamos de volta à areia seca. “Nesse caso, eu não seria um tritão?”

“Um tritão, é, como aqueles da lenda.” Falou um menino de três

anos, que vestia uma camiseta com estampa de pranchas e a minha assinatura.

“Não fala besteira, Tiago.” Outra menina empurrou o menininho. “As sereias morreram todas, e o tio Alisson tá aqui, olha.”

“Besta é tu, porque as sereias nem existem.” O menino devolveu.

“Existem sim!”

As crianças começaram a se estapear. Eu dei risada e puxei uma para cada lado.

“Ei, ei. Surfistas de verdade não brigam. Surfe é um esporte de união e amizade, não esqueçam disso.” Falei, e as crianças me ouviram como se eu fosse uma mistura de profeta e super-herói.

“Vai nos assistir competir, tio Alisson?” Perguntou a menininha, abraçada à prancha cor-de-rosa.

Eu olhei adiante, e avistei um senhor calvo e sorridente se aproximar, num traje social demais para a praia. O prefeito da cidade.

Voltei minha atenção às crianças, rapidamente.

“Desculpem, lindinhos. Mas vou torcer que peguem as melhores ondas.” Eu falei, e aguardei o prefeito enquanto as crianças corriam para a tenda do campeonato.

O prefeito deu um tapinha no meu ombro molhado, com um sorriso satisfeito.

“Obrigado por ter feito isso. Nunca vi esses pequenos tão empolgados em surfar.”

“Não precisa agradecer, Peter.” Eu sorri, assistindo as crianças brincarem com suas pranchas e treinarem movimentos na areia. “Eu gostaria de ter começado tão cedo.”

“Vou agradecer, mesmo assim. Sei o quanto é difícil para você.”

Meu coração apertou dolorido. Eu baixei o rosto.

“Não é difícil, eu só...” Soltei um suspiro triste. “Ele teria a idade deles, hoje. Talvez até estivesse aqui, em sua primeira competição.”

Peter passou o braço pelo meu ombro, observando o início da competição. Ele sempre foi um grande amigo, desde os tempos dos luaus de domingo. Naquela época todos nós queríamos ser surfistas profissionais, claro, mas fui um dos poucos a conseguir. Peter foi quem mais surpreendeu, seguindo carreira política e tornando Orla das Sereias uma referência nacional do surfe.

“Nunca vou entender por que a Simone fez o que fez. Ela nunca me pareceu capaz disso.” Falou Peter, mas ele logo mudou de postura ao ver a tristeza no meu rosto. “Bem, hoje é um dia de celebração do surfe, então vamos nos animar. Afinal, nossa celebridade vai para o Havaí.”

Eu ri, e balancei o rosto em descrença. Se Peter queria me animar, estava falhando totalmente.

“Não vai acontecer. Meus patrocínios não cobrem a viagem nem a inscrição.” Falei, com um sorriso descontraído.

Enfim o Peter pareceu ter saído de um velório. Ele abriu a boca como se eu contasse sobre um desastre aéreo.

“Mas Alis, e o seu sonho de...”

“Haverão outras oportunidades.” Eu dei de ombros e observei as crianças surfando nas mini-ondas próximas da areia. “Olha pra isso, Peter. Aqui eu tenho fãs, e as crianças me amam, e todos na cidade me tratam bem. Até aceitaram o Gabe, e vocês não sabem o quanto isso foi importante. Lá no Havaí eu não seria nada.”

Devo ter disfarçado mal, porque o Peter me olhou com pena.

“Se houvesse alguma verba na prefeitura, eu faria o possível. Mas a cidade é tão pequena, nesta época não há dinheiro para quase nada.”

“Obrigado Peter, mas já desencanei. Dez mil dólares não vão simplesmente aparecer na minha mão.” Falei, já me retirando.

“Não vai participar do coquetel de encerramento?” Perguntou Peter.

Eu acenei, me afastando da praia. “Adoraria, mas preciso ir pra casa.”

Assim que me afastei de todos eu apressei o passo, e quando vi estava correndo. Meu peito doía, e o cheiro de gerânio parecia grudar em

mim e me perseguir, como se Simone estivesse logo atrás de mim. O demônio que foi capaz de matar o meu filho. Eu nunca a perdoaria, enquanto eu vivesse.

O que ela arrancou de mim eu nunca seria capaz de obter novamente.



Interlúdio 02

“Gabe, eu voltei.” Falei, encostando a prancha na porta de entrada.

Gabe me ignorou, como de costume. Eu precisava manter a paciência, mas o evento infantil realmente havia me desgastado. Aborrecido, eu me liberei do macacão de neoprene e subi as escadas em direção ao banheiro, vestindo apenas minha sunga de natação. Precisava lavar a areia do corpo e dormir pelo resto da tarde.

Quando passei em frente ao meu quarto percebi a porta encostada, o que era estranho. Eu sempre fechava ao sair.

Afinando os olhos em desconfiança, eu empurrei a porta, e o cenário adiante fez meu coração parar.

Eu cobri meu nariz, horrorizado como se vivesse um pesadelo. O armário da Simone estava escancarado. Todas as portas e gavetas abertas ao máximo, e as roupas femininas cobrindo o chão e a cama. Blusas, calças, casacos... até as bolsas foram abertas e arremessadas pelos cantos.

O cheiro de gerânio invadiu meus pulmões como veneno. Não podia ser. Depois do divórcio tive certeza que nunca mais sentiria aquele cheiro, ou veria aquelas coisas... tantas roupas que me traziam memórias.

Antes que eu tivesse um ataque, eu corri do quarto e bati a porta. Meu peito disparava e eu puxava ar como se prestes a me afogar. Suor descia do meu rosto.

Assim que me recuperei um pouco, o pânico deu lugar à raiva. Eu bati na porta do Gabe.

“Gabe, você mexeu no meu quarto?”

“Sai daqui.” Ele respondeu.

Eu rosnei de raiva, e forcei a maçaneta.

“Gabriel Dolinsky, não me faça quebrar essa porta!” Eu gritei. “Me deixa entrar agora mesmo!”

Gabe destrancou a porta, mas não abriu. Bufando de raiva eu entrei no quarto, e a cena que encontrei me deixou sem reação.

Agarrado ao celular, Gabe encolheu-se contra a cabeceira da cama, acuado como um coelho indefeso, chorando em desespero completo. Vê-lo assim fez sumir minha raiva, e eu senti arrepios ao ver o rio de lágrimas em seu rosto. Nem quando Gabe chegou na cidade, todo machucado e roxo, eu vi ele em tamanho sofrimento.

“Gabe...” Eu corri até ele e o abracei. Ele tremia, soluçando alto e pingando lágrimas no celular. “Gabe, me diz o que tá acontecendo. Eu vou te ajudar, vai ficar tudo bem.”

“Eu não tive coragem.” Falou ele, chorando tanto que mal consegui entendê-lo. “Eu liguei e não consegui falar. Não vou conseguir, eu não saberia viver com isso.”

“Não saberia viver com o quê?” Eu agitei os ombros do Gabe, tentando fazê-lo reagir. “Gabe, me fala!”

Gabe ergueu os olhos inchados para mim, suas íris azuis cintilando em lágrimas desesperadas. Pude ver que Gabe tentava me contar, mas sempre que abria a boca começava a chorar de novo.

Eu baixei o rosto, e só então percebi o papel picado em cima da cama. Pelo tamanho era um cartão de visitas, recém rasgado em vários pedaços.

Com o coração saltando, eu juntei os fragmentos e consegui ler o nome. Clínica de Controle Última Luz.

Eu arregalei os olhos, lembrando bem demais daquele maldito lugar. A clínica onde a Simone realizou o aborto.

“Gabe... por que você tem isso?” Comecei a tremer, sobrecarregado por todo tipo de sentimento. “Por isso vasculhou o meu quarto?”

Gabe encolheu-se como uma bola, escondendo o rosto nos joelhos. Ele concordou com a cabeça.

Eu... eu não sabia nem por onde começar.

“Você engravidou uma menina, é isso? Mas você não é gay? Aliás, olha, vamos ver isso com calma, tá bem?” Falei, tão confuso quanto jamais estive.

“Prefiro inchar até explodir, e morrer com ele. Alisson o que eu faço?” Perguntou Gabe.

Eu olhei do cartão picado para Gabe diversas vezes, tentando entender qualquer coisa.

“Olha, Gabe, porque não me apresenta essa menina, que você engravidou? Os caras hétero tem curiosidade com outros caras, então tudo bem você ser curioso com meninas, né? Deu errado, mas não é o fim do mundo. Nós vamos pensar em...”

“Não tem menina nenhuma!” Gabe levantou da cama aos gritos. “Pára de agir como se fosse me ajudar, porque você não pode. Ninguém pode. O único cara que podia eu expulsei da minha vida, e adivinha? Ele desapareceu, porque eu fui um imbecil!”

Eu ergui as mãos, enquanto Gabe dava voltas histéricas pelo quarto.

“Gabe, se acalma.” Falei, verificando discretamente se meu celular estava no bolso. Pelo visto eu precisaria chamar algum médico.

“Eu tô calmo!” Gabe berrou, abrindo a porta do quarto. “Tô bem calmo, considerando que meus hormônios viraram do avesso e que eu tô sempre vomitando, mas quer saber? Foda-se a porra do remédio pra enjoô!”

Assim que disse isso, Gabe esverdeou e segurou a boca, se torcendo para a frente. Ele saiu correndo e bateu a porta do banheiro.

Eu suspirei, ouvindo Gabe vomitar trancado lá dentro. Meus olhos voltaram-se ao papel picado sobre a cama. Num gesto raivoso eu agarrei todos e atirei pela janela, querendo gritar de raiva. Aquela desgraçada. Três anos depois e os rastros dela ainda me causavam tragédia.

Ainda assim, as palavras do Gabe não faziam sentido. Certamente havia algo errado, mas se ele não engravidou ninguém, por que revirou meu quarto procurando o telefone da clínica? Estaria tentando ajudar alguma amiga? Não me parecia o tipo de coisa que Gabe faria.

E então me dei conta da última frase. Eu prestei atenção nos sons

vindos do banheiro, me certificando que Gabe ainda estava lá, e meu foco se voltou para a mesinha ao lado da cama. Talvez tudo bem, eu também vasculhar as coisas dele...

Eu abri a gaveta e encontrei vários tubos de lubrificante, todos quase vazios. Sem querer pensar muito nisso, eu escavei os frascos escorregadios e encontrei algo diferente no fundo. Uma caixa de remédio retangular, com uma tarja preta.

“Mekolinol 300mg...” Eu virei o conteúdo nas mãos. Duas cartelas de comprimido já pela metade, e a bula.

Desconfiado por nunca ouvir falar daquela coisa, eu abri a bula. Assim que comecei a ler, eu ouvi a porta do banheiro abrindo e guardei tudo no bolso rapidamente.

Gabe voltou ao quarto, como um condenado caminhando para a forca. Ele sentou-se na cama ao meu lado e escondeu o rosto nas mãos.

“Me desculpa por antes.” Falou ele, dando a impressão de ter se acalmado, mas logo o choro recomeçou.

Eu afaguei atrás do pescoço dele.

“Tenta se acalmar, tudo bem? Vou dar uma saída.” Falei, levantando para deixar o quarto.

“Ei, Alisson.” Gabe me chamou.

“O quê?”

“Você... você vai me expulsar daqui?” Perguntou ele, com a voz tremida.

Eu voltei até ele, e o abracei com força. Gabe tentou se soltar mas eu apertei, e beijei sua testa, antes de me afastar para olhá-lo nos olhos com toda a minha seriedade.

“Nós somos uma família, Gabe. Não importa o que aconteça, eu nunca, nunca vou te mandar embora. Você é o meu irmãozinho. Seja lá a confusão em que se meteu, nós vamos encarar de peito erguido.”

Para a minha surpresa, Gabe esboçou um quase-sorriso e enxugou as lágrimas.

“Não importa o tamanho da confusão?” Perguntou ele.

“Claro que não importa. Mesmo que não queira ou não possa me contar, seu lugar nessa casa continua garantido.”

Gabe me abraçou, escondendo o rosto no meu peito.

“Obrigado, Alis.” Ele disse.

Eu afaguei os cabelos macios do Gabe, castanhos como os meus embora fossem mais curtos. Ele me lembrava demais eu mesmo, na adolescência. Por termos quinze anos de diferença de idade, nós nunca fomos próximos. Nunca acompanhei ele crescer, e infelizmente só descobri que ele era gay quando meu pai ligou para contar o que fez. Eu rezei que Gabe ficasse bem até que ele, por milagre, apareceu na porta da minha casa.

Eu nunca mais o decepcionaria.

“Agora preciso ir, de verdade.” Eu beijei os cabelos do Gabe, aliviado em perceber que ele não tremia mais. “Durma um pouco, está bem? Não quero que adoça, chorando tanto assim.”

“Tudo bem.” Gabe sorria de verdade agora, embora fosse um sorriso quieto e triste. Ele deitou na cama e se abraçou nos travesseiros. Não parecia exatamente ótimo, mas se acalmou o bastante para que eu saísse sem me preocupar.

Eu precisava descobrir qual era a desse remédio.

Eu joguei a caixinha no balcão da loja e Jonnie a pegou nas mãos, franzindo a testa em confusão.

“Mekolinol?” Perguntou ele. “Rapaaaz, nunca ouvi falar nessa parada.”

“É um remédio contra enjôo na gravidez, li a bula várias vezes.” Eu bufei, ainda incrédulo que o problema do Gabe fosse algo tão estúpido. “Tem uma porrada de hormônios nessa coisa. Causa efeitos alucinógenos quando usado fora da gestação.”

“É?” Jonnie deixou o milho-na-manteiga de lado e verificou a cartela

de comprimidos. “Rapaaaz, é isso que os jovens tão usando, hoje em dia?”

“Você me responda isso, Jonnie.” Eu me debrucei no balcão. “Sabe quem pode ter vendido isso ao Gabe?”

Jonnie coçou o queixo, pensativo. Para um cara tão vida mansa, ele envelhecia rápido demais. Calvo, de barba grisalha e um barrigão de bacon, ele nem parecia o modelo de roupas de banho que um dia foi.

Eu me perguntava se em quinze anos também me tornaria um vendedor boêmio e meio careca. Certamente não seguiria como surfista profissional por muito mais tempo.

“Desculpa, Alis. Não consigo pensar em ninguém.” Falou Jonnie. “Tem os caras do luau de domingo, mas lá só rola uma ervinha, cervejas. Os caras são limpos, tu sabe disso.”

“Claro que sei, ou não deixaria Gabe andar com eles.” Eu cruzei os braços, vasculhando todos os nomes na minha cabeça.

“Pela tarja preta, é um medicamento controlado.” Jonnie verificou a embalagem de novo. “Quem conseguiu isso é médico, ou conhece algum médico.”

“Ou... ou estude medicina, talvez?” Eu arregalei os olhos. Seria possível?

“Rapaaaaz, agora tu me pegou. Só conversa com o Gabe, Alis. O menino passou coisa demais, mas é bonzinho que só ele. Numa conversa tu resolve esse problema aqui.”

“Eu sei. Obrigado pela paciência.” Eu soltei um suspiro frustrado, e tirei o talão de cheque do bolso.

“O que vai fazer?” Perguntou o Jonnie, se surpreendendo quando peguei a caneta do balcão da loja.

“Vou pagar o tempo que o Gabe não tem vindo. Eu entendo que é difícil pra ele, mas espero que ele crie responsabilidade logo. Isso aqui é o emprego dele, afinal.”

Assim que entreguei o cheque, Jonnie rasgou ao meio sem sequer verificar o valor.

“E se preencher outro cheque, vou enfiá-lo na sua bunda, rapaz.”

Jonnie jogou o cheque rasgado na minha cara de espanto. “Olha pra essa loja. Você é meu último cliente regular, não tô exatamente enlouquecido por ajuda. Além do mais o Gabe é parceirinho, um amor de garoto. Tem que ter o tempo dele.”

Eu guardei o talão de cheques. Quando Jonnie dizia alguma coisa, ninguém nunca mudava sua opinião.

“Tu é legal demais, Jonnie. Isso não é um elogio. O Gabe precisa de uns puxões de orelha, fiquei sabendo que ele saía mais cedo pra farrear com o namorado.”

Jonnie abriu um sorrisão com o canto do lábio.

“Ele me lembra alguém.” Disse ele.

Eu avermelhei.

“S-somos completamente diferentes.”

“É, tem razão. Pelo menos o Gabe sempre fugia com a mesma pessoa.” Jonnie riu do meu constrangimento crescente. “Deixa o menino ser jovem, Alis. Tu tem trinta e poucos e já fala que nem velho. É praia. Tem sol, e ondas, e gente bonita de roupa pequena. Não tira isso do menino Gabe.”

Eu murchei os lábios, e retirei todos os comprimidos das cartelas. Eu não parecia velho, só estava preocupado com o meu irmãozinho ingênuo. Isso não me parecia nenhum absurdo.

“É melhor eu ir, preciso ver como está o Gabe.” Falei, deixando a loja.

“Vê se visita mais, grande Alis.” Jonnie deu outra abocanhada em seu milho. “Ah, e boa sorte com a inscrição do campeonato havaiano.”

Eu agradeci e deixei a loja. Não haveria campeonato, mas eu parecia ser o único a aceitar isso. Quem precisava conhecer as melhores ondas do mundo, e surfar ao lado das celebridades mundiais? Quem precisava daquele modesto prêmio de dois milhões de dólares? Eu era um surfista em fim de carreira, com um irmão mais novo pra cuidar. Precisava é pensar no que fazer da vida, quando meus joelhos não permitissem as mesmas manobras e minha aparência física deixasse de atrair as emissoras de TV.

Afinando os lábios numa expressão determinada, eu parei à beira do

mar e olhei uma última vez para os comprimidos na minha mão. Eu arremessei as porcarias na água azul e assisti derreterem.

Estava na hora de me tornar um adulto responsável. Gabe era minha segunda chance em ter uma família, e com ele eu não iria falhar.



Interlúdio 03

Por ser uma cidade turística, Orla das Sereias era uma cidade de calçadas amplas e bem iluminadas, com jardins agradáveis e barzinhos com cadeiras ao ar livre. A cidade era relativamente nova, e por esse motivo haviam pouco mais de dez mil habitantes nativos. Como junho era baixa temporada, as ruas estavam desertas mesmo com o sol ainda no horizonte. Eu conhecia quase todo mundo, e cumprimentei vários amigos no caminho para casa.

Orla das Sereias não era apenas o paraíso dos surfistas, mas de qualquer um que quisesse diversão, paz de espírito e a chance de começar de novo. Como só os mais exibidos andavam de carro, a cidade tinha aquele clima de século passado, sem com isso parecer antiquada.

A tranquilidade da minha caminhada foi interrompida pelo roncar alto de um carro. Eu reconheci o motor, e me virei a contragosto. De fato era o Michel, ostentando seu novo Porsche prateado. Ele desceu do carro excessivamente bem vestido, com uma blusa de manga longa e um largo cachecol no pescoço.

Pensei que ele tivesse me avistado e quisesse se exhibir, mas Michel simplesmente entrou na padaria como se não quisesse nada. Com certeza logo viria me incomodar, mas o azar era dele. Se foi ele quem forneceu drogas ao Gabe, eu não deixaria barato.

Esperei na calçada que Michel deixasse seu esconderijo, mas ele não veio correndo até mim, com alguma desculpa boba para passarmos tempo juntos. Estranho, será que ele realmente não havia me visto?

Bufando de raiva, eu marchei com a minha prancha sob o braço em direção à maldita padaria. Encontrei Michel na saída e o agarrei pelo braço.

“Michel, o que tá fazendo aqui?” Rosnei, irritado.

Ele arregalou os olhos pra mim em surpresa completa, e ergueu a sacolinha de papel pardo.

“Estou comprando pão?” Falou ele, como se eu fosse um retardado.

“Do lado da minha casa?” Eu soltei o braço dele, ignorando o vermelhão que meu gesto causou em seu rosto.

“A Catrine só come pão de chia. Esse é o único lugar que vende.” Michel apontou para o Porsche, onde uma garota peituda de cabelos rosa-chiclete acenou para mim, toda assanhada.

Eu cruzei os braços, detestando estar errado. Parecia mesmo que Michel não queria nada comigo. Mas foda-se, pois quem queria discutir era eu.

“Porque vendeu drogas ao Gabe?” Perguntei.

Michel abraçou o saco de pães, expandindo os olhos em confusão.

“Eu fiz o quê?”

Sem a menor vontade de jogar os joguinhos do Michel, eu entreguei a caixa de remédio a ele. Nunca na minha vida quis machucar Michel, mas se ele realmente causou mal ao Gabe, eu o partiria ao meio.

“Mekolinol? O Gabe tá tomando isso?” Ele perguntou, perplexo. “Homens não podem tomar esse medicamento.”

“Encontrei nas coisas dele. Essa porcaria causa alucinações se...”

“Em caso de utilização fora do período de gravidez, os efeitos adversos incluem alucinações, urticária, diarreia e sudorese, podendo ocorrer cefaléia e taquicardia em caso de superdosagem.”

Eu deixei o queixo cair. Michel recitou cada letra da bula, que ainda estava no meu bolso. Ele continuava me olhando como se eu fosse idiota.

Percebendo meu espanto, Michel revirou os olhos e me devolveu a caixa.

“Ninguém em seu juízo perfeito usaria Mekolinol para ficar doidão, Alisson. Pode ter certeza que o Gabe não tá tomando isso.”

Eu afinei os lábios, sentindo-me perdido novamente.

“Desculpa, eu só não sei o que fazer, o Gabe... espera, o que é isso no seu rosto?”

Michel tentou recuar mas eu toquei seu queixo e ele teve um espasmo, avermelhando intensamente quando aproximei meu rosto. O que era aquilo? Havia uma grossa camada de base para maquiagem, e sob ela uma marca escura. Eu esfreguei o polegar sob o olho do Michel, revelando um hematoma preto e arranhões profundos.

“Quem fez isso com você?” Rosnei, só então percebendo bandagens sob o cachecol. “Me fala, agora.”

Michel engasgou nas próprias palavras. Mesmo sob toda aquela base, seu rosto escurecia vários tons de vermelho. Eu afastei meu corpo, mas minha preocupação se manteve.

“Eu... eu fui ahm... um tubarão.” Ele abriu um sorriso nervoso. “Desci do iate no meio da noite, em alto mar. Quase não escapei.”

“Você é um idiota. Tome mais cuidado.” Falei, incrédulo. Um tubarão? Em Orla das Sereias?

“É, então, eu... eu tenho que ir, antes que o pão esfrie.” Michel afastou-se de mim, tropeçando nas próprias pernas. “Minha namorada tá nos vendo e... hahah, ela poderia pensar que tem algo entre a gente, já pensou?”

“Nos vemos por aí.” Eu torci os lábios.

“Ah, Alis, já que nos encontramos, eu...” Michel apertou a mão no cachecol, com o rosto baixo. “Se quiser ajuda alguma hora, posso parafinar a sua prancha. Lembra? Eu costumava fazer direitinho.”

Ai, tava demorando.

“Preciso encontrar o Gabe. Ele não tá legal.” Falei. “Você sabe o que pode estar errado?”

Michel deu uma risadinha tímida, ajeitando uma mecha para trás da orelha.

“Só sei que ele e o Dylan terminaram, e...” Michel desmanchou o sorrisinho, e me olhou com seriedade. “Se quer meu conselho, acho que o Gabe precisa de um irmão, não de um detetive.”

“Não preciso de conselho algum.”

“Claro que não.” Michel estalou a língua nos dentes, já entrando no Porsche. “Mudando de assunto, se precisar de qualquer coisa, de dinheiro, por exemplo, eu...”

“Não se atreva.” Rosnei. “Termina essa frase, e você vai me ver bravo de verdade.”

Michel me olhou de um jeito meio magoado, entrou no Porsche e desapareceu de volta à sua mansão exagerada.

Eu tremi meus punhos, fervendo de raiva. Não era apenas uma questão de orgulho. De todas as pessoas, Michel era o último a quem eu queria dever favores. Conhecendo ele, até um empréstimo o faria confundir as coisas, e eu sabia que a culpa era toda minha.

Eu não estragaria a cabeça do Michel mais do que já estraguei. Mesmo que isso significasse deixar de competir no Havaí.

Eu erguia a mão para bater na porta do Gabe, quando ouvi sons no meu quarto.

Novamente, o cenário me surpreendeu.

As roupas jogadas pelo chão e sobre a minha cama agora estavam organizadas em pilhas bem dobradas, calças de um lado e camisas do outro. De frente ao armário aberto, Gabe guardava peça por peça, com o capricho de uma camareira profissional.

“Desculpa, eu já vou terminar.” Disse ele, guardando as últimas roupas da Simone.

Eu assisti Gabe consertar a bagunça, sem encontrar palavras. O cheiro de gerânio queimava meus pulmões, claro, mas o que realmente doía era ter Gabe morando comigo, e ainda assim sentir-me mais distante que nunca do meu irmãozinho.

Poderia ser exagero meu? Gabe talvez estivesse com sérios problemas, mas eu invejava a força dele. Ele perdeu tudo o que tinha, e conseguiu reconstruir sua vida do zero, em tão pouco tempo. Quando eu seria

capaz de fazer o mesmo?

Quando eu conseguiria ser forte, como todos acreditavam que eu era?

“Deixa isso aí, Gabe.” Falei, abaixando-me ao lado da cama.

Gabe me assistiu todo quieto e encolhido, como se temesse alguma punição minha. Pelo suor em seu rosto ele gastou horas arrumando as coisas daquela diaba. Ele não merecia passar por isso. Por que raios eu ainda dormia ao lado daquelas tralhas, afinal?

Eu puxei minha mala debaixo da cama e abri o tampo, sentindo o coração acelerar mas abandonando qualquer hesitação.

“Joga tudo aí dentro.” Falei.

“Mas eu recém dobrei tudo, do jeito que estava antes.”

Eu mesmo levantei e agarrei aqueles tecidos amaldiçoados, jogando-os dentro da mala. A sensação foi mais emocionante do que eu imaginava, então eu joguei mais e mais roupas, até que o Gabe pareceu me compreender, e me ajudou a preencher a mala com todas as tranqueiras daquela desgraçada.

Quando esvaziamos o armário por completo, a mala transbordava. Gabe sentou no tampo da mala e com esforço nós conseguimos fechar o zíper.

“E agora?” Perguntou Gabe.

Eu passei o braço pelo ombro do Gabe, sentindo-me muito melhor do que esperava.

“E agora vista sua roupa de banho. Nós vamos para a praia.”

“Mas... mas tá de noite e eu... Tem certeza sobre isso?”

“Vejamos se ainda me lembro como acender uma fogueira.”

Quarta-feira, dez da noite. Naquele horário não haviam surfistas, e o movimento à beira mar era escasso. Havia apenas a brisa úmida e gostosa da maresia, caranguejos-da-areia retornando para suas tocas, e uma grande

fogueira tingindo a praia em um brilho cor-de-laranja.

Eu joguei mais gravetos no fogo, me certificando que não sobraria um fiapo de meia. Queria ver queimar cada última bolsa daquela que destruiu os meus sonhos.

“Sabe, Alis, acho que essa é a melhor fogueira que eu já vi.” Falou Gabe, sentado à beira do fogo. Havia um quase sorriso em seus lábios. Mesmo na praia ele vestia seu camisetão enorme.

Eu sentei ao lado do Gabe e abri duas cervejas. Ele recusou a dele, então eu mesmo bebi, assistindo o arder do fogo.

Quando Gabe buscou meu socorro eu o acolhi disposto a lhe dar uma vida melhor, mas nunca considerei que ele faria o mesmo por mim. Às vezes era preciso destruir nosso passado, para que sonhos novos pudessem surgir em seu lugar.

“Trouxe o que eu pedi?” Perguntei, apreciando o delicioso aroma de gerânio carbonizado.

Gabe me alcançou o estojo do violão. Eu o abri e ajeitei o instrumento no meu colo.

Com acordes improvisados toquei uma musiquinha animada, do tipo que eu tocava nos luaus de domingo. Escolhi *I Lava You*^[1], daquele filme infantil. Não sei porque, mas me pareceu apropriado.

“*Já faz um bom tempão, havia um vulcão...*” Comecei, e vi Gabe se encolher ao meu lado, abraçado nos joelhos e admirando o oceano com um olhar perdido. “Quer aprender a tocar, Gabe?”

Gabe fez que não e apertou a barriga, voltando ao modo depressão total.

Eu suspirei, sem me aborrecer, e comecei a guardar o violão. Melhor não forçar, foi um milagre o Gabe ter me acompanhado.

“Continua.” Falou ele.

Surpreso, eu peguei o violão de volta.

“*Já faz um bom tempão, havia um vulcão que vivia só na imensidão do mar...*”

Meus acordes tortos ecoaram pela praia deserta. Lá pelo fim da música Gabe parecia sussurrar a melodia, sempre observando as ondas distantes.

“...eu digo que meu sonho é ter, você junto à mim, eu junto à você...” Eu continuei a canção, com um sorriso nos lábios, como se a música e a fumaça da fogueira carregassem aos céus o peso no meu peito.

“Com alguém ao meu lado... feliz eu ficava...” Murmurou Gabe, para o meu espanto. Ele conhecia a letra? *“E nosso amor... cintilava...”*

Eu sorri, e nós seguimos cantando em dueto. O tom do Gabe foi perdendo a morbidez, e ao fim da música cantávamos com a mesma empolgação, competindo por quem desafinava menos.

*“Graças à terra, ao mar e ao céu azul,
I Lava you, I Lava you.”*

Quando encerrei os últimos acordes, eu e Gabe nos entreolhamos e começamos a rir. A fogueira havia se tornado uma pilha de brasas brilhantes, dissipando suas últimas faíscas.

“Pensei que eu seria o único famoso, mas temos um cantor na família.” Eu ri, acotovelando Gabe de brincadeira.

“Seu exagerado.” Gabe sorriu pra mim e olhou para o mar, dando um longo suspiro. “Alis... obrigado por ser o meu irmão.”

Senti um calor no peito que fez meus olhos marejarem.

“Obrigado por ser o meu irmão também.”

Na manhã seguinte, Gabe não estava no quarto.

Entrei em pânico, vasculhando seus lençóis e atrás da cama. Ele se mantinha trancado há dias, onde raios ele se meteu?

Meu sangue gelou. E se aconteceu alguma coisa?

“Gabe?”

Havia deixado meu celular na cozinha. Eu corri para o corredor e dei de cara com o Gabe, parado à porta do banheiro enquanto escovava os dentes.

“*O che ffoi?*” Perguntou ele, com a boca cheia de pasta.

Eu arregalei os olhos, espantado. Gabe vestia uma bermuda limpa, sandálias decentes e camiseta nova, embora fosse meio larga demais. Com o cabelo lavado e penteado para trás ele parecia uma nova pessoa.

“Você... você tá bem? Como acordou tão cedo?”

Gabe voltou ao banheiro e cuspiu a pasta, terminando de lavar a boca.

“Não é óbvio? Não quero me atrasar para o trabalho. Estou devendo umas mil horas extras pro senhor Jones.”

Eu assisti emudecido Gabe secar o rosto e passar desodorante.

“Ahm... seu trabalho, claro.” Falei, incrédulo.

Gabe deixou o banheiro e acenou para mim com um sorriso quieto nos lábios, enquanto descia as escadas.

“Desculpa não ficar para o café, mas te deixei algumas panquecas que eu fiz. Nos vemos de noite.”

Eu ouvi a porta de entrada abrir e fechar, e só então consegui sorrir, sentindo um alívio que há dias não sentia.

Talvez tudo fosse ficar bem, afinal.



Capítulo 13

Enquanto esperava abrirem o portão, meu olhar vagou para a praia, logo adiante.

Iluminadas pelo céu de cobre, as ondas erguiam-se aos céus e caíam em uma cascata de espuma, as mais bonitas sempre aproveitadas por algum surfista.

Logo baixei o rosto, sentindo torcer meu coração. Há duas semanas não ouvia falar de Dylan. Ele não tentou me ligar, não deixou mensagens e para piorar deletei o número dele quando brigamos. Ninguém sabia dele, era como se tivesse mesmo desaparecido.

Mas... talvez fosse melhor assim, né? Eu tinha todos os motivos para rejeitá-lo. Ele não merecia nem os meus pensamentos depois de ter me enganado. Dylan pensou mesmo que poderia me engravidar em segredo, e que ficaria tudo bem entre nós?

“Seja bem vindo, senhor Gabriel.” O mordomo enfim abriu os portões da mansão. “Patrão Michel está lhe aguardando, em seus aposentos.”

Eu cumprimentei o mordomo, atravessei o vasto jardim e subi as escadarias da mansão. Michel me aguardava por trás de uma pilha de livros, enquanto revisava matéria de alguma prova, cheio de concentração. No último luau ele bebeu e fumou tanto que meteu uma anêmona na cara e gritou imitando um monstro marinho. Michel parecia ser duas pessoas.

“Oi, Gabe. Que bom te ver. Você melhorou?” Perguntou ele, ajeitando o óculos no rosto. Ele se serviu de whisky e me ofereceu um copo de coca-cola.

Nós dois brindamos, eu tentando não parecer triste.

Era difícil olhar para as faixas no pescoço do Michel, sem lembrar daquela tarde.

“Como estão seus machucados?” Perguntei, sentando na cama e bebendo minha coca.

Michel encolheu os ombros, agarrando-se ao moletom grosso que vestia. Mesmo em agosto, não fazia tanto frio em Orla das Sereias. Eu também me vestia assim quando cheguei, para esconder os machucados da surra, então ver Michel na mesma situação me fazia tremer.

Na verdade eu também vestia roupas largas, mas por um motivo bem diferente.

“Sabe, no fundo acho até que mereci.” Michel esfregou as bandagens no pescoço, com um sorriso sem graça. “Passei um pouco dos meus limites.”

“Eu sei que você não me forçaria, mas obrigado por não denunciar o Dylan.” Falei, deixando o copo vazio sobre a estante.

“Não precisa agradecer.” Michel piscou pra mim. “Algum sinal dele?”

Fiz que não com a cabeça.

“Eu, hum.... posso trocar seus curativos, se quiser.” Falei.

Sempre perspicaz, Michel deu um sorrisinho travesso e deslizou a cadeira, parando na minha frente. “Você, querendo cuidar de mim? A fila anda mesmo, hein.”

Eu estremeci, olhando para o kit de farmácia sobre a cama. Michel que não confundisse as coisas. Faltavam apenas dois dias para o fim da inscrição do Alisson, e toda a confusão com Dylan não me fizes esquecer sua proposta.

Michel estava certo. Havia algo que eu podia fazer pelo meu irmão. Eu precisei esgotar todas as alternativas, até perceber que não havia outra opção. Senhor Jones estava à beira da falência e Alisson não estava nem tentando, portanto naquele momento eu conseguiria o dinheiro necessário.

Engolindo o medo e mantendo um olhar vagamente sedutor, eu subi o moletom do Michel. Ele não resistiu, e ergueu os braços para que eu o removesse totalmente.

Passados dez dias desde o ataque, os rasgos das unhas do Dylan se

tornaram apenas listras rosadas e os golpes e cotovelações, antes pretos, começavam a esmaecer em tons azuis e amarelos. Michel soube disfarçar bem, indo surfar com seu macacão de neoprene. Eu não imaginava a dor em nadar na água salgada com tantos ferimentos, mas após oito latas de cerveja Michel nem devia sentir as próprias pernas.

Mantendo a firmeza em meus gestos, eu acariciei o peito musculoso do Michel, evitando os hematomas. Seu torso era firme como o de Dylan, e também dourado de sol. Seus mamilos eram de um suave tom rosado e isso por algum motivo isso me fazia corar.

Com um sorriso distante, Michel tomou a minha mão e com ela tocou seu rosto, me fazendo acariciá-lo sob um hematoma em seu olho.

“Por que vocês são tão parecidos?” Ele sussurrou, fechando os olhos.

Eu afaguei seu rosto macio com um misto de afeto e pena, mas não conseguia me sentir confortável. Michel era lindo, sedutor, e meu melhor amigo. Então por que eu sentia que estava prestes a me prostituir?

“Tira também.” Michel pediu. Eu percebi seu olhar cintilando para mim, por trás dos óculos finos. Pela seriedade na voz, ele já havia entendido toda a situação.

Eu engoli seco. Com dez semanas de gestação eu já deixava de parecer inchado, e parecia um cara gordinho e largado. Michel certamente não suspeitaria da verdade, mas não queria ele rindo do meu corpo.

Fiz o que poderia fazer: Ao invés de remover a camiseta eu desci as calças, ficando apenas nas cuecas azuis e novas, que comprei para aquele dia.

Pela arfadinha excitada do Michel, ele não se importou nadinha com a troca. Ele até tocou meu joelho, todo hesitante, como se eu fosse impedi-lo.

Mesmo nervoso, deixei que me acariciasse, e ele logo subiu a mão pela minha coxa. Seu toque gentil me fez gemer suave. Eu podia sentir a expectativa em seu toque, como se ele realizasse um sonho de muitos anos.

Tentando relaxar, eu preparei um algodão com álcool e removi as bandagens no pescoço. Ali havia o único ferimento sério, um círculo de tracejados escuros, onde Michel precisou fazer pontos. Ele removeria a sutura em breve, mas a força da mandíbula do Dylan me estremecia. Dentes

humanos nunca seriam capazes disso.

Ainda afagando minha coxa, Michel se encolheu com o toque do álcool.

“Isso dói?” Perguntei, inclinando-me sobre ele para verificar o estrago.

“Um pouquinho.” Respondeu ele, meio que gemendo.

Eu fingi escorregar e apoiei a mão em sua perna, ainda terminando de limpar o machucado. Quando guardei o algodão molhado, nossos lábios já estavam tão próximos que eu sentia o calor da sua respiração.

Meu corpo enfim começou a reagir. Talvez não fosse ser tão difícil assim.

“Preciso te enfaixar de novo.” Sussurrei contra seus lábios.

Michel tocou os lados do meu rosto, acariciando com os polegares. “Não precisa.” Ele roçou a boca na minha.

Rendido pelos seus toques gentis, eu passei a língua por seus lábios. Eram macios, e quentes, mas isso parecia tão errado. Por que eu não conseguia relaxar? Algo dentro de mim gritava, me mandando sumir dali.

Ai, meu Deus. O Dylan realmente não iria aparecer?

Michel recebeu meu gesto como um sinal verde e me beijou, grudando os lábios nos meus e metendo a língua na minha boca. Eu afrouxei o corpo e deixei ele me deitar na cama, enquanto subia em mim. Seus gemidos ao me beijar me excitavam de verdade.

Eu sentia em cada gesto do Michel o quanto ele enlouquecia pelo meu corpo, e que homem gay não reagiria a isso?

“Como vamos fazer isso?” Arfei, deslizando as unhas por suas costas firmes.

“Como você quiser.” Michel deu um sorrisinho cheio de tesão e desceu as calças, ficando apenas com a cueca armada, roçando a ponta firme na minha própria excitação.

Eu gemi alto, sobrecarregado por seus carinhos. Eu precisava fazer isso pelo Alisson, mas começava a querer mesmo, e me sentia horrível por

isso. Cada toque do Michel me causava espasmos.

O tempo todo, lá no fundo, havia aquele desconforto que não ia embora.

Não! Eu precisava esquecer. Meu Dylan nunca voltaria.

“Que tal... sua boca?” Sugeriu, agarrando-me aos lençóis sob o meu corpo e espaçando bem os joelhos, até Michel encaixar-se confortavelmente entre eles.

Como se vivesse um conto de fadas, Michel percorreu os olhos pelo meu corpo e deu um beijo rápido nos meus lábios antes de descer, aproximando o rosto da minha virilha.

Eu olhei para o teto, e apertei as pálpebras ao sentir minha cueca começar a descer.

Logo eu iria fazer algo que... eu iria me arrepender? Mas por que eu me arrependeria?

“Aposto que é igual ao dele.” Michel deslizou um dedo pela minha ereção, por cima do tecido.

“Não!!” Como se eu tomasse um choque, eu recuei na cama até bater as costas na parede. Minha respiração tornou-se pesada e eu quis chorar. Dylan... Dylan, onde raios ele estava?

“Tá tudo bem?” Michel saltou para o canto oposto da cama, tão assustado quanto eu, mas pelo menos ele tinha motivos.

“Desculpa.” Eu cobri o rosto com as mãos, percebendo o quanto estava chorando. “F-foi uma ideia ruim, vamos pular essa parte.”

Michel bufou, e eu estremeci ao pensar que ele me expulsaria, depois de termos chegado tão longe. Já estava prestes a decepcionar o Dylan, não suportaria decepcionar o Alisson também.

Quando percebi a mudança de peso no colchão, arrisquei espia-lo com uma fresta dos olhos. Michel havia se levantado e foi até a estante ao lado da cama. Ele vasculhou a gaveta.

“O que está fazendo?” Me ajeitei na cama todo encolhido, subindo minha cueca de volta ao lugar.

“Só pegando uma camisinha.” Falou ele, com uma seriedade aborrecida na voz. “Se estamos nessa pelo dinheiro vou apenas te comer, e era isso.”

Eu murchei com a frieza das palavras dele. Agora sim eu me sentia um prostituto.

Percebendo o meu silêncio, Michel deu uma risadinha incrédula, olhando pra minha cara de assustado.

“Você não vai mesmo me mandar parar?” Perguntou ele. “Não pode querer tanto assim mandar seu irmão para aquele campeonato.”

“Eu quero sim.” Respondi de imediato. “E eu também quero isso, de certa forma. Você é meu melhor amigo, Michel. Posso ver o quanto isso te faria feliz... e eu preciso superar... você sabe...” Minha voz foi sumindo, enquanto meu rosto queimava de vergonha e de raiva de mim mesmo.

Michel arqueou uma sobrancelha como se eu fosse o idiota dos idiotas. Falei algo tão absurdo assim?

Mas ele não respondeu. Apenas voltou a investigar a gaveta e eu aguardei pacientemente. Em alguns minutos eu transaria com o primeiro cara depois do Dylan, e tudo estaria terminado de verdade.

“Qual sabor você prefere?” Michel continuou revirando a gaveta, puxando cartelinhas de diversas cores. “Tenho chocolate, morango, banana e cheque de dez mil dólares.”

Eu estremeci de medo a cada sabor, até o último me fazer franzir a testa.

“Cheque?” Perguntei.

Michel riu, e puxou um envelope de papel branco do monte de camisinhas. “Meu sabor favorito.” Brincou ele, me alcançando o envelope.

Minha confusão era tanta que apenas olhei do envelope para ele repetidas vezes, como um abobado.

Michel revirou os olhos e deixou o envelope sobre as minhas coxas despidas. Ele deu as costas para mim e vestiu as calças de novo, fechando-a com cuidado sobre o volume duro na virilha.

“Alisson não te perdoaria, se soubesse que ganhou o dinheiro

assim.” Michel deu de ombros, suspirando. “E eu já me iludi sobre um dos irmãos, não preciso me iludir com o outro.”

“Michel, eu...” Eu abri o envelope, e meu coração quase parou ao ver o valor altíssimo, e a assinatura bonita do Michel, logo embaixo. “eu... eu não... por quê?”

“Porquê eu sou seu melhor amigo, não sou?” Michel piscou pra mim, com um sorriso meio triste. “E eu acho... eu acho que você é meu melhor amigo, também. Talvez o único.” Ele completou, avermelhando.

Eu sorri, confuso e feliz e envergonhado. Eu me joguei em Michel e o abracei pelas costas.

“Obrigado.” Falei. “Vou te pagar de algum jeito, algum dia.”

“Não precisa. São só uns trocados, pra mim.” Michel se afastou. “Vai lá realizar os sonhos daquele seu irmão idiota. E por favor se vista, minha capacidade de resistir está se esgotando.”

Eu avermelhei, lembrando que continuava sem calças. Eu me vesti com um sorriso enorme nos lábios.

“Você é o melhor, sabia disso?” Falei.

“Não, eu não sou.” Michel voltou à mesa de estudos, sorrindo melancólico. “Se um dia quiser isso de verdade, estarei esperando. E não seja estúpido de entregar esse mesmo cheque ao Alisson, ele vai recusar se vir a minha assinatura. Ele me odeia.”

“Pode deixar, depositarei na minha conta e... direi que ganhei na loteria ou sei lá. Isso é de menos.”

Eu admirei o cheque uma última vez antes de guardá-lo no bolso. Precisava correr para o Alisson. Ainda faltavam dois dias, mas conhecendo ele, Alisson resmungaria horrores sobre não poder aceitar o dinheiro, mesmo vindo de mim. E eu estava ansioso para ver sua reação.

Quando já corria para fora do quarto, lembrei de algo importante e retornei.

“Ah, Michel, podia responder uma coisa?”

“O que foi?” Perguntou ele, bebendo outra dose de whisky.

“Hum... é uma pergunta estranha. Digamos que um homem engravide, como o bebê sairia?”

Michel cuspiu o whisky por cima dos livros.

“Quê??” Ele arregalou os olhos. “De onde veio essa pergunta?”

Eu apertei os braços na barriga, morrendo de vergonha.

“Só por curiosidade. Você vai ser médico, não conhece nenhum caso assim?”

“Gabe, você não teve aulas de biologia? Homens não engravidam. Sem útero, sem bebês.” Michel esfregou o braço sobre as páginas molhadas. “Meu Deus. Isso é alguma vingança sua? Esses livros são edição limitada.”

“Não estou dizendo que é possível. Só perguntando, caso acontecesse.” Insisti.

Michel suspirou. “Bom, não existe por onde sair. A uretra não possui elasticidade para passar um bebê, então seria necessário uma incisão. Tipo uma cesariana.”

“Uma cesariana, da forma como as mulheres fazem?”

“Sim, é um procedimento bem comum. A paciente recebe anestesia local e se recupera em poucos dias.”

“Uma cesariana... Obrigado, Michel!” Falei, deixando o quarto.

“Cinco anos estudando medicina, para responder uma coisa dessas.” Michel esfregou a testa, todo perplexo.

Eu deixei a mansão com um sorriso no rosto. Ainda não sabia como continuar escondendo a barriga, mas saber que eu sobreviveria ao parto, naquele momento, já era alívio o suficiente.



Capítulo 14

Quatro meses se passaram desde que perdi a virgindade. Também se completavam quatro meses de gravidez, e quanto mais minha barriga crescia mais eu me convencia de que não havia sido uma brincadeira sádica do Dylan. Ele realmente me largou para lidar sozinho com aquilo.

Uma das piores partes de se manter uma gravidez secreta, era manter a rotina quando tudo me cansava. Ainda de madrugada precisei acompanhar Alisson ao aeroporto, ajudando-o com as malas para os longos meses que passaria no Havaí. Mesmo após tanto tempo ele me agradeceu umas cem vezes por ter conseguido o dinheiro, mas não conseguiu que lhe contasse como. Com sorte ele não pensava que virei traficante, ou sei lá.

Mesmo exausto, eu reuni minhas poucas forças, pois eram recém nove da manhã. Eu precisava atender na loja do senhor Jones.

“Gabe, rapaz! Tu dormiu de noite?” Senhor Jones me alcançou um milho-na-manteiga, que eu devorei como se não comesse há meses. “Como foi, lá no aeroporto?”

“Normal. O Alisson tava nas nuvens, claro. Um semestre inteiro participando do circuito havaiano, com os famosos.”

“Alisson é o cara. Sério. O cara.” Senhor Jones riu, enquanto mudava a plaquinha da loja de *fechado* para *aberto*. “Não pude colaborar com nada, e ainda assim ele adesivou a prancha com o logotipo da loja.”

Eu concordei, avistando na parede o recorte que o senhor Jones mandou moldurar. A foto do Alisson na primeira página do jornal, sorrindo para os entrevistadores e abraçando sua prancha amarela, agora carimbada com a marca Amigos do Surfe.

A calma durou pouco tempo. Tão logo o senhor Jones abriu a loja, vários clientes entraram buscando pranchas, equipamentos, e até dicas de

surfe, que felizmente eu aprendi a responder, embora na prática só soubesse cair na água. Alguns até apareciam querendo conhecer o irmão do grande Alisson. Felizmente nenhum me pediu autógrafos, ou não sei como reagiria.

Alisson podia ser um astro do surfe, mas eu era apenas um cara comum, trabalhando no balcão da loja mais badalada da cidade. Logo os clientes ocupavam cada espaço da pequena loja, eu não sabia nem qual atender primeiro.

“Bem-vindo à Amigos do Surfe.” Declarei ao primeiro cliente, com um sorriso no rosto. “Em que posso atendê-lo?”

Assim que o senhor Jones virou a plaquinha da porta para *fechado*, eu derreti na poltrona-rede, mais morto do que vivo.

Ofegando em cansaço, eu massageei minha barriga por cima da camiseta larga. Sempre doía após tanto esforço, e eu começava a me preocupar com o bebê, que batizei provisoriamente de Mini-Dylan. Por mais aterrorizante que fosse essa gravidez eu decidi tratá-la com certo humor, ou iria enlouquecer.

Não só eu era um homem grávido, mas um homem grávido e solteiro. Esta parte conseguia me assustar ainda mais.

“As vendas foram ótimas, hoje.” Senhor Jones verificou os maços de dinheiro, e voltou a guardá-los na caixa registradora. Algumas notas ele entregou para mim. “Seu extra pela canseira de hoje. Nem pensa em fazer frescura.”

Eu ri, e aceitei de bom grado o dinheirinho extra. Seria útil, agora que eu morava sozinho na casa do Alisson. Precisava aprender a ser independente, e por enquanto isso significava comer pizza todos os dias.

Estranhamente, mesmo que eu me empanturrasse de comida meus braços continuavam afinando. Aquele bebê estava me sugando vivo, como um vampirinho. Um vampirinho fofo que ainda não havia chutado nenhuma vez, quando ele começaria a fazer isso?

Ai, meu Deus. Comecei a me acostumar mesmo com essa história de

ser papai.

“Bom, eu vou puxar um ronco. Fica de boas aí, Gabe, tu é da casa.” Senhor Jones se espreguiçou, sorridente e empolgado “Vai descansar, passear na praia, sei lá. Somos ricos agora!”

Eu dei uma risadinha, me divertindo com a empolgação do senhor Jones. Rico era ele, que pagou as dívidas na primeira semana de entrevistas do Alisson. Eu continuava sendo apenas o vendedor, embora tivesse recebido um aumento.

Enfim sozinho na loja, pude relaxar de verdade, afrouxando o elástico da bermuda e libertando minha barriga avolumada de quatro meses. O Mini-Dylan devia odiar a falta de espaço, mas haviam poucas escolhas. Logo seria impossível esconder a gestação, e eu ainda não sabia o que fazer.

Eu espiei para garantir que estava sozinho, e levantei a camiseta. Minha barriga brilhava de tão esticada, meu umbigo começando a saltar para fora, passando da linha das costelas. E eu sabia que cresceria muito mais.

Soltando um longo suspiro, eu acariciei meu ventre. Meu olhar subiu para a pintura atrás do balcão, focando naquela família de tritões que brincava à beira da praia. O olhar verde da criancinha me fazia querer chorar.

“Seu pai é um idiota, sabia?” Falei para o Mini-Dylan. “Seu outro pai, quero dizer. Mas talvez eu seja um idiota, também.”

Passado o choque inicial, tive bastante tempo para encaixar as peças, e tudo passou a fazer sentido. Aquele menininho da pintura sempre me pareceu igual ao Dylan, e quando descobri a mesma cauda verde no Dylan não restaram dúvidas.

Eu enfim investiguei a maldita lenda da cidade e consegui remontar o passado, e ainda me horrorizava ao imaginar. O pequeno Dylan sendo criado pelos pais tritões, e então chegam os humanos. Dylan sobrevive ao massacre e resolve se vingar da humanidade. E que jeito melhor de fazer isso, do que engravidando um humano indefeso?

Observando o jovem Dylan da pintura, seu olhar inocente pareceu tornar-se cruel e acusatório, então desviei o rosto para o canto da pintura, e notei algo que até então passou despercebido.

Havia um acúmulo de poeira entre a tela e a moldura. Estranho, eu

pensava ter limpado bem toda a loja, mas como evitava olhar para o quadro, esqueci aquela parte.

Eu levantei lentamente, apertando a barriga, e encontrei meu pano de limpeza. Queria manter a loja impecável.

Erguendo-me na ponta dos pés, eu limpei o canto da moldura, e então meu coração deu um salto. Eu esfreguei o pano até confirmar que havia algo ali. A assinatura do artista eu não reconhecia, o que me chocou foi a data.

“Essa pintura é de quarenta anos atrás?” Pensei em voz alta, sentindo o sangue gelar.

Sentindo a pressão cair, eu retornei à poltrona, tentando não me desamparar. Já havia me desesperado o suficiente e eu precisava me manter forte pelo mini-Dylan.

“O que mais o Dylan escondeu de mim?” Meus olhos marejaram. “Quantos anos vive um tritão, Mini-Dylan?”

Esperei qualquer resposta, mas acho que Mini-Dylan ainda era pequeno demais. Será que já tinha unhas? A idéia de comprar livros de gestação me aterrorizava, mas logo a curiosidade iria me vencer.

Ai, meu Deus. Pensando bem, será que ele possuía pernas ou rabo? E se ele comesse a nadar dentro de mim? Eu morreria de cócegas, não iria sobreviver.

Deixei que uma lágrima escapasse. Dylan teria a resposta para tudo isso. E eu nem lamentava sua ausência pelas dúvidas que me cercavam. Eu... eu realmente sentia falta dele.

“Predestinados...” Eu acariciei minha barriga, deixando várias lágrimas caírem. “Para um casal predestinado, aquele idiota me abandonou bem fácil, não é?”

Mini-Dylan permaneceu em silêncio. Ainda bem, eu não enlouqueci a ponto de ouvir um feto.

Cansado de sentir pena de mim mesmo, eu apoiei as mãos nos joelhos e gemi ao levantar, como um velho. Ainda precisava trancar a loja, e comprar o meu jantar solitário da noite.

A caixa de pizza fumegava nas minhas mãos, exalando um aroma delicioso de bacon, cogumelos e morango. O dono da pizzeria não acreditou no meu pedido, mas no fim montou a pizza perfeita. Se era para ter uma gestação, eu comeria tudo o que tivesse vontade.

Eu enfim cheguei em casa, e tranquei a porta com o estômago já grunhindo. Isso, ou era o Mini-Dylan demonstrando desde cedo sua paixão por bacon com morango.

Me babando de fome, eu abri a caixa sobre a mesa de jantar e me servi do maior pedaço, indo comer no sofá porque eu me tornei o homem da casa, e podia comer onde eu bem quisesse.

“Você não seja como seu outro pai, o louco dos peixes, Mini-Dylan.” Falei para a minha barriga. “Você vai comer de tudo, vou até aprender a cozinhar pra você. Será que você vai gostar de pizza?”

Mini-Dylan se manteve quieto. Podia parecer estranho, mas depois que o Alisson se foi eu até apreciava ter com quem conversar. Dizem que os bebês escutam dentro da barriga, então porque não ter altos papos com meu futuro filho?

Um arrepio de emoção e medo desceu a minha espinha, e eu quase engasguei na pizza. Nossa, sempre que eu pensava em ser papai me dava um troço. No começo era apenas pânico, mas a ideia começava a soar aceitável. Eu e Mini-Dylan, uma família pouco convencional e cheia de amor.

Eu certamente seria um pai muito melhor que o meu, não que isso fosse difícil.

“Sabe o que eu acho, Mini-Dylan? Eu podia ter adicionado milho. A pizza ficaria perfeita.” Enterrei os dentes no meu delicioso jantar de solteiro, cruzando as pernas sobre a mesinha de centro e ligando a televisão.

Claro que, para completar a tragédia cômica que era a minha vida, o canal passava um programa sobre maternidade. E aquele especialmente idiota, sobre mulheres que não sabiam ter engravidado.

“...e então aos nove meses simplesmente saiu, enquanto eu dormia. Fiquei em choque, pensei que eu estava fora de forma, então não estranhei a

barriga.” Falou a entrevistada do episódio, com seu bebê no colo.

Eu ri daquela loira burra. Eu estava perdoado por ser um cara, mas como uma mulher não perceberia os enjôos? E a fome desenfreada e violenta por comidas loucas?

“Voltando agora, qual foi a pior parte dessa gravidez furtiva?” Perguntou o entrevistador.

A mulher coçou o queixo, pensativa. *“Acho que o aumento de apetite sexual.”* Ela deu uma risadinha travessa. *“Pela metade da gravidez eu precisava (beep) com tudo o que se mexia, e só depois do parto entendi o motivo.”*

De queixo caído, eu soltei minha pizza e fiz os cálculos no meu celular. Eu já estava mais ou menos na metade da gestação. Mas não podia ser verdade, não é? Esses programas sensacionalistas só mostram as respostas mais bobas, para atrair espectadores.

Eu desliguei a TV, e só então percebi que comi a pizza inteira, e era uma porção para três pessoas.

“Acho que chega de televisão por hoje, Mini-Dylan. Amanhã é domingo, e seu papai aqui precisa comparecer ao luau. Viu só? Seu pai é um cara popular e cheio de amigos.”

Eu levantei minha camiseta e acariciei minha barriga avolumada, com um sorriso nos lábios. Considerando-se as circunstâncias, eu estava lidando muito bem com a minha situação.

Aumento de apetite sexual... que bobagem.

Ah, meu Deus. Como aqueles caras podiam ser tão gostosos?

“Não aceita mesmo, Gabe?” Marco se inclinou para mim, com uma bituca de maconha. Meus olhos passaram direto pelo baseadinho para aterrisar em seus gomos rígidos de esportista, ainda molhados pela surfada recente.

“Eu tô bem.” Falei, abraçando meus joelhos em frente à fogueira.

“Gabe tá fumando pouco ultimamente. E nem cerveja ele bebe mais.” Falou Diego, que sentava do meu outro lado. Outro delicioso galã, não sei como nunca percebi seu peitoral saliente, ou os mamilos castanhos, ou a forma como os pelinhos da virilha formavam uma espiral, próximo ao umbigo.

Eu olhava de um para o outro com a boca aberta, por pouco não babando. Nunca notei, mas o luau de domingo parecia um desfile erótico, com caras gostosos rebolando suas sunguinhas e exibindo seus físicos bem-definidos sobre as ondas azuis do mar.

“Acho que ele já fumou, sem a gente perceber.” Disse a namorada nova do Michel, Katelin. Ela estava sentada confortavelmente contra o peito do Michel, roçando os cabelos castanhos em seu pescoço.

Quando percebi, todos olhavam para mim. Eu podia ser o único do grupo vestindo um camiseta de banda, mas isso não me destacava tanto assim, não é?

“Eu só... hum... me alcança as batatinhas.” Pedi ao Samuel, que sempre foi só mais um amigo, mas naquela noite percebi ser um homenzão sensacional, de cabelo trançado e pele cor-de-chocolate.

A namorada dele torceu o nariz pra mim, o que foi meio estranho. Ela mesma me jogou o pacote de batata frita, o terceiro daquela noite que eu devoraria até o fim.

Eu saboreei as batatinhas em silêncio, e felizmente uma das meninas puxou uma música reggae no violão, e todos no círculo me esqueceram e começaram a cantar, iluminados pela luz da fogueira. Eu ainda não havia decorado nenhuma daquelas músicas, então só cantarolava e repetia o refrão. Aos poucos a atenção dos outros em mim foi morrendo, mas meus olhos grudavam naquele festival de músculos tesudos como se fossem abelhas no mel.

Não aguentava mais abraçar meus joelhos, mas precisava esconder minha ereção. O que estava acontecendo?

Um grito resmungado do Michel fez todos se virarem a ele.

“Katelin, tenho cara de quem gosta de comer cabelo?” Rosnou ele, cuspiendo para o lado. Pela voz enrolada, ele já estava meio bêbado.

A menina olhou pra ele toda confusa e constrangida. Sentada contra seu peito, não demorou até que o vento soprasse seus cabelos no rosto do Michel.

“Desculpa, Chel.” Ela saiu do seu colo e sentou ao lado, prendendo o cabelo com um elástico. Era uma menina nova, de uns dezesseis anos, com peitos grandes que transbordavam pelo biquíni. Um estereótipo de piriguete, como todas as namoradas do Michel, mas ainda assim uma menina muito mais jovem que ele.

“Não me venha com apelidos retardados, piranha. Se fizesse medicina como eu, saberia que um cabelo engolido já pode causar danos ao estômago. Sem contar que é nojento pra caralho.”

O pessoal da rodinha se entreolhou, e a Jana até interrompeu sua música, estarecida.

Os olhos da Katelin se encheram de lágrimas, e ela olhou toda perdida para Michel, sibilando desculpas mas apenas um miado escapou de seus lábios femininos. Percebendo que Michel apenas bufou e revirou os olhos, ela levantou e saiu às pressas, secando os olhos com as mãos.

“Não acha que exagerou um pouquinho?” Perguntou Marco.

Todos olharam raivosos para Michel, já cansados de sua grosseria com as mulheres. O clima tornou-se tão pesado que o próprio Michel se levantou e foi embora, para o lado oposto.

“Por que aquele idiota ainda anda com a gente?” Perguntou o Marco, furioso. “O cara tem tipo, uns trezentos anos e a educação de uma mula.”

“Vinte e oito anos.” Corrigiu Samuel. “O cara tem problema. Dizem que frequenta do luau desde o tempo do Alisson. Os caras daquela época já tão todos em outra.”

Eu bufei, indignado. Michel era o líder do grupo, como podiam falar assim dele, pelas costas?

“Michel, espera!” Eu corri atrás dele.

Michel seguiu pela linha do mar, até a luz da fogueira tornar-se distante, e ele se tornou uma silhueta sob a noite estrelada. Ele ignorou meu chamado até eu segurar seu braço.

“O que foi? Quer rir de mim?” Ele gritou tão alto que eu me encolhi.

“Não tem nada engraçado nisso.” Falei, tentando manter a voz calma. Meu peito apertava, porque mesmo sem ver os detalhes no rosto do Michel, sua voz parecia tão dolorida.

“Eu sei que troco de mulher como quem troca de roupa. A piada já ficou velha, mas adivinha? Geralmente quem termina com essas vadias sou eu!” Ele gritou de novo, agitando o braço até se soltar de mim. “E sabe porquê? Porque eu sou rico, filho de empresário, futuro médico e com um corpo de capa de revista. É só isso o que querem, essas piranhas sem amor próprio.”

Eu engoli seco. Nunca vi Michel tão alterado.

“Você odeia mulheres.” Constatei.

Michel travou, como se eu falasse besteira. Ele bufou e alisou as mechas loiras para trás.

“Tá louco, Gabe? Eu, que tô sempre com uma gostosa nos braços? A culpa não é minha se são todas umas... umas...”

“Umas vadias, que você odeia?” Completei, segurando sua mão que agora tremia.

Devo ter acertado perfeitamente, porque Michel apertou minha mão, emudecendo. Ele me puxou para perto dele sutilmente, mas o bastante para eu sentir o calor ardente que emanava de seu corpo.

Eu e Michel nos entreolhamos por um longo tempo, sozinhos e no silêncio da noite. Também me irritava seus gestos com aquelas meninas, que geralmente eram muito legais. Mas eu podia mesmo julgá-lo?

“Eu não posso simplesmente ser que nem você, Gabe.” Ele passou a mão no meu rosto, seus olhos cor-de-nuvem refletindo a luz da lua. “Vou ter uma profissão de respeito, e sou herdeiro de uma grande companhia.”

As carícias do Michel causaram arrepios na minha pele. Eu deveria empurrá-lo, considerando-se o quão perto eu estava de fazer uma besteira. Ainda assim eu conhecia aquela dor bem demais. E por saber o que Michel sentia, não podia ser mais um a rejeitá-lo.

“Eu sou filho de pastor evangélico, e veja se isso me impediu.”

Michel baixou o rosto, como se tivesse qualquer culpa nisso. Ele conhecia minha história, todos naquela maldita cidade sabiam do garoto espancado que buscou socorro no irmão que mal conhecia. Eu não pretendia diminuir o sofrimento do Michel comparando-o com o meu, apenas mostrar-lhe que entendia o problema. Posso ter sido arrancado do armário à força, mas se eu me forçasse a namorar mulheres até os quase trinta anos, acho que teria tanta raiva quanto ele.

“Você não me odeia, por tudo o que eu fiz?” Ele subiu a mão pelo meu braço, e o simples gesto me causou calafrios. Eu tentei manter a calma, sabia que eram apenas meus hormônios em curto-circuito.

Agradecendo pela noite esconder o vermelhão em meu rosto, eu sorri para o Michel.

“Fala sobre ter ajudado o Alisson, sobre ter deixado o senhor Jones em paz ou sobre ter se tornado o meu melhor amigo?” Quando percebi, eu mesmo me grudei a ele, com o único cuidado de não tocar-lhe com a barriga. “Não me parecem motivos de odiar alguém.”

“Gabe...” Michel aproximou seus lábios, e o pânico tomou conta de mim na pior hora possível.

Eu me afastei, empurrando Michel para trás. Merda, o que eu estava fazendo? Não podia fazer isso com o Dylan. Mas o Dylan me largou. Seria mesmo tão errado assim?

Lágrimas se formaram nos meus olhos. Por que eu ainda me sentia ao lado do Dylan, mesmo após meses de abandono? Era como se linhas invisíveis me amarrassem a ele, e por mais que esticassem elas nunca se romperiam.

Droga, perceber minha saudade do Dylan sempre me fazia odiar a mim mesmo.

Michel segurou a minha mão.

“Você tem que esquecer ele, Gabe.” Sua voz não parecia magoada, como certamente deveria. “O que ele fez comigo, poderia ter feito com você.” Ele massageou a cicatriz no pescoço.

“Eu sei.” Relaxe os músculos, e permiti que Michel me abraçasse por trás.

Meu corpo reagiu no mesmo segundo e eu soltei um gemido, que tornou-se mais alto ao sentir beijos no meu pescoço.

“Eu posso te ajudar, se quiser.” Michel desceu a mão pelo meu torso, e eu a empurrei para baixo antes que apalpassem minha barriga. Infelizmente — ou não — acabei por conduzi-la ao meio das minhas pernas.

Michel arfou contra o meu ouvido, certamente sem esperar tanta iniciativa, mesmo que acidental. Ele resolveu aceitar o convite e massagear meu volume enrijecido, o que me causou tanto prazer quanto medo. Meu corpo me assustava, e minha fragilidade também. Eu fervia com tanto tesão, que sabia que permitiria ao Michel fazer qualquer coisa.

E ainda assim, Dylan não saía da minha mente.

“Michel...” Arfei, sem saber como mandá-lo parar, se é que eu queria isso. Acabou soando como um gemido, o que fez Michel grudar seus músculos fortes nas minhas costas. Pela espetada na minha coluna, ele estava no mesmo clima que eu.

“Vamos para a minha casa, vou te tratar bem.” Michel mordiscou o lado do meu rosto, provocando que eu virasse para beijá-lo. “Podemos relaxar na minha hidromassagem, ou na piscina, ou podemos fazer um passeio só nós dois, no meu iate...”

A última parte causou um estalo na minha mente. Eu me liberei dos braços do Michel e virei-me para ele, agarrando-o pelos ombros.

“Um iate, você disse?” Perguntei, com os olhos enormes e meu peito disparando.

“Claro que tenho um iate, você não sabia?” Michel aproximou o rosto do meu. “Um iate completo, com sofás bem confortáveis e um quarto que...”

“Preciso que me leve em um lugar.” Falei, o interrompendo. “Vamos agora, onde fica esse iate?”

Tentei correr mas Michel segurou minha mão.

“Tá louco Gabe? Não podemos navegar de noite.” Falou ele, surpreso. “Passe a noite comigo, que amanhã cedo nós...”

“Amanhã cedo. Combinado.” Falei, sem evitar que um sorriso

aparecesse em meu rosto. Meu coração bombeava adrenalina. “Te encontro na sua mansão ao primeiro raio de sol.”

“Mas... mas...” Michel tentou falar qualquer coisa, mas não deu atenção pois já corria para a minha casa.

Dylan... Será que eu conseguiria reencontrá-lo?



Capítulo 15

“Me diz de novo o que estamos procurando.” Michel alternou os manches do iate e girou o volante, fazendo a embarcação circular por entre as ondas.

Eu me pendurei para fora da janela e forcei os olhos na direção do horizonte. Já navegávamos há quase duas horas avistando nada além do oceano azul e o céu acobreado da madrugada. Em breve eu precisaria ir trabalhar. O nervosismo começava a esmagar meu peito.

“É uma ilhota de pedras negras, não muito grande.” Repeti, pela décima vez.

Michel suspirou, vasculhando o oceano infinito com seu binóculos.

“Escuta, Gabe, não é má vontade da minha parte, mas os mapas não indicam ilha alguma. Tem certeza que não sonhou com esse lugar?”

“Não é tão longe da praia. Tem sinal de celular.” Falei.

Eu temi que Michel fosse desistir, mas ele manobrou a embarcação novamente, e continuamos procurando. As ondas suaves da manhã sem brisa faziam ondular o iate, e carregavam um cheiro dolorosamente nostálgico de maresia.

Tentando acalmar minha angústia, eu espiei o painel cheio de luzes da cabine de comando. Tudo no iate do Michel era impressionante. No deque haviam uma hidromassagem, piscina, e vários sofás com compartimentos secretos, que guardavam bebidas refrigeradas e champanhe. Se o quarto era tão bonito quanto a parte superior, eu não sabia. Não era bobo de acompanhar Michel até lá.

Enquanto eu afinava os olhos, tentando avistar qualquer coisa que não fosse o oceano e o sol do alvorecer, ouvi um apito vindo do painel.

“O que é isso?” Perguntei, ao ver piscar uma luzinha vermelha.

“Pouco combustível. Precisamos voltar.” Respondeu Michel.

“Não! Nós ainda não encontramos a ilha!” Segurei seu braço antes que girasse o volante.

“Desculpa, Gabe. Não podemos ficar à deriva.” Michel alisou os cabelos loiros para trás, começando a demonstrar impaciência.

Eu baixei meus olhos, me segurando para não chorar. Não devia ter criado tantas expectativas. E se fosse uma daquelas ilhas mágicas, como nos filmes? Apenas o predestinado do Dylan poderia encontrá-la, e quando rompemos ela desapareceu para sempre.

Não, eu estava pensando como um louco. Até os caras da guarda costeira estiveram lá, e não me xingaram pouco por precisar ser resgatado duas vezes.

Aos poucos, a linha da cidade voltou a aparecer no horizonte, com seus prédios baixos e areia branca.

“Podemos procurar de novo outro dia.” Michel afagou o lado do meu rosto. “Desculpa.”

“Tudo bem.” Respondi, mas claro que não estava tudo bem. Eu abracei minha barriga e tentei aceitar que não reencontraria o Dylan nunca mais.

E então algo atraiu minha visão. Um pequeno ponto preto no meio do oceano, quase desaparecido no centro do sol nascente.

“Ali! É a ilha!” Eu me joguei nos braços do Michel, apontando para a frente em histeria completa. Ele resmungou qualquer coisa sobre precisar abastecer, mas a minha insistência o venceu com facilidade.

Em poucos minutos ela estava diante de mim. A ilha em que comecei minha história com o Dylan. Os rochedos negros e brilhantes empinavam para o alto, sempre castigados pelas ondas do alto-mar.

Felizmente chegamos por trás da ilha, e Michel não pôde avistar a entrada da caverna.

“Tá certo, é um monte de pedras no meio do mar, e agora?” Michel arqueou uma sobrancelha pra mim.

“Agora você me deixa aqui e vai pra casa.” Falei, abrindo a porta da cabine e já correndo para fora. “Te ligo se precisar que me busque.”

Eu corri para o deque e me preparei para saltar, quando Michel segurou firme o meu pulso.

Eu já me preparava para xingá-lo quando vi seus olhos. Duas nuvens acinzentadas e brilhantes, tremulando em preocupação. Michel entreabriu os lábios, demorando a encontrar palavras.

“Gabe, eu não posso simplesmente te deixar aqui.” Disse ele, estremecendo. “Eu não posso...”

Eu puxei Michel pela gola da camisa e selei meus lábios nos dele. Beije com intensidade, e sentimento, provando aqueles lábios macios que ele nem movia, paralisado em surpresa.

Antes que Michel entendesse qualquer coisa, eu me afastei e sorri para ele.

“Eu agradeço por tudo, Michel. De verdade. Mas a minha história é com o Dylan, agora.”

Deixando para trás um Michel estarrecido e completamente vermelho, eu saltei no oceano e nadei em direção à ilha.

Ainda que meu último momento ali tenha sido amargo, revisitar a caverna do Dylan me preenchia com memórias agridoces.

Logo percebi que era o único ali, e não soube como me sentir sobre isso. Dylan não abandonaria a própria casa pelo que eu disse, não é? Imaginar que ele tenha mesmo partido me fez tremer em desespero, mas eu logo me contive.

O interior da caverna se manteve igual. O mesmo sofá-cama, as mesmas estantes de livros, os mesmos tesouros marinhos adornando as paredes.

Caminhando lentamente como se visitasse o lugar pela primeira vez, eu percorri os dedos pelos baús antigos, redes de pesca e os vários arpões,

que pareciam bastante usados. O cheiro de umidade salgada deveria me enjoar, mas eu não me cansava de inspirá-lo, como se nele houvesse os últimos resquícios do Dylan.

A piscina interna iluminava o teto em tons azuis e cor-de-rosa. Eu me inclinei sobre ela, sem avistar nada ao fundo. Dylan realmente não estava ali, mas uma parte naquele cenário me reconfortou: O chão estava limpo, com suas pedras negras reluzindo. Em algum momento Dylan limpou o sorvete que derrubei.

Não queria que a ansiedade me destruísse, mas precisava esperá-lo. Ele voltaria, não voltaria? Uma crise de pânico não faria bem ao Mini-Dylan, então apressei-me em buscar uma distração na estante de livros.

Se eu pensei que literatura me distrairia, eu estava muito enganado.

Na estante à minha frente haviam vários livros grossos, com capas azul-pastel e cor-de-rosa. Eu removi o primeiro deles, meio gasto e todo recheado de marca-páginas.

“*O Que Esperar Quando se Está Esperando...*” Li o título em voz alta, sentindo uma bola na minha garganta. Na capa haviam vários bebês sorrindo.

Eu rapidamente abri o livro.

Um dos marca-páginas caiu, revelando uma lista de conselhos, cada um deles com marcas de lápis e anotações.

“No começo da gravidez, a gestante poderá sentir náuseas e pontadas abdominais. Remédios como o Mekolinol proporcionarão um alívio nos sintomas e...” incrédulo, eu passei adiante para a próxima página marcada. “...com muita paciência, pois será um período de instabilidade emocional. É importante uma alimentação rica e equilibrada.”

Naquela parte havia um bilhete com o nome de outro livro. Com o coração na boca eu o encontrei na estante. Era um guia de culinária para gestantes, tão cheio de anotações quanto o primeiro livro.

Eu abri em uma página qualquer, e uma gota pingou sobre a lista de ingredientes, uma lágrima minha.

Refogado de lagosta. Eu me lembrei de quando o Dylan preparou

aquilo, e de ter zombado pelo refogado conter apenas lagosta e sal. Na receita em si haviam muitos ingredientes riscados e anotações do tipo *será que consigo comer isso?* ou *veneno!* ou *espero que o Gabe não sinta falta das batatas*.

Eu tremi o livro nas minhas mãos, molhando as páginas com mais e mais lágrimas. Minhas últimas palavras ao Dylan cada vez mais rasgavam o meu peito.

“Tritões só conseguem digerir comida aquática.” A voz vinda da porta me fez derrubar o livro. “Eu poderia ter preparado comida humana, mas me agradava que pudéssemos jantar juntos, sob a luz da fogueira. Eu sei que foi egoísmo. Fui egoísta em muitas coisas.”

Eu me virei para a entrada. Meus olhos se expandiram como se a silhueta diante de mim fosse uma miragem.

Dylan.

“Você... você leu todas essas coisas?” Perguntei, confuso e perdido.

Dylan aproximou-se de mim, hesitante e cabisbaixo. Seus olhos verdes tremulavam, cheios de beleza e dor.

“Eu queria te contar sobre o que eu sou, mas sempre que eu tentava eu...” Dylan ergueu o rosto para mim, me fitando com suas lindas íris brilhantes, das quais senti tanta falta. Seu corpo pingava, encharcado, o que me fez desejar que a umidade em seus olhos fossem simples água do mar. “...sempre que eu tentava contar eu me apaixonava mais, e o medo de te perder só aumentava.”

Eu me aproximei do Dylan, tão temeroso quanto ele. Na verdade parecia ser apenas um sonho, dos tantos que tive em que o Dylan voltava para mim. Entretanto daquela vez era real. E eu não sabia como deveria pensar, ou agir.

Dylan mentiu para mim sobre quem era, sobre suas intenções comigo, nosso quase-namoro foi basicamente uma mentira do começo ao fim. Por mais que eu soubesse disso, meu coração falou mais alto que a mente e eu corri para os seus braços, me jogando contra o seu peito firme e protetor.

“Desculpa.” Foi tudo o que consegui dizer, antes da choradeira

começar. “Desculpa, desculpa, desculpa.”

Os braços do Dylan me envolveram, quentes, fortes e tão nostálgicos que passei a chorar mais alto, como uma criança.

Meu Dylan. Meu Dylan voltou pra mim.

Apesar do corpão másculo e da postura viril, Dylan soluçava alto meu ombro, encharcando minha camisa já molhada com o calor de suas lágrimas.

“Meu predestinado... Pensei que... pensei que nunca...” Dylan nem conseguia falar.

“Eu fiz besteira.” Eu o consolei acariciando atrás do pescoço. “Falei coisas horríveis. Eu tive medo.”

Ah, o cheiro do Dylan, o seu calor, a forma como seu abraço me envolvia totalmente como se fôssemos uma só coisa. Nunca dei valor quando podia ter Dylan diariamente, mas naquele momento cada gesto e cada toque eram preciosos e raros, como se aquelas sensações pudessem vir do Dylan e de mais ninguém.

Meio esmagado pelo abraço firme, Mini-Dylan pressionava contra nós dois, me lembrando que ali, naquela caverna, acontecia o reencontro de uma família.

Apesar de comovido, eu me afastei do abraço, ou não soltaria Dylan nunca mais. Se a emoção tomasse conta de mim eu acabaria falando montes de bobagens melosas, e Dylan ainda devia muitas, muitas explicações.

A minha vida e a do Mini-Dylan dependiam disso, afinal.

“Seque as suas lágrimas.” Falei macio e sentei-me no sofá, batendo ao meu lado para que ele me acompanhasse. “Eu quero que me explique tudo.”

Dylan obedeceu como um cachorrinho, e sentou ao meu lado. Ele ainda trajava a sunga de sempre, e seu corpo brilhante de umidade cheirava gostoso à água marinha. Com temor em seus olhos de esmeralda ele ajeitou o cabelo para o lado, e aguardou pelo meu interrogatório.

Sentindo o calor que emanava de seu corpo, eu virei-me para ele e tentei falar qualquer coisa, mas meu corpo necessitado só conseguia focar em

seu peitoral úmido, naqueles mamilos castanhos, e naqueles lábios rosados e carnudos que...

Eu me joguei sobre o Dylan, beijando-o, devorando seus lábios e tentando tirar minha camiseta molhada ao mesmo tempo.

Fodam-se as malditas dúvidas.

Dylan gemeu contra os meus lábios, primeiro em surpresa e depois em tesão. Ele me ajudou com as roupas molhadas e cada toque dele me ardia como fogo.

Eu queria o Dylan. A pressão de seus dedos fervia meu corpo, causando um desejo que quase doía. Eu o agarrei feroz, intenso, sedento por aquele homem que tanto me enganou, mas por quem eu me sentia capaz de perdoar tudo.

Prensando Dylan contra o encosto do sofá e roçando minha virilha contra ele, eu senti uma emoção que talvez sempre houvesse existido, e que eu só percebia então: Dylan pertencia a mim. Ele era meu, e eu iria tê-lo.

Em segundos já estávamos despidos, ele ainda sentado no sofá e eu em seu colo, de frente para ele, beijando-o como se a separação dos nossos rostos fosse ser o fim de tudo.

Uma turbilhão de sensações ferveu dentro de mim, como se o que eu quisesse, apenas Dylan fosse ser capaz de oferecer. E talvez fosse mesmo verdade. Eu queria ser completado por ele de todas as formas possíveis.

“Gabe...” Ele sussurrou, mas eu o calei com um beijo.

“Me come.” Implorei, descendo arranhões pelas suas costas. “Eu quero, eu preciso...”

O olhar do Dylan iridesceu e ele lambeu os lábios, sorrindo em devassidão. Mas ele não tentou me jogar no sofá-cama. Ao invés disso ele agarrou minha bunda com força e me grudou ao corpo quente dele. Num movimento de sobe e desce ele esfregou meu pau contra o relevo de seus gomos.

Eu gemi muito alto, enlouquecido de prazer.

“Precisa que eu pegue o lubrificante?” Ele perguntou, arfando no meu ouvido.

“Não, nem pensar.” Meu próprio quadril investia para a frente, em espasmos de excitação. Era como foder os gominhos duros do Dylan, mas eu sabia o que ele queria com aquela posição.

Passando as mãos por baixo do corpo, eu segurei seu mastro grosso e apontei para cima. Dylan me levantou um pouco mais, até que eu o encaixasse na minha entrada.

“Não vai doer, assim?” Perguntou Dylan, entre beijos no meu pescoço.

“Eu aguento.” Respondi, com o rosto ardendo em tons vermelhos. “Mete em mim, por favor.”

Dylan me desceu sobre sua ereção, logo fervendo meu corpo numa dor tenebrosa. Eu contive meus gritos ou Dylan certamente pararia, mas nossa, que dor. Minha entrada se alargava arranhando ao redor do mastro, que realmente não estava úmido o bastante.

Ainda assim, mais do que sofrimento, eu flamejava num êxtase inacreditável. Antes que Dylan descesse minhas nádegas até o fim eu já arfava e me retorcia, esfregando com força meu mastro rígido contra seu umbigo.

Dylan agarrou minha bunda com firmeza, apalpando e me ajudando a abaixar em torno dele. Seus beijos pareciam querer me consumir, inflamando meu corpo a níveis impossíveis.

Logo cheguei ao ápice e arqueei as costas num espasmo de prazer, melando os gominhos do Dylan com o meu líquido branco.

“Seus hormônios estão à toda.” Dylan enfim me sentou em seu colo.

“Nem me fale.” eu recolhi o gozo com meus dedos e espalhei na minha própria excitação, que não diminuiu em nada mesmo após o orgasmo. Eu passei a me masturbar olhando nos olhos do Dylan. “Não vai continuar?”

“Já?” Dylan arregalou os olhos.

Eu bufei em impaciência, e eu mesmo passei a subir e descer as coxas, me empalando naquele mastro de que tanto senti falta.

Ah, Dylan... Minha barriga inchada doía naquele sobe e desce, mas meu corpo enfim se sentia completo, e tão ansioso por mais que eu morreria

se Dylan tirasse de mim àquela altura.

Dylan se rendeu à minha cavalgada, deitando as costas na cama para me assistir enquanto soltava gemidos muito fofos. Aquele homenzão lindo voltou pra mim, eu lhe daria a foda da vida dele.

“G-gabe, cuidado com o bebê.” Ele arfou, enquanto eu entrava e saía fervorosamente, até suor escorrer do meu corpo.

Eu segurei a barriga, não porque o Mini-Dylan corresse qualquer perigo, mas porque eu precisava que o Dylan calasse a boca e me satisfizesse de uma vez.

Cobri os gominhos do Dylan numa segunda camada branca, dominado pelo maior êxtase que já senti, mas meu corpo não sentia alívio. Eu queria mais. Eu queria muito, muito mais.

Assim que Dylan gozou dentro de mim, eu ergui o corpo até sair dele e deitei-me ao seu lado. Dylan tentou me abraçar de um jeito romântico, mas ele não entendia? Eu empinei a bunda para cima, na mesma posição em que ele me engravidou.

“Não se atreva a descansar, quem fez todo o trabalho até agora fui eu.” Rosnei.

“Mas eu recém...”

“Eu preciso!” Implorei.

Dylan posicionou-se atrás de mim num salto, e se emperrou lá dentro todo de uma vez. Tava meio mole, mas ele que desse um jeito. Eu compensaria meus dois meses de seca naquela mesma manhã.

Felizmente Dylan enrijeceu de novo, e o aumento de volume me fez gritar em puro êxtase. Outro orgasmo me fez sujar a cama, mas de alguma forma eu só queria ainda mais.

Ai, meu Deus, essa gravidez me faria acabar com meu próprio rabo.

“Mais força.” Falei, interrompendo uma reclamação do Dylan. Ele obedeceu, estourando a virilha em mim com a brutalidade que eu tanto queria.

Infelizmente naquele ritmo Dylan não demorou a gozar de novo. Ele teve o atrevimento de tirar de mim, mesmo quando eu empinava meu rabo

bem alto, me oferecendo por completo.

Eu olhei por cima do ombro, esperando que ele continuasse, mas Dylan parecia meio assustado.

“Gabe, você tá um pouquinho...”

“Não se atreva a dizer que estou alterado!” Eu empurrei Dylan a deitar de novo e ajoelhei no sofá para cada lado de seus ombros. “Eu não estou alterado, ouviu?”

Eu sentei em seu peito, apontando meu mastro ainda ereto para seu rosto surpreso e levemente aterrorizado.

Dylan logo entendeu o recado, e lambeu a ponta, me provocando até me engolir completamente. Ele era muito bom nisso. Foi impossível não gemer para aqueles lábios dedicados, que me chupavam com tanto gosto.

“Dê um jeito de voltar à vida, lá embaixo.” Falei. “Não saio dessa cama até esse calor apagar.”

Dylan sorriu ao redor do meu mastro, e gemeu um *sim* abafado, continuando o vai e vem com os lábios. Eu lhe devolvi o sorriso, sentindo mais espasmos virem, e também me sentindo muito longe de terminar.

Se Dylan soubesse o quanto meu corpo necessitava de sexo, não estaria sorrindo tanto assim. Sempre era ele quem me desmontava em nossas noites. Naquela manhã de reencontro, seria eu a desmontar ele.

Talvez eu tenha exagerado um pouquinho.



Capítulo 16

Quando o sol alto já iluminava o interior da caverna, Dylan desabou no sofá, declarando exaustão completa.

“Já?” Provoquei, aninhando-me ao seu lado. Cada músculo do meu corpo queimava pelo esforço excessivo, mas meus hormônios enfim começavam a relaxar.

“Misericórdia.” Ele arfou, respirando pesado. Seu peito sexy e acelerado brilhava de suor, e pelas camadas de fluido branco que liberei muitas, muitas vezes.

A cena era tão erótica que logo fiquei pronto para mais. Mas Dylan parecia mesmo incapaz de se mover.

Me apiedando do meu querido tritão, apenas deitei em seu braço e o admirei da mesma forma que ele também me olhava, nossos olhares se cruzando a centímetros de distância.

“Sabia que me encontraria aqui?” Perguntei.

“Meu chamado me alertou, e então retornei. Não imaginava encontrar meu predestinado literalmente na minha casa. Como chegou na ilha?”

Eu abri a boca para responder, e achei melhor ficar quieto. A cada pergunta que eu fazia, pareciam brotar dez novas dúvidas.

Antes que eu perguntasse mais, Dylan desceu as mãos pelo meu corpo cansado e minha pele logo aflorou cheia de luxúria, mas as mãos do Dylan pararam na minha barriga, assim como a direção do seu olhar.

Em silêncio, assisti Dylan acariciar o relevo onde crescia seu filho. Nosso filho.

Eu coloquei minha mão sobre a dele, e entrelacei nossos dedos.

“Como pretende chamá-lo?” Perguntei.

“Eu não sei.” Ele abriu um sorriso doce e amável. “Comprei alguns livros com nomes de bebê, nós podemos...”

“Não, nem pensar.” Eu ri, erguendo seu rosto e lhe dando um beijinho. “Quero que seja um nome especial.”

Dylan deu uma risadinha e me abraçou apertado. Então ele bocejou.

“Ainda bem. Nadei durante toda a noite e já são onze da manhã, preciso dormir um pouquinho.”

Eu já concordava com a cabeça, quando tive um estalo.

“Onze da manhã??” Perguntei, saltando da cama e procurando minhas roupas. “Ai, meu Deus, o senhor Jones vai me matar.”

“Como assim?” Dylan levantou-se, a contragosto. “Gabe, você ainda trabalha naquele lugar? Mas a sua gestação...”

“A gente conversa sobre isso depois.” Falei, lutando pra vestir as roupas molhadas. “Meu expediente começou há horas e eu ainda preciso chamar a guarda costeira, e os caras vão me xingar até meus ouvidos... que cara é essa?”

Eu franzi a testa para o sorrisinho besta no canto do lábio do Dylan enquanto ele se aproximava de mim.

Meu queixo caiu.

“Não... Dylan, você não pode estar pensando em...”

Claro que aquele louco estava pensando justamente naquilo. Assim que terminei de me vestir Dylan me puxou pela mão até a entrada da caverna.

“Vai ser divertido. Você só precisa segurar nos meus ombros.” Falou ele.

“Não, não, não, não....” Era só o que eu conseguia repetir, mas assim que chegamos na água a curiosidade me derrotou, eu passei a gritar *não* um pouquinho menos.

A verdade é que, de todas as bizarrices envolvendo o Dylan, sua verdadeira forma era a parte mais difícil de digerir. Eu me forcei a aceitar a gravidez, já que o bebê me acompanhava a cada passo. Mas aquela cauda

verde meu cérebro escolheu registrar como uma alucinação ruim.

Sem que eu tivesse tempo de me preparar psicologicamente, Dylan saltou na água com a graciosidade de um nadador profissional, esticando as mãos para a frente num mergulho tão limpo que mal ondulou a água. Ele mergulhou profundamente e logo retornou, jogando o cabelo molhado para trás.

“Vem.” Ele me estendeu a mão.

Eu olhei para baixo e estremeci. Sob a água azulada e translúcida eu podia ver a cauda perfeitamente, remando sob o corpo do Dylan.

Eu engasguei nas minhas próprias palavras.

“Eu... eu quero tocar.”

Dylan pareceu surpreso com o pedido, e até meio envergonhado. Ele boiou de barriga para cima, expondo toda a extensão de seu rabo de peixe.

Engolindo seco, eu desci das pedras e entrei no mar ao seu lado. Parte de mim queria sair correndo, e a outra parte queria mesmo brincar com aquelas escamas verdes, que cintilavam como milhares de cristais.

Um tritão. Dylan era um tritão de verdade. Eu ergui a mão lentamente e toquei onde ficavam seus joelhos, o que vez Dylan contrair-se todo. Com o susto eu recolhi a mão.

“Faz cócegas.” Falou Dylan, com o rosto corado.

Por algum motivo, a reação dele me fez rir. Eu toquei a cauda de novo e afaguei de cima a baixo, me fascinando com a textura das escamas, que me permitiam afagar da cintura à ponta, mas não no sentido contrário. A temperatura quente e o formato da nadadeira lembravam um golfinho ou baleia, apesar das escamas escorregadias que somente um peixe teria. A parte frontal era mais clara e macia que o dorso, e a barbatana da ponta era especialmente cintilante, forrada de escamas minúsculas.

Durante a carícia, uma das escamas se soltou e eu a ergui para o sol, contemplando o quanto era linda.

“Por isso você está sempre vestido daquele jeito? Sua sunga desapareceu quando você se transformou.”

“É de um material especial, roupas humanas arrebentariam durante a

transformação.”

Eu dei risada do quão vermelho Dylan ainda estava, e voltei a acariciá-lo na altura da virilha, que tornou-se um tapete de escamas totalmente liso. Acabei pensando na pergunta mais óbvia, mas não queria envergonhá-lo ainda mais.

“No que a sua transformação te impede de usar uma camisa?” Escolhi uma pergunta mais inocente.

“Ah, em nada.” Dylan sorriu com safadeza. “Só gosto de como olha para o meu peito.”

Eu ri, e joguei água na cara daquele idiota. Como era bobo.

Dylan riu, mas logo seu sorriso se desmanchou. Ele olhou para a minha mão, enquanto eu o acariciava. Seu olhar vívido se escureceu numa súbita tristeza.

“O que foi?” Perguntei.

“Você ainda me acha uma aberração?”

Meu peito se esmagou, e eu quase chorei pela culpa. Eu abracei a cintura do Dylan, beijei-lhe a barriga, e fui descendo os beijos onde as escamas começavam e ao longo da cauda.

“Você é lindo e perfeito.” Falei, beijando-o até chegar na larga barbatana de trás. “Eu não quis dizer nada do que eu disse.”

Dylan sorriu, e agitou a cauda num gesto estabanado, que espirrou água por tudo e me fez gritar. Ele me abraçou forte, aninhando o rosto no meu pescoço.

“Eu também errei.” Disse ele. “Eu te amo, Gabe.”

Eu devolvi o abraço, atento àquela cauda que oscilava sob nós, tão bonita e...convidativa.

“Tá certo, vou permitir que me carregue só dessa vez.” Falei, circulando-o e abraçando seus ombros por trás. “Mas não mergulhe, não faça acrobacias, e nade bem devagAAAAH!”

Dylan disparou pelo oceano, tão rápido que quase despenquei de suas costas.

O mar cortou-se diante das mãos do Dylan, em dois jatos de espuma similares aos de um jet-ski. A ilha afastava-se tão rápido quanto o continente se aproximava, e o tempo todo eu me agarrava em seus ombros tão firme quanto conseguia, contendo-me para não gritar ou beberia litros de água.

Entre as minhas pernas, a cauda agitava com rigor e velocidade, muito mais poderosa do que eu previa. Nem o iate do Michel acelerava tanto.

“Tranca a respiração.” Gritou Dylan.

“Quê?”

“Vai ser divertido.”

Eu inflei os pulmões às pressas, não porque eu achasse aquela insanidade divertida, mas apenas porque eu não queria morrer.

Assim que tranquei o ar nós mergulhamos.

Eu definitivamente, definitivamente mataria o Dylan assim que pisasse no chão.

Pensei que a ideia idiota dele fosse me mostrar o fundo do mar, algo que não aconteceria pelo óbvio motivo que, bem, eu teria que ser retardado para abrir os olhos sob a água salgada, e veria apenas borões mesmo assim. Mas eu menosprezei a demência do Dylan. Assim que chegamos ao fundo ele segurou meus pulsos em torno do seu pescoço, e disparou para cima à toda velocidade.

E então nós voamos.

Nós literalmente voamos para fora da água, pelo que pareceram metros de altura. Eu gritei como uma criança apavorada, e ainda mais alto quando o mar voltou a crescer sob nós, e então chocamos violentamente contra a água rolando desastrosamente em direção ao fundo.

Por algum milagre, em algum momento senti a areia sob meus pés. Eu desci das costas do Dylan cambaleando e tropeçando enquanto ele ria de se matar. A loja do senhor Jones aparecia logo adiante, além da areia branca.

“Minha primeira Dança das Águas com meu predestinado. Eu mal posso esperar por mais.” Disse ele, nadando ao lado das minhas pernas.

Eu apontei o dedo pra ele, e não consegui encontrar um palavrão forte o bastante.

Após mais alguns metros em direção à praia, que felizmente estava deserta, Dylan tornou-se mais alto que eu. Na verdade a água tornou-se tão rasa que ele enfim voltou a ter pernas e sua eterna sunguinha azul.

“Foi... a última vez...” Arfei, enfim conseguindo usar as cordas vocais.

Dylan bateu a mão nas minhas costas. “Você sabe que não foi.”

Não sei como o senhor Jones não me matou. Quando cheguei haviam uns quinze clientes, e fila se formando na porta. Mesmo um cara tranquilo como o senhor Jones tinha os seus limites, e vê-lo todo suado e correndo pela loja me deixou aflito.

Ainda assim, com a minha ajuda, logo a situação ficou sob controle. Vendi diversas pranchas e equipamentos, que àquela altura eu já sabia recomendar com facilidade, considerando o tipo físico de cada cliente.

Assim que fechamos a loja tentei pedir mil desculpas ao senhor Jones. Mas assim que abri a boca, ele fez um gesto com a mão e começou a rir.

“Não começa, Gabe. Tô sabendo qual vai ser tua onda.”

“Mas senhor Jones, eu...”

“Faz umas horinhas a mais ao longo da semana, se te tira as neuras.” senhor Jones abriu o frigobar e pegou uma espiga-na-manteiga. Ele sorriu travessamente pra mim entre duas mordidas. “Tô feliz que tenha se entendido com o Dylan.”

Eu avermelhei. Dylan voltou para dormir assim que alcançamos a areia seca.

“Como você sabe?”

“Gabe, rapaz, o tio não é lerdo não. Tu chega faltando quatro horas pro fim do serviço, e passa essas quatro horas feliz que nem pinto no lixo. Tuas bochechas não dão câibra, não?”

Eu fervei de vergonha, e percebi que meu rosto paralisou num sorriso

enorme, que até doeu ao desmanchar. Ai, meu Deus, eu precisava aprender a ser mais discreto.

“Prometo compensar esse atraso.” Falei, endireitando os ombros e tentando parecer um cara normal, ao invés de um cara que fez horas de sexo louco com um homem lindo e igualmente louco.

“Relaxa, rapaz. Tô indo pra casa, então fecha a loja aí. Se teu macho aparecer só cuida, hein. Tem coisa que na loja fica chato, mas tem umas redes lá atrás que...”

“Não vai ser um problema, senhor Jones.” Falei, tão vermelho que eu me sentia febril.

“Tô brincando, Gabe, meu rapaz.” Senhor Jones riu, e cutucou minha barriga com o sabugo do milho “Vê se o Dylan te resolve isso aqui. Tá faltando uns exercícios nessa pança.”

Senhor Jones deu risada do espanto no meu rosto. Certamente pensava ter me constrangido, como de costume, mas na verdade eu me aterrorizei. Aquela era minha maior camiseta. Ele podia ver a saliência mesmo assim?

Ainda bem que o senhor Jones logo foi embora, pois senti a pressão baixar. Eu corri para sentar-me nas poltronas ao fundo da loja e segurei minha barriga, estremecendo.

Droga, se aos quatro meses de gestação as pessoas já reparavam, como seria dali em diante?

Quando eu já considerava entrar em pânico, o sino-de-vento tocou na entrada. Dylan apareceu casualmente, como costumava fazer meses antes. Incluindo a parte de molhar a loja toda.

“Como foi o trabalho, meu predestinado?”

Com os olhos úmidos, eu corri para ele e o abracei, escondendo o rosto em seu peito.

Dylan afagou meu cabelo, e eu desabei numa crise de choro. Enfim entendia a surpresa do Dylan, quando eu disse que continuava trabalhando.

“Não posso mais trabalhar aqui.” Falei, entre soluços sentidos.

Dylan me abraçou forte e me deixou chorar. Pela sua calma, ele já

havia percebido o que eu só compreendia naquele momento: pela segurança do Mini-Dylan eu precisaria me esconder.

“São apenas alguns meses, meu predestinado.” Sua voz era tão macia e doce, que me perguntei o que seria daquele instante, sem o Dylan ao meu lado.

Nunca fiquei tão feliz em tê-lo comigo.

“Vou sentir falta daqui. E dos luaus. E como vou explicar o bebê? Não posso voltar meses depois e dizer que o encontrei na rua, o que o Alisson pensaria?”

Dylan calou minha boca com um beijo rápido.

“Uma coisa de cada vez. Não se preocupe, farei de tudo para que tenha todo o conforto necessário.”

Eu sorri, sentindo-me um pouco mais calmo. Em nosso abraço meu ventre pressionava contra os gominhos do Dylan, nos lembrando que qualquer decisão dali para a frente envolveriam três pessoas.

Pensando nisso, eu me lembrei da pintura, e um novo arrepio percorreu minha espinha. Eu ergui o rosto para a praia de sereias logo acima do balcão, e para o pequeno Dylan que brincava com seus pais, talvez em seu último dia de tranquilidade, antes de decretar ódio à raça humana.

Enervado como eu estava, não seria bom adicionar mais drama àquele momento. Ainda assim, já que estávamos ali, eu precisava matar pelo menos aquela dúvida.

“Dylan... você tem mesmo dezoito anos?” Perguntei.

“De onde veio essa pergunta?” Ele riu, me abraçando pelas costas.

Meus olhos subiram para a data da pintura, quarenta anos atrás. “Apenas me responda.”

Dylan suspirou. “...sou mais velho, isso é um problema?”

Meu coração pesou, e eu senti a choradeira voltando.

“...tenho dezenove.” ele complementou. “Fiz aniversário, enquanto estávamos separados.”

Eu arregalei meus olhos, virando-me para ele. “Dezenove? Mas...

mas a pintura... e o massacre que você presenciou?”

Dylan arqueou uma sobrancelha. “Massacre?”

“Aquele cenário, você não reconhece aquele lugar?”

Dylan enfim prestou atenção no maldito quadro, observando os diversos tritões e sereias se divertindo nas pedras negras da parte afastada da praia. Seu rosto de manteve calmo, até que o canto do lábio curvou-se de um jeito safado.

“Ah, são as pedras onde eu te comi um monte de vezes. Eu realmente massacrei sua bunda? Pensei ter sido gentil.”

Que ousado! Eu estapeei o braço do Dylan e me afastei dele, queimando de vergonha enquanto ele segurava o riso.

Não fazia sentido. Pensei ter compreendido o passado do Dylan, mas, como sempre, cada resposta gerava infinitas novas perguntas.

Ergui o rosto para aquele tritãozinho inocente, de cauda verde esmeralda e um olhar que parecia conectar-se à minha própria alma. Seria o massacre realmente uma simples lenda? Dylan não teria por que mentir, e sua personalidade não combinava com alguém que testemunhou os próprios pais sendo devorados.

“Se aquele garotinho não é você, então quem...”

“É possível que seja o meu papai alfa. Dizem que sou quase uma cópia dele, mas ele é tão peludo. Tá vendo algum pêlo em mim?” Falou Dylan, rindo descontraído.

Eu começava a me cansar da casualidade do Dylan em me revelar detalhes importantes. Ele precisava mesmo me fazer sentir como um idiota?

“Mas seus pais morreram, não morreram? Assim como todas as sereias.”

Dylan soltou a risada que segurava.

“Isso é impossível. Com quem acha que eu estava morando, até agora?” Percebendo o quanto eu estava completamente perdido, Dylan corou levemente e continuou. “Meus pais me mimaram como um príncipe a vida toda. Só me puxaram as orelhas quando retornei em desgraça, por ter sido rejeitado pelo meu ômega. Para os tritões, essa é uma humilhação máxima.

Mas nosso vínculo se reafirmou, relativamente imaculado, então agora tá tudo bem!”

Eu continuei olhando pra ele, tentando processar metade daquelas palavras. Ou Dylan não explicava nada, ou explicava tanto que a minha cabeça poderia explodir.

Mesmo atordoado, uma coisa era certa: Dylan não sofreu nenhum trauma violento de infância, e isso me deixava extremamente feliz. Não só por ele, mas porque minha gravidez deixava de ser um ato de vingança. Eu já deveria ter percebido isso na caverna. Enquanto eu me lamuriava pelo meu destino, o Dylan buscou aprender tudo sobre bebês.

Clareadas as minhas dúvidas, eu sorri para Dylan, enfim vendo-o pelo que realmente era: um pai de primeira viagem tão inexperiente e assustado quanto eu.

Eu gemi macio quando Dylan passou a massagear meus ombros. Nós dois observamos a pintura juntos.

“Esse seu pai se chama Alfa?” Perguntei.

“Não. Pai alfa é o que planta a semente. Eu sou o seu alfa, e você é o meu ômega, entendeu?”

“Eu... acho que preferia não ter entendido.”

“Não é complicado.” Dylan afagou meus cabelos castanhos. “O nome desse meu pai é Hian. Hian Makaira. Eu te levaria para visitar, mas meus pais detestam humanos.”

Eu fitei novamente o olhar do tritãozinho, e acariciei o relevo na minha barriga.

“Hian...”

Observei a pintura por não sei quanto tempo, até um bocejo do Dylan me trazer de volta à realidade.

“E então... sobre aquelas pedras negras...” Eu avermelhei.

“Não precisa dizer mais nada.” Dylan tomou minha mão e fomos para fora. “Estou sem meu arpão, mas devo conseguir pescar um peixe-de-superfície. Vou preparar um jantarzinho bem gostoso.”

Eu lambi meus lábios e acompanhei Dylan até as pedras da pintura, que para nós possuía uma história muito, muito diferente.

Como eu esperava, nosso jantarzinho à beira-mar foi apenas o segundo evento mais delicioso daquela noite. Dylan e eu nem chegamos a dormir. Quando percebi já era nascer do sol e o pobre Dylan nem conseguia respirar, exaurido em sua tentativa de satisfazer meu corpinho grávido.

Eu pude apenas rir, e esperar que meus hormônios se normalizassem logo.



Capítulo 17

Nota da autora: Este capítulo foi escrito como um presente aos leitores do Wattpad e não avança a história, é uma leitura totalmente opcional. Caso prefiram uma leitura rápida, pulem para o capítulo 18.

Desde que conversamos na loja do senhor Jones, uma frase do Dylan não me saía da mente.

Tenho dezenove. Fiz aniversário, enquanto estávamos separados.

Eu não precisaria trabalhar no feriado, então convidei Dylan para passar o dia comigo. Pela primeira vez cheguei antes dele nas pedras negras, o que era ótimo. Morreria de timidez se ele me avistasse carregando aquelas coisas.

Talvez fosse uma ideia estúpida, até porque eu nem sabia a data do aniversário, exatamente, mas eu não queria que o aniversário do Dylan passasse em branco.

Bem, quando ele chegasse eu descobriria se perdi meu tempo ou não.

O sol ardia no alto do céu, me forçando a usar um boné. Aquele camisetão preto escondia a barriga, mas também era como um forno. Eu não queria encontrar o Dylan todo molhado de suor.

Cansado de assar naquele calorão, eu mergulhei na água, de roupa mesmo. Agarrado às pedras deixei que as ondas me refrescassem, tão geladinhas e gostosas que invejei o Dylan, por conseguir passar horas no mar.

Já refrescado, eu forcei os braços na tentativa de voltar ao seco, mas logo escorreguei e caí no fundo das ondas.

Ai, droga. Aquele barrigão pesado atrapalhava meus movimentos.

Eu tentei subir de novo, e não demorei a perceber que estava preso.

Eu murchei os lábios, me sentindo uma baleia encalhada, só que ao contrário. Para piorar, algo engatou no meu pé e me puxou para baixo.

Dando gritos, eu debati as pernas, assustado. Que era aquilo? Havia uma coisa grande e verde dentro d'água.

Quando eu já considerava berrar por socorro, a coisa soltou meu pé e emergiu. Era Dylan, que agora ria de se matar.

“Meu querido predestinado. Que raro nos encontrarmos assim.” Ele disse, já aproximando os lábios.

Eu bloqueei aquela cara safada com a minha mão, indignado.

“Assim, como? Assim, me matando do coração? Estou grávido, Dylan, não me cause um ataque cardíaco.”

Dylan ria, lutando contra as minhas mãos sem desistir de grudar o corpo ao meu.

“Desculpa, desculpa. Foi tão difícil resistir.” Ele enfim escapou do meu bloqueio e me prensou contra os rochedos, acariciando meu queixo até que eu erguesse o rosto. “Meu predestinado é tão gostoso quando está nadando.”

Nadando? Se Dylan quisesse chamar aquelas escorregadas patéticas de *nadando*, eu não iria reclamar.

Além do mais, eu só resistia ao seu calor de macho até certo ponto, então mesmo sob a água fria, meu corpo já esquentava. Meu mastro parecia treinado a reagir na presença do Dylan, embrasado pelos meus hormônios enlouquecidos.

Dylan deve ter percebido, porque a tenda da minha bermuda espetou contra suas escamas.

Eu enfim soltei-me das pedras e cedi à proximidade, abraçando e beijando os lábios daquele tritão gostoso.

Dylan nos mantinha acima d'água com sua cauda forte, sem dificuldade alguma. Gemendo satisfeito para as carícias da minha língua ele aprofundou o beijo e logo estávamos trocando amassos na água, tão vorazes e urgentes que meu corpo relampejava de prazer.

Eu estava me esfregando num tritão. Dentro da água. Pouco tempo atrás tal ideia me pareceria terrível, mas naquele momento eu só queria mais e mais daquela boca quente, chegando a arranhar suas costas no desejo por atenção lá embaixo.

E então Dylan desceu as mãos pela minha cintura e agarrou firme minha bunda. Primeiro eu gemi de prazer e depois de frustração, porque no impulso fiz a mesma coisa, e só consegui agarrar escamas.

Para piorar acho que doeu, porque o Dylan soltou um ganidinho, contraindo o rosto.

“Desculpa.” Eu avermelhei, soltando sua cauda e percebendo que várias escamas continuaram nas minhas mãos.

“Tudo bem, vamos sair da água.” Disse ele, e logo então tomou impulso e subiu nas pedras, trocando suas escamas por pernas no tempo de um piscar de olhos.

Eu nunca entenderia como aquilo funcionava, mas para algumas coisas eu adoraria ter explicação.

“Dylan, posso fazer uma pergunta indiscreta?” Perguntei, enquanto Dylan me ajudava a subir.

“Mas é claro, meu predestinado.” Dylan riu, como se eu perguntasse o óbvio.

“Ahm... quando você tem escamas... cadê o seu... seu...” Eu gesticulei o indicador para cima e para baixo, avermelhando ainda mais.

Dylan desviou os olhos, tão vermelho quanto eu. Ele arregalou os olhos para as pedras adiante.

“Ei, o que é aquilo?” Ele caminhou até as coisas que eu trouxe mais cedo. “Uma vareta com linha?”

Droga, ele era bom em mudar de assunto.

“Cuidado, tem um anzol na ponta.” Eu tomei a vara de pesca antes que ele se machucasse. “É o seu presente de aniversário.”

Dylan murchou os lábios, e logo começou a gargalhar.

“Uma vara? Está presenteando um tritão com uma vara de pesca?”

Ele ria a ponto de chorar. “Meu predestinado, faz ideia de como tritões pescam? E meu aniversário foi há dois meses!”

“Eu sei de tudo isso!” Eu bufei, querendo jogar a maldita vara no mar, mas me contive. Dylan era meio devagar, imaginei que me entenderia errado. “O presente não é essa vara, eu só...” Baixei o rosto, amargando ao lembrar daquela briga horrível “...não pude comemorar seu aniversário no momento certo. Queria fazer algo especial.”

Dylan se acalmou um pouco, recuperando a seriedade. Ele acariciou meus cabelos cheio de afeto e beijou minha testa.

“Peço perdão. Será uma honra comemorar meus dezenove anos ao seu lado.” Disse ele, tão próximo que seu peito forte irradiava calor, me provocando a abraçá-lo e cobrir de beijos. “O que quer fazer de especial?”

Eu apertei meus lábios. Minha ideia parecia boa quando comprei todos os equipamentos, mas naquele momento eu queria me esconder de vergonha.

“Dessa vez eu mesmo pescarei o jantar.” Falei, para espanto do Dylan.

Dylan não riu, mas arqueou as sobrancelhas como se eu falasse outra língua.

“Meu querido predestinado, com todo o respeito, mas os métodos de caça da sua espécie são um tanto... primitivos.”

Primitivos? E matar peixes a dentadas era considerado o quê? Civilizado? Não, eu não podia me irritar com os comentários do Dylan. Planejei aquele dia justamente para ele perceber minha competência.

Além do mais, eu queria muito ver seu rosto ao provar um jantar preparado por mim.

“Pois hoje você fará a fogueira.” Falei confiante, enquanto prendia a linha no anzol. Nunca pesquei na minha vida mas já assisti vários filmes, seria bastante simples.

Senti que Dylan continha uma risadinha, mas ele apenas obedeceu e se afastou para buscar gravetos.

Percebendo que Dylan sumiu de vista, eu rapidamente peguei meu

celular e digitei no Google *como pescar*.

Ai, meu Deus, em que merda eu fui me meter.

“Colocar a isca no anzol, desarmar a carretilha e lançar. É como imaginei.” Pensei, aliviado, e agitei a vara acima da cabeça, lançando a linha bem adiante.

A isca mergulhou na água, então tudo o que eu podia ver era a bóia colorida de isopor. Através da água cristalina eu sempre avistava uns peixes legais, embora nenhum tão grande quanto os que o Dylan pescava. Eu queria surpreendê-lo então enrolei o vendedor com uma história sobre pescar tubarões em alto-mar. Ele me conseguiu o maior anzol e a linha mais grossa, então logo teríamos um peixão gigantesco para comer.

Ou, pelo menos, era esse o plano.

Minhas pernas de grávido logo começaram a doer e eu sentei, me perguntando se demoraria muito tempo. O sol começava a incomodar de verdade, mas o problema mesmo era o tédio. Minhas partes baixas não haviam esquecido a esfregação de antes, e relaxar por conta própria revoltou meu corpinho necessitado.

Se eu não estivesse com as mãos na vara de pesca, certamente me ocuparia com uma vara diferente. Quando o Dylan apareceria pra me fazer um oralzinho? Naquele dia eu era o macho provedor de alimento, e merecia ser satisfeito pelo meu par.

Enquanto eu bufava de tédio a bóia subia e descia nas ondas, às vezes indo, às vezes voltando.

Nossa, pescar era mais chato do que parecia.

“Como tá indo a sorte, meu predestinado?” Dylan ajoelhou atrás de mim e me abraçou.

“Shh. Vai assustar os peixes.” Resmunguei. “Você prometeu montar a fogueira.”

“Já montei.” Ele riu.

Eu virei para trás. Merda, e era uma fogueira bem melhor que as minhas também. A chama brilhava avermelhada, espalhando um aroma gostoso de lenha. Até a armação de espetos ele preparou, e pelo comprimento

do espeto Dylan esperava uma pesca bem grande.

Tudo bem, eu podia fazer isso. Algum peixe morderia a isca. Eventualmente.

“Ah, como você aguenta pescar todos os dias? É muito chato!!” Resmunguei, esperneando contra as pedras escuras.

Meu estômago doía de fome, e eu não aguentava mais ficar sentado. Eu preferia outro tipo de dor na bunda.

Dylan, claro, se divertia imensamente. Ele sentou ao meu lado e encostou a cabeça no meu ombro com um sorrisinho enigmático. Com todo o seu conhecimento ele devia perceber mil erros ridículos, e isso começava a me enervar.

“Eu... eu vi um caranguejo agora pouco, passeando nas pedras. Por que não procura ele, e engana seu estômago?” Tentei, sentindo uma crise de ansiedade chegar.

“Já encontrei, e já comi.” Dylan riu, lambendo os lábios. “Se estiver aborrecido, podemos transformar isso num joguinho.”

“Que joguinho?” Perguntei.

“Uma aposta. Eu tento caçar um peixe do meu jeito, e quem puxar o peixe da água pode escolher qualquer posição para esta noite.”

Eu corei, sentindo o pau saltar dentro das calças. Qualquer posição?

Um sorriso enorme se formou no meu rosto.

“Tá apostado.” Falei.

Dylan saltou para dentro d’água e eu fiz o que poderia fazer... continuei exatamente onde estava, morrendo de tédio, calor e dor no cu.

Eu nunca mais pescaria em toda a minha vida.

Cinco minutos se passaram, depois dez, e embora meu corpo fervesse com a minha imaginação fértil, eu comecei a cair na real. Nunca pescaria algo antes do Dylan. Ele perseguia os peixes e rasgava com dentes e unhas, aquele anzol estúpido nunca pegaria nada de útil.

Bem... de qualquer forma eu sairia ganhando. Sempre que Dylan sugeria algo novo, eu gritava de tanto prazer. E ele com certeza tinha algo em

mente, para sugerir tal aposta.

Apesar disso, bateu uma leve frustração. Talvez não houvesse outra chance de realizar minha fantasia. Eu nunca teria coragem de pedir ao Dylan.

De repente, um puxão. A vara quase despencou das minhas mãos, mas eu agarrei com força e puxei. A bóia afundou por completo e a linha rolou rápido pela carretilha, que eu travei tão rápido quanto consegui.

Eu me levantei, puxando com toda a força enquanto a vara arqueava, como se prestes a romper. Seria um peixe enorme, eu mal conseguia me equilibrar.

Espera... e se fosse o Dylan? Socorro! eu não queria pescar meu namorado!

Antes que eu entrasse em pânico, um par de mãos envolveu as minhas por trás e me ajudou a puxar. Era o Dylan, lindo e gostoso e impossivelmente viril.

Sentí-lo pressionar minhas costas arrepiou todo o meu corpo, mas eu me mantive firme. Eu realmente fisguei um peixe antes dele? Aquilo era inacreditável.

“A vara vai quebrar.” Falei, patinando e à beira de cair na água.

Mas Dylan me manteve firme no lugar, me ajudando a puxar nosso banquete. Com a força dele unida à minha eu enfim avistei um bicho enorme e cinza se aproximando, e meus olhos se iluminaram. Apaguei tudo de ruim que pensava sobre pescaria, isso era emocionante demais!

Após alguns segundos de luta e puxões violentos, o peixe finalmente cansou. Eu o puxei para fora e contemplei o meu prêmio, mal conseguindo acreditar.

Aquele bicho batia na minha cintura, e era bem gordo, tão pesado que eu mal conseguia erguê-lo.

Tão animado quanto eu, Dylan pegou o celular do meu bolso e se afastou, mirando a câmera em mim. Eu ergui o peixe de forma que escondesse a minha barriga, e fiz minha melhor pose de bad boy.

“Sorria, meu predestinado.” Dylan clicou a foto.

Eu enfim soltei o peixão ao lado da fogueira, suando pelo calor e

pelo esforço. É isso aí, eu sabia ser tão fortão e másculo como o Dylan.

“Que tal? Seu humano primitivo também tem habilidades selvagens.” Pus as mãos na cintura, todo orgulhoso.

“É um maravilhoso atum. A carne é bem escura e saborosa, eu adoro.” Dylan me agarrou e cobriu de beijos. “Mas meu amado ainda precisa preparar. Imagino que humanos não comam peixe cru.”

Eu cozei atrás da cabeça, pensativo. Na verdade sashimi de atum parecia uma ótima idéia, mas não queria desperdiçar a fogueira do Dylan.

“Me passa o canivete.” Pedi, me ajoelhando em frente ao peixe.

Os olhos do bicho perdiam o brilho aos poucos, me fazendo sentir um tanto perturbado. Não queria me cobrir de sangue e tripas, mas cozinhar fazia parte do presente do Dylan. Eu pensaria na aposta ganha após alimentá-lo bem com a minha própria culinária.

Dylan me passou o canivete, mas assim que aproximei a lâmina algo chamou a minha atenção. Havia um machucado redondo na cabeça do peixe. Uma... dentada?

Eu afinei meus olhos como adagas e olhei para Dylan, que me assistia tenso como um pau.

“Dylan, o que significa isso?” Perguntei, virando o peixe e expondo o golpe fatal. Bem que estranhei o bicho não ter se debatido muito.

O tritão safado riu nervosamente. Ele era pior em mentir do que eu.

Totalmente frustrado, eu joguei o peixe morto no chão, me sentindo um idiota.

“Eu não acredito que você caçou um peixe e espetou no meu anzol!” Rosnei, me aproximando até nossos narizes quase tocarem.

“Eu só estava pensando na segurança do bebê.” Falou ele, tremendo de tanto segurar o riso. “E assistir o sofrimento do meu predestinado rasgava o meu coração.”

“Sofrimento?” Eu suspirei, desistindo daquela discussão. “Eu queria comemorar seu aniversário com algo legal, e me sentir menos inútil. Você faz tanto por mim, e eu nunca sirvo pra nada.”

Dylan sorriu e me abraçou, sem ligar que eu estivesse coberto de escamas e fedor de peixe.

“Meu predestinado me agrada apenas por existir. E você quis fazer algo para mim, isso já torna esse dia muito especial.”

Eu murchei os lábios, decepcionado comigo mesmo, mas a alegria do Dylan me parecia tão sincera que logo eu relaxei em seu peito, me deixando envolver por seu afeto.

“Desculpa, eu sou um péssimo pescador.” Falei.

“Gosto de fazer coisas por você, meu predestinado, mas amo especialmente nossas atividades juntos. Por que não me ajuda a preparar nossa captura?”

Eu abri um largo sorriso. Dylan pretendia me ensinar a cozinhar?

Com uma risadinha animada eu concordei, e passei a tarde aprendendo todos os detalhes. Dylan ensinou a limpar as entranhas, raspar o couro e espetar sobre o fogo na altura perfeita. Enquanto o prato assava ele explicou sobre os tipos de peixe, e como capturar e preparar cada um, e também sobre como servir sem as espinhas.

Quando a carne estava pronta, eu mesmo cortei pedaços e ajeitei nos pratos, enquanto Dylan servia refrigerante nos copos.

Eu precisava concordar com ele. Fazer algo pelo Dylan me animaria muito, mas fazer algo juntos me deixou tão radiante, que eu mal continha a minha felicidade.

Dylan era o melhor namorado do mundo.

“Espero que esteja bom.” Falei, sentando ao seu lado com nossos pratos.

Realmente estava perfeito. Levaria muito tempo até eu compreender todas as técnicas, mas eu pretendia me dedicar. Só de imaginar Hian elogiando a minha comida fazia pulsar meu peito. Eu queria ser um pai capaz de enchê-lo de refeições gostosas.

“Estava delicioso.” Eu lambi os dedos, e recolhi nossos pratos. Minha barriga parecia ainda mais inchada que o normal.

Ainda assim não exagerei na comilança, ou não poderíamos ir para a

segunda parte. E a curiosidade começava a me matar.

Eu sentei no colo do Dylan de frente para ele, já cheio de safadeza no meu olhar.

“E então, que posição vamos fazer?” Ronronei, esfregando meus lábios nos dele até conseguir um beijinho.

O olhar do Dylan tornou-se devasso como o meu, acelerando meu peito e os meus hormônios aflorados.

“Você é o ganhador da aposta. Quem está curioso sou eu.” Dylan mordiscou meu lábio.

“Mas... mas você pescou o peixe.”

“A aposta era sobre quem puxaria o peixe da água, algo que meu predestinado realizou como um profissional.”

Eu umedeci os lábios, surpreso e muito, muito intrigado. Dylan era ainda mais safado do que eu pensava.

Colando meu corpo ao dele, eu rebolei em sua virilha apenas para sentir sua ereção na minha. Meu mastro endureceu como uma rocha, e a minha imaginação fez escorrer pré-goço na minha bermuda já molhada.

“Posso escolher qualquer coisa?” Arfei, me excitando duplamente com os gemidinhos do Dylan. “Vai ser difícil, você me pegou de surpresa.”

Essa parte era mentira total, eu sabia exatamente o que eu queria, e seria excitante demais.

“Pode guardar para outra noite, se preferir.” Dylan agarrou minha bunda e roçou nossos mastros com ainda mais força, através do tecido.

Eu mordi meus dedos, sorrindo com uma perversão que eu não sabia ter. Minha imaginação já não podia ser contida. Mesmo envergonhado, eu sabia que era agora ou nunca.

Respirando raso para as esfregadas do Dylan, eu sussurrei em seu ouvido.

“Quero comer outro tipo de peixe.”

Dylan parou a provocação no mesmo instante e me afastou de seu corpo. Por um segundo me preocupei, mas o olhar em seu rosto era de

simples confusão.

“Posso pescar algo diferente, mas agora? Pensei que faríamos sexo.”
Falou ele.

Ai, meu doce Dylan. Tanta inocência só aumentou meu desejo.

Tremendo de expectativa, eu desci meu calção e coloquei sua mão no meu mastro, molhando-o com minha lubrificação natural.

“Tá sentindo isso aqui?” Perguntei. “Quero dentro de você.”

Dylan permaneceu confuso, mas logo seus olhos se expandiram, e ele deixou o queixo cair.

“Mas você é o ômega.” Disse ele.

“Sou um ômega curioso.” Respondi, entrando no jogo de palavras estranhas dele. Não seriam as loucuras do Dylan que esfriariam meu corpo sedento por sexo. E eu não mentia sobre a curiosidade. Por mim eu daria a bunda todos os dias para aquele machão delicioso, mas Dylan curtia tanto o meu rabinho apertado, que era difícil não fantasiar sobre a sensação.

Eu queria que Dylan desvirginasse a minha parte da frente, também.

Enfim se recuperando do espanto, Dylan livrou-se de sua sunga azul com um sorriso empolgado, mas nervoso.

“Tudo pelo meu predestinado.” Ele disse. E na verdade essa fala me preocupou.

“Não vamos fazer isso, se não quiser.” Falei, também me despindo.
“Não faça isso por eu ser seu predestinado.”

Dylan beijou meus lábios, carinhoso e travesso.

“Posso fazer isso por curiosidade, então?”

Meu pau enrijeceu além dos limites. Parecia uma miragem, ou um sonho bem louco. Dylan prontamente virou de costas para mim e abraçou-se na pedra à frente, me espiando por cima do ombro cheio de medo no olhar.

Eu acariciei aquela bunda redonda e durinha, deslizando a mão pelas costas firmes enquanto aproximava o corpo. Quando minha pontinha dura tocou-lhe a nádega, Dylan contraiu todos os músculos do corpo.

“Podemos parar quando você quiser. Relaxe.” Eu o abracei por trás e beijei a linha da coluna, tentando parecer compreensivo e calmo.

Meu Deus, eu precisava demais foder aquela bunda.

“Tudo bem nessa posição?” Ele perguntou, agarrado à pedra como à própria vida.

Eu afastei o peito para ter visão total daquela cena dos sonhos. Dylan entreabria suas coxas fortes, me dando visão de seu mastro petrificado e tão delicioso que eu quase abandonei qualquer plano para chupá-lo. Cada músculo das costas podia ser contado, e ver a insegurança naquele rosto lindo me excitava mais do que deveria.

Aquele parecia meu aniversário bem mais que o dele, mas eu não pretendia desperdiçar minha carta branca.

“Empina essa bunda. Você me viu fazer isso mil vezes. Ofereça sua entradinha pra mim.”

Dylan levou o pedido no sentido literal. Para o meu delírio, ele realmente ergueu as nádegas, e também afastou com as mãos, revelando um asterisco rosinha e bem fechado.

Quase gozei. Eu tava em ponto de bala, com a respiração rasa e o corpo pegando fogo. Que cena inacreditável.

Assim como Dylan sempre fazia, eu chupei meus dedos e massageei a entradinha dele, sentindo o relevo delicado que eu em breve iria arregaçar.

Dylan gemeu alto, encostando a testa na pedra onde se abraçava. Os músculos de suas costas tremiam tanto quanto os meus, descontrolados pela excitação.

Eu meti dois dedos lá dentro, me assustando com o gritinho do Dylan, mas a resistência inicial cedeu rápido. Logo meus dedos estavam lá no fundo.

Minha intenção era afrouxá-lo, mas como resistir? Eu dobrei os dedos lá dentro, logo encontrando a saliência da próstata.

Dylan gemeu, quase cedendo as pernas mas mantendo-se ajoelhado com bravura, enquanto eu ia e vinha meus dedos naquela parte especial.

“Tá gostoso ser comido pelos dedinhos do seu ômega?” Perguntei,

com um sorriso felino.

“Dói um pouquinho, mas dá pra aguentar.” Gemeu ele, sincero como apenas Dylan conseguia ser.

“Posso te comer de verdade, então?”

Enfim a vergonha venceu a sinceridade. Dylan apenas fez um sim discreto, com a cabeça.

Eu agarrei os lados de seu quadril e me forcei para a frente. De uma só vez o interior do Dylan me envolveu, quente, úmido e delicioso demais.

Dylan soltava grunhidos de dor, e eu gemi como se o cu fosse meu.

Era bom. Era tão bom que eu tremia violentamente no esforço de não gozar, e eu apenas meti a cabecinha. Eu não conseguiria fazer um arrasa-rosca no nível do Dylan, mas queria pelo menos dar umas bombadinhas.

“Posso me mexer?” Perguntei.

Dylan me olhou por cima do ombro, com o rosto vermelho e seus olhos verdes brilhando em quase-lágrimas. Ele cobriu a boca com a mão ao espiar nossos corpos unidos, avermelhando ainda mais.

“Por favor seja gentil.” Suplicou ele.

Ah meu Deus. Fofo demais. Eu desviei o rosto mas já era tarde. Meu corpo se contraiu num espasmo forte e eletrizante, e antes que eu atolasse dentro daquele rabinho apertado, eu já havia preenchido Dylan com meus jatos quentes.

Eu gemi alto, ao mesmo tempo louco de prazer e de raiva. A bundinha gostosa do Dylan se inundou com o meu gozo até transbordar e logo então eu amoleci, me obrigando a sair dele.

Que desastre.

Estranhando a súbita liberdade lá atrás, Dylan olhou confuso para o meu rosto vermelho. Ele deslizou a mão pela própria fenda e ao sentir a umidade travou os lábios segurando-se para não rir.

“A culpa é sua por ser gostoso demais!” Eu subi minha bermuda, querendo me matar de tanto vexame.

Sem esconder seu profundo alívio, Dylan sentou-se novamente, de frente para mim. Após um discreto gemidinho de dor ele olhou novamente para a minha cara, e para a poça de gozo no chão. O safado começou a rir.

“Não se chateie, meu predestinado. Foram cinco segundos muito... diferentes.”

Eu esfreguei as mãos no rosto e suspirei. Eu realmente não servia pra ser ativo.

Dylan acariciou meu rosto e eu espiei para baixo, por acaso notando seu pau firme como rocha, apontado para cima.

“Deseja esperar um pouco? Pode tentar mais uma vez.” Disse ele, mas o nervosismo em seu rosto amuava as últimas brasas da minha fantasia idiota.

“Esquece. Não gosto de esperar... Até porque eu quero outra coisa, agora.”

Dylan seguiu minha visão até seu mastro, e lambeu os lábios com devassidão. Ele empurrou meus ombros e, com a mão apoiando minha cabeça, gentilmente me deitou sobre as pedras negras.

“O de sempre, meu amado?” Perguntou ele, devorando meu corpinho grávido com seu olhar. Seu sorriso aumentou ao ver uma tenda se armar na minha bermuda.

Engolindo a vergonha por antes, eu descii a roupa mais uma vez e abri minhas pernas, entregando-me totalmente ao Dylan.

“Tudo o que quiser.” Eu o puxei para perto e beijei cheio de tesão, gemendo em sua boca ao sentir os dedos do Dylan me afrouxando.

“Tudo o que eu quiser, mesmo?” Dylan sorria como um bobo pervertido.

“Hoje meu corpo é todo... ah... todo seu.” Arfei, rebolando em seus dedos. “Feliz aniversário, meu tritão.”



Capítulo 18

Eu enrolei o máximo possível, mas por fim cumpri o combinado com o Dylan. Completados cinco meses de gravidez, eu terminei meu expediente do dia e logo depois pedi demissão.

Já acostumado ao senhor Jones, não me choquei quando ele apenas sorriu, e disse que sentiria minha falta. Percebendo que comecei a chorar ele me ofereceu um milho-na-manteiga, e disse que aguardaria meu retorno, caso eu mudasse de idéia.

Foi difícil. Chorei todo o caminho em direção às pedras negras, e ao encontrar Dylan chorei ainda mais. Pela história que eu inventei ao senhor Jones, eu e Dylan passaríamos alguns meses conhecendo o mundo.

Na verdade, aquela tarde ensolarada de outubro seria meu último dia de liberdade.

“Não precisa ficar assim, meu predestinado.” Dylan me abraçou delicado, não querendo causar dor ao inchaço enorme no meu ventre. Sua voz era doce e chorosa.

Meu Dylan... aquele bobo precisava parar de chorar ao me ver triste ou seríamos pior que um casal de novela mexicana.

“Estou melhor.” Me forcei a parar as lágrimas, e olhei para o horizonte.

O mar do pôr-do-sol refletia tons cor-de-rosa, tornando as enormes ondas tubulares uma cascata de ametista, com um cheiro salgado e fresco que aprendi a amar. Perto de nós algumas gaivotas descansavam, já sabendo que Dylan logo pescaria algum peixe. Aqueles bichos sempre interrompiam em momentos bem inadequados, mas naquele momento eu quis abraçá-las, e abraçar as pedras, e até as anêmonas que cresciam entre as fendas. Eu sentiria tanta falta de tudo.

“Por que não monta a fogueira? Trarei o melhor peixe que encontrar.” Dylan beijou minha testa, acariciando minha barriga por cima da camisa.

Eu concordei, e Dylan saltou graciosamente na água. Suas pernas tornaram-se uma cauda instantaneamente, e ele desapareceu na profundidade do mar.

Se algo poderia me deprimir mais, era ficar sozinho. Eu torci para Dylan não demorar e procurei alguns galhos e pedaços de coqueiro que pudessem servir de lenha. Assim que terminei a fogueira Dylan emergiu arrastando o nosso jantar: um peixe quase do meu tamanho, metade azul e metade branco, com um nariz longo e pontudo.

Sempre que eu pensava ter visto de tudo, Dylan me chocava de uma nova maneira. Eu nunca vi um peixe tão grande, e nem tão bonito. Eu considerei perguntar como Dylan pescou algo tão grande desarmado, mas uma dentada profunda na cabeça do bicho respondia a minha pergunta.

O pobre peixe não se manteve bonito por muito tempo. Com um canivete Dylan decepou sua cabeça e destripou a barriga, calmo como quem fazia isso todos os dias.

“É um espadarte.” Falou Dylan, rindo do meu espanto. “Meu predestinado está num dia ruim, então resolvi trazer algo especial.”

Só então percebi sangue no braço do Dylan. Com o coração nas mãos eu me ajoelhei ao seu lado e confirmei que não era o sangue do peixe (que, aliás, jorrou vermelho em todas as direções até o bicho morrer por completo). Havia um furo no bíceps do Dylan, e parecia profundo.

“Você exagerou. Não precisava pescar algo tão grande.”

“Isso não é nada.” Dylan riu, terminando de acender o fogo.

“Como assim, não é nada? Olha o tamanho desse bicho, você podia ter se ferido de verdade, por um motivo tão idiota.”

Dylan aproximou o rosto do meu e beijou meus lábios.

“A felicidade do meu predestinado não é, de forma alguma, um motivo idiota.” Disse ele, e em seguida desceu o olhar à minha barriga, agora exposta. “Pela felicidade dos meus dois amores, eu faria qualquer coisa.”

Eu suspirei, também olhando para baixo. Minha barriga já havia passado da linha das costelas, e com o peso começava a curvar para baixo. Minhas costas doíam, e meus tornozelos pareciam sempre inchados. Apesar disso os enjôos e pontadas no estômago desapareceram.

Infelizmente - ou felizmente, talvez - o meu apetite sexual continuava a todo o vapor. Eu percebia Dylan ainda mais musculoso e viril, e não sabia dizer se eram meus hormônios afetando minha visão, ou se tanto sexo acabou tonificando seu abdômen ainda mais. Dylan estava mais gostoso do que nunca.

Eu considerei interromper o Dylan e trocar uns amassos, mas logo a dor nas costas me venceu e precisei sentar, recostado às pedras.

Nós dois trocamos um sorriso carinhoso, e decidi que era hora de contar algo que já guardava a algum tempo.

“Escolhi o nome do bebê.” Falei.

Dylan quase deixou o peixe cair no fogo. Ele me olhou com os olhos enormes.

“O quê? Decidiu mesmo?” Ele gaguejou, indo lavar as mãos no mar. Já limpo, ele ajoelhou à minha frente e pôs as mãos na minha barriga, com um sorriso tremido e fofo nos lábios. “Que nome escolheu?”

“Hian.”

“O nome do meu pai alfa?” Dylan começou a rir, e chorar, ainda mais emocionado do que pensei que ficaria.

Eu ri com ele, e nós nos abraçamos e beijamos intensamente. Hian. Um nome lindo para o nosso bebezinho lindo, que eu finalmente não precisava mais chamar de Mini-Dylan.

“Você gostou? Achou uma boa idéia?” Perguntei.

Dylan abaixou-se e beijou minha barriga, acariciando dos lados.

“É perfeito. Meu pai vai adorar a homenagem.” Disse ele, deslizando os dedos pelo meu ventre. “Oi, pequeno Hian. O papai Dylan mal pode esperar para te conhecer.”

“Você é muito bobo!” Eu o empurrei, morrendo de cócegas. “Cuidado para nosso jantar não queimar.”

Pela meia hora seguinte, eu assisti Dylan abrir, temperar e espetar o peixe sobre a fogueira, até o delicioso cheiro me fazer babar. Sorte dele que eu adorava peixe, mas a verdade é que eu amava tudo na culinária do Dylan, mesmo que fosse apenas frutos-do-mar, peixes e sal.

Em pouco tempo os pratos estavam servidos. Eu saboreei o gosto de espadarte fresco e gemi de satisfação. Que coisa mais deliciosa. A carne escura e succulenta acariciava a minha boca, com um gosto rico e intenso.

Dylan sentou ao meu lado, também saboreando nosso jantar excêntrico.

“Terminando aqui, precisaremos chegar logo na sua casa.” Ele disse, vendo o sol se pôr.

“Ainda não se acostumou, pai do meu filho?” Eu dei uma risadinha perversa. “Não aguento esperar. Terminado esse peixe, vamos transar aqui mesmo.”

Dylan riu, um pouquinho nervoso. “Adoro satisfazê-lo, meu predestinado, mas não me refiro a isso. Você precisa fazer suas malas. Será trabalhoso transportarmos tudo para a ilha.”

Eu engasguei no meu peixe, e tossi violentamente.

“Ilha?”

“Sim, a minha casa, onde você passará o fim de sua gestação.”

“Dylan...” Eu respirei fundo, me perguntando por onde começar. “Eu tenho uma casa. Aliás, a casa é do Alisson, mas é onde eu moro. Não pretendo me mudar de lá.”

“Está louco, meu predestinado? Como eu cuidaria de você? Não poderá sair nunca, com a barriga desse tamanho.”

Eu apertei os lábios, mas a resposta logo veio, e era mais do que perfeita.

“Venha morar comigo!” Falei, com um sorriso enorme. “Poderemos dormir juntos, e assistir TV, e você pode usar a cozinha do Alisson para preparar seus peixes. Eu sei que não é a mesma coisa, mas tem uma peixaria lá perto, com o dinheiro que economizei podemos...”

“Gabe, eu não posso.” Falou Dylan, com cara de quem cravava um

punhal no próprio peito.

Eu calei a boca, percebendo o idiota que eu estava sendo.

“Desculpa, eu não quis ir tão rápido.” Falei, sentindo o estômago embrulhar. “Você fala que me ama o tempo todo, e eu nunca respondo nada, e aqui estou eu, sugerindo bobagens.”

“Gabe, não é nada disso...” Dylan acariciou o meu ombro, olhando nos meus olhos de um jeito triste.

Eu lhe devolvi o olhar, corando intensamente.

“Eu te amo, Dylan.” Eu avermelhei até queimar. “Eu te amo muito.”

Dylan arregalou os olhos, e me abraçou tão rápido que derrubou nossos pratos no chão. Eu pensei em brigar pela reação exagerada, mas ao ouvi-lo soluçar no meu ombro eu apenas o abracei.

“Pensei que você nunca diria isso.” Soluçou ele.

“Eu te amo, eu te amo, eu te amo.” Repeti, envergonhado mas sincero. Talvez fosse um erro me confessar tão cedo, mas Dylan passou a ser tão honesto comigo, que esconder meus sentimentos tornou-se insuportável.

Eu não podia viver na minha concha fechada para sempre.

“Não posso viver na ilha, Dylan. Não tem nem energia elétrica.” Falei, sentindo o calor gostoso de seus braços nos meus ombros. “Fique com o quarto do Alisson, se o problema for privacidade. Mas quero que viva comigo e com o Hian.”

Dylan afastou o corpo do meu e me encarou, apertando os lábios.

“Tudo pelo meu predestinado.” Ele enfim disse, suspirando. “Mais tarde buscarei meu dinheiro, e viverei com você no continente.”

Eu ergui os braços gritando em comemoração, e nos servi novamente, eufórico.

Meus quatro meses de confinamento não seriam tão aborrecidos quanto imaginei.

Quando Dylan mencionou que buscaria dinheiro e apareceu na minha sala com um enorme baú, imaginei que houvesse, também, trazido outros pertences.

Eu me enganei.

“O que acha? É o bastante para que viva em conforto?” Perguntou Dylan, cheio de preocupação.

Sentindo as pernas falharem, eu me sentei no sofá da sala e fixei os olhos naquele baú envelhecido e cheio de cracas, que Dylan abriu tão casualmente como quem abre a porta da geladeira.

Taças de ouro. Rubis. Pingentes. Turquesas. Tantas moedas douradas que não se avistava o fundo.

Por que caralhos eu pedi dinheiro para o Michel, mesmo?

“Dylan, desculpa o linguajar, mas que porra é essa?” Perguntei, piscando rápido. Só podia ser uma miragem, não é?

“Tesouros do mar. Não te falei deles? Alguns tritões vivem isolados, raramente subindo à superfície, mas clãs mais moderninhos, como os Makaira, saqueiam navios naufragados e comercializam com os humanos. Com uma moeda dessas comprei aquele sofá-cama para você, e com um broche tipo esse o dono da farmácia me entregou todo o Mekolinol em estoque.”

“Dylan, meu amor... você faz alguma idéia de quanto dinheiro tem aí?” Perguntei, vasculhando a pilha de ouro, diamantes e pedras preciosas. Eu me sentia uma versão grávida do Conde de Monte Cristo.

“Sou um tritão, não um contador.” Dylan deu de ombros “Mas pela sua cara, vou supor que é bastante. Acha que conseguiremos comprar polvo, naquela peixaria da esquina? Eu amo polvo.”

“Acho que poderemos comprar todos os polvos do planeta. Não, por favor não tente fazer isso.”

Dylan fechou o baú e empurrou com toda a força para trás do sofá. Enquanto arredava aquela montanha de ouro, um filete de sangue escorreu do machucado no braço.

Ai, meu Deus. O ferimento havia aberto de novo?

“Dylan, você vai precisar de pontos.” Falei, puxando seu braço para ver de perto.

“Agradeço a preocupação, meu predestinado, mas logo vou melhorar.” Dylan beijou meus lábios. “Tritões se recuperam rápido. Além do mais, não podemos visitar médicos humanos. Seria complicado.”

Eu alisei meu cabelo para trás, pensando em alguma solução.

“Podemos chamar o Michel. Ele está se formando em medicina, e saberia guardar segredo.”

Dylan afinou os olhos e rosnou. Por um segundo seus olhos tornaram-se felinos como daquela outra vez, e seus dentes se afiaram.

Eu recuei apavorado, mas logo Dylan havia retornado ao normal.

“Ok, já entendi. Nada de Michel.” Falei, suando frio.

“É apenas um arranhão.” Ele disse, com um sorriso doce. “Amanhã já estará fechado.”

Apesar da teimosia do Dylan, eu peguei a caixa de remédio de baixo da TV e abri um rolo de bandagens. Dylan não protestou quando enfaixei seu braço, e até que ficou bom. Pelo menos o machão teimoso não sangraria pela casa toda.

Resolvidos todos os problemas daquele dia, era a vez do meu corpo pedir atenção. Eu abracei Dylan por trás e grudei meu corpo ao dele, esfregando meu volume entre suas coxas.

“Quer ir para o meu quarto?” Perguntei. “Tá tarde.”

Dylan nem me ouviu. Ele estava entretido nos botões do controle remoto. Quando enfim apertou o botão de ligar, a TV soou alto e ele deu um grito.

“Você sabe usar um celular, e nunca mexeu numa televisão?” Perguntei, perplexo.

“Olha isso, a imagem é tão grande.” Dylan sentou no sofá, com o olhar brilhando.

Eu tive que rir da alegria do Dylan, com uma coisa tão boba. Enquanto ele vasculhava filmes do Netflix eu sentei ao seu lado e deitei a

cabeça em seu ombro. O cheiro do Dylan era tão gostoso.

Após meia hora passeando por centenas de filmes, minha paciência acabou e fiz Dylan assistir *Procurando Nemo*. No começo Dylan reclamou horrores porque peixes não falam, mas assim que ele entrou no clima da história passou a se divertir, e o sorriso em seus lábios fez meu peito aquecer.

“Eu te amo, Dylan.” Falei.

Dylan me beijou rapidamente, sem querer perder o final da história.

“Também te amo, meu predestinado.”



Capítulo 19

Pensei que viver enclausurado fosse ser difícil, mas após uma semana eu já me sentia um príncipe num conto de fadas. Um conto de fadas gay e muito esquisito, mas ainda assim um conto de fadas.

Dylan não estava brincando quando falou em conforto. Ele dedicava seus dias a me preparar comidas gostosas, incluindo sanduiches exagerados, bolos, e outras coisas que ele não podia comer. Surpreendentemente, tudo ficava uma delícia. Seu novo vício em programas de culinária foi como uma benção, eu não sabia por quanto tempo aguentaria peixes.

Além de cozinhar, Dylan fazia longas sessões de massagem com óleos aromáticos, além de cuidar da casa como um mordomo. Ele varria, passava roupas e até esfregava o chão do banheiro, tudo para que eu me mantivesse deitado, e não forçasse minhas costas sempre doloridas.

Dylan só deixava a casa para fazer compras, e ainda assim nunca demorava, sempre preocupado comigo.

Em resumo, eu era paparicado do começo ao fim do dia. E isso, claro, incluía nossas diversões noturnas, como a daquele momento.

“Dylan, devagar.” Eu arfei, mordendo a franha do meu travesseiro.

Metendo atrás de mim sem misericórdia, Dylan reduziu o ritmo. O estalar das suas coxas nas minhas tornou-se um vai-e-vem de som molhados, que me faziam gemer sem fim.

“Ontem mesmo você queria até mais rápido.” Arfou ele, apertando minhas nádegas.

“Eu sei, eu só... ah... assim é gostoso.” Rebolei minha bunda empinada, pedindo mais.

Com a minha barriga aumentando a cada dia, nossas posições

sexuais se reduziam. O mais confortável, ironicamente, passou a ser a mesma posição em que fui engravidado. De quatro, como um putinho sem vexame.

Ainda metendo em mim, Dylan contornou a mão pelo meu quadril e masturbou meu membro sólido. Meu pré gozo molhou seus dedos ágeis.

“Seus hormônios estão se acalmando.” A risadinha do Dylan foi entrecortada por seus gemidos extasiados. Ele arfou meu nome e me recheou até o líquido transbordar.

Eu me contorci de prazer, e gozei ao mesmo tempo. Ah, tão bom. Ao sentir o primeiro jato Dylan me masturbou ainda mais rápido, e o orgasmo durou ainda mais tempo.

Quando já estava esgotado, eu derreti nos lençóis da cama e Dylan deitou-se comigo, arfando em exaustão total. Outra noite de sexo desenfreado, mas daquela vez eu finalmente me sentia saciado.

“Minha libido tá normalizando? Vou sentir falta daqueles orgasmos loucos.” Falei, deixando Dylan aninhar-se no meu peito.

“Meu predestinado safado.” Dylan riu, e provocou meu mamilo com seus lábios ásperos. “Queria me matar de cansaço?”

Eu afastei ele, até estranhando a sensação de não querer mais sexo. Pensando bem, eram ótimas notícias. Eu também não lembrava a última vez que acordei sem dor na bunda.

Abraçado em Dylan, eu bocejei, e logo senti o sono vir. Antes que eu apagasse de vez, porém, o ranger do colchão me despertou. Dylan levantava furtivamente.

Fingindo continuar dormindo, eu assisti Dylan com uma fresta dos olhos. Ele se levantou e massageou as bandagens no braço, que ainda sangrava. Mesmo um humano já teria se recuperado, após tantos dias.

Dylan estalou a língua nos dentes, vestiu sua sunga e deixou o quarto.

“Onde você vai?” Perguntei, sentando-me na cama.

Dylan virou-se para mim, surpreso.

“Eu... eu vou...” Ele soltou o ar lentamente. “Preciso dar um mergulho.”

“Às três da manhã?” Eu torci o lábio, verificando o celular. “Deixe isso pra depois, eu...”

Meu estômago grunhiu alto e selvagem. Eu apertei a barriga, e minha boca começou a salivar.

“...eu preciso de carambolas.” completei.

“Quê?” Dylan arqueou as duas sobrancelhas.

“Carambolas, sabe? Aquela fruta que parece uma estrela?”

Dylan abriu a boca, totalmente confuso. Por algum motivo o olhar dele me fez chorar. Aquele idiota pretendia mesmo ir nadar, enquanto eu passava fome.

“Seu maldito mar é mais importante que eu, é isso?” Desabei, soluçando no meu travesseiro.

“Bom... pelo menos o mar continua lá, três da manhã. Onde vou encontrar carambolas de madrugada?” Dylan correu para mim e tentou me abraçar, mas me livrei dele aos tapas. “Gabe, seus hormônios...”

“Que foi? Tudo é culpa dos meus hormônios agora??” Gritei tão alto que Dylan se afastou vários passos. “Você mete um filho na minha barriga e não é nem capaz de cuidar de mim. Eu só pedi carambolas. Eu preciso. Eu não vou conseguir dormir.”

“Mas... mas meu predestinado, eu...” Dylan tremia, engasgado como se olhasse para um cara louco.

O que eu fiz para merecer tanta incompreensão?

“Você disse que faria tudo por mim. É uma mentira depois da outra!” Solucei, podendo sentir o sabor cítrico e delicioso nos meus lábios. Como eu pude viver tanto tempo sem carambolas?

“Eu vou dar um jeito, tá bom?” Dylan esfregou os cabelos, totalmente perdido.

Eu sequei minhas lágrimas, e fui até Dylan. Mesmo assustado ele me deixou beijar-lhe, mas seus lábios secos me incomodavam.

“Aproveita e compra uma manteiga de cacau, ou coisa assim. Sua boca tá toda rachada.”

“Tudo pelo meu predestinado.” Ele disse, e logo deixou o quarto.

A porta de entrada abriu-se e se fechou, lá embaixo. Eu voltei a deitar na cama, massageando a minha barriga enorme. Precisava me acalmar, mas era tão difícil.

O que seria de mim, se Dylan não encontrasse carambolas?

Enquanto eu refletia sobre isso, meu celular tocou. Eu agarrei aquela porcaria disposto a xingar quem quer que fosse, mas a imagem do Alisson me acalmou de imediato. Era uma chamada de vídeo.

“Alis! Como estão as coisas aí?” Perguntei, acendendo o abajur para que ele também me visse. “Conseguiu uma casa? E amigos novos? E como estão os campeonatos?”

Alisson riu. Ele parecia tão alegre que quase chorei de alegria. Aos fundos eu podia avistar um mar cor-de-esmeralda e o céu azul e brilhante.

“Aqui é incrível, Gabe. A água, as ondas... nunca vi nada parecido. É coisa de filme. Ontem eu surfei uma super-tubo, e cheguei tão alto que se podia ver o teto das casas, foi sensacional.”

“Fico feliz, Alis. Deve ser incrível mesmo.”

“Não sei como consegui aquele dinheiro, mas não pense que esqueci. Vou devolver quando ganhar o torneio de amanhã, então torça pelo seu irmão.”

“Já estou torcendo. Esse vai passar na internet?”

“Não. É coisa pequena, mas aqui qualquer competição dá prêmio alto. Surfe aqui é outro nível. Participei de um mini-campeonato ontem, e terminei em oitavo.”

“Logo você se acostuma. São outros tipos de onda, afinal.” Falei, despreocupado. Adorava ver o Alisson tão feliz.

Alisson abriu a boca para responder, mas a mão de uma garota apareceu na tela, e desceu um carinho pelo seu braço.

“Voltei, Alisson, trouxe sua bebida.” Falou ela em inglês, enfim aparecendo na tela. Era uma mulher alta e linda, de uns trinta anos. Seus cabelos escorriam como uma cascata negra sobre os ombros estreitos, seus olhos eram pretos e a pele bronzeada, cor-de-castanha. Uma havaiana nativa,

com um comportado biquíni floral cobrindo os largos seios.

Alisson aceitou a bebida escandalosa, que vinha dentro de um abacaxi.

“Espera um minutinho, Leilani, estou falando com o meu irmão.” Ele pediu, no mesmo idioma.

A mulher beijou seu rosto toda sorridente e acenou para mim, antes de se afastar.

Percebendo o sorriso safado na minha cara, Alisson avermelhou.

“É só uma amiga.” Ele disse.

“Tá certo.” Eu ri. “Há quanto tempo vocês estão *sendo amigos?*”

“Gabe, não seja inadequado!” Ele resmungou, ardendo de tão vermelho. “A Leilani trabalha num estande de coquetéis, e me ajudou a encontrar uma casa. Eu... quer saber, esquece. Pelo visto eu te acordei, você tá todo suado.”

“Eu já estava acordado.” Alarguei o meu sorriso. “Com o Dylan.”

“Ai, meu Deus. Não quero saber dos detalhes. A casa ainda está inteira?”

“Relaxa, seu irmãozinho sabe se cuidar. Quero que se divirta porque você merece. E também aprenda a receita desse abacaxi, porque mandarei o Dylan me fazer um igual.” *Embora sem álcool, é claro.*

“Pode deixar. Que bom que está contente. Manda um abraço pro Dylan.” Falou ele, acenando pra mim.

Eu acenei de volta, e Alisson encerrou a ligação.

Novamente no escuro, eu deitei o celular no peito e suspirei, me perguntando quando o Dylan voltaria. Conversar com o Alisson fez diminuir minha fome. Será que exagerei um pouco, mais cedo?

Ai, meu Deus, e se meu apetite sexual migrou direto ao estômago?

Temendo que minha obsessão por carambolas me enlouquecesse de vez, eu vasculhei o celular por joguinhos que me distraíssem. Eu nunca curti joguinho tosco, então logo me aborreci, e meu dedo acabou abrindo a lista de contatos.

O número do Michel apareceu na tela, acompanhado de uma foto com ele sorrindo, de óculos e com os cachos loiros presos para trás.

Eu olhei para a porta, e de volta para a foto. Tudo bem eu pelo menos *falar* com ele, não é? Sempre suspeitei que Dylan soubesse o que aconteceu em sua ausência, mas Michel continuava sendo o meu melhor amigo. Mesmo amando o Dylan intensamente, eu não sobreviveria convivendo exclusivamente com ele.

Irritado pela minha indecisão, eu fui adiante e liguei para o Michel, sem ativar o vídeo. Tudo bem meu irmão ver minha cara de pós-sexo, mas com o Michel seria meio estranho.

A ligação quase caía na caixa postal, quando ele enfim atendeu.

“Grngh... quem...” Vociferou ele, e só então lembrei do horário.

“Desculpa te acordar, Michel.” Falei. “Posso ligar outro dia.”

“Gabe? Não, tudo bem, é só que estudei até tarde e...” Ele deu um longo bocejo. “... já acordei. Como foi o último luau?”

“O de sempre. Teve umas músicas legais, e alguém levou um monte de batatas fritas. As ondas estavam lindas, mas fiquei na areia com o Dylan. Você teria se divertido.”

“São tantas provas, e o prazo do trabalho de conclusão tá apertado, e ainda tem os ensaios de formatura... Gabe, eu vou enlouquecer.” Ele suspirou.

Dei uma risadinha.

“Seja forte, mais alguns meses e você será um médico.” Falei.

“É... Doutor Michel. Isso soa bem. E precisa ver como fico gostoso de toga. Vai ir na minha formatura, não vai? É daqui há quatro meses.”

Minha empolgação morreu, dando lugar a um aperto no peito.

“Eu prometo tentar.” Me esforcei para que a voz não soasse desanimada.

“Não dá mancada, Gabe. Já tive que aceitar você voltar praquela troglodita violento. Me esforçarei a ir pro próximo Luau, só pra puxar suas orelhas.”

“Michel... não vai ter um próximo Luau.” Droga, eu me sentia prestes a chorar. “Não voltarei tão cedo.”

“Quê? Mas você adora os nossos encontros. Se aquele idiota tá te proibindo de viver, eu arrebento ele. Fica esperto com ele, Gabe.”

Eu olhei minha barriga, e comecei a soluçar. Malditos hormônios, por que naquele momento? Tentei responder ao Michel, e isso só fez ele me ouvir chorando.

“Gabe... sabe que pode contar comigo pra qualquer coisa, não sabe?”

“Posso mesmo?”

“Cara, eu te levei pra encontrar teu macho, e ainda fiquei à deriva por duas horas, num iate sem combustível. A guarda costeira precisou me resgatar, e precisa ver o quanto são desafortunados.” Michel riu. “Não sou um corujão chato como o Alisson, mas se precisar de mim, estarei aqui.”

“Obrigado, Michel.”

“De nada, Gabe. Eu ainda... espera. Tem uns sons estranhos vindos da minha cozinha. Eu preciso ir. Nos falamos.”

“Nos falamos.” Respondi, mas Michel já havia desligado.

Novamente devorado pela solidão, eu tomei uma chuveirada longa e quente, tentando melhorar meu astral. Quando saí do banho Dylan me aguardava sentado na cama, com uma cesta de prata nas mãos.

“Ai, meu Deus, você encontrou as carambolas!”

O aroma gostoso fez rugir meu estômago, e eu ataquei as carambolas como uma besta selvagem. As frutas desmanchavam na minha boca, saborosas como se eu não comesse nada há meses.

Após terminar a segunda fruta, eu já não aguentava ver carambolas na minha frente.

“Obrigado, Dylan.” Eu beijei seus lábios rachados. “Agora suma com essas coisas, o cheiro tá me enjoando.”

“Mas ainda tem um monte.” Resmungou ele. “Faz ideia de como foi difícil...”

“Sabe o que é difícil, Dylan? Carregar esse bebê. Mas você está me

vendo reclamar?” Eu revirei os olhos para a frustração no rosto dele. “E não pedi que conseguisse algo para os seus lábios? Como vai usá-los lá embaixo, se eles parecem uma lixa?”

Dylan deu um longo suspiro, e se levantou.

“Vou guardar na geladeira.” Ele disse. “Tudo bem se formos nadar, amanhã? Podemos ir tarde, não vai ter ninguém.”

“É melhor não arriscarmos. Olha o tamanho dessa coisa.” Apontei para a minha barriga. “Além do mais, os meus tornozelos doem. Livre-se logo dessas coisas, e venha me fazer uma massagem.”

Dylan arrastou-se para fora do quarto.

“Tudo pelo meu predestinado.” Ele disse, descendo as escadas.

Eu sorri e me ajeitei sob os lençóis, todo satisfeito. Dylan realmente era o meu príncipe encantado.



Capítulo 20

“Seu braço ainda tá sangrando.” Constatei, enquanto trocava as bandagens. “Dez dias sem sinal de cicatrização? Tô preocupado, Dylan. Vou ter que chamar aquele-que-não-deve-ser-mencionado.”

“Voldemort?” Dylan sorriu com o canto do lábio.

Eu ri.

“Você assistiu mesmo todos os filmes do Netflix.” Falei, amarrando as pontas do curativo novo. “Mas você sabe que estou falando do Michel.”

“Prefiro o Voldemort.” Ele bufou e levantou do sofá, me deixando sozinho. Tentei argumentar e ele logo me cortou. “Não quero ele aqui. O idiota veria sua barriga, e além do mais... ah, esquece.”

Eu avermelhei, e preferi não perguntar. Se Dylan podia detectar meu medo e minha solidão, certamente podia detectar outras coisas. Apesar disso, minha intuição dizia que afastar Michel seria uma burrice tremenda. Ele era meu melhor amigo, e quem mais me ajudaria sobre o parto?

“Eu nunca faria nada pelas suas costas.” Encolhi-me no sofá, com o rosto baixo. “Podemos por favor limpar a ficha dele?”

Dylan roubou-me um beijo com seus lábios secos.

“Agradeço a preocupação, meu predestinado, mas você é o único necessitando cuidados. Realizada a fecundação, é função de um alfa realizar qualquer desejo de seu ômega.”

Eu bufei, tentando relevar a implicância com o Michel, mas já começava a ficar difícil. Dylan sempre conversava sobre a gestação, mas nunca nem mencionava o parto. Eu queria um médico de confiança no grande dia, e quanto a isso eu não iria discutir.

“Não começa com suas frases complicadas. Se quer mesmo me

agradar, prepare logo aquele camarão na moranga. E coloque queijo de cabra, hoje acordei morrendo por queijo de cabra.”

“O que é uma cabra?”

“Você não sabe? Aliás, não importa. Peça pro balconista lerdo do supermercado.” Sentindo uma enxaqueca vir, eu gesticulei para que Dylan fosse logo.

Dylan suspirou tristemente. Ele parecia tão pra baixo ultimamente, e eu não via o motivo. Se pelo menos ele conversasse comigo, mas ele preferia ser um gostosão seminu que só falava de predestinado isso, e predestinado aquilo.

Eu abracei o torso gostoso do Dylan e beijei-lhe a linha das costas.

“Quer saber, esquece o almoço. Que tal você deitar aqui, e eu te faço uma massagem?” Perguntei.

Dylan gemeu baixinho para o meu toque em seu corpo, e sorriu para mim com uma sobrancelha arqueada.

“Você, me massageando? O gestante é você, meu predestinado. Eu nunca pediria nada que lhe cansasse.”

Eu subi os beijinhos até o ombro e o abracei apertado, beijando a curva do pescoço. Algo parecia errado com a pele do Dylan. Ela parecia pouco elástica, não sei. Talvez fosse impressão minha.

Disposto a arrancar mais gemidinhos do meu namorado gostoso, eu sussurrei em seu ouvido.

“Deita aqui, que eu vou buscar os óleos. Esteja peladinho quando eu voltar.” pedi, todo manhoso.

Acho que enfim agradei o Dylan, porque ele deitou-se de bruços ao longo do sofá e ficou me olhando por cima dos braços, parecendo meio desconfiado.

Eu mordi o lábio de baixo e corri para o nosso quarto em busca dos óleos. Seria tão divertido.

“Voltei, Dylan.” Agitei no ar o meu frasco favorito, de óleo de hibisco. Dylan realmente livrou-se da sunga azul, e me aguardava com aquela bunda linda e redonda empinada para o alto. “Nossa, você tá muito, muito

sexy. Não concorda, Hian?”

“Não pergunte essas coisas ao bebê!” Dylan riu, e piscou de um jeito safado, começando a entrar no clima da brincadeira.

Se as massagens em mim ensinaram qualquer coisa ao Dylan, era que a parte da massagem nunca durava muito tempo. E o volume na minha bermuda já implorava pela segunda parte.

Eu me despi, mantendo apenas as cuecas, e então ajoelhei por cima das coxas do Dylan. Ai, meu Deus, que vista sensacional. Não era sempre que eu via ou glúteos musculosos do Dylan tão de perto.

Dylan me espiou por cima do ombro, quase rindo da nossa inversão de posições. Logo eu derramei óleo ao longo da coluna e passei a esfregá-lo gentilmente, até seus músculos rígidos relaxarem sob meus dedos.

Minhas habilidades como massagista eram inexistentes, mas conhecia o meu Dylan. Quando suas costas esculturais já reluziam eu deitei sobre ele e cobri de beijos, um tanto desajeitado pela barriga no meio do caminho. Cada beijo atrás de seu pescoço arrancava gemidinhos doces, que se tornavam mais altos conforme meus lábios desciam. Quando enfim beijei sua nádega, Dylan estremeceu.

“Vira pra cima.” Pedi, inebriado pela mistura de aromas.

Dylan rolou sob mim, e a paisagem adiante tornou-se coisa de cartão postal. Um peitoral delicioso e forte, com biquinhos castanhos e durinhos pela excitação. Os gomos da barriga me provocavam a serem mordiscados, e seu membro rígido já apontava alto, pedindo por mim.

Mesmo com aquele palácio das maravilhas sob o meu corpo, ao espalhar o óleo meu foco também era o olhar do Dylan. A parte branca dos olhos parecia mais vermelha do que eu lembrava, mas suas íris de esmeralda cintilavam com a beleza de duas pedras preciosas, me fazendo sorrir sempre que nos olhávamos.

Eu percorri meus dedos oleosos por cada relevo, dos quadris fortes até o pescoço que eu adorava lamber. Pela janela, o sol refletia sobre a camada de óleo, fazendo o corpo sem pêlos de Dylan parecer ainda maior e mais viril.

Quanto mais eu sentia Dylan sob meus dedos, mais o meu corpo se

acalorava, me fazendo arfar e ansiar pela minha vez. Mas eu notava o cansaço do Dylan. Mesmo todo inchado e dolorido eu queria agradá-lo, e fazê-lo sorrir pra mim de novo.

Após massagear os ombros e arrancar vários gemidinhos eróticos dos lábios do meu tritão, eu desci as mãos novamente e derramei mais óleo abaixo do umbigo, fingindo não perceber o pulsar do seu pau.

Dylan teve outro calafrio, e seu olhar exausto enfim focalizou nas minhas mãos, e no sorrisinho pervertido em meu rosto. Eu podia quase palpar sua ansiedade, mas mantive as mãos apenas nos arredores de sua excitação, massageando o interior das coxas e a curva da virilha.

Gemendo mais alto, Dylan arqueou o quadril contra as minhas mãos, em desespero.

“Gabe... faz...” Ele arfou, também vendo pulsar seu mastro seco e avermelhado.

Satisfeito demais, eu segurei a base do mastro e baixei o rosto, chupando o gosto salgado da cabecinha e grunhindo contra seu pau ao saboreá-lo.

Dylan afagou meu cabelo, contendo-se para não me socar contra ele. Eu não era nenhum ator pornô, precisava de tempo para fazê-lo caber.

Meus lábios se esticaram ao redor do cilindro quente. Eu podia sentir o pulsar das veias contra a minha boca, então o massageei com a língua, disposto a deixar aquela vara bem molhadinha.

Soltando gemidos altos, Dylan não resistiu e empurrou minha cabeça, me fazendo engoli-lo por completo. Eu engasguei com sua glândula entalada na garganta, mas o prazer descontrolado do Dylan compensava o desconforto.

Eu chupei com gosto seu membro espesso, subindo e descendo enquanto minhas mãos oleosas deslizavam pelas suas bolas. Cada pulsada dentro da minha boca me fervia de desejo e aumentava minha dedicação. Eu subi e desci a cabeça cada vez mais rápido, ansioso pelo sabor de seu êxtase.

Dylan afundou os dedos nos meus cabelos, apertando-os enquanto contorcia-se sob o meu corpo. Meu pau desesperou-se dentro da cueca, sentindo aquele prazer como se fosse meu.

Deleitado pelos grunhidos de orgasmo eu subi a boca, focando em chupar sua glândula sensível, mas o gozo gostoso não veio. Após os longos espasmos e gritos de êxtase, Dylan relaxou sob mim, respirando pesado e cheio de prazer.

Enfim afastando os lábios de seu pau, eu sorri orgulhoso e passei a mão pela saliva no meu queixo.

“Um orgasmo seco? Deve ser a primeira vez que isso acontece.” Comentei, lambendo os lábios em satisfação.

“Temos feito amor muitas vezes. Uma hora a fonte esgota.” Dylan soltou uma risadinha ofegante, mas meio torta.

Eu arqueei uma sobrancelha, desconfiado por aquele sorriso forçado. O comportamento do Dylan me preocupava, e não apenas pelo machucado que já tinha as bandagens de vermelho.

“Dylan, você fingiu gozar?” Perguntei, confuso. Se aquilo foi fingimento, Dylan merecia um Oscar.

“Não, claro que não. Eu só...” Percebendo o ar ofendido no meu rosto, Dylan me puxou sobre ele, deitando-me em seu peito firme e brilhante. “Peço que desconsidere, meu predestinado. É a minha vez de brincar com você.”

Ainda desconfiado, eu não queria Dylan percebendo minha animação, mas minha vara pressionou sua barriga. Mesmo através do tecido da cueca eu senti o relevo de seus gominhos e arfei em êxtase.

Dylan chupou meus lábios num beijo gostoso, embora meio áspero, quase arenoso.

“Você continua safadinho, meu predestinado.” Sussurrou ele, descendo as mãos pelas minhas costas. “Como devo resolver isso?”

Eu arqueei as costas e rocei contra aqueles músculos perfeitos, até que o melado do meu pré-goço inundasse minha cueca.

“Bate uma punhetinha pra mim, bate.” Implorei.

Dylan prontamente me obedeceu, beijando meu rosto enquanto sua mão descia. Ele me apalpou sobre o tecido da cueca, alisando de cima a baixo minha extensão petrificada até arrancar gemidos altos dos meus lábios. Eu

ainda ardia em ponto de fogo pelo sabor do mastro do Dylan, meu orgasmo se aproximou rápido.

Eu espiei o rosto do meu tritão, com a visão borrada de prazer. Ele fitava meus olhos cheio de desejo, só esperando ver minha cara de orgasmo.

À beira do limite, eu desci minha cueca até as coxas e Dylan logo agarrou com firmeza lá embaixo, estocando meu mastro em movimentos rápidos e brincando com a glândula úmida.

Contive o ímpeto de me agarrar no Dylan e gritar contra seu peito. Ele queria ver minha cara de orgasmo, então deixei que visse, mantendo o rosto erguido enquanto gemia alto e despejava gozo em seus dedos.

“Ah, Dylan...” Gemi, deliciado além dos limites. A eletricidade ferveu meu corpo até minhas coxas cederem.

Dylan lambeu os dedos molhados com uma expressão muito mais safada que a minha.

Eu dei um sorrisinho cansado e quis deitar sobre ele, mas o peso da barriga começava a me incomodar. A caro custo eu levantei do sofá, e subi minha cueca novamente.

“Eu te amo, Dylan.” Eu lambi meus lábios. “Você é muito saboroso.”

“É uma honra ser elogiado pelo meu predestinado.” Dylan se levantou e vestiu sua sunga de sempre. “Estou com muita cara de sexo? Logo o supermercado vai fechar.”

Pensei em deixá-lo esquecer o queijo de cabra, mas assim que imaginei o sabor delicioso e tenro, e a textura desmanchando na minha boca, meu estômago grunhiu ferozmente.

“Tome um banho rápido. Eu mesmo frito os camarões, enquanto você compra o que falta.” Falei, vestindo o resto das minhas roupas.

Dylan concordou e subiu as escadas em direção ao banheiro. O sorriso bobo nos lábios dele me fez rir baixinho. Ele era tão fofo.

Pelo abre e fecha dos armários, lá em cima, Dylan procurava uma toalha. Eu fui à cozinha e vesti o avental preparando-me para cozinhar pela primeira vez. Um dos melhores aspectos de se namorar um tritão era seu

paladar bastante restrito, então a receita seria simples de preparar.

Bom... a parte de fritar o camarão do Dylan seria simples. O almoço que eu escolhi envolvia 32 ingredientes, a maioria dos quais estava empilhada por toda a cozinha, mas naquele setor eu não ousaria mexer. Dylan que aprendesse como rechear uma moranga.

Enquanto eu abria o pacote de camarões ouvi um estrondo no andar de cima, e o susto me fez derrubar tudo no chão. Eu lavei as mãos às pressas e subi três degraus por vez.

“Dylan? O que aconteceu? Que som foi...”

Quando olhei para baixo, o ar sumiu dos meus pulmões.

Dylan estava caído no chão do corredor, imóvel. Mas a parte ainda mais aterrorizante era a cauda. Por que ele estava em sua forma de tritão? Suas escamas verdes pareciam muito mais escuras do que eu lembrava, e sem brilho.

“Dylan!” Eu corri, ajoelhei ao seu lado e agitei seus ombros. “Dylan, o que aconteceu? Responde!”

O peito do Dylan subia e descia, numa respiração rápida e rasa. Ele enfim abriu uma fresta dos olhos.

“Gabe...” Ele sussurrou, e voltou a fechar os olhos.

Eu esfreguei seu corpo tentando acordá-lo novamente, e quando minha mão alisou suas escamas, a maioria descolou com facilidade. Minhas lágrimas escorreram sobre seu rosto adormecido, sem que eu conseguisse entender nada.

Me forcei a manter a calma. Se eu me desesperasse as coisas só iriam piorar. Mas o que eu podia fazer?

“Dylan, o que houve? Por que sua cauda está assim?” Perguntei, soluçando.

“...água.” Ele sussurrou.

Água? Ai, meu Deus, água do tipo, mergulhar o Dylan dentro da água? Eu não fazia idéia, então ao perceber que Dylan não acordaria eu o ergui pelos antebraços, grunhindo na tentativa de erguê-lo. Em sua forma aquática Dylan devia ter uns três metros, e aquele rabo era ainda mais pesado

do que parecia.

Rendido e odiando a minha falta de força, eu arrastei Dylan ao longo do corredor até o banheiro, sentindo arder as minhas costas e tornozelos inflamados. Assistir o rastro de escamas secas soltando-se ao longo do corredor me fez querer gritar em desespero, mas isso teria que ficar pra depois.

Após muito esforço consegui deitar Dylan no chão do box e liguei o chuveiro sobre ele, abrindo a água até o máximo.

Após alguns segundos de Dylan jogado nos azulejos frios e eu andando em círculos pelo banheiro em pânico total, eu ouvi uma tosse fraca, e novamente me ajoelhei com ele.

“Dylan, tá melhor?” Perguntei, me encharcando com ele sob o chuveiro.

“Desculpa, Gabe.” Ele suspirou e abriu os olhos. “Achei que eu... aguentaria mais...”

“Esquece isso. Você vai melhorar, não vai?”

A cauda do Dylan estremeceu, recuperando um pingo de vitalidade. Com extremo esforço Dylan ergueu-se nos cotovelos e escorou-se contra a parede do banheiro.

“Água dos humanos não é o suficiente.” Falou ele. “Me leva até...”

Dylan cedeu de novo, e eu gritei me abraçando nele. Mas sua respiração parecia calma e estável, finalmente. Ele estava apenas dormindo.

Eu me levantei e sequei as lágrimas, tentando raciocinar. Mais água... onde eu conseguiria mais água?

“Dylan, fica calmo aí que eu vou dar um jeito.” Falei.

Eu corri escada abaixo, olhando ao redor da sala como se uma cachoeira pudesse brotar de qualquer lugar.

“Ai, Hian, o que eu faço?” Eu abracei minha barriga. “Que tipo de ambulância resgataria um tritão?”

Por trás do sofá eu avistei parte do baú de tesouros, e lembrei ter recheado minha conta bancária, dias antes.

Com as mãos tremendo, eu abri o navegador do celular e pesquisei as lojas de Orla das Sereias. Não demorei a encontrar o site da Surfe Somos Nós e comprei uma daquelas piscinas desmontáveis.

“Ai, meu Deus, o Hiper-Sedex é mais caro que a própria piscina.” Resmunguei, já digitando os dados do meu cartão.

Nunca comprei nada tão rápido e nem tão caro em toda a minha vida. Assim que confirmei a compra o Hiper-Sedex piscou na minha tela, anunciando o envio.

Só então olhei para a minha barriga. Eu não podia ser visto assim.

Eu disparei escadaria acima e revirei os casacos do Alisson. Logo encontrei um casacão de pele imenso e macio, e como Alisson era mais musculoso e encorpado que eu, em mim aquele casaco vestiria como um tapete gigante.

Enquanto eu descia as escadas a campainha tocou. Nossa, esse Hiper-Sedex era rápido mesmo.

Eu vesti o imenso casaco e atendi a porta.

Óbvio que o entregador me olhou como se eu fosse um completo louco, mas não me restava condição mental de inventar desculpas. Apenas arranquei a prancheta das mãos dele, assinei o recebimento e arrastei a enorme caixa para dentro da sala.

Quando abri a caixa e deixei cair no chão todas aquelas barras de metal e a lona azul, suor frio desceu pela minha testa.

Putá merda, para quem queria me deixar descansar, Dylan me meteu numa roubada enorme, mas não havia tempo para reclamar.

“Boa sorte para nós, Hian.” Falei, livrando-me do casacão e encaixando as duas primeiras barras de metal. “Precisamos salvar o idiota do seu pai.”

Com muito, mas muito esforço, eu consegui jogar Dylan na água. Havia tantas escamas pelo chão da casa e grudadas pelo meu corpo, que era incrível ainda haverem tantas em sua cauda.

Poças d'água inundavam todo o chão da sala, mas onde mais eu montaria aquela maldita piscina? Já foi um horror encontrar uma mangueira que encaixasse na pia da cozinha.

Dylan ainda estava inconsciente, então afundou como um tijolo. Eu consegui puxá-lo para fora e escorar seus braços na borda metálica, suspirando em exaustão quando tudo, enfim, parecia bem encaminhado.

Uma hora montando uma piscina, mais uma hora arrastando um homem-peixe de cem quilos de um lado a outro da casa. Todas as mordomias recentes se gastaram naquele único dia, o cansaço e a dor no corpo mal me permitiam caminhar.

Minha barriga latejava, e cada espasmo me assustava ainda mais. Eu já não sabia o que fazer. Se continuasse cansando daquela forma algo aconteceria com o Hian, e isso eu não podia permitir.

Droga, por mais que eu quisesse ajudar o Dylan, eu precisava sentar. Ele mesmo sofreria muito se houvesse problemas com a gravidez.

No fim das minhas forças, eu ajoelhei ao lado da piscina e ajeitei melhor o corpo do Dylan, sentando-o com a água na altura dos ombros. Só então notei algo errado. Digo, algo ainda mais errado que haver um tritão desmaiado numa piscina, na minha sala.

Dylan começou a esquentar.

“Dylan?” Eu coloquei a mão em sua testa, que avermelhava mais a cada segundo. Ele começou a ofegar sem recobrar a consciência, tornando-se realmente febril.

Um arrepio horrível tomou conta da minha alma, amplificando a dor na minha barriga como se Hian compartilhasse do meu terror. Eu montei a maldita piscina e joguei Dylan dentro, o que mais faltava, o quê??

Eu quis não entrar em pânico, sabia que o desespero seria o fim. Ainda assim abracei os ombros quentes do Dylan e chorei em total desamparo.

Eu não conseguia proteger o Dylan. Eu não conseguia proteger o Hian. Eu não conseguia proteger ninguém.



Capítulo 21

Por dez minutos agitei Dylan e gritei por ele, sem nenhuma resposta. Dylan sequer abriu os olhos e para piorar, sua respiração enfraqueceu.

Eu me debrucei na borda da piscina e continuei chorando, incapaz de pensar numa solução. Eu não podia perder o Dylan, eu morreria com ele, não iria suportar.

Enquanto eu chorava e minha barriga doía cada vez mais, um som de vibração veio do meu sofá. O meu celular. Alguém estava me ligando.

Eu atendi sem nem ver quem era.

“Gabe, fica calmo.” Era a voz do Michel. “Acho que clonaram seu cartão de crédito.”

Eu sentei no chão, tentando responder algo que não fosse um pranto angustiado.

“Quê?”

“Você comprou uma piscina na nossa loja online e pagou trezentos reais de frete. Você nem tem um pátio.”

“Ah, eu...” Eu tentei responder, mas a choradeira não pôde ser vencida. Eu chorei em soluços sentidos, sem conseguir respirar.

“Gabe? Gabe, o que houve?”

“Me ajuda.” Supliquei. “O Dylan tá muito mal... ele vai morrer bem na minha frente e eu não sei o que faço, se eu chamar alguém vão levar ele pra um laboratório ou sei lá e eu...”

“Calma, Gabe. Se acalma, tô indo aí.”

Eu não consegui agradecer, só gemi alguma coisa e desliguei o celular, me sentindo completamente miserável.

Escorado na borda plástica, com a cauda inerte soltando escamas pela água, Dylan avermelhava cada vez mais em um tom doentio. Ele ofegava pesado, enquanto suor descia de seu rosto e o mover de seu peito se tornava mais e mais espaçado.

Quando abri a porta tomei um susto. Por um segundo pensei que fosse outra pessoa, mas realmente era o Michel, trajando um jaleco branco de médico com um estetoscópio no pescoço e uma maleta de couro na mão.

“Desculpa a demora.” Falou ele, sem comentar o camisetão enorme que eu vestia. Aquele casacão de peles só faria Michel ter um paciente a mais.

Além disso, se Michel aguentasse a primeira grande revelação, ele suportaria qualquer outra reviravolta. Provavelmente.

“Michel, antes de entrar... quero que se prepare.” Falei.

“Me preparar para que?”

“Eu só...” Respirei fundo, sem saber o que dizer. No fim apenas dei caminho e deixei Michel passar. “Você é o único em quem eu posso confiar.”

“Por que o Dylan está numa pisci... ah, meu Deus.” Michel derrubou a maleta no chão e recuou, aterrorizado.

“Michel, deixa pra surtar depois.” Eu supliquei, segurando o seu braço. “Você precisa ajudar ele, por favor.”

“Isso explica aquela mordida.” Michel massageou a cicatriz cor-de-rosa na curva do ombro. “Não, espera, isso não pode ser real. Sereias não existem, seria totalmente contra as leis da biologia.”

Eu suspirei. Muitas coisas na minha vida eram contra as leis da biologia.

“Dylan não é uma sereia, é um tritão. Por favor ajuda ele, Michel. Ele tá fervendo de febre e eu não sei a quem recorrer.”

O olhar aterrorizado do Michel enfim desviou da cauda do Dylan e mirou nos meus olhos. Michel me encarou como se eu fosse louco.

“Quer que eu ajude um monstro marinho?” Perguntou ele. “Gabe, você lembra quando ele me atacou? E ainda assim escolheu conviver com essa coisa? Não, eu vou te tirar daqui agora, e você vai morar num lugar seguro.”

“Cala a boca, Michel! O Dylan vai morrer!”

Meu grito fez voltar todo o desespero que contive a caro custo. Eu sentei no sofá e soluzei desesperado. Não conseguia nem mais olhar para o Dylan, como se qualquer movimento de respiração pudesse ser o último.

Pálido como um fantasma, Michel olhou para mim, e depois para o Dylan. Ele soltou o ar lentamente e ajoelhou ao seu lado, prendendo o estetoscópio nos ouvidos.

Ele pressionou o disco do estetoscópio no peito do Dylan.

“Tá meio rápido... Qual o ritmo cardíaco normal de um tritão?” Ele perguntou.

“Não sei.”

“E ele é sempre quente assim? Digo, que temperatura seria normal?” Michel movia o estetoscópio por várias partes do seu peito.

“Normal tipo a minha, eu acho.”

Michel deu um longo suspiro, e recolheu o estetoscópio.

“Assim fica complicado, Gabe. Desculpa.”

Eu concordei, e desabei a chorar ainda mais. Merda, o Dylan morreria por culpa minha. Meses convivendo com ele, e eu só soube pedir comida e trepar loucamente, sem nunca perguntar nada sobre ele, ou sobre a espécie dele.

Ai, Hian... como eu viveria sabendo que meu egoísmo matou o seu outro pai?

Eu chorava tão pesado que só percebi Michel ao meu lado quando ele apertou meu ombro.

“Gabe, vamos pensar direito. O Dylan pode ter dito alguma coisa.” Falou ele.

Eu engoli as lágrimas, tentando ser forte.

“Não sei. Numa hora ele estava bem, Na outra ele apagou, e só disse que água dos humanos não era suficiente, ou coisa assim.”

Os olhos do Michel se expandiram.

“Sal.” Disse ele, correndo para a minha cozinha.

“Como assim, sal?” Perguntei.

Michel vasculhou as estantes aéreas até encontrar o meu saleiro. Ele correu até a caixa vazia da piscina com o saleiro em mãos e leu os detalhes impressos.

“Mil e quinhentos litros... Gabe, preciso fazer alguns cálculos. Você vá até o supermercado e compre todo o sal que conseguir carregar.”

“Por quê?”

“Não demore.” Michel abriu o saleiro e jogou dentro d’água, já abrindo a calculadora do celular com a outra mão.

Sem entender coisa nenhuma eu corri porta afora e disparei em direção ao mercadinho.

“Oi, Gabe. Não te vejo há tanto tempo!” O cara do caixa me cumprimentou todo contente. “Como tá aquele seu primo gostoso, que sempre aparece aqui?”

“É meu namorado.” Mantive o olhar na pilha de sacos de sal, na esperança que ele passasse logo no maldito leitor.

“Ah, é? Ai que sorte. Aquele cara tão gostoso, sempre de sunga... até eu quero.” Ele disse, passando o primeiro pacote em câmera lenta. “E o Alisson, surfando muito lá no Havaí?”

Não, correndo de patinete, seu caixa lerdo horroroso.

“Tá tudo maravilhoso, Matheus.” Sorri, cheio de cinismo. Dois pacotes registrados, só faltavam quarenta.

“Ai, como fico feliz por ele. Sabe, o Alisson aparecia todos os sábados, pra comprar umas cervejinhas, uma cachaça... Aí tomou jeito, o

garotão, o tempo passa, né? Mas ele é lindo que meu Deus. Ai, desculpa, não deveria falar assim do seu irmão.”

“Não tem problema.” Eu batia as unhas no balcão do caixa, histórico. Quatro pacotes...

“Mas o Dylan, aquele lindo, é de poucas palavras. Só chega, compra e vai embora. Sempre umas coisas esquisitas, foi geléia de alcaçuz e figo cristalizado, outro dia. Cada coisa que a gente pensa que ninguém nunca vai comprar, mas sempre tem, né?”

“Matheus, eu tô com pressa.” Rosnei, quase pulando no pescoço dele. Oito pacotes...

“Ai, é. Nem falo, porque você, né, também compra esquisito. A churrascada vai ser boa, com esse sal todo. Mas cuida das gordurinhas né, Gabe?” Ele olhou pra minha barriga. “O Dylan é saradão, tem que se manter bonito pro boy.”

Eu rangi meus dentes, num sorriso forçado. Eu iria matá-lo. Arrancaria aquela língua grande e roubaria todo o sal, e a polícia que tentasse me culpar por isso.

Trinta e um... trinta e dois. Enfim eu passei meu cartão e joguei todo o sal no carrinho de compras.

“Vai levar até o seu carro? Porque eu tava me perguntando como você levaria tudo, Gabe. O Dylan e o Alisson são fortões, mas seus bracinhos finos, não sei como...”

“Isso, só vou levar pro meu carro.” Falei, conduzindo o carrinho para fora do mercadinho, e correndo com ele pelas três quadras até a minha casa.

Quando cheguei em casa a minha língua arrastava aos pés e eu vertia suor. Eu tentava não respirar forte para não pressionar o Hian, e isso só me tornava mais cansado.

Eu arrastei o carrinho para dentro da casa.

“Michel, eles só tinham quarenta e dois quilos de sal, então eu... O que está fazendo??”

Michel estava ajoelhado ao lado da piscina, segurando a cabeça do Dylan no fundo da água. Eu puxei o braço dele em completo horror. Meu Deus, Eu nunca pensei que o Michel fosse capaz.

Dylan continuou inerte, lá no fundo. Não subiam bolhas.

“Eu confiei em você!” Gritei, apertando o pulso do Michel. “Como pôde fazer isso?”

“Que merda acha que eu fiz, Gabe?” Michel livrou o pulso, com um olhar indignado. “Olha isso.”

Michel mergulhou as mãos na água fria e inclinou a cabeça do Dylan. Ele dobrou sua orelha para a frente e revelou umas fendas esquisitas, como se fossem vários cortes.

Eu franzi a testa, e toquei o relevo incomum.

“Machucados?” Perguntei.

“São guelras, como as dos peixes.” Percebendo que o pânico não deixou minha cara, Michel suspirou. “Não sou um veterinário, mas fiz uma cadeira de biologia marinha, por curiosidade. O que quero dizer é que o Dylan respira embaixo d’água.”

Eu abri a boca, totalmente surpreso. Pensei que a forma aquática do Dylan se resumia à metade de baixo.

“Desculpa, Michel.” Falei, envergonhando-me ainda mais ao notar o peito do Dylan movendo calmamente. Eu me assustei demais para perceber mais cedo.

“Tudo bem. Me ajude com aqueles pacotes, vire todos aqui dentro.”

Decidido a não passar mais vergonha, eu ajudei Michel a esvaziar cada pacote dentro da água. Conforme fazíamos isso eu percebia Dylan recuperar o tom de pele normal. Até suas escamas recuperavam parte do brilho.

Quando terminei de virar o último pacote eu caí sentado ao lado da piscina, totalmente estafado. Eu ofegava, enfim descansando do esforço intenso.

“Acho que tivemos bons resultados.” Michel ergueu o braço do Dylan e me mostrou seu bíceps. O corte que o atormentou por dias havia diminuído de tamanho, e parado de sangrar.

Não aguentei e chorei pesado, pela milésima vez aquele dia. Mas pela primeira vez era de felicidade.

Michel riu baixinho e afagou meu cabelo. Eu me agarrei nele, o abraçando forte e soluçando no ombro de seu jaleco.

“Obrigado. Obrigado de verdade.” Falei, entre soluços.

“Não precisa agradecer.” Michel me abraçou de volta. “Somos melhores amigos, Gabe.”

Mesmo que fosse verdade, não sabia como Michel aguentou minha choradeira por tanto tempo. Apenas meia hora depois consegui largá-lo, seu ombro já estava encharcado.

“Quando ele vai acordar?” Perguntei, um tanto mais calmo.

“Eu não sei. É uma recuperação muito rápida. O corte no braço já desapareceu.”

Eu concordei e me forcei de pé, gemendo pela dor nos tornozelos. Michel precisou me ajudar a levantar.

“Você também não tá ótimo, né Gabe. Não costumava cansar tão rápido.”

Eu dei um sorrisinho sem graça ao Michel e fui à cozinha, tentando não mancar. Eu realmente parecia um velho, mas precisava de um momento calmo e sem revelações chocantes.

“Só preciso de sorvete, você quer também?” Perguntei, tirando o pote do freezer.

“Ah, se não for incômodo. Eu adoro sorvete.” Respondeu ele, lá da sala.

Eu separei duas tacinhas, e pegava colheres quando um estrondo na água e um grito me fizeram voltar correndo à sala.

Dylan havia agarrado as costas do jaleco e tentava puxar Michel para dentro d’água, rosnando como uma besta feroz.

Eu alarguei meus lábios num sorriso enorme.

“Dylan, você acordou!” Eu sorri por meio segundo, pois logo me dei conta da situação. “Dylan, solta ele!”

“O maculador invadiu nosso território. Eu vou matar.” Rosnou ele, mas dessa vez seus olhos e dentes mantinham-se normais.

“Socorro, Gabe.” Michel forçava o corpo para a frente, pálido de medo.

Só então percebi o ridículo daquela cena. Michel desesperado, tentando livrar as costas do Jaleco, e Dylan pendurado nele, chiando como um tigre.

Eu revirei os olhos, fui até o Michel e desabotoei seu jaleco. Assim que se viu livre Michel afastou-se num salto, e Dylan continuou ilhado em sua piscina sem nada além de um jaleco branco nas mãos.

Minha cara de tédio só emputeceu o Dylan ainda mais. Ele tentou rasgar o jaleco ao meio e não conseguiu.

“Traz esse maldito aqui! Eu vou quebrar ele ao meio! Bastardo maldito, você se afaste do meu predestinado!”

Escondido atrás de mim, Michel parou de tremer ao perceber o mesmo que eu: Dentro da água, Dylan era apenas um peixe.

Claro que, como aquele dia era meu inferno astral, Michel resolveu se aproveitar da situação.

“Por quê não vem me pegar, peixe-boi? Sabe por que estou aqui? Porque você é burro demais para explicar ao próprio namorado que é um peixe de água salgada.”

“Seu maconheiro assanhado! Encosta um dedo no Gabe e você vai...”

Rindo, Michel levantou o dedo indicador e cutucou a minha bochecha.

Ai, merda. Pra quê?

Dylan rugiu furioso e mordeu as bordas da piscina como um tubarão, ou algum outro bicho irracional. Mas ele estava fraco demais para causar

qualquer estrago. Sua cauda descamada mal se agitava.

Eu corri até o Dylan e o abracei com força.

“Dylan, tenta não destruir a piscina. Você quase morreu, precisa descansar até amanhã.” Eu falei, felizmente seco das lágrimas ou abriria outro berreiro por vê-lo saudável.

Dylan se acalmou nos meus braços, mas eu sentia a tensão em seus músculos fortes. Certamente olhava Michel por cima do meu ombro e trocava desaforos mudos com ele.

Meu Deus, eu estava cercado de caras infantis.

“Quero ele fora daqui.” Dylan afastou-se de mim e mergulhou até os ombros, fitando Michel como se fosse a reencarnação do anti-cristo.

“Você é o peixe-boi mais ingrato que eu já vi.” Respondeu Michel. “Faz idéia do desespero que o Gabe passou?”

“O que fez com ele, seu maldito?” Dylan gritou. “Vem aqui, e me deixa te destroçar!”

“Se eu for aí vai ser pra mijar na água.”

“Tenta, que eu arranco o seu pau!”

“Quer me deixar igual a você, lisinho?”

Eu escondi o rosto nas mãos e suspirei. Quando aquele dia dos infernos iria terminar?

Dylan e Michel gritavam cada vez mais alto, Dylan espumando de ódio e Michel se divertindo intensamente.

“Eu te deixaria morrer, peixe-boi, mas alguém aqui se preocupa com o Gabe.”

“Peixe-boi é a sua mãe! Eu sei muito bem da sua preocupação com o meu predestinado. Espécies primitivas nunca entenderiam nossa conexão.”

“Ah, porque uma espécie superior, como a sua, vê sentido em andar na terra firme até secar.”

“Sabe o que eu vou secar? Essa sua cara de...”

“CALEM A BOCA, OS DOIS!” Gritei tão alto que os dois travaram

no lugar. “Dylan, eu vou contar pra ele.”

Dylan franziu a testa pra mim, ainda bufando pela troca de gritos.

“Contar o quê?” Os olhos dele se alargaram. “Ah, não, meu amor. Nem pensar. É um segredo da nossa espécie.”

“Da sua espécie.” Respondi, determinado. “Eu sou um humano, e portanto eu decido quem vai saber.”

Michel olhava de mim para o Dylan totalmente confuso. Nem em mil anos ele suspeitaria o que eu estava prestes a revelar, mas já estava decidido.

Eu respirei fundo e segurei a barra da minha camiseta.

“Não. Meu predestinado, eu peço que reconsidere.” Suplicou Dylan. “Conte ao seu irmão, para qualquer um, mas livre-se desse maculador. Ele manchou nosso vínculo.”

“Ele descobriu sobre você e te salvou mesmo assim, Dylan. Você pode rosnar o quanto quiser, mas eu confio no Michel. Ele é o único que pode me ajudar com isso.”

Dylan abriu a boca para me questionar, mas se calou. Ele sabia que era verdade.

Munido de coragem eu virei-me ao Michel e lentamente subi a minha camiseta.

Minha vida constantemente remava contra as leis da natureza, mas meu corpo continuava sendo humano. Ao longo dos meses a coisa dentro de mim deixou de ser um parasita destrutivo, e passou a ser meu amado bebê Hian. Mas a magia louca que cercava a minha vida só chegava até certo ponto. Pela chance de ver o Hian crescer, eu precisava planejar o futuro.

Se eu quisesse ter um parto seguro, eu precisaria de um médico.



Capítulo 22

Indeciso sobre como romper o clima pesado, eu servi sorvete ao Michel, coberto com grossas camadas de calda de chocolate. Mas o cheiro gostoso e doce não adiantou de nada. Michel nem tentou pegar a tacinha, só continuou olhando para a minha barriga com olhos tão grandes, que pareciam prestes a saltar da cara.

Ai, ai... ele já estava assim há dez minutos. Não sabia o que era pior, Michel petrificado ao ver meu corpo, ou Dylan de lábios murchos e cara de *eu te disse*.

“Não é tão estranho assim.” Falei, tentando quebrar o silêncio. Já foi difícil convencer o Michel que não era um tumor, nem verminose, nem qualquer doença terminal. Agora que ele acreditava na verdade, ele resolveu se tornar uma estátua.

“Gabe... isso não pode ser possível.” Falou ele, pausadamente.

Eu revirei os olhos, e desisti de lhe entregar a linda taça que lhe preparei. Eu mesmo estava precisando.

“Você mesmo ouviu, com seu estetoscópio. Acha que tenho um segundo coração na barriga?” Perguntei, ainda meio emocionado. Michel ouviu mesmo os batimentos do pequeno Hian, isso era tão excitante.

“Nunca li sobre isso em livro algum. Onde está crescendo, Gabe? Seus intestinos podem se romper, essa coisa não é normal.”

“Essa coisa é o nosso filho, seu humano asqueroso!” Rugiu Dylan.

Eu suspirei para o espanto ainda maior na cara do Michel.

“Sim, Michel, o Dylan é o pai. O outro pai.”

Pobre Michel. Eu só podia imaginar os anos de estudo da medicina implodindo dentro da cabeça dele. Pensei que descobrir a existência de tritões

tornaria aquela revelação mais fácil, mas ele parecia à beira de um colapso.

Após mais alguns segundos vidrado na minha barriga redonda, Michel enfim relaxou os músculos, voltando a si.

“Então você já decidiu... ahm... dar a luz ao bebê, é isso?” Michel enfim pegou a taça de sorvete, embora eu já houvesse abocanhado metade. Ele sentou no sofá em frente à piscina e começou a comer, então sentei ao seu lado.

“Sim, vou adiante com a gestação. É como uma gravidez humana, ainda tenho quatro meses de espera.”

Michel eriçou o lábio para mim, ainda meio horrorizado, mas tentando parecer compreensivo.

“Você está calmo demais sobre isso.” ele disse.

“Acredite, minha fase não-calma durou bastante tempo. Mas isso é passado, Michel. Você vai me ajudar, não vai?”

“Claro que vou. Aliás, nem tente procurar outro médico. Se mais alguém souber disso vão te dissecar num laboratório e isso eu não vou permitir.”

“Obrigado, Michel.” Falei, sorrindo. Mas acho que sorri largo demais, porque o Dylan *acidentalmente* chicoteou a cauda na água e deu um banho no Michel.

“Dylan!” Gritei, também respingado pela idiotice dele. “Não estraga o sofá do Alisson!”

Pingando água de suas mechas loiras, Michel olhou para o sorvete molhado e bufou. Afinando os olhos como agulhas ele preparou uma colherada de sorvete, puxou a concha para trás com o indicador da outra mão e soltou, catapultando uma bola de sorvete no meio da testa do Dylan.

“Ah, seu humano filho da puta!” Dylan esfregou as mãos na testa melada.

“Não gosta de sorvete, peixe-boi? Deixa eu adivinhar, você só come criaturas marinhas.”

“Eu também como a sua mãe!”

Ai, céus, não de novo. Eu me abracei na barriga, ainda incomodando pelo esforço de antes.

“Michel, é melhor você ir.” Pedi, segurando sua mão que já preparava outra catapulta de sorvete. “Desculpa. Eu terei uma longa conversa com o Dylan.”

“Quê? Meu predestinado, o quê poderia ser culpa minha?” Dylan me olhou com cara de cachorrinho culpado. Eu não queria brigar com ele após tanto estresse, então por enquanto ignorei.

“Tudo bem. Nos vemos amanhã, Gabe.” Michel vestiu o Jaleco e eu o acompanhei à porta.

“Espera, como assim, amanhã?” Perguntou Dylan, em sua prisão de plástico azul.

“Preciso verificar sua saúde, peixe-boi.” Michel acenou ao Dylan, e pegou sua maleta de couro. “E o Gabe precisa de acompanhamento pré-natal. Até lá tente não feder muito a casa, com esse seu cheiro de salmão velho.”

“Ah, seu bastardo...” Dylan expôs os dentes, preparando a cauda para outro tsunami.

“Dylan, quieto!” Gritei, fazendo-o se encolher no canto da piscina.

Eu me virei ao Michel e o abracei brevemente.

“Até amanhã, Michel. Obrigado de novo.” Falei, voltando a vestir minha camiseta.

Assim que Michel saiu e eu fechei a porta, meu sorriso se dissolveu numa expressão de raiva. Eu fuzilei Dylan com o meu olhar e o fiz se encolher ainda mais.

“Você...” Eu marchei na direção daquela maldita piscina. “Dylan, o que mais eu não sei sobre você? Você podia ter morrido.”

“Desculpa.” Ele mergulhou até a linha dos olhos, me fitando com seu olhar de esmeralda.

“Pensou que era isso o que eu queria? Ser servido até você morrer? O que seria de mim sem você?” Eu comecei a soluçar, e me ajoelhei de frente à ele. “Nunca senti tanto medo. Achei que fosse te perder.”

Dylan me abraçou e afagou meu cabelo.

“Peço mil perdões ao meu predestinado.” Falou ele. “Eu sei que o parto humano é diferente. Escolha o médico que quiser, se acredita que fará diferença.”

“O que quer dizer, com *parto diferente*? Como acontece o parto de um tritão?”

Dylan estremeceu.

“Isso não é conversa para agora, meu predestinado.” Ele beijou meu rosto. “Por favor, me perdoe.”

Eu aninhei meu rosto no ombro do Dylan, tão, tão cansado. Não queria mais segredos, nem mentiras, mas após tanta desgraça eu mal conseguia me mover.

“Você vai melhorar? Seja claro comigo, Dylan.”

Dylan beijou minha boca com seus lábios tenros e suaves. Quando se afastou ele sorriu para mim, cheio de doçura.

“A água está meio salgada demais, mas minhas guelras se hidrataram.” Ele esfregou atrás da orelha. “As escamas crescerão de novo. Em poucos dias devo conseguir retornar à forma humana.”

“Não se esforce demais. Assim que conseguir, iremos para o mar. Antes disso seria muito arriscado.”

“Perdoe meu comportamento inaceitável.” Dylan acariciou meu rosto, docemente. “Quer entrar aqui comigo?”

Eu dei um sorrisinho sarcástico. Devia deixá-lo de castigo, mas fazia tanto calor, e meu corpo latejava tão dolorido... uma piscina dentro da sala continuava sendo uma piscina.

“Você foi horrível com o Michel.” Falei, tirando as roupas.

“Prometo me comportar, meu predestinado.”

Pouco convencido, eu me despi totalmente e toquei o pé na água, estremecendo para o frio. Aos poucos mergulhei um pé e depois o outro, fazendo o maior fiasco, mas Dylan me aguardou acostumar pacientemente.

Assim que sentei, senti calafrios gostosos sob a água refrescante.

Dylan me cobriu de beijos tão docemente que meu aborrecimento virou vapor e desapareceu. Meu querido Dylan sobreviveu, e isso me deixava nas nuvens.

Eu olhei para baixo, e acariciei a larga saliência na minha barriga.

“Viu só, Hian? Eu consegui. O idiota do seu outro pai vai te ver nascer.”

E então senti um cutucão. Como uma pontada vindo de dentro. Dylan percebeu meu súbito espanto.

“Gabe, o que foi?”

“Ele chutou.” Eu massageei a barriga, e senti outro cutucão, dessa vez diretamente contra minha palma.

Eu sorri e derramei lágrimas de emoção. Ai, meu Deus.

Tão chocado quanto eu, Dylan colocou as mãos na minha barriga. Nós dois nos olhamos e começamos a rir como dois bobos.

Mas o bebê continuou quieto. Depois de alguns minutos Dylan tirou as mãos, bufando.

“Calma, amor. Ele é pequeno ainda, logo vai chutar de novo.” Falei.

“Eu sei...” Dylan cruzou os braços, todo magoadinho.

O bebê chutou de novo e eu contive uma risada, fingindo que não aconteceu. O pequeno Hian mal dava sinais de vida, e eu já percebia o quanto seria zoeiro.

“Acho que ele já foi dormir.” Comentei. Dylan estava sentado contra a borda da piscina, então me aconcheguei ao seu lado e acariciei os gomos de sua barriga. “Quer ver um filme?”

Dylan concordou, inclinou-se na borda da piscina e alcançou o controle remoto. Ele já sabia operar o Netflix com perfeição.

“Fico feliz com o convite, meu predestinado, porque já estou na oitava temporada desse programa de culinária. Você vai adorar.”

Dylan iniciou o episódio mais recente, revelando um bando de marinheiros lutando ferozmente contra águas glaciais, com caranguejos gigantes chovendo das gaiolas de captura.

“*Pesca Mortal* não é um programa de culinária!” Exclamei, me horrorizando quando uma gaiola acertou a cabeça do capitão e o derrubou no mar.

Dylan nem ouviu. Ele lambia os lábios, se babando para aqueles caranguejos gigantes e hostis.

Eu dei risada e resolvi prestar atenção na trama, que era basicamente homens molhados sangrando e gritando para outros homens molhados, enquanto os caranguejos continuavam atacando.

Quando percebi, cinco horas haviam se passado, e nós maratonamos a temporada inteira.

“Não pode ser. Não pode ser o último!” Falei, marreteando o botão de avançar. Realmente não haviam episódios novos. Como eu iria saber se o cunhado do capitão sobreviveu ao naufrágio?

Dylan tomo o controle remoto de mim antes que eu o derrubasse na água. Com o controle seguro sobre o sofá ele envolveu minhas mãos e beijou, dando uma risadinha.

“É melhor você sair da água, meu predestinado. Seus dedos parecem uma esponja marinha.”

Eu olhei para as minhas palmas e ri. É, cinco horas dentro da piscina talvez fosse o meu limite. Até porque com o sol posto lá fora, eu começava a tremer de frio.

“Vou dormir no sofá. Não quero ficar longe.” Falei, beijando seu rosto.

“Não vai ser desconfortável?” Perguntou ele.

Já será desconfortável não poder te abraçar. Não me faz dormir sozinho na nossa cama.” Pedi, cambaleando para fora da água. Naturalmente molhei a sala inteira até alcançar a toalha, na mesa de jantar.

“Debruçado na borda da piscina, Dylan piscou pra mim e não insistiu mais. Ele agitou sua cauda e deu uma pirueta no pequeno espaço d’água, parecendo muito bem recuperado.

Eu tomei banho, vesti meu pijama e levei um cobertor ao sofá, me acomodando ao lado da piscina. Bem aconchegado, eu sorri ao Dylan, morto

de sono.

“Boa noite, Dylan.” Eu lhe estendi a mão por baixo do cobertor.

“Boa noite, meu predestinado.” Dylan mergulhou ao fundo da piscina e se enrolou na própria cauda como um gato. Achei até fofo, mas o que me fez sorrir mesmo foi ele estender a mão e laçar os dedos nos meus, mandando-me um beijinho por baixo d’água.

Eu fechei os olhos e pude enfim descansar, não demorando a apagar em um sono profundo.



Capítulo 23

“Respira fundo.” Pediu Michel.

Dylan afinou os olhos para o estetoscópio em seu peito e depois olhou pra mim, cheio de ódio em seus olhos.

“Obedece, Dylan.” Falei, começando a me entediar.

Dylan deu um longo suspiro, estufando o seu peitoral molhado.

Michel ouviu atentamente a respiração do Dylan e moveu o estetoscópio mais abaixo em seu peito. Dylan respirou fundo novamente, e depois uma terceira vez.

“O peixe-boi está comportado, hoje.” Michel fez anotações em sua prancheta, e guardou o estetoscópio.

Dylan rosnou furioso para o último comentário, até que com motivos, mas eu mantive a minha cara de *não se atreva a me estressar*. Depois do martírio do dia anterior, era bom que Dylan se mantivesse na linha.

Michel apareceu bem melhor equipado para aquele check-up matinal. Ele apertou o medidor de pressão no bíceps espesso do Dylan e fez mais algumas anotações, ignorando a confusão nos olhos dele.

Eu até sentia um pouco de pena do Dylan, que não conhecia nenhuma daquelas coisas, mas Michel estava certo. Se Dylan adoecesse de novo, precisávamos conhecer seu estado normal para tratá-lo.

Além do mais, quanto mais Michel descobrisse sobre os tritões, mais seguro eu ficaria sobre a saúde do Hian.

“O ritmo cardíaco, a pressão e a temperatura são similares à humana. É surpreendente, considerando que peixes deveriam ter sangue frio.” Michel se levantou e endireitou os óculos finos. “O sistema digestivo me deixa

curioso. A comida desaparece aí dentro, ou tem alguma rota de saída? Você está se segurando?”

“Estou me segurando para não rasgar o seu pescoço.” Dylan rosnou, levemente corado.

Michel riu, e guardou a prancheta em sua mala de couro. Ele retirou uma embalagem plástica e rasgou, tirando algo meio fedido de dentro.

“Você se comportou hoje, peixe-boi. Merece um prêmio.” Ele jogou uma sardinha na piscina.

Dylan fez uma cara tão indignada que Michel se estourou de dar risada e eu mesmo apertei os lábios, lutando para não rir.

“Não sou um golfinho adestrado, seu filho de Satanás!” Dylan ergueu o peixe acima da cabeça, pronto para arreventá-lo na cara do Michel. “O primogênito do grande clã Makaira não permitirá que um...”

“Dylan, não se atreva.” Ordenei, mesmo sabendo que Michel merecia uma peixada na cara. Se eu deixasse aqueles dois continuarem, não conseguiria fazer meu exame antes da competição.

Sim, em algumas horas Alisson participaria de sua primeira grande competição no Havaí. O evento seria transmitido on-line e o site já estava aberto no meu laptop. Nada no mundo me faria perdê-lo.

“Sua vez, Gabe.” Michel deu tapinhas na almofada do sofá. “Tire a roupa e deite aqui.”

“Seu bastardo!” Dylan chiou como uma cobra, mas meu olhar foi o suficiente para fazê-lo se encolher. Ah, ele que não tentasse fazer escândalo.

“Tudo bem, aqui no sofá?” Perguntei, tirando a camisa. Michel já retirava os equipamentos de exame, então tomei isso como um sim e deitei, expondo ao alto a montanha redonda que se tornou a minha barriga.

“Tentei roubar um ultrassom da faculdade, mas não deu. Infelizmente, por enquanto, sou apenas um estudante de medicina. Mas aprendi uma coisa ou duas sobre obstetrícia.”

Assim como com o Dylan, Michel mediu minha pressão e temperatura. Era meio estranho pra mim ser tocado por ele com o Dylan logo adiante, o fuzilando com seu olhar de fúria total.

Felizmente, Dylan se manteve na água durante as medições. Não sabia se ele havia recuperado a capacidade de transformação, e não pretendia descobrir separando suas unhas do pescoço do Michel.

Após constatar que estava tudo bem comigo, Michel passou o estetoscópio pela minha barriga. A princípio ele fez a mesma cara de espanto do dia anterior, mas acabou aceitando que sim, havia um bebê no meu ventre masculino.

“Como é o coração dele?” Perguntei, apertando as mãos.

“Rápido. Igual ao de um bebê humano.” Michel sorriu para mim. “Você quer ouvir?”

Eu arregalei os olhos, nem acreditando quando Michel tirou o estetoscópio dos ouvidos e me entregou.

Minhas mãos tremiam ao ajeitar o aparelho nas minhas orelhas. Nunca usei um daqueles, e com certeza nunca para ouvir um bebê. O meu próprio bebê. Ai meu Deus.

Assim que acomodei o estetoscópio nos ouvidos, Michel apertou a outra ponta logo abaixo do meu umbigo. O que antes era um chiado se tornou um dudun-dudun-dudun.

Eu sempre achei exagero das mulheres, naqueles programas de gravidez, mas assim que as batidas se tornaram nítidas eu cobri a boca e comecei a chorar.

“Vai ouvir um som mais alto, às vezes.” Falou Michel. “É o bebê chutando, já senti alguma vez?”

Eu fiz que sim e continuei rindo e chorando. Nossa, eu começava a me sentir ridículo, mas foda-se. Aquele era o momento mais incrível da minha vida.

“Eu...” Dylan baixou o rosto, quase desaparecendo por trás da borda da piscina. Seu rosto avermelhou. “...eu posso ouvir também?”

Michel deu uma risadinha orgulhosa, e eu tive certeza que ele implicaria com Dylan até desesperá-lo, mas Michel apenas me ajudou a tirar o estetoscópio e entregou a ele, mantendo a ponta redonda no meu ventre.

Após passar o dia todo bufando e rosnando, era um alívio ver Dylan

todo tímido, ajeitando as pontas emborrachadas nos ouvidos. Logo então sua expressão mudou ainda mais. Seus olhos verdes cintilaram e ele abriu a boca totalmente estarecido, olhando pra mim como se quisesse falar mil coisas e não conseguisse.

E aí ele começou a chorar. Muito mais que eu. Se eu pensei que estava pagando mico, esse pensamento logo se apagou quando Dylan se debruçou na borda da piscina e soluçou, chorando alto.

“É como um zumbidinho.” Soluçou ele.

“É, vocês vão ser papais.” Michel riu, com um sorriso doce. “O bebê me parece perfeitamente saudável. Em breve poderemos dizer se é menino ou menina.”

A última parte me surpreendeu tanto que parei de chorar. Por algum motivo a idéia de uma menina nunca me passou pela cabeça, então a culpa pesou meu peito. Acabei me acostumando com Hian, mas era um nome masculino, não era?

“Sereias são apenas um décimo da nossa população. Será um tritãozinho.” Dylan forçou as lágrimas para dentro e devolveu o estetoscópio, surpreendentemente calmo. “É o que diz o meu chamado.”

“Chamado?” Michel arqueou uma sobrancelha.

“Espécies inferiores possuem instinto. O chamado é mais forte. Ele dita o futuro, e o presente. É o que torna duas almas uma só.” Dylan afinou os olhos para o Michel, agressivamente. “Sinto o coração do meu predestinado como se fosse o meu próprio. Os medos, as alegrias... os desejos...”

“Ai, que bom que vocês já estão conversando! Que começo de uma linda amizade.” Eu ri nervosamente, levantando do sofá e me pondo entre eles. Como um presente dos céus o alarme do meu celular tocou, me lembrando da hora. “Ei, já vai começar o campeonato do Alisson.”

Eu liguei o laptop e sentei no sofá próximo aos dois, mas Michel simplesmente se levantou e levou suas coisas.

“Não vai assistir?” Perguntei.

Ele forçou um sorriso.

“Vocês não comeram nada ontem, vou trazer alguma coisa. Os três

precisam se manter saudáveis.” Ele mesmo abriu a porta de saída.

Meu estômago grunhiu alto, me lembrando que era verdade. E o Dylan também devia estar faminto, porque na primeira distração do Michel ele engoliu aquela sardinha.

“Desculpa o inconveniente.” Falei, já abrindo o site da competição.

“Volto mais tarde. Boa sorte ao Alisson.” Michel acenou para nós, e deixou a casa um tanto rápido demais.

Pobre Michel... eu gostaria de poder fazer algo por ele.

Enquanto o vídeo carregava eu tentei me ajeitar no sofá de forma que Dylan também assistisse, de sua piscininha plástica. Eu deitei com o laptop sobre o peito e Dylan debruçou-se ao meu lado. Logo algumas ondas lindas apareceram na tela, tornando-se mais nítidas conforme o vídeo carregava.

Na pior hora possível, meu celular tocou, mas era justamente uma chamada de vídeo do Alisson. Eu atendi no mesmo segundo.

“Oi, Alis. Já estou assistindo.” Falei, reparando na vista deslumbrante por trás dele, a mesma do vídeo no computador. No Havaí, pelo visto, já era pôr-do-sol.

“Espero não passar muita vergonha.” Alisson riu, com o celular numa mão e sua prancha amarela na outra. Ele vestia seu macacão de neoprene e prendia os cabelos para trás num rabo-de-cavalo. A pele parecia ainda mais bronzeada que o normal. “Os caras aqui são muito bons, e você viu o tamanho das ondas? Eu não vou surfar, eu vou voar.”

“Que exagero. Mas são ondas gigantes, mesmo. Tenha cuidado.” Eu ri, e então percebi o sorriso do Alisson se torcer de um jeito esquisito.

“Aquele ali é o Dylan?” Ele perguntou. “Por que ele tá pingando água na minha casa?”

Eu olhei para trás, e percebi Dylan acenando ingenuamente ao Alisson, completamente encharcado.

“É uma história confusa.” Eu dei uma risadinha. “Não se preocupe, não tem uma piscina dentro da sala, nem nada assim.”

“Confuso estou eu, Gabe. O Jonnie contou que você se demitiu para

viajar com o Dylan, mas vocês continuam em Orla das Sereias. Tá tudo bem?”

Minhas palavras travaram na garganta.

Felizmente, Alisson voltou a sorrir e deu de ombros, despreocupado.

“Desculpa, tô sendo um chato de novo. Mas se houver algo errado pode me contar. Seu irmãozão tá longe só de corpo, viu? Me liga sempre que precisar.”

Quando eu ia agradecer alguém pulou no Alisson e abraçou sua cintura, com um sorriso eufórico de batom cor-de-rosa. Leilani, a garota do coquetel de abacaxi.

“Alis, amor, você é o próximo.” Disse ela, o abraçando forte e beijando seu rosto. Seu olhar voltou-se pra mim e ela acenou toda contente. “Oi, irmão do Alis. Oi, cara bonitão atrás do irmão do Alis.” Disse ela, num português carregado de sotaque.

“Oi, Leilani.” Eu acenei pra ela. “Esse é o Dylan, meu namorado.”

“Namorado, é?” Alisson sorriu com o canto dos lábios, todo implicante. “Decidiu dar nome para o lance entre vocês?”

“Na verdade temos um vínculo de predestinação.” Dylan afagou o meu cabelo, dócil e amável. “Mas meu predestinado pode chamar como quiser, ele completa a minha alma e o meu corpo.”

Eu avermelhei e o Alisson mais ainda.

“Sim, somos namorados.” Falei, tentando sobrescrever as bobagens loucas do Dylan. “E vocês, como anda a *amizade*?”

Alisson riu, claramente constrangido pelo besteiro de antes. Ele abraçou Leilani pela cintura e olhou para ela com um brilho que nunca vi em seu olhar.

“Não é da sua conta, senhor Gabriel.” Alisson me mostrou a língua, enquanto a linda garota ria ao seu lado. “Eu preciso ir, agora. Me deseje sorte.”

“Boa sorte. Ah, o Michel te desejou boa sorte também.”

“Tá certo.” Falou Alisson, sem dar muita atenção. Dylan também lhe

desejou boa sorte e eu desliguei a chamada.

Nossa atenção voltou-se ao streaming da competição.

Logo o Alisson e sua prancha amarela apareceram na paisagem e eu e Dylan gritamos de empolgação. Alisson nadou até a rebentação das ondas e esperou que chegasse a primeira. O tempo todo o comentarista falava sobre o novo competidor, o promissor surfista de Orla das Sereias, e a comentarista mulher comentava detalhes de seu corpo musculoso.

A primeira onda veio e Alisson a surfou com facilidade, dando um espetáculo de técnica. Ele subiu o paredão de água cor-de-safira e ziguezagueou a prancha sobre a crista de espuma. Antes que a onda cedesse ele desceu novamente e surfou pelo centro do tubo, reaparecendo muito adiante, para o delírio do largo público.

Alisson ainda dominou uma segunda onda, tão natural que a prancha e seu corpo pareciam um só. Ele baixou a postura e ganhou velocidade máxima, inclinando a prancha e saltando aos céus. Nem ao retornar Alisson perdeu o equilíbrio, indo cair na água apenas quando a onda se dissolveu por completo.

Os comentaristas gritavam mil coisas, empolgadíssimos, do tipo *ele conseguiu, ele conseguiu!* E do sofá eu e Dylan comemorávamos igualmente. Eu me debatia tanto que quase derrubei o laptop na piscina umas duas vezes.

Meu irmão era simplesmente demais.

Assim que Alisson chegou na areia, Leilani o recebeu com um beijo nos lábios, o que explicava bem aquela tal *amizade*. Logo depois vieram os fãs e o pessoal do evento.

Após muita falação que eu pouco compreendia, Alisson subiu ao pódio com outros dois caras e alguém do evento vestiu uma medalha em seu pescoço. Uma medalha de ouro.

“Ai, meu Deus, ele ganhou mesmo!” Eu tentei abraçar o Dylan e o laptop escorregou para dentro d’água, mas Dylan o resgatou no último segundo. “Ele ganhou! O Alisson ganhou o primeiro campeonato no Havaí.”

“Pelo que você explicou, isso aumenta as chances dele no Surfe-Hai, correto?”

“Sim, uma parte da pontuação final vem de vitórias anteriores. Ah, ele tem chances de ganhar mesmo. Viu aquela hora em que ele saltou?”

“Eu posso fazer melhor.” Dylan riu.

“Invejoso.” Eu cutuquei o Dylan de brincadeira e fechei o laptop sobre o sofá, antes de me levantar com o celular em mãos. Mas Alisson não atendeu, lógico. Deve ter deixado o celular no vestiário, ou estava muito ocupado comemorando.

Senti uma pontada se solidão. Queria comemorar com ele, mas não só a distância nos separava. Naquele momento eu era um mistério da ciência, não podia aparecer pra ninguém, nem mesmo pra ele. Isso me doía um pouco.

Percebendo minha leve tristeza, Dylan esticou-se para fora da piscina e segurou minha mão. Ele sorriu para mim.

“Vem aqui. Eu comemoro com você.” Disse ele.

Eu lhe devolvi um sorriso doce e me despi, entrando com ele na água fria.

Não importava o tamanho das minhas preocupações e tristezas, os beijos quentes do Dylan sempre aqueciam meus dias. Eu deixei que ele tomasse meus lábios e me abraçasse forte, pressionando o Hian entre nós dois.

Meu irmão ganhando campeonatos, e meu namorado sendo sensual e amoroso. Minha vida parecia incapaz de melhorar, e ainda assim havia um bebê no caminho. Um bebê que eu amava de forma intensa e imensurável.

Enquanto trocávamos beijos cada vez mais ardentes, Dylan soltou um gemidinho de prazer e enroscou a cauda escamosa em torno da minha perna, me lembrando que minha vida, por mais perfeita que fosse, também era esquisita pra caralho.

Sentindo meu corpo reagir aos toques nas minhas costas e nas minhas nádegas, eu afastei meus lábios do Dylan, dando uma última lambida em seus lábios macios.

“Não me provoque, quando não podemos transar.” Pedi, corando de vergonha. Meu mastro espetava o umbigo do Dylan, carente por atenção.

“Como assim, não podemos? ...Ah.” Dylan avermelhou ao perceber

do que eu falava, mas então ele sorriu com safadeza. “Não menospreze um tritão, meu predestinado. Eu tenho os meus recursos.”

Eu baixei uma sobancelha.

“Como assim, recursos?”

Dylan lambeu os lábios de um jeito devasso e nos girou dentro da água. Ele me sentou conta a borda da piscina e beijou meu rosto, depois meu queixo, e depois meu pescoço. Seus lábios tornavam-se fogo contra a minha pele quanto mais ele descia. Mesmo a água fresca não me impedia de ferver e arfar, querendo mais.

Olhando nos meus olhos, Dylan deu beijinhos na minha barriga estufada e mergulhou totalmente, sem se preocupar em trancar a respiração. Seus beijos desceram abaixo no meu umbigo e ele pôs as mãos nos meus joelhos, espaçando as minhas pernas.

Eu cobri a boca, tremendo de tesão, e arqueei o quadril para a frente. Aquela barriga atrapalhava minha visão, eu queria demais ver o destino daquela língua ágil.

Assim que chegou onde eu tanto queria, Dylan lambeu a pontinha dura, me causando espasmos. Ele massageou com a língua ao longo da extensão, beijando e chupando enquanto apalpava a base entre os dedos.

Meu mastro tornou-se pedra contra aqueles lábios macios. Eu descansei as costas na borda da piscina e deixei que aquele tritão lindo continuasse me satisfazendo.

Quando eu não poderia endurecer mais, Dylan mergulhou a boca em mim, envolvendo meu mastro com seus lábios firmes enquanto sua língua dançava contra a cabecinha lisa, que eu sentia verter pré-goço em sua garganta.

Dylan continuou me chupando tranquilamente, mantendo seu olhar no meu através do tremular da água. Logo ele chegou com os lábios até a base, e eu senti minha ponta apertar contra a curva de sua garganta.

Meu quadril moveu-se involuntariamente, e Dylan apertou firme as minhas nádegas, me puxando contra ele enquanto ele ia e vinha com sua boca macia. Aquela mudança da língua quente para a água fria ameaçava me enlouquecer, era tão bom que eu gemia alto, mesmo que Dylan não pudesse

me ouvir.

Quando pensei que meu prazer chegava ao limite, Dylan moveu a mão para a fenda da minha bunda e meteu um dedo lá dentro, sem parar de me chupar. Ele moveu o dedo bem lá no fundo, procurando meu ponto sensível até encontrá-lo e então apertou do jeitinho que eu gostava.

Eu me contorci todo, querendo que aquele prazer durasse pra sempre. Dylan continuou me chupando e me comendo com o dedo por mais alguns segundos e não aguentei. Gozei forte dentro de sua boca, e Dylan bebeu cada gotinha, impedindo que a água sujasse.

Após a tempestade elétrica, meu corpo relaxou como se meus músculos derretessem.

Dylan emergiu com um sorriso triunfante nos lábios.

“Ainda acha que tritões não sabem transar?” Ele se aninhou no meu peito, pedindo abraço.

“Você é um deus do sexo, sabia?” Eu abracei o Dylan, beijando a curva do seu pescoço. “Isso não te deixou com vontade, não?”

“Não me faça responder isso.” Dylan riu. “Minha cauda tá tendo câibras, mas valeu a pena.”

“Tadinho. Não posso fazer nada por você?” Eu desci a mão para onde o mastro do Dylan deveria estar e agora só haviam escamas, mas ele foi rápido em desviar da minha mão.

“Me sinto honrado, mas peço que qualquer recompensa aguarde a minha recuperação.” Disse ele, sentando ao meu lado.

“Tudo bem. Eu mal posso esperar para rever suas... pernas.”

Eu me virei procurando o controle remoto, mas logo a campainha tocou e eu me levantei rápido, vestindo as cuecas e a bermuda todo molhado, mesmo.

“Já to indo.” Eu corri até a porta, terminando de vestir minha camiseta gigante. Nem precisaria, porque era Michel, carregando várias sacolas.

Assim que avistou Michel, Dylan retornou ao modo animal selvagem, mas eu decidi ignorá-lo. Pelo cheiro vindo das sacolas, Michel

trouxe coisas deliciosas.

“Vocês estão com sorte. Os cozinheiros prepararam frutos do mar para hoje.” Disse ele, esvaziando as sacolas sobre a mesa. “Gabe, por quê está molhado? Aliás, não quero saber. Vai se secar, ou pode pegar uma pneumonia.”

Enquanto Michel organizava as coisas e meu estômago dobrava-se de fome eu decidi obedecê-lo. Retornei ao meu quarto atrás de uma toalha e uma muda de roupas limpas, rezando para que os dois não se matassem naquele meio tempo.

Para a minha surpresa, quando retornei à sala, o pescoço do Michel ainda estava no lugar e Dylan o assistia bem quietinho, maravilhado com alguma coisa.

Quando olhei para a mesa, me assustei com a quantidade de pratos exóticos e bonitos, que Michel organizou elegantemente, assim como dispôs pratos e talheres para nós dois. Lagostas com molho, risoto de siri... tudo parecia delicioso.

Mas a atenção do Dylan mantinha-se no prato principal, ao centro da mesa. Não sei como não reconheci antes, mas era um largo crustáceo branco, com dez pernas enormes e pinças afiadas. Um caranguejo gigante polar, como o do *Pesca Mortal*.

“Você continue quietinho, peixe-boi. Quando a espécie inferior terminar de comer, eu talvez te jogue uma espinha de peixe.” Michel piscou pra ele, implicante como sempre. Ele vasculhou a geladeira e retirou o refrigerante, com uma sobancelha arqueada. “Estranho. Essa travessa de carambolas é igual à que desapareceu, quando destruíram a minha cozinha.”

Dylan abaixou o rosto, mas seu olhar se mantinha na mesa. Eu não soube o que fazer. Michel tinha bons motivos para detestar o Dylan, mas eu não suportava ver meu namorado tão derrotado.

Pensei em pedir uma trégua ao Michel, mas antes que eu pedisse ele ajeitou aquele grande caranguejo num prato e levou até a piscina.

“Esses bichos são pescados em meio aos icebergs do Alaska. São caríssimos e deliciosos. Você tem bom gosto, peixe-boi.” Michel entregou o prato ao Dylan, que aceitou com um olhar perplexo.

“...obrigado.” Murmurou ele, já se babando pelo banquete à sua frente.

Eu sorri, orgulhoso e feliz. Não é que aqueles dois realmente começavam uma amizade?

Enquanto Dylan se banqueteava com as patinhas de caranguejo, eu e Michel almoçamos na mesa. Tudo estava delicioso, quentinho e bem temperado. Comi como se não comesse há um mês, provando todos os pratos que Michel trouxe.

“Aproveite hoje, porque já estou montando seu programa nutricional.” Michel comia em mordidas pequenas e elegantes. “Como foi o campeonato?”

“O Alisson ganhou. Precisava ver o tamanho da medalha de ouro, ele tava super feliz. Eu disse a ele que você desejou boa sorte.”

Michel sorriu, e olhou para o nada por alguns instantes.

“Aposto que ele não deu a mínima.” Falou ele, e continuou a comer, meio angustiado. “Gabe, você acha que ele ainda pensa em mim?”

Meu coração torceu. A imagem do Alisson beijando a garota havaiana logo me veio em mente. Como eu responderia, sem destruir o Michel? A verdade é que nunca vi o Alisson mais feliz.

Michel riu da expressão no meu rosto, e descansou os talheres no prato.

“Esquece, não precisa responder.” Michel esfregou atrás do pescoço, meio sem graça. “Campeão, é? Aposto que ele vai voltar com um monte de troféus e medalhas. Teremos que dar uma grande festa.”

“Sim. Até lá precisarei contar sobre o bebê. O Surfe-Hai acontecerá na época do parto.”

“Pensaremos em alguma coisa, mas eu não me preocuparia tanto. O Alisson gosta muito, muito de bebês.”

Eu dei um sorrisinho, e terminei meu almoço. Contar sobre a gravidez não era meu único problema. O Alisson podia ser o meu herói, mas Michel não merecia tanto sofrimento.



Capítulo 24

Após centenas de recomendações sobre o que comer, o que não comer, e até sobre exercícios para gestantes, Michel se despediu e foi embora. Ele até lavou toda a louça depois do almoço, eu ainda não conseguia acreditar.

Dylan tirava um cochilo, aninhado como uma bola no fundo d'água. No fim ele comeu o caranguejo inteiro, com carapaça e tudo. Ainda bem que só percebi depois ou teria me assustado. A força da mandíbula dele continuava me surpreendendo, da metade pra cima ele parecia tanto com um humano comum...

Dolorido demais para dormir no sofá eu deitei na minha cama, e pouco depois o Alisson me ligou. Eu atendi com um sorriso enorme.

“Boa tarde, senhor campeão.” Falei.

“Boa tarde? Já é madrugada aqui. A festa recém terminou, você precisava ter visto.” Alisson riu. “A Leilani chamou um monte de gente, teve mais daqueles coquetéis loucos dentro de frutas, e tem flores secas por toda a casa.”

Minha tristeza voltou, mas disfarcei.

“Deve ter sido divertido. Você merece, Alis.”

“Não seja formal comigo, Gabe. Liguei para me exibir, óbvio, mas também tenho um pedido importante.”

“Pedido?”

“O prêmio de hoje foi alto. Comprarei uma passagem para você, quero que venha morar aqui.”

Eu arregalei meus olhos.

“Me mudar pro Havaí?” Logo desmanchei o sorriso. Eu olhei para a

minha barriga. “Não posso, Alis. Desculpa. Mas se precisa vender essa casa eu dou um jeito de sair. Não quero ser inconveniente.”

“Gabe, se eu estivesse aí eu puxaria suas orelhas. É um convite, não uma ordem de despejo. Pode continuar aí, mas quero que considere uma mudança de ares. Se é pelo Dylan pode trazê-lo. Alugarei uma casa próxima a minha pra vocês, precisa ver como é lindo esse lugar.”

“Eu posso imaginar. Só vejo fotos lindas sobre o Havaí, mas... eu não posso mesmo.”

Droga, eu me sentia tão prestes a chorar. E óbvio que Alisson sentiu isso na minha voz.

“Não contei nada ao Jonnie, mas não deveria mentir a ele, Gabe. Não sei o que tá acontecendo, mas você sabe que o Jonnie não merece ser enganado, e acho que nem eu.”

“Prometo contar na hora certa. Por enquanto concentre-se em surfar lindamente, como hoje. O que foi aquele salto sensacional?”

“Te falei que eu iria voar.” Alisson riu, e ouvi uma voz feminina e sonolenta ao seu lado. Não precisava pensar muito para saber quem era.

“Alis... você já falou com o Michel alguma vez?” Perguntei.

“Não, por quê falaria? É só um amigo de anos atrás.”

“Eu não acho que ele pense assim.”

Alisson fez uma longa pausa, e suspirou.

“É complicado, Gabe. Coisa de adulto. É bom que sejam amigos, mas mantenha-o a certa distância.”

Eu apertei os lábios. Não queria revelar ao Alisson tudo o que eu sabia sobre o passado dos dois.

“Acho que você tá entendendo ele errado.” Falei.

“Não, eu não estou.” Alisson fez outra longa pausa. “Eu vou ligar pra ele, se é tão importante pra você.”

“Obrigado, Alis.” Falei, e a vizinha feminina resmungou de novo. “Você parece ocupado, nos falamos outro dia.”

“Se cuida, Gabe. E pensa na minha proposta.”

Eu desliguei o celular e olhei para o teto escuro, abraçando no meu travesseiro.

Orla das Sereias era uma cidadezinha pequena e festiva, um paraíso para adolescentes e adultos, mas haviam poucas escolas e espaços de recreação para crianças. Uma casa no Havaí talvez fosse o melhor, para o futuro do Hian. E ele poderia conviver com o tio.

De qualquer forma, ainda haviam quatro meses de gestação pela frente. Havia muito a ser pensado antes que eu decidisse sobre viagens.

Alisson, um titio... ele se assustaria demais quando soubesse, mas o pensamento me fez rir. Ele e Hian com certeza seriam melhores amigos.

Ainda confinado à piscina, Dylan me abraçava afetuosamente enquanto eu digitava os números no celular. Eu agradecia o apoio dele, ou certamente não teria coragem de ir adiante no que estava prestes a fazer.

Quando atenderam do outro lado da linha, meu peito deu um salto.

“Alô? Oi, senhor Jones.”

“Gabe? Rapaaaaz, como tão as coisas? Viajando demais com aquele Dylan?” Pela voz abafada, senhor Jones mastigava um de seus milhos.

“É sobre isso que eu queria falar.” Eu engoli seco, me sentindo um idiota. “Não estou viajando, senhor Jones. Eu nunca saí de casa.”

“Ah...” Senhor Jones ficou quieto. “Eu desconfiava, mas tu deve ter teus motivos, rapaz. Tem que curtir mesmo. Espero que não tenha fugido por conta desse velho aqui.”

“Não, não é nada disso! Eu...” Dylan me abraçou mais apertado. “Eu e o Dylan estamos esperando um bebê.”

Senhor Jones começou a tossir violentamente, engasgado no milho.

“Pera aí, o quê? Gabe, rapaz, cês vão tipo, adotar uma criança tipo isso?”

“Tipo isso.” Dei uma risadinha nervosa.

“Rapaaaaz... eu com dezoito tava nadando num mar de peitos, bundas e cerveja. É essa a parada dos jovens de hoje? Virar pai de família?”

“Eu amo o Dylan, senhor Jones. Precisamos pensar no bebê, nesse momento.”

“Rapaaaaz... Vou dizer o quê, parabéns pela decisão. Vê se me traz a criança pra eu conhecer. Nunca vi filho de homem gay, mas tem, né? Os caras tão adotando direto.”

“O bebê chega em alguns meses, claro que o senhor vai conhecê-lo.”

“Caralho... Os caras recém brotam pelo no saco e já tão criando filho. Mas parabéns, menino Gabe. E obrigado por ter contado a verdade.”

Eu sorri, sentindo o peso sumir do meu peito.

“Peço desculpas de novo, senhor Jones. Ah, por favor não comente com o Alisson. Pretendo contar pra ele um pouco adiante, para não distraí-lo das competições.”

“Pode deixar, rapaz. Alisson manda bem demais, tu viu o salto que o cara deu? Ele vai ganhar o Surfe-Hai, to te falando isso. O nome da loja tá na CNN, imagina quanto cliente tá vindo aqui. Então sei lá, tira tua licença maternidade, ou paternidade, ou sei lá, e depois volta, que tem emprego pra ti.”

“Obrigado, senhor Jones.” Falei, e terminamos a ligação.

Foi mais fácil do que pensei que seria, e também a coisa certa a ser feita. Ok, não foi a verdade absoluta, mas eu não precisava matar o senhor Jones do coração. O Alisson seria o único para quem eu contaria tudo, e para ele eu ainda não sabia como revelar.

“Quer assistir *Pesca Mortal*?” Convidou Dylan, já com o controle remoto na mão. Estávamos reassistindo desde o começo, já que eu havia pulado as primeiras temporadas.

“Não posso. Você lembra das recomendações do Michel. Como vou permanecer trancafiado aqui, eu preciso me exercitar.” Falei, desanimado. “Eu nunca nem frequentei uma academia, isso é ridículo.”

Dylan deu uma risada travessa, e nadou habilmente em torno da

piscina para então emergir sobre mim, me prensando contra a borda com seu peitoral quente.

“Já estou quase recuperado, mas por hoje posso te exercitar aqui dentro.” Falou ele, já beijando o meu pescoço.

“De que tipo de exercício estamos falando?” Eu ri, mostrando a ele a tela do meu celular. “Porque o Michel mandou o programa que ele preparou, e nada envolve coisas entrando em mim.”

Dylan pegou o meu celular e analisou a sequência de fotos. Michel realmente estava se dedicando. Mesmo em época de provas finais ele montou uma tabela de exercícios considerando meu porte físico, idade, e tempo de gestação. Parecia ser algo inspirado em ioga.

“Parece simples. Olha, a maioria é feita pelo casal.”

“É, mas perceba que o casal está no seco, e os dois possuem um belo par de pernas.”

Dylan segurou meus tornozelos e inclinou para cima, conforme a primeira foto. Minha perna dobrou-se contra a minha barriga e eu dei um gemidinho dolorido, odiando minha falta de elasticidade.

“Novamente você menospreza seu namorado tritão.” Dylan lambeu os lábios cheio de travessura. Ele forçou meu outro tornozelo e fez meus pés quase tocarem o rosto, gentil mas indo um pouco além do meu limite.

“Tudo bem, mas pega leve. E não me olha com essa cara, prometa que isso não vai terminar em sexo.”

Dylan aumentou seu sorrisinho safado, forçando meus tornozelos com uma mão e com a outra verificando o celular.

“A próxima posição é de costas.” Falou ele.

Eu revirei os olhos, e resolvi obedecer, ficando de quatro dentro d’água. Dylan encaixou-se atrás de mim, fazendo cócegas nas minhas pernas com aquela cauda de peixe. Ele me abraçou pela cintura e passou a massagear a minha barriga, descendo as mãos aos poucos.

“Isso faz parte do programa?” Perguntei, gemendo macio. Para meu espanto Dylan mostrou o celular e havia mesmo uma posição assim, embora o homem da foto não estivesse se enfiando entre os glúteos da mulher.

As escamas do Dylan roçaram contra as minhas nádegas despidas, me fazendo rir, morrendo de cócegas.

“Me sinto torturado.” Falou ele, continuando a massagear a minha barriga com as mãos, e as minhas costas com o seu peito quente e molhado. “Você tá delicioso nessa posição.”

Eu me escorei na borda da piscina, empinando bem a bunda e deixando o Dylan se esfregar. Logo as cócegas deram lugar a um prazer esquisito, mas eu realmente precisava daqueles exercícios.

“D-Dylan, se comporta.” Pedi, arfando. A carícia na minha barriga descia cada vez mais.

“A próxima posição é de frente. Quer virar?” Ele sussurrou no meu ouvido.

“Não. Ah, continua assim.”

É, minha força de vontade durou exatamente três minutos.

Dylan deu uma risadinha vitoriosa e beijou meu pescoço, enfim descendo a mão até meu mastro enrijecido. Pensei que eu teria o orgasmo mais bizarro da minha vida, com aquelas escamas roçando a minha bunda, mas Dylan logo afastou o corpo do meu e parou atrás de mim.

Com um sorriso safado, ele olhou para o meu rabo molhado e exposto e afastou minhas nádegas, lambendo os lábios. Sem nenhum aviso ele meteu a língua lá dentro, me fazendo urrar de prazer. Minha entradinha alargou para a boca do Dylan, que me massageava com os lábios, num beijo erótico e enlouquecedor.

Eu não conseguia parar de gemer. Transar na água acabaria sendo o meu fetiche se continuássemos assim. Não demorei para chegar ao limite nas mãos dele.

No fim, acabamos fazendo um tipo muito diferente de exercício, mas o que importava era cansar, não é mesmo? E nossa, Dylan me gastou como não gastava há muito tempo. O prazer foi tanto que acabei adormecendo pouco depois, no sofá.

Acordei com uma cutucada no ombro. Era Dylan, me oferecendo panquecas fresquinhas para o café da manhã.

Sonolento, primeiro eu aceitei o confortável café na cama, mas logo me sentei no sofá num salto nervoso.

Pernas. Dylan caminhava normalmente, sem nenhum sinal de escamas em todo o seu corpo. E ele estava totalmente pelado e, hum, digamos que bastante feliz em me ver.

“Termine logo seu café, meu querido predestinado.” Dylan beijou o meu rosto. “Estou ansioso em recuperar o tempo perdido.”

Eu comi minhas panquecas com suor frio descendo pelo rosto, sem saber o que pensar daquele mastro rígido apontado pra mim, quase tocando o meu rosto.

Como eu imaginava, naquele dia Dylan desmontou meu rabo além de qualquer reconhecimento. Quem precisava de exercícios para gravidez, quando havia um homem tesudo e sedento para cansar cada músculo do meu corpo?



Capítulo 25

Dois meses se passaram desde que Dylan recuperou sua forma terrestre. Desde então mantive cuidado, obrigando-o a banhar-se no mar todos os dias, mesmo que ele não achasse necessário. Às vezes passávamos a noite em sua caverna para que ele dormisse na piscina interna, que descobri ser sua verdadeira cama.

Apesar de tudo, mantivemos a piscina na sala. Trocar a água era complicado, especialmente após... certas atividades, mas desde que penhorei parte dos tesouros do Dylan dinheiro não era problema algum. Eu comprava caixas e mais caixas de sal, e aprendi a deixar a água com a mesma salinidade de água marinha.

Como eu vivia trancado em casa e isolado da sociedade, um mergulho frio com meu namorado tritão era o ponto alto dos meus dias.

As mordomias se resumiram, e tornaram-se ainda mais frequentes quando minha barriga dobrou de tamanho. Aos sete meses de gestação, meu ventre atingiu proporções assustadoras. Meu umbigo formava um biquinho para fora e a pele estava tão esticada que fazia um barulho seco quando eu batia, endurecida como uma pedra.

Meus joelhos, claro, não agradeciam o súbito ganho de peso, então eu passava boa parte do dia sentado. Michel garantiu que era normal, considerando-se as circunstâncias nada normais da minha gravidez. Na verdade a pressão na coluna e nos pés só iriam aumentar, e portanto precisei criar disciplina, e fazer os exercícios de gestação todos os dias. Dylan às vezes me ajudava, mas com ele era impossível seguir o programa até o fim. Minhas posições eram simplesmente eróticas demais, e os exercícios acabavam por relaxar o músculo errado.

Então, naquele momento, eu aproveitava a ida do Dylan ao mercado para fazer justamente isso: alongar meus músculos inflamados e tentar não

morrer de tédio enquanto assistia meu centésimo filme pelo Netflix.

Eu olhei para fora através das frestas da cortina. O filete de sol matinal brilhou contra a minha pele, me fazendo perceber o quanto eu estava branco. Nunca me bronzeei dourado como o Alisson, mas sempre tive uma corzinha bonita, e naquele momento minha palidez começava a me chatear. Eu voltaria a ser o cara mais branco de Orla das Sereias, e sabe-se lá o quanto eu demoraria até dourar de novo, para ficar bonito para o Dylan.

Quando o crescimento da barriga se multiplicou, cheguei a temer que Dylan perderia o interesse em mim, mas até então tudo continuava normal, embora meu novo ritmo não permitisse nenhuma loucura. No fim, minha vida se tornou bastante rotineira, cheia de comida, filmes, sexo baunilha e consultas semanais.

Falando em consultas... eu verifiquei o horário no celular. Michel estava atrasado. Só ao perceber isso ouvi uma discussão na frente de casa.

Eu dei um suspiro cansado e sequei a testa após os longos exercícios. Quando eu poderia fazer meus check-ups com algum sossego?

Como eu previa, assim que abri a porta, me deparei com uma cena bem familiar no jardim da frente.

“Tentou invadir nosso território de novo, maculador. E na ausência do alfa deste núcleo.” Dylan tremeu os punhos, que ainda carregavam as compras do almoço. “Quais seus planos com o meu predestinado?”

À frente do Dylan, Michel trajava seu habitual jaleco e óculos finos, e segurava um caixote preto que parecia bastante pesado. Ele deu um suspiro ainda mais entediado que o meu.

“Os mesmos planos de toda quarta-feira, peixe-boi. Verificar a saúde do Gabe e do bebê. Precisamos passar por isso sempre que eu apareço?”

Dylan rosnou e lhe apontou o dedo, afinando seus olhos de esmeralda.

“Não tente se aproveitar dele. Eu vou te matar e cortar em pedaços.”

Michel enfim me percebeu parado à porta e resolveu fazer a coisa certa, que era ignorar o Dylan completamente. Ele acenou para mim todo sorridente e apertou minha mão em um cumprimento educado, enquanto

entrava.

“Gabe, como foi a semana?” Perguntou ele, enquanto nos encaminhávamos ao sofá.

“Nada novo, eu acho. Você deve ter novidades maiores.”

“Tá falando do ensaio de formatura? Nem me lembra, a correria entre os ensaios e as provas finais ainda vão me enlouquecer. Mas adivinhe? Parece que meu trabalho de graduação terá conceito máximo.”

Eu parabeneizei o Michel, todo eufórico. Após uma semana inteira vivendo somente das atenções excessivas do Dylan, eu realmente apreciava as breves visitas dele. Michel se tornou minha única conexão com o mundo exterior, e através dele eu podia me informar sobre o pessoal do luau, e as fofocas recentes de Orla das Sereias.

Dylan não se agradava muito com a minha empolgação, mas seu ciúmes absurdo diminuía lentamente. Naquele momento ele até carregava as compras à cozinha, ao invés de ficar parado na porta e fuzilando Michel com o olhar.

Falando em exames... era a primeira vez que Michel trazia uma caixa tão grande, e a curiosidade me venceu.

“O que tem aí?” Perguntei

Michel destravou a tampa com um sorriso orgulhoso, sem muita pressa, querendo fazer suspense. Até Dylan apareceu para verificar o tal conteúdo misterioso.

“Vai ter que me agradecer, Gabe. O diretor do hospital não queria de forma alguma emprestar isso a um aluno, mas amoleceu para o melhor estudante da turma. Precisei insistir por semanas.”

Michel enfim abriu a caixa, e revelou uns aparelhos esquisitos, de plástico cor-de-creme com painéis de vidro. parecia uma mini-televisão antiga, com um teclado e um longo cabo, e um troço que parecia um leitor de código de barras.

Eu não queria parecer burro, mas a confusão na minha cara fez Michel soltar uma risadinha complacente. Ele começou a montar o equipamento sobre a caixa e ligou na tomada ao lado do sofá. A telinha do

monitor piscou um chuviscado estranho, como estática de televisão mas em tons de verde.

“Isso, meus queridos, é um aparelho de ultrassom. Tira a roupa e deita aí, Gabe. Hoje as coisas ficarão divertidas.”

Eu despi a camiseta e me deitei, ignorando a rosnada do Dylan para o comentário ambíguo. O duplo sentido da situação só piorou quando Michel abriu um frasco de lubrificante e espalhou na mão.

“Que exame é esse?” Perguntei, nervoso.

“Vocês já devem ter visto na televisão. Com isso aqui vamos ver o bebê de vocês.”

Com aquelas últimas palavras, Michel ganhou toda a minha atenção. Até Dylan se aproximou de forma não agressiva, observando Michel lubrificar o objeto na ponta do cabo.

“Se machucar meu predestinado, vou te quebrar em dois.” Falou Dylan, mais pela obrigação de ser um ciumento louco. Pelo tom de voz ele parecia realmente intrigado.

Michel sorriu para a expectativa em nossos olhos e espalhou o lubrificante na minha barriga até fazê-la brilhar. Era gelado e fazia cócegas, mas tentei não reagir ou Dylan saltaria no pescoço do Michel.

Por fim, Michel apertou o aparelhinho no meu umbigo e deslizou pelo meu ventre. A televisão apitou, e a imagem começou a ganhar foco.

“Não tive muitas aulas de obstetrícia, isso pode demorar um pouco.” Michel deu uma risadinha encabulada, deslizando o aparelho em mim enquanto digitava coisas no tecladinho da TV.

Eu aguardei cheio de ansiedade e expectativa, laçando apertado meus dedos na mão do Dylan. Eu realmente veria o Hian? Meu bebezinho apareceria pela primeira vez?

Após uns dois minutos esfregando a minha barriga e digitando diversas coisas no teclado, a imagem enfim tornou-se nítida, e os olhos do Michel brilharam em satisfação.

“Consegui! Agora é só descobrir o ângulo perfeito...” Disse ele, descendo o aparelho lubrificado até abaixo do meu umbigo.

E então apareceu algo. Digo, ainda eram borrões verde-claros na tela verde escura, mas apertando os olhos eu podia reconhecer algo se mexendo.

Meus olhos se arregalaram. Era o rostinho de um bebê, com os olhos fechados e chupando seu minúsculo polegar. Pelo tremor na mão do Dylan ele também reconhecia a imagem.

“Aqui temos a cabeça. Formação normal, desenvolvimento normal para o sétimo mês, nenhum defeito nas mãos. É um bebê perfeito.”

Eu abri um sorriso enorme. Aquele narizinho fofo parecia o do Dylan. Na verdade era igualzinho.

Dylan estremeceu mais e mais e começou a soluçar, cobrindo o rosto com a outra mão. Eu mesmo estava à beira de lágrimas, mas queria me conter e ver cada detalhezinho do meu pequeno Hian.

Sentindo uma felicidade quase sufocante eu massageei a mão do Dylan para acalmá-lo, enquanto Michel tentava focar outras partes da imagem.

“Mais boas notícias, parece que não está crescendo no seu intestino, Gabe. Não me pergunte como surgiu, mas há uma estrutura separada, tipo um ovo. Seus órgãos não parecem correr nenhum risco.”

Eu sorri em profundo alívio para aquela informação. Mas o que veio a seguir roubou todos os meus pensamentos, fazendo meu coração saltar no peito.

Uma cauda.

O pequeno Hian adormecia dentro de mim, embolado em sua pequenina cauda exatamente como Dylan se enrolava para dormir. A ponta da barbatana descansava sobre seu ombro no espaço apertado, tão delicada que eu queria apertar e beijar.

“É nessa parte que eu diria menino ou menina.” Falou Michel, completamente espantado.

Dylan não se aguentou e ajoelhou ao meu lado, me abraçando e lavando meu peito de tanto chorar. Eu afaguei os cabelos dele, querendo gravar cada imagem do bebê na minha memória.

“É um menininho. Eu confio nos instintos do Dylan.” Falei ao

Michel, deixado umas lágrimas escaparem. “É o nosso pequeno Hian.”

Michel sorriu alegremente para mim. Ele secou o leitor e guardou os equipamentos, deixando que eu e Dylan tivéssemos aquele momento para nós.

“Ele é lindo, não é?” Perguntei ao Dylan, alisando suas costas.

Dylan chorava demais para usar palavras, ele só concordou com a cabeça e permaneceu abraçado em mim. Eu podia sentir a felicidade dele transbordando, me contagiando, me fazendo querer gritar de alegria. Talvez esse fosse o tal chamado que Dylan tanto falava. Nossas emoções complementavam uma à outra, me inundando na maior alegria que já senti em toda a minha vida.

O Dylan também era o meu predestinado, e com ele eu formaria a minha família.

Michel levou o aparelho para o carro, e quando voltou eu afastei o Dylan gentilmente. Ainda haviam outros exames a serem feitos.

Ao ver a cara inchada do Dylan, Michel ergueu o canto do lábio.

“Pode agradecer, peixe-boi. Eu deixo.”

Dylan bufou, e marchou para a cozinha.

“Vou servir um café.” Rosnou ele.

Eu segurei uma risada. Dylan realmente estava muito, muito contente.

A sós comigo, Michel sentou na beirada do sofá com seu equipamento tradicional. Ele fez os exames de sempre.

“Tudo normal, hoje também?” Perguntei, com o braço estendido enquanto ele media a pressão.

“Hoje sim.” Michel guardou os aparelhos. “Mas seu exame de sangue ficou pronto ontem. Você tem se alimentado, Gabe?”

“Dylan tem seguido à risca o seu programa nutricional. Até demais. Ontem eu queria chocolate com passas de banana e ele não comprou, tô revoltado até agora.” Falei, irritado com todos os vegetais que eu precisava comer. Eu odiava beterraba.

“Tudo bem, não imaginei que fosse sua alimentação. Mas sua Vitamina D despencou, você precisa tomar sol.”

Eu dei uma risadinha nervosa.

“Sol? Tá brincando? Olha o tamanho dessa minha barriga, quando vou poder sair de casa? No carnaval, vestido de Grávida de Taubaté?”

Michel não me acompanhou na risada. Ele endireitou os óculos no rosto.

“Isso é sério, Gabe. Você está trancado há meses, pode acabar adoecendo. O bebê também precisa dessa vitamina, e pra isso você precisa de sol.”

A preocupação com Hian apertou meu peito. Mas felizmente Michel já tinha tudo planejado. No dia seguinte ele dispensaria os criados e nos buscaria cedo da manhã. Eu e Dylan passaríamos a tarde no terraço do quarto dele, tomando o sol que eu tanto precisava.

Aquele plano me preocupava. Seria meu primeiro passeio, e com sete meses meu ventre não parecia outra coisa além do barrigão de uma gestante.

“Relaxe o rosto, Gabe. Vai ser tranquilo. Antes de dispensar a criadagem, pedirei que preparem um banquete com muitos chocolates. Poderá dar uma escapadinha na sua dieta.”

Eu torci o lábio, mas por fim comecei a rir.

“Não quero chocolates. Hoje acordei com vontade de costelinha defumada com Nutella e pickles.”

“Vai ter tudo isso.” Michel gargalhou. “Eu te devo alguma coisa, depois do que você fez.”

“O que eu fiz?” Eu franzi a testa.

O sorriso do Michel se desmanchou, e seus olhos escureceram numa melancolia que já vi em algum momento, não lembrava quando. Ele curvou os lábios num sorrisinho triste, brincando com o estetoscópio enquanto olhava pro chão.

“O Alisson tem me ligado, às vezes. Ele conta sobre o dia dele, sobre o Havaí, pergunta como estou. Você tem um dedo nisso, não tem?”

Eu sentei no sofá e dei um tapinha no ombro do Michel.

“Talvez.” Eu sorri para ele, um pouco desconfiado. Michel não parecia feliz como deveria estar.

“Não faz essa cara de pena. Estou feliz que ele não me odeie mais, de verdade. E também estou feliz pelo Alisson, aquela garota parece ser perfeita pra ele.”

Ah. Então ele conheceu a Leilani. Eu não sabia o que responder, então resolvi acreditar na felicidade que o Michel dizia sentir. Enquanto Alisson fosse feliz, eu sabia que ele também seria.

Apesar das palavras sinceras, Michel escondeu o rosto nas mãos.

“Eu nunca tive chance, não é?”

Eu abracei Michel, e logo ele desabou no meu ombro, soluçando. Dylan apareceu com o café, mas ao ver o estado do Michel ele nem disse nada, apenas deixou o café na mesinha ao lado e permitiu que Michel chorasse em mim até cansar.

Depois daquele dia, Michel nunca mais falou sobre o Alisson.



Capítulo 26

Mesmo com uma piscina na sala eu não perdia a oportunidade de me refrescar na piscina do Michel. Há um mês passei a visitá-lo semanalmente, para tomar sol e me lembrar que havia um mundo além das paredes lá de casa.

Como sempre Dylan me acompanhou, e naquele momento aproveitávamos juntos a agradável tarde de sol.

Pela piscina do Michel ser muito maior, Dylan aproveitava para se exhibir, fazendo altas piruetas na água e bancando o machão alfa em parte para me provocar, e em parte para lembrar o Michel que aquele garoto grávido tinha dono. Era infantil, mas também um tanto fofo.

Michel, claro, não dava a mínima para o bate-cabelo pouco sutil do Dylan. Ele permanecia em sua escrivaninha, revisando por centenas de vezes seu trabalho final de graduação. Eu me sentia mal por atrapalhá-lo em um momento tão delicado, mas ele me garantiu que apreciava a companhia, desde que não fizéssemos muito barulho.

Relaxado e tranquilo, eu pesquei um punhado de pistaches da travessa à beira da piscina e comi com gosto, ajudando a descer com suco de melancia fresquinho. A mansão do Michel era como um paraíso, e eu realmente apreciava descansar o peso da barriga na água.

Com oito meses de gestação eu me sentia carregando várias bolas de boliche pelo umbigo, e as menores caminhadas faziam latejar todas as minhas miseráveis vértebras. Mas num aspecto minha situação melhorou: Após tantos banhos de sol minha pele recuperou seu bronzeado bonito, e eu também me sentia mais disposto.

Dylan não podia permanecer na água doce por muito tempo, então assim que ele deixou a piscina eu o segui até as esteiras, e sentei entre as suas pernas como se Dylan fosse uma poltrona. Ele me vestiu o óculos de sol para

me proteger do sol forte, e passou a massagear meus ombros.

Nossa, as mordomias da gravidez eram boas demais. Se não fosse a dor nas pernas eu até gostaria de ficar grávido pra sempre, sendo bajulado pelo Dylan da manhã até a noite.

Certo, isso era exagero. A cada dia eu me sentia mais ansioso em conhecer o Hian, e sempre sonhava com isso, e com a sensação de ter meu bebezinho no colo. Michel pediu que eu não me preocupasse com o parto, ou com nada, realmente, e disse que cuidaria de tudo. Então entreguei meu destino nas mãos dele.

Já estávamos no fim de Janeiro, e a cesariana aconteceria dia 14 de fevereiro, dois dias após a formatura do Michel. Ele mesmo realizaria o procedimento. Eu podia ver em sua estante diversos livros novos sobre obstetrícia e cuidados neo-natais.

Michel e Dylan eram tão dedicados, cada um do seu jeito. Eu me sentia meio burro em só ficar ali, curtindo comidas boas e massagens. Mas havia um bebê enorme crescendo na minha pobre barriga de bola de basquete, talvez eu merecesse um desconto.

Sob as deliciosas carícias do Dylan, eu adormeci com a cabeça em seus gominhos confortáveis. Acordei pouco depois, ouvindo Dylan conversar com Michel.

“...não deixa de ser uma cirurgia, peixe-boi. O Gabe ficará alguns dias no hospital, precisaremos de um bom plano.”

“Já estou concordando com essa loucura, pelo meu predestinado. Não vou permitir que o separe do bebê.”

A última frase me fez saltar do colo do Dylan.

“Como assim, me separar do bebê?” Eu tirei o óculos de sol e fuzilei Michel com meu olhar.

Ao me perceber acordado, Michel ajustou o óculos e limpou a garganta.

“Conseguirei que você dê baixa como um paciente de apendicite, e darei um jeito de ser seu único cirurgião. É a única forma de realizar a cesariana sem chamar todos os jornais do mundo. Durante sua recuperação o

Dylan ficará com o bebê.”

Eu abri a boca, aterrorizado. Hian era parte de mim há oito meses. Cada respiração minha era uma respiração dele, eu sentia cada chute e cada rodopio dentro de mim. Eles não podiam fazer isso comigo.

“Serão apenas dois dias, certo?” Perguntou Dylan, escolhendo concordar com Michel na única vez em que não podia. Ele sorriu para mim com um olhar de comiseração. “Cuidarei do Hian como a um príncipe, meu predestinado.”

Eu mordi o lábio, ou mandaria aqueles dois ao quinto dos infernos. Eu não suportaria ficar longe do meu bebê, ainda mais logo após o nascimento. Mas eu não podia ser egoísta, sabia que um passo em falso sabotaria a segurança dele e do Dylan.

“Dois dias. E depois disso quero ver meu filho, nem que eu precise fugir do hospital.” Falei, com os olhos cintilando de raiva e frustração. Eu apertei minha barriga como se fossem me roubá-lo ali mesmo.

Michel sorriu, satisfeito com a minha cooperação. Ele se ajoelhou ao meu lado e pôs a mão no meu ombro.

“Vai dar tudo certo, Gabe. Agora deite aí, tem um último exame que preciso fazer.”

Ainda bufando de raiva, eu deixei o colo do Dylan e deitei-me sobre a esteira. Deveria ter percebido que Michel não trouxe seu habitual medidor de pressão, nem seus outros equipamentos. O tal exame me pegou de surpresa, completamente.

Ignorando que Dylan estava bem ali ao lado, Michel beliscou meus mamilos e torceu de leve, puxando-os e pinçando com delicadeza.

Não tive tempo de me conter, deixei um gemidinho escapar e repeti internamente *não fique duro não fique duro não fique duro*.

Ah, meu Deus, que merda de exame era aquele.

Dylan parecia ter a mesma dúvida, porque empurrou Michel para longe de mim e o ergueu pelo colarinho.

“Faça suas orações, seu maculador desgraçado!” Berrou Dylan, metralhando-o com seu olhar afinado de tigre selvagem e eriçando seus

dentes farpados.

Michel revirou os olhos, como se nós dois fôssemos idiotas.

“É um teste de lactação.” Ele afinou o olhar pra mim, parecendo aborrecido com o vermelhão no meu rosto. “Como eu suspeitava pela ausência de mamas, você não está produzindo leite.”

Eu fechei meus lábios num asterisco e cobri meus mamilos, com o rosto queimando de vergonha. Leite? Socorro, oito meses de gravidez e eu nunca havia pensado sobre amamentar.

Dylan soltou Michel e rosnou em desprezo.

“Claro que ele não produz leite, seu estúpido. Não tá vendo que o Gabe é um homem?”

Eu e Michel nos entreolhamos, certamente pensando a mesma coisa.

Dessa vez foi o Dylan que nos encarou como se fôssemos retardados. Ok, talvez realmente me faltassem alguns neurônios para nunca refletir sobre como alimentaria o bebê. Demorei meses para me acostumar com a idéia de estar grávido, mas amamentar no peito ia além dos limites da minha sanidade. Eu não faria isso. Seria perturbador demais.

“Compraremos algumas mamadeiras.” Falei, sem conseguir esconder o horror dos meus próprios pensamentos.

“Claro que compraremos mamadeiras.” Dylan deu de ombros. “Três mamadeiras de óleo de peixe por dia, e teremos o tritão mais forte e saudável dos sete mares.”

“Óleo de peixe... para um recém nascido...” Michel esfregou a cabeça, certamente tentando separar o que seria a cultura dos tritões, e o que seriam apenas as ideias loucas do Dylan.

Eu nem tentava entender mais nada. Mas se meu peito reto não produzia leite, isso era uma ótima notícia. Eu poderia, logo após o parto, voltar a me considerar um homem normal.

“Ele vai beber leite. Daqueles especiais para bebês.” Falei.

“Mas meu predestinado, quando os bebês tritões nascem de dois machos, eles geralmente...”

“Ele será meio-tritão. Não se esqueça que também sou pai dele, e como meio-humano, o Hian também vai beber leite. Quero que ele seja uma criança normal.”

Dylan fez um beicinho, procurando argumentos sem encontrar nenhum. Eu não precisava nem pedir a opinião do Michel, que ainda se aterrorizava com a idéia de um bebê crescendo à base de óleo.

Assim que a discussão se encerrou Michel retornou aos estudos, e eu me aninhei novamente no colo do Dylan, ansioso pelos afagos que ele não demorou a recomeçar.

“É normal tritões beberem óleo de peixe, ou você está implicando comigo?” Perguntei.

“Claro que é normal. Um embalo no colo, um pouco de óleo de atum, e meus irmãozinhos dormiam como pedras.”

Eu fiz que sim com a cabeça, quando veio um estalo. Eu me levantei num salto e virei pro Dylan com o olhar enorme.

“Espera. Espera, para tudo. Você disse irmãos?”

“Tenho certa experiência em cuidar de bebês. Papai Arian ganhava um atrás do outro, e como primogênito era o meu dever auxiliar na...”

Eu esfreguei a testa, me sentindo zozinho. Dylan, e sua mania louca de soltar detalhes importantes como quem conta o que comeu no almoço. Como eu podia saber tão pouco sobre o pai do meu filho? Por algum motivo ridículo, sempre imaginei Dylan como um filho único.

E se ele possuía tantos irmãos, isso só aumentava meus temores.

“Dylan, meu amor, quantos filhos espera ter comigo?”

O sorriso besta desapareceu do rosto do Dylan. Por um segundo seu olhar pareceu sombrear, mas logo ele sorria de novo, de um jeito bem forçado.

“Você é um humano, meu predestinado. Você terá apenas um.” Ele estremeceu ao falar as últimas palavras.

Eu torci o lábio e voltei a deitar em seu colo, gemendo macio para a massagem nos ombros até esquecer aquela conversa boba.

“Um só parece tão pouco...” Eu avermelhei ao perceber o que estava falando. “Digo, talvez eu queira ter mais, talvez não, mas você me prometa que decidiremos juntos. Não quero mais surpresas.”

As mãos do Dylan tremeram nos meus ombros, e ele não respondeu. Bom, tudo bem. Com uma massagem gostosa daquelas e o sol batendo gostoso na minha barriga, eu não queria nada além de dormir novamente, e foi o que eu fiz.

Ao fim da tarde, Michel nos levou de volta para casa em seu Porsche lindo, com bancos de couro preto. Como sempre, Dylan cobriu minha barriga com pilhas de cobertores, o que me fez agradecer o ar-condicionado potente daquele carro.

Após nos deixar em casa, Michel se despediu e nós entramos, com o sol recém se pondo do céu. Geralmente voltaríamos tarde, longe da vista de todos, mas aquele era um dia especial.

Precisei de meses para criar coragem, mas enfim decidi contar tudo ao Alisson.

Já bem acomodado na minha cama, eu aproveitei que Dylan preparava o nosso jantar e liguei o laptop. Nessas horas meu barrigão de melancia se tornava inconveniente de verdade, pois eu precisava apoiar o laptop no alto do peito, com a tela quase grudada na minha cara.

Espreguiçando minhas costas, ainda doloridas por subir as escadas, eu abri o Skype e felizmente Alisson estava online. O nervosismo estremeceu meu estômago, mas eu já planejava este momento há tempos. Não haviam campeonatos pela semana seguinte, então Alisson não se prejudicaria com o grande choque que estava prestes a sofrer.

No fundo, eu esperava que Alisson não atendesse, mas logo o rosto dele apareceu na tela e ele me cumprimentou com um sorriso na cara. Pela mobília e pranchas de surfe encostadas na parede de trás, ele estava na sala de casa.

“Gabe, como tá? Assistiu minha competição de ontem?”

“Claro que sim. Quantas medalhas já são, com essa?”

“Duas de ouro, nove de prata, seis de bronze e um troféu legal feito de conchas, que ganhei num luau daqui. As festas são uma loucura, Gabe, tem umas bebidas que nossa, olha pra isso!”

Alisson me mostrou seu acompanhamento do dia: Um coquetel dentro de um melão, coberto de chantili com granulados coloridos e vários guarda-chuvinhas, além da clássica rodela de limão na borda.

“Essa coisa consegue ser mais gay que eu.” Eu dei risada com o Alisson. “Quem preparou, a sua *amiga*?”

“Tudo bem, tudo bem, já pode parar. Ela não é minha amiga.” Alisson deu uma risadinha e ergueu a mão, Revelando um anel dourado que fez meu coração saltar. “E sim, ela quem preparou essa bebida. Estamos pensando em abrir nosso próprio estande de coquetéis, quando eu me aposentar.”

“Espera, espera, muita informação.” Eu arregalei os olhos. Pensei que eu chocaria o Alisson, mas quem não respirava era eu. “Isso é um anel de noivado? Vocês vão casar? De verdade? E que história é essa de aposentadoria?”

Alisson riu, meio encabulado.

“É, a Leilani sugeriu que eu contasse com calma, mas eu não sabia como, e tudo foi se acumulando. Estamos noivando, mas não tem nenhum casamento no horizonte. Pretendo me aposentar após o Surfe-Hai, no mês que vem, e só então fazer planos. Espero que esteja pensando sobre morar aqui.”

Eu abri a boca, com as palavras entaladas na garganta. Meu irmãozão angustiado que sempre se forçava a sorrir, agora todo feliz e cheio de planos para o futuro. O Havaí realmente fez muito bem a ele. Ou mais provavelmente, o motivo também fosse aquela garota.

“Parabéns, Alis.” Eu sorri, ainda pasmo. “Ahm... já contou para o Michel?”

O sorriso do Alisson se desmanchou por completo. Ele torceu os lábios como sempre fazia ao falarmos dele.

“Eu entendo o que está fazendo, Gabe, mas isso é um problema entre

adultos. Eu amo a Leilani.”

“Desculpa, eu sei.” Eu baixei a cabeça. “Só queria que todo mundo fosse feliz.”

“Eu fiz o que me pediu, tentei uma amizade. Quando contei do namoro, antes mesmo do noivado, o Michel nos parabenizou mas pediu que eu não ligasse mais.”

Eu engoli amargo, como se a dor do Michel também fosse a minha.

“Desculpa, eu não devia ter mexido no baú de vocês dois. Só fiz besteira.”

“Eu não terminei.” Alisson deu um sorrisinho triste. “Eu pedi desculpas a ele. Parei de fugir e pedi perdão por coisas que nunca devia ter feito. Coisas cruéis e egoístas. E você estava certo, em algum momento o Michel merecia ouvir o meu arrependimento.”

Eu sorri, sentindo umas mistura de alegria e angústia. Realmente, Michel não parecia esconder tristeza alguma. Eu nunca entenderia totalmente o passado dele com o meu irmão, mas se a Leilani devolveu o sorriso do Alisson, esse já seria o melhor final possível.

E eu tinha certeza que o Michel pensava da mesma forma.

“Obrigado, Alis. Eu agradeço por mim e pelo Michel.”

“Tudo bem. Mas vamos parar de nos deprimir. Como estão as coisas por aí? Meses morando juntos, você e o Dylan já devem ter virado um casal de chatos.”

“Ah, sobre isso...” Eu olhei por cima do laptop, para a minha barriga que se erguia ainda mais alto que a tela. “...não, nenhuma novidade por aqui.”

“Viu só? Eu sabia. Logo vão estar assinando o jornal, e acordando cedo pra falar de política e reclamar dos joelhos.”

“Não somos um casal de velhos!” Eu ri, embora a parte de reclamar dos joelhos fosse verdade pra mim. “Eu... eu tenho uma novidade, sim. Mas quero contar amanhã.”

“Amanhã, é? Eu me sentiria torturado, mas vou me vingar, então. Deixarei minha maior novidade para amanhã, também.”

Outra novidade? Mas que desgraçado!

Alisson riu da frustração na minha cara. Eu odiava esperar surpresas.

Enquanto ele ria a Leilani apareceu por trás dele com duas varetas coloridas. Quando ela se aproximou percebi serem agulhas de tricô.

“O que acha dessa cor, meu docinho?” Ela perguntou, beijando-lhe o rosto.

Alisson espiou o tricô preso à agulha. A câmera não focava muito bem. Parecia ser um par de sapatinhos, só que muito pequenos.

“Rosa? Mas nós ainda nem sabemos...” Alisson voltou-se à câmera do laptop rapidamente, com um sorriso. “Bom, Gabe, nos falamos amanhã para trocar novidades. Duvido que a sua seja maior que a minha. Tchau!”

“Não, espera!” Eu estendi as mãos pra frente, mas Alisson foi rápido em encerrar a ligação.

Ai, meu Deus. Mais um dia inteiro me torturando sobre contar a verdade. Mas Alisson podia ter certeza de uma coisa: minha surpresa seria muito, muito maior que a dele.



Capítulo 27

Assim que sentei à mesa de jantar, Dylan me serviu o sorvete direto no pote, todo enfeitado com tubinhos de biscoito e um coração no centro, feito com calda de chocolate.

“Feliz trinta e seis semanas!” Falou Dylan, espremendo um 36 de calda de chocolate do centro do coração.

Eu lambi os lábios para todo aquele sorvete, embora estivesse meio encabulado. Trinta e seis semanas... eu nunca entendi porque as mulheres contavam dessa forma, mas ver o número aumentar a cada sete dias era tão fascinante quanto assustador. Meu parto seria realizado com trinta e oito semanas, ou seja, em apenas catorze dias.

Ao mesmo tempo em que a palavra *cirurgia* me apavorava, eu também mal podia esperar para conhecer o pequeno Hian.

“Obrigado, Dylan.” Eu sorri para meu lindo namorado, já me enchendo de sorvete.

O geladinho descendo ao estômago era um alívio enorme, considerando que meu corpo todo inflamava pela pressão do bebê, e pelo esforço em todas as minhas juntas. Michel considerou receitar analgésicos, mas preferi não arriscar pois era impossível saber que remédios o pequeno Hian aceitaria. Meus dias se tornaram uma luta constante contra o desconforto e a dor.

Me lembrando que nem tudo na minha rotina era desgraça, Dylan me abraçou por trás e beijou a curva do meu pescoço, descendo um arrepio gostoso pela minha espinha.

“Posso buscar os óleos de massagem, meu amor?” Perguntou ele, com um olhar tão apaixonado quanto predatório.

Eu adorava me sentir tão desejado. E adorava ainda mais que a

paixão do Dylan não tivesse diminuído, mesmo quando me transformei num balão horrível. Diferente do que acontecia às mulheres grávidas eu não ganhei peso algum exceto, óbvio, na minha barriga. Mas meus hormônios decidiram reter todo o líquido do meu corpo, então talvez eu fosse o verdadeiro peixe-boi.

Pela minha cara, Dylan nem precisou aguardar a resposta, ele subiu ao nosso quarto e logo voltou com meu óleo favorito. O aroma era uma mistura de frutas meio infantil, mas eu gostava do cheiro doce de cereja.

Eu me arrastei ao sofá como um velho de 200 anos e deitei de barriga para o alto, dando uma longa arfada de cansaço. Meia hora de massagem, seguida de uma tarde na piscina assistindo televisão, e talvez eu terminasse o dia sem me sentir abraçado num cacto.

Falando em terminar o dia... que merda, eu precisava contar ao Alisson, e ainda não sabia a surpresa dele. Com todo o sofrimento que eu já passava, eu não precisava ter ansiedade adicionada à minha lista de problemas.

Dylan ergueu meus tornozelos e sentou, descansando minhas pernas sobre seu colo. Felizmente nunca recebíamos visitas, porque inchei tanto que nada mais me servia. Eu andava pela casa de cuecas ou pelado, para a alegria do Dylan. Naquele momento eu vestia uma cueca branca comum, que desaparecia embaixo da jaca madura que se tornou o meu ventre.

“Como estão as dores, hoje?” Dylan despejou o óleo geladinho abaixo do meu umbigo e espalhou com a outra mão, até a minha barriga brilhar.

“Horríveis. E os meus joelhos incharam tanto que...” Eu mordi o lábio, lembrando do deboche do Alisson. “Pensando bem, vamos falar de outra coisa. Tô resmungando demais para alguém de dezoito anos.”

Dylan sorriu para mim de um jeito fofo, lambendo seus lábios carnudos. Tudo naquele homem era como oxigênio pra mim. Olhar para aquele peito sólido e para as ondinhas do cabelo escuro me fazia sentir melhor, como se arfasse por ar após um longo mergulho.

Quando terminou de massagear minha barriga, Dylan beijou meu umbigo saltado e desceu as mãos, passando a massagear minhas coxas. Seus dedos eram fortes, e ao mesmo tempo suaves. Dylan sempre usava a pressão

perfeita nos músculos que mais precisavam de atenção, e eu sentia que não era apenas coincidência ou um talento natural para massagista. Havia algum poder no Dylan que eu desconhecia, eu sentia que sua ligação em mim era muito maior do que ele deixava transparecer. Algo que talvez superasse a compreensão humana.

Claro que, apesar de ler todas as minhas vontades, Dylan às vezes tinha suas próprias idéias. Eu percebi uma sutil safadeza no olhar dele, que Dylan tentava disfarçar. Suas mãos aos poucos subiam as minhas coxas, passando o óleo cada vez mais para dentro, até quase tocar na sua zona de interesse.

Eu olhei pro teto e suspirei. Já não transávamos há duas semanas e Dylan continuava tentando. Quando entenderia que ele não era o único a se frustrar?

“Dylan, não...” Resmunguei, esfregando a testa.

“Não vou fazer nada, só brincar um pouquinho.” Disse ele, em tom de súplica. “Deixa, só dessa vez?”

Eu suspirei, e permiti que Dylan tentasse reviver os mortos. Era tudo o que eu precisava. Dor, ansiedade, e frustração sexual.

Sempre esperançoso, Dylan moveu a mão lá em baixo, subindo e descendo. A sensação gostosa logo mandou espasmos pelo meu corpo, fazendo contrair meus músculos doloridos. Era como levar uma chuva de flechas. A dor logo superava qualquer sensação de prazer e eu amolecia nas mãos do meu pobre namorado.

Percebendo o desânimo nos olhos do Dylan eu cobri meu rosto, morto de vergonha.

“Desculpa.” Falei.

Dylan deitou ao meu lado no sofá e afastou minhas mãos para beijar-me os lábios. Sua língua acariciou a minha e então ele afastou a boca num estalido molhado..

“Não é culpa sua.” Disse ele.

Eu abracei o Dylan antes que ele caísse do sofá, já que minha barriga ocupava todo o espaço. Ele não parecia exatamente bravo, nunca ficava bravo

comigo. Mas algo em seu rosto me incomodava desde o dia anterior.

“Que tá havendo, Dylan?” Perguntei.

Dylan soltou o ar devagar, desviando os olhos dos meus. Eu cutuquei a barriga dele e inflei as bochechas, querendo deixar claro que exigia sinceridade.

“Deu certo com ele.” Dylan murmurou.

Eu arqueei uma sobrancelha, tentando entender. Já devia ter me acostumado com o jeito críptico do Dylan mas tudo o que ele falava era grego pra mim.

“O que deu certo?”

“Ontem, no seu *exame de lactação*.” Dylan fez aspas com as mãos, com uma expressão sutilmente raivosa. “Você ficou bem feliz.”

Eu olhei pra ele com uma cara de peixe morto, até meu cérebro clicar e então eu avermelhei como um tomate.

“E-eu fiquei duro? É uma pergunta sincera, não vejo meu pau há mais de um mês.” Percebendo a mágoa no olhar do Dylan aumentar eu tapei a boca, vermelho como nunca. “Desculpa, você sabe que os meus hormônios são meio loucos.”

Ciumento como Dylan era, pensei ter armado o cenário de uma briga homérica, mas o Dylan apenas suspirou e escondeu o rosto no meu ombro, apertando nosso abraço.

“Eu sei. Só sinto tanta falta de te fazer feliz.”

Eu afaguei os cabelos pretos e macios do meu querido tritão.

“Você me faz muito feliz. O tempo todo.” Eu disse a ele. “Essa fase vai passar. Logo teremos um bebê e poderemos... não transar por um motivo diferente.”

É, de todas as tentativas de consolar o Dylan, aquela certamente foi a pior. Até eu me deprimi um pouco. Nosso tempo de Netflix, cochilos e noites de sexo se esgotando e eu ali, agindo como um inválido.

Ainda queimando de vergonha, eu me preparei para revelar algo realmente embaraçoso.

“Meus mamilos são sensíveis. Muito, muito sensíveis.” Sussurrei, fervendo de vexame. Pra piorar Dylan arregalou os olhos pra mim, surpreso porque eu nunca falava esse tipo de coisa. “Quando você brinca com eles eu disfarço o quanto eu gosto, mas eles são tão sensíveis quanto lá embaixo.”

“Você nunca me contou isso.” Ele disse. A bem da verdade, Dylan não podia falar nada sobre guardar segredos.

Eu engoli seco, envergonhado demais para continuar falando. Esperava apenas justificar meu comportamento do dia anterior, mas o sorriso safado retornou ao rosto do Dylan e ele escorregou o corpo no sofá, até seu rosto se alinhar com o meu peito.

Ele deu uma lambidinha próximo ao meu biquinho rosado, e me olhou nos olhos.

“Quero que não se contenha dessa vez.” Ele disse. “Promete.”

Eu ainda cobria a minha boca, querendo morrer de tanta vergonha. Ainda assim eu concordei com a cabeça, sentindo meu corpo todo ferver.

Dylan deu um beijinho na ponta do meu mamilo, que endureceu de imediato. Ele passou a língua, circulando ao redor do centro e enfim lambeu por cima, várias e várias vezes, enquanto pinçava meu outro biquinho.

Meu corpo ardia em tanto prazer que a dor tornou-se nada. Eu a princípio mordi o lábio, mas me forcei a cumprir minha promessa e deixei os gemidos virem, arfando e repetindo o nome do Dylan com a voz alta e soprada.

Meus gemidos — quase gritos — pareciam excitar o Dylan de verdade, porque ele passou a chupar meu bico com gosto e prendê-lo entre os dentes enquanto me deixava assistir tudo. A visão do Dylan torturando a pontinha rosa me aquecia tanto quanto os sons molhados, e as beliscadas no mamilo oposto me faziam querer gritar, e foi o que eu fiz, soltando gritos eróticos e incontidos.

Achava que me soltar tanto faria a vergonha estragar meu clima, mas aquilo era bom demais. Deixei meus gemidos se tornarem gritos, e não estava nem exagerando. Quando Dylan trocou e passou a chupar o outro biquinho, eu já gritava de prazer intenso, e para aumentar meu escândalo o Dylan desceu a mão livre ao redor da minha barriga, e passou a masturbar o meu

mastro petrificado.

“Ah! Ah, sim, Dylan, mais... chupa com força...” Gemi, soltando exatamente o que passava na minha cabeça. O Dylan curtia mesmo as minhas súplicas, porque gemia contra a minha pontinha, chupando tanto que eu me torcia em um tesão enlouquecedor, gritando cada vez mais.

Os lábios do Dylan estremeceram no meu peito e eu senti algo quente escorrer pela minha coxa. Dylan estava gozando sem nem se tocar, apenas por ouvir meus gritinhos obscenos. Aquilo foi demais pra mim, eu acabei gozando logo depois, inundando a mão dele com o meu próprio êxtase.

Quando meu longo orgasmo passou, meu corpo era puro formigamento, e prazer, e dor. Eu não conseguia nem respirar, mas meu Deus, foi gostoso demais.

Dylan continuou tremendo, ainda mergulhado num êxtase profundo.

“Quero que seja sempre assim.” Ele pediu, ainda ofegante.

“Se eu gritar desse jeito de novo, os vizinhos vão chamar a polícia.” Eu ri, e puxei Dylan para cima até alcançar-lhe os lábios, dando-lhe um beijinho apaixonado. “Mas vou pensar no seu caso, depois que o bebê nascer.”

Dylan pareceu estremecer por um segundo. Ele transformou aquele beijinho num beijo de língua profundo e intenso, que tomou um último gemido dos meus lábios. Quando ele se afastou o seu sorriso orgulhoso aqueceu meu peito.

“Você é o amor da minha vida, meu predestinado.” Ele acariciou minha barriga. “Vocês dois são.”

“Eu também te amo, meu Dylan.” Eu sorri, e logo o a exaustão me venceu. Dylan falou mais algumas coisas fofas mas apaguei no meio da frase, só voltando a acordar quando já era pôr do sol.

Ah, inferno. Por que não contei ao Alisson na noite anterior? Já eram

dez da noite e lá estava eu, mergulhado na piscina como um manati encalhado e sem forças de fazer nada pelo resto da vida. As massagens do Dylan ajudavam cada vez menos, mas ele recém havia saído para nadar no mar, e eu já ansiava por seus dedos firmes amaciando meus ombros.

“O que eu faço, Hian? Conto ao seu tio, ou deixo que tenha um ataque cardíaco quando te encontrar no meu colo?” Eu massageei a minha barriga.

Hian meteu um chute — uma rabada? — na altura do meu umbigo, tão forte que alterou o relevo da minha barriga e me fez dobrar o corpo em agonia.

Apenas mais duas semanas e aquele sofrimento terminaria. Eu ainda não compreendia como um bebê podia ser tão forte, será que golpes assim eram normais?

“Tá bom, tá bom. Eu vou contar pro Alisson... depois de assistir alguma coisa na televisão.” Resmunguei, catando o controle remoto e quase o derrubando dentro da água. Meus dedos já deixavam de parecer dedos e pareciam dez salsichas roliças, tão inchados quanto o resto de mim.

Naturalmente, Dylan havia deixado num canal sobre vida marinha. Naquele momento passava um documentário bobo sobre tubarões.

“...conhecidas como ovovivíparas, as mães tubarão produzem ovos que eclodem dentro do corpo. Os bebês tubarão devoram tudo ao nascer, incluindo seus irmãozinhos, na busca pela liberdade...”

Eww. Que programa nojento. Eu rapidamente troquei o canal, mas a procrastinação tornava impossível relaxar. Alisson já se chatearia por eu manter segredo durante oito meses. Quanto mais tempo eu escondesse, pior a mágoa dele, e se ele descobrisse próximo ao Surfe-Hai poderia acontecer um desastre.

Além do mais, a tal surpresa dele alfinetava a minha curiosidade.

Eu realmente preferia Dylan ali comigo para a grande revelação, mas eu não sabia como Alisson reagiria, e eu não queria que ele e Dylan se odiassem. Seria difícil, mas eu precisava fazer isso sozinho.

Massageando a barriga antes que Hian metesse outra cabeçada, eu peguei meu celular e fiz uma vídeo-chamada ao Alisson.

Após alguns meses no Havaí meu irmão se tornou um estereótipo de surfista vida mansa. Naquele momento ele trajava óculos de sol, um colar de flores no pescoço, e se embalava numa rede presa à um coqueiro, com a paisagem marítima ao fundo. Ele bebia outro coquetel absurdamente exagerado, com um sorriso besta no rosto.

“Gabe, irmãozinho. Pensei que não fosse ligar.” Ele ergueu o óculos de sol para me olhar direito. “Você andou chorando? Sua cara tá inchada.”

“Hum, não. Mas é sobre isso que eu queria falar.” Eu respirei fundo. “Alis, eu e o Dylan vamos ter um bebê.”

Alisson cuspiu bebida na câmera do celular, tingindo minha tela de manchas cor-de-rosa.

“Quê??” Perguntou ele, esfregando os respingos na lente.

“Um bebê. O nome dele é Hian.”

Eu já esperava uma expressão de choque absoluto, mas a cara do Alisson superou tanto as minhas expectativas que eu quase comecei a rir.

“G...Gabe...” Alisson esfregou as têmporas “É lindo esse seu amor pelo Dylan, e fico feliz que tenham se acertado depois daquela briga, mas vocês tem dezoito anos.”

“O Dylan tem dezenove.”

“Que seja, Gabe. Eu sei que você é muito maturo pra sua idade, mas é impossível conhecer alguém direito em tão poucos meses. Adotar um bebê é um exagero completo.”

“Eu amo o Dylan. E... ahm...” Uma bola se formou na minha garganta. “Não estou falando sobre adotar.”

Alisson começou a rir.

“Tá certo, Gabe, e qual é o plano? Vão contratar uma barriga de aluguel, ou pretende engravidar o Dylan?”

“Não, não. Quase isso. Quem engravidou fui eu. Já estou no oitavo mês de gestação.”

Alisson engoliu as risadas. Em meio segundo sua expressão tornou-se pura preocupação.

“Você tá tomando remédios estranhos de novo?” Ele me perguntou, pausadamente.

Eu apertei meus lábios, estremecendo de nervosismo. Claro que o Alis não acreditaria em mim, eu precisava mostrar. Reunindo toda a minha bravura eu aponte a câmera do celular para a frente, mas acabei mirando errado e Alisson começou a gritar.

“Gabe! Por que caralhos tem uma piscina na minha sala??” Perguntou ele, o que certamente não ajudou na minha situação. “Se livra dessa coisa. Se isso rasgar os móveis vão todos...”

“Alisson, cala a boca, o que eu quero mostrar é isso!” Eu levantei da água e baixe a câmera para o meu ventre gigantesco, tão esticado quanto o couro de um tambor.

Alisson gritou ainda mais, mas dessa vez nenhuma palavra fazia sentido, eram apenas gritos mesmo.

Pobre Alisson. Eu odiava fazer isso com ele, mas não havia jeito fácil de contar uma coisa dessas.

“Tá. Tá bom, tudo bem. Calma, Gabe.” Alisson arfava rápido. “É grande, mas há esperanças. Vou encontrar o melhor oncologista daqui, e garantir que seu tratamento...”

“Por Deus, Alisson, você não tá me ouvindo?” Eu gritei para a tela do celular, avermelhando de raiva. “Não é um tumor. O Dylan me engravidou e agora tem um bebê crescendo em mim. O nome dele é Hian, e ele é uma gracinha.”

Alisson congelou de tal forma que pensei que a ligação tivesse travado. De queixo caído, ele ficou me encarando como se visse um alienígena, exatamente como o Michel fez.

Eu suspirei e tentei me acalmar, talvez conseguisse transmitir tranquilidade ao Alisson, mas minhas esperanças eram poucas.

“Já está tudo planejado. O Michel vai fazer o parto. Desculpa não ter te contado antes, mas é difícil pra mim, também. Eu também tive medo e ainda é muito estranho, mas estou ansioso para ser pai, acho que vai ser incrível.”

Nenhuma resposta, Alisson ainda era uma estátua.

“E você vai ser titio. Não é demais?” Tentei, forçando um sorriso.

Nada. Eu já não sabia o que tentar, quando Alisson voltou a se mover.

“Gabe... isso é meio... além de qualquer loucura que eu já tenha visto. Deixa eu digerir isso por um tempo, te ligo daqui uns dias.”

“Quê? Mas e a sua surpresa? Aposto que a minha foi maior, por uma larga margem.” Eu dei uma risadinha, tentando aliviar o clima.

“Definitivamente.” Alisson deu um suspiro, totalmente perplexo. “Você tá bem, mesmo? Tá seguro? Não deixa ninguém saber sobre isso, podem querer te machucar.”

“Eu sei de tudo isso, e eu tô bem. O Michel tem feito todos os exames necessários e o Dylan cozinha coisas deliciosas e compra sorvete. Obrigado por se preocupar comigo.” Eu sorri.

Para a minha surpresa, Alisson também sorriu, embora ainda tremesse, branco como um papel.

“Hian, é? Vou dar um jeito de estar aí para o grande dia.”

“Não, nem pense em vir, ou eu vou te quebrar. O parto será logo antes do Surfe-Hai, promete que não vai desistir por mim.”

“Tá, tudo bem, eu... eu só... olha, tem coisa demais na minha cabeça agora. Preciso pensar sobre tudo isso, nos falamos depois.”

“Espera, e a sua surpresa?” Perguntei. Mas novamente Alisson desligou na minha cara.

Que merda. E eu nem consegui contar que Dylan era um tritão, mas talvez fosse melhor assim. Se o Alisson aceitasse que seu irmão daria a luz, ele seria capaz de aceitar qualquer coisa.

Pelo menos era isso o que eu esperava.



Capítulo 28

Faltava apenas uma semana para o grande dia.

Eu deveria estar comendo as unhas, e gritando e chorando pelos cantos em pavor e desespero, mas com Dylan e Michel eu nunca tinha tempo de entrar em pânico.

Nem sempre isso era uma coisa boa.

Não faziam nem dez minutos que Michel havia aparecido para assistirmos à semifinal do circuito havaiano, e Dylan já estava rosnando pra cima dele.

“Você chega, você faz os exames e você vai embora, maculador maldito. Não vou tolerar esta invasão de território.”

Michel apenas passou reto e sentou ao meu lado no sofá, de frente para o laptop onde assistiríamos a competição. Precisei ceder aos resmungos do Alisson e retirar a piscina, o que era uma pena, mas a sala parecia bem mais espaçosa agora. Tão espaçosa, que Dylan pensava ser uma arena de batalha.

“Sai de perto do meu predestinado. Levanta daí e me enfrente, seu invasor.”

Eu suspirei, dolorido demais para querer me intrometer, mas a gritaria só aumentava minha enxaqueca.

“É a última competição do Alisson antes do Surfe-Hai, Dylan. Eu convidei o Michel, e ele vai assistir conosco. Seja bonzinho e frite umas batatas fritas, tá bem? Quero comer com geléia de amora.”

Dylan arregalou os olhos pra mim, indignado como se eu tivesse pedido um vibrador para meter na bunda do Michel. Eu não fui nenhum santo durante os meses de separação, mas aquele ciúmes do Dylan tornou-se

ridículo há muito tempo.

“Eu aceito apenas um café.” Michel sorriu ao Dylan, sempre se divertindo com as neuroses dele. “Três gotas de adoçante, por favor.”

Dylan abriu a boca como se pensasse em tantos palavrões, que não conseguia escolher nenhum. Por fim ele desistiu e marchou até a cozinha, bufando de ódio.

“Seu peixe se tornou mais dócil.” Michel riu, jogando para trás os cachos loiros. Naquela tarde ele não vestia seu jaleco de médico. Era bom vê-lo em calça jeans e camiseta casuais. Me fazia lembrar de quando eu pensava ter uma vida normal, antes daquela loucura de tritões, e gravidez, e meses trancado em casa.

Eu mesmo me sentia mais normal por também estar usando roupas, embora aquela calça de elástico ficasse horrível em mim, e só me fizesse parecer mais gordo. Não sei se foi sadismo do Dylan ou pura falta de escolha, mas quando pedi que ele comprasse roupas de gravidez, ele comprou apenas a que eu estava vestindo: um camisão cor de rosa com florzinhas e botões de coração, escrito na frente *orgulhosa mamãe*.

Sim, definitivamente foi uma brincadeira sádica do Dylan. Michel riu por duas horas na primeira vez que me viu assim, e naquele dia ele ainda tremia os lábios, contendo-se para não gargalhar por toda a tarde.

Se Dylan pensava que aquela roupa me impediria de chamar visitas, ele menosprezou minha tolerância ao ridículo. Eu era um homem grávido, afinal de contas.

“Como foi seu ensaio final?” Perguntei, esperando o vídeo do campeonato ser postado no site. Diferente das outras vezes, a semifinal não seria transmitida ao vivo.

“Devo dizer. Eu fico muito sexy numa toga de formatura.” Michel abriu um sorriso metido. “Mas deu um frio na barriga. Serei o único da turma a me formar com láureas, então não escapei do discurso. Ai, cara, eu odeio preparar discursos.”

Eu ri da frustração do Michel. Seria má idéia elogiá-lo tão perto do Dylan, mas eu estava impressionado. Quem diria que aquele maconheiro louco se formaria em medicina, e com A em todas as matérias? Se Michel

não tivesse me mostrado seu histórico de avaliações, eu nunca acreditaria.

Hian definitivamente estaria em boas mãos.

“Será um evento tão chique, vai ter até transmissão online, não é? Vou assistir seu discurso com o Dylan, então tente não tropeçar nenhuma vez.” Eu abri um sorriso implicante.

“Obrigado, *orgulhosa mamãe*, era tudo o que eu precisava ouvir para me tranquilizar.” Michel riu, acotovelando o meu braço.

Eu devolvi a cotovelada, e já estávamos quase trocando tapas quando Dylan apareceu com a bandeja e deixou sobre a mesinha. Eu ataquei as batatas fritas cobrindo-as com montes de geléia de amora, fingindo não notar o olhar horrorizado do Michel.

Comigo bem servido de comida, Michel bebericando seu café e Dylan beliscando o que parecia ser uma porção de mexilhões ainda vivos, eu atualizei o site do campeonato. Para a minha emoção, o vídeo da competição do dia já estava online.

Enquanto o vídeo carregava eu olhei para meus dois acompanhantes da tarde, e deitei no peito do Dylan, com o coração tão aquecido que até Hian parou de me chutar e se acalmou no meu ventre.

Meses atrás eu não imaginaria Michel assistindo o Alisson com tanta tranquilidade, mas a tristeza em seus olhos cor-de-nuvem realmente havia desaparecido, embora eu não fosse louco de perguntar seus sentimentos. Dylan, como sempre, maravilhava-se com as paisagens Havaianas, absorvendo-se na imagem daquelas ondas de esmeralda muito antes do primeiro surfista aparecer.

Tive a estranha sensação que, embora o vídeo fosse o mesmo, nós três assistíamos coisas totalmente diferentes. Mas eu não me importava. Abraçado na minha barriga enquanto Dylan acariciava meu ombro, eu aguardei o turno do meu irmãozão, ansioso pelo resultado.

Michel pareceu prever a vitória do Alisson, porque ele havia trazido montes de confetes e nós passamos horas atirando pela casa em

comemoração. Meu irmão ganhou a semi-final! Ele realmente competiria no Surfe-Hai, o maior torneio de surfe do planeta!

Pouco tempo depois Michel retornou ao modo nervosismo e despediu-se de nós. Há quatro dias de sua cerimônia de formatura ele parecia realmente ocupado. Ser o orador da turma parecia uma grande responsabilidade, eu podia quase ver o peso em seus ombros.

Somado à formatura, logo ele realizaria sua primeira cirurgia, embora ele tentasse demonstrar calma quanto a isso. Nem tocamos no assunto da cesariana pois nenhum de nós merecia ainda mais angústia, e Dylan parecia entender isso. Ele nem brigou com o Michel tanto assim.

Eu ainda ria sozinho sobre a vitória do Alisson, atirado no sofá enquanto Dylan varria a casa, pouco impressionado com as camadas de papel picado espalhadas pelo chão. Alisson, a um passo de tornar-se o melhor surfista do mundo. Meu irmãozão era simplesmente sensacional.

Não queria nem imaginar a loucura na loja do Senhor Jones, na manhã seguinte. O rosto do meu irmão estamparia todos os sites de surfe da internet, sempre acompanhado de sua prancha amarela, com o logotipo da Amigos do Surfe.

Bateu uma saudade dolorida da lojinha, e dos clientes, e até daqueles milhos-na-manteiga quentinhos. Mas eu não desanimaria tão perto da reta final. Em poucos dias eu teria o meu bebê nos meus braços e poderia visitar o senhor Jones para apresentar-lhe nossa *adoção*.

Enquanto eu refletia sobre o parto, meu celular finalmente tocou.

“Olá, senhor campeão.” Falei, com um sorriso gigante.

“Eu não tô nem acreditando.” Alisson vibrava de emoção. “Aquele hora que eu patinei pensei que tava tudo perdido, mas veio aquela onda na hora perfeita, você viu o meu salto?”

“Claro que vi. Uma pirueta no ar, eu nem sabia que isso era possível.”

“Pois só me aguarde nas finais, já estou treinando manobras ainda mais loucas.” Apesar da alegria do Alisson, eu estranhei a paisagem de fundo. Ele estava em sua sala, trajando roupas comuns, e não havia nenhum sinal de celebração. “Como tá indo sua gravidez esquisita?”

“Tá normal... digo, normal considerando-se as circunstâncias.” Eu ri, meio preocupado. “Tá tudo bem, Alis?”

Alisson torceu o lábio, como se não entendesse a pergunta. Logo ele começou a rir.

“Tá tudo ótimo. Organizamos uma festa mas tivemos que sair cedo, a Leilani sentiu alguns enjoos.” Ele sorriu com o canto do lábio de um jeito críptico que me enlouquecia.

O desgraçado ainda não havia contado a maldita surpresa.

“Ela tá melhor, agora?” Perguntei, mas logo ela jogou-se no Alisson e cobriu-o de beijos, o que respondia a minha pergunta.

“Alis, amor, eles enfim entregaram. Vem ver o berço, ai meu Deus, é tão lindo.” Ela agitou os ombros dele em histeria total, demorando a me perceber na tela do laptop. “Oi, Gabe! O Alisson já te contou?”

Eu murchei o lábio, começando a me cansar do complô daqueles dois. Desde que Leilani entrou na brincadeira os dois me torturavam sobre nunca me contar a maldita surpresa. Até o Dylan ria de mim, dizendo que tinha o predestinado mais devagar do universo.

“Tá bom, Gabe. Hoje vou te contar a surpresa, com uma dica.” Segurando-se para não rir, Alisson girou a câmera do laptop e apontou para uma caixa aberta por onde um berço aparecia, ainda coberto de plástico-bolha. Ao lado haviam outras caixas, com uma banheira plástica e uma mini-piscina de bolinhas.

“Um berço?” Meus olhos se arregalaram. “Ai, meu Deus, é mesmo. Ainda não comprei o berço do Hian.”

“O bebê que vocês vão adotar?” Leilani fez uma cara de choque. “Como assim, Gabe? Ele não chega na semana que vem? Você pelo menos comprou roupas? E fraldas?”

Eu entrei em pânico total. Merda, merda, era verdade. Eu precisava comprar mil coisas, e pintar o quarto do bebê e... não, espera. Eu me mudaria pro Havaí talvez, ou talvez não então...

Jesus! Hian chegaria em sete dias e eu nem sabia de que lado do planeta iríamos morar.

“Alisson eu preciso ir.” Falei, desligando o celular às pressas e entrando no primeiro shopping online que encontrei. “Dylan! Corre aqui pelo amor de Deus!”

Pelo meu grito, Dylan correu escadaria abaixo desesperado e tropeçando nos baldes de limpeza. Ele pareceu confuso ao me ver fisicamente bem, embora eu vasculhasse o celular e o laptop ao mesmo tempo como um completo demente.

“Precisamos de um berço. E de chupetas. E daquelas coisas que a gente carrega o bebê nas costas aí meu Deus como é o nome daquilo eu---”

Dylan sacudiu meus ombros.

“Gabe, calma.” Disse ele, enquanto meu coração saltava pela boca.

Meus hormônios não ajudaram, eu desabei a chorar abraçado em sua cintura.

“O bebê não vai ter meias, o que nós vamos fazer?” Berrei, me entregando ao desespero e me sentindo o cara mais idiota do universo.

“Se serve de algum consolo, meu predestinado, o bebê será um tritão. Ele nem sempre vai usar meias.” Ele ria, como se meu pânico fosse motivo de graça. “Está tarde, e você precisa descansar. Amanhã passaremos o dia comprando tudo pela internet, certo? Nosso Hian será o bebê mais bem vestido do planeta.”

Eu sequei minhas lágrimas e concordei com a cabeça, só fazendo Dylan rir ainda mais. Ele me ajudou a levantar do sofá e a subir aquela escadaria infinita, em direção ao meu quarto. Eu gemia de dor pelo corpo todo.

Tudo parecia cada vez mais real, embora a alegria do Dylan parecesse um tanto... forçada. Mas eu já havia me acostumado com meus hormônios, e sabia lidar com toda a minha paranoia. Era apenas natural que nós dois estivéssemos nervosos.

Após me acomodar em nossa cama, Dylan beijou minha barriga, depois meus lábios, e apagou a luz ao sair e retornar à faxina da casa.

Eu fechei os olhos, sabendo que não demoraria a apagar, mas uma súbita lembrança me fez socar o colchão, enraivecido.

Merda, acabei esquecendo de perguntar ao Alisson sobre a maldita surpresa.



Capítulo 29

Os pacotes chegavam às dúzias e formavam várias pilhas altas por toda a sala.

Eu me sentia jogando *The Sims* após usar o código de dinheiro infinito. E eu sempre fui péssimo jogando *The Sims*.

Embora estivesse assustado no começo, Dylan dava risada a cada vez que tocavam a campainha com novas encomendas. Ainda bem que ele se divertia, porque com aquele barrigão eu não podia atender a porta, nem muito menos carregar todas aquelas coisas.

Bem, pelo menos em apenas dois dias o problema das coisas de bebê foi resolvido. Eu nunca fui um cara esbanjador de dinheiro, mas um baú de tesouros coloniais pelo visto mudava as pessoas.

Ter um namorado tritão era maravilhoso.

“O que acha que tem aqui dentro?” Dylan abriu uma das maiores caixas, e escavou as bolinhas de isopor até tirar um lindo andador cor-de-rosa, com enfeites coloridos e bonequinhas de diferentes texturas. “Meu querido predestinado, nosso filho será um menino.” Ele torceu o lábio.

“Eu sei, mas esse era tão bonito. Além do mais, o andador azul está logo ali, ao lado do castelinho inflável. Não me olha com essa cara, Dylan, eu já admiti que exagerei um pouco.”

Dylan apenas riu de novo, jogando-se numa pilha de plástico bolha.

“Precisarei ser daqueles caras que controlam o cartão de crédito do marido.” Provocou ele, me fazendo avermelhar.

“Marido, é?” Eu deitei ao seu lado, me surpreendendo com o quanto um colchão de plástico-bolha era confortável. “Não acha que estamos indo muito rápido, senhor pai do meu filho?”

Dylan deu uma risadinha tão fofa que meu coração derreteu.

Eu tentei abraçar Dylan mas meu imenso ventre tornava isso impossível. Por fim eu virei de costas e ele me abraçou de conchinha. Seus beijos na minha coluna inflamada apaguizavam todo o meu incômodo.

“Só mais dois dias.” Eu tomei a mão do Dylan e massageei com ela a minha barriga. “E então esta criaturinha estará nos nossos braços, vestindo aquela roupa de tubarãozinho super fofa que eu comprei.”

Dylan não respondeu, apenas me abraçou com mais força. Ele sempre pareceu animado sobre o parto, mas nos últimos dias ele evitava tocar no assunto.

“Vai dar tudo certo, não vai?” Sussurrou ele.

Estranhando o tremor em sua voz, eu entrelacei nossos dedos.

“Eu confio no Michel. E eu sei que, no fundo, você também confia.” Falei. “Como costuma ser, com os outros humanos grávidos? A recuperação demora muito tempo?”

As mãos do Dylan tremeram contra as minhas. Antes que eu insistisse na resposta ele se levantou, e espreguiçou os ombros.

“É melhor que descanse, meu predestinado.” Ele abriu outras caixas, e começou a retirar as compras. “Vou organizar as coisas no quarto do seu irmão, tudo bem?”

Eu franzi a testa, mas preferi não discutir.

“Sim, o Alisson permitiu que fosse o quarto do bebê. Depois te ajudo a desmontar os móveis dele, e a cama.”

Dylan inclinou-se sobre mim e beijou meus lábios cheio de doçura. Logo depois ele arrastou algumas coisas escadaria acima.

“Nem pense em tentar ajudar. Antes que o bebê venha o quarto já estará perfeito.” O sorriso do Dylan nunca pareceu tão forçado. “Eu te amo, Gabriel.”

Algo nas reações do Dylan fez meu estômago revirar. O que era aquele desconforto que não ia embora?

Levantando-me com esforço daquele colchão improvisado, eu bati as

bolinhas de isopor da roupa e mandei um beijinho ao Dylan.

“Vou descansar, então, mas assim que eu retornar do hospital pretendo ajudar em tudo.” Meu sorriso se alargou.. “Seremos os melhores pais do mundo.”

Tremulando o brilho em suas íris, Dylan mordeu os lábios e engoliu seco, antes de desaparecer no segundo andar às pressas.

Tadinho, eu compreendia o medo do Dylan, mas ele precisava me olhar com tanto sofrimento em seu rosto?

“Ei, Dylan, espera...” Eu dei um passo em sua direção, mas uma pontada violenta me travou no lugar. Não podia arriscar tropeçar nas escadas, com o bebê tão inquieto.

Percebendo o horário, eu ajeitei-me no sofá e liguei o laptop. Em breve teria início a formatura do Michel, e eu não perderia por nada nesse mundo. Qualquer que fosse o problema do Dylan, eu poderia conversar com ele depois.

Após um discurso bonito e bem escrito, Michel sentou-se com seus colegas formandos e aguardou sua vez de receber o diploma das mãos do reitor. Eu precisava concordar, ele realmente ficava bonito naquela toga escura, com detalhes verdes e dourados.

Por ser uma universidade de elite, a UniOrse não economizou recursos na formatura de seu curso mais nobre, então havia até orquestra ao vivo, distribuição de orquídeas, show de luzes e outros tantos exageros.

Era minha primeira vez assistindo uma formatura, mesmo que pelo computador, mas foi impossível não sentir o orgulho e alegria no sorriso do Michel. Até bateu uma leve vontade de fazer faculdade um dia, mas aquele tipo de coisa não era pra mim.

Até o Dylan concordou em assistir a solenidade, com a cabeça encostada no meu ombro e uma cara meio emburrada. Eu não sabia se tritões faziam faculdade, mas pelo tédio em seus olhos eu podia imaginar que não. Após meia hora do discurso do diretor, Dylan começou a bocejar e eu me

senti mal por ele.

“Quero sorvete.” Pedi, roçando meus lábios aos dele. “Você se importa?”

“Claro que não, meu amor.” Dylan me beijou, parecendo recuperado do nervosismo de antes. “Quanta calda de chocolate vai querer?”

Eu massageei minha barriga exposta, tão dolorida quanto o resto de mim.

“Só sorvete. O Hian tá chutando demais, hoje. É uma pontada pior que a outra.”

Dylan afagou meus cabelos afetuosamente e levantou-se do sofá. Enquanto ele vasculhava o freezer foi a vez do Michel tomar o diploma. Eu sorri para a alegria em seus olhos, quando recebeu seu tubo de papel.

E então veio outra pontada. E mais uma.

Eu me dobrei abraçado à barriga, e Dylan apareceu correndo. Estranhei o exagero dele ao me deitar no sofá e acariciar meu rosto, e só então percebi que eu estava gritando. Eu gritava tão alto que meus pulmões ardiam.

Meu estômago borbulhou como se recheado de água fervente. Eu senti gosto de sangue na língua, e ouvi um som tenebroso ecoar por dentro de mim. Parecia tecido se rasgando.

Meu coração disparou e minha respiração zunia rápida e rasa, enquanto lágrimas e suor molhavam meu rosto. Eu avistava o teto da sala e o olhar de terror do Dylan, que movia os lábios parecendo falar comigo. Meus gritos não me permitiam ouvir, nem pensar.

“Não. Não agora! É muito cedo!” Foi só o que consegui ouvir, antes que Dylan arrancasse o celular do meu bolso e ligasse para alguém.

Fuzilado por espasmos cada vez mais frequentes, eu foquei a visão na luminária do teto, que duplicava-se e escurecia conforme a dor me rasgava por dentro.

Outra contração me dobrou ao meio, e ao baixar o rosto percebi minhas próprias unhas cravadas na barriga, tão profundas que sangue escorria da pele esticada.

“D...Dylan...” Eu sussurrei, enquanto ele gritava com alguém no telefone.

“Sim, agora, seu maculador imbecil! Larga essas roupas ridículas. Não vai dar tempo!” Berrava o Dylan, com suas íris verdes tremulando em horror puro.

No fundo, eu sabia o que aquilo deveria ser. Hian... meu Hian queria vir ao mundo... Mas não sei se por instinto, ou pela reação aterrorizada do Dylan, eu soube que havia algo muito errado.

Com minha visão se apagando, tive outra contração, a mais violenta de todas, e foi como se meu sangue virasse fogo dentro de todo o meu corpo. Meus gritos ameaçaram rasgar minha garganta, e depois murcharam, assim como qualquer força que restava em mim.

Um hematoma escuro formou-se acima do umbigo e se espalhou por toda a barriga. Uma hemorragia? Aquilo... aquilo era normal, não era?

O teto foi andando sobre mim. Não. Era o Dylan correndo comigo para fora de casa enquanto escondia minha barriga sob o plástico bolha em que deitamos mais cedo.

“O Michel vai nos encontrar no hospital. Já chamei um táxi então por favor aguenta.” Falou ele, tão ofegante quanto eu, e com um nervosismo que gelava os poucos nervos que ainda me restavam. “Eu... eu não vou suportar te perder.”

Alucinando pela queimação no corpo eu compreendi toda a situação. Naquele momento, Dylan não era um pai prestes a ter um filho. Nossa predestinação enfim revelou seus pensamentos a mim, com a clareza das estrelas que se apagavam lá em cima.

O terror no olhar do Dylan era o de alguém que assistia, em seus braços, o amor de sua vida entregar-se à morte.



Capítulo 30

Minha visão foi clareando e aos poucos tomando foco. O teto era branco, com aquelas lâmpadas alongadas e brancas. O cheiro de álcool coçou meu nariz e eu estranhei o silêncio. Não ouvia nada além de bipes, e conversas distantes.

Ao tentar me mover o formigamento alfinetou todo o meu corpo. Minhas pernas e braços pareciam pesar como pedras, e nem com toda a força eu conseguia levar as mãos ao rosto. Precisava me livrar daquela coisa de plástico. Era tão desconfortável.

Conforme minha consciência foi voltando também retornaram as memórias, embora talvez fossem sonhos ou alguma alucinação esquisita. Eu lembrava de correria, e de sangue, e do Dylan chorando como uma criança.

Meu peito deu um salto violento. Ai, meu Deus. O bebê.

Com todas as minhas forças eu ergui o pescoço do travesseiro e vi onde eu estava. Uma sala branca cheia de equipamentos que apitavam, a maioria deles conectados em mim através de fios, agulhas e tubos.

Eu joguei o lençol para o lado, e o monitor cardíaco acelerou seus apitos.

Minha barriga estava reta. Totalmente plana, sob o avental verde.

Eu tentei gritar, apenas para perceber um tubo descendo a minha garganta e bloqueando minha voz. Antes que eu entrasse em pânico total, dois caras de jaleco branco entraram no quarto. Eles se surpreenderam ao me ver.

“O paciente acordou. Avise o doutor Michel.” Pediu um deles ao segundo, que deixou o quarto.

O cara se aproximou de mim e deixou seu prontuário ao pé da cama.

Eu tremia e respirava tão rápido que os bipes das máquinas quase zuniam. Quem eram aquelas pessoas? Onde estava o meu bebê?

“Senhor Gabriel, eu sei que está confuso, mas está tudo bem. Você foi trazido ao hospital três dias atrás.”

Três dias?? Eu tentei gritar e engasguei nos tubos.

O enfermeiro livrou meu rosto de todos aqueles aparelhos e eu dei um longo suspiro rouco, logo conseguindo respirar normalmente. Meus movimentos pareciam voltar aos poucos.

Eu abri a boca para perguntar do Hian, e percebi a besteira que seria fazer isso.

“Onde está o Dylan? E o Michel?” Perguntei.

O enfermeiro concentrava-se em regular o soro e anotar coisas em sua prancheta.

“Doutor Michel chegará em breve. Ele explicará sobre sua cirurgia. Mas não se preocupe, todas as complicações foram estabilizadas. Para um médico tão novo, o doutor Michel é um verdadeiro prodígio.”

“...complicações?” Eu olhei de novo para a minha barriga reta, e consegui mover a mão o bastante para subir o avental. Havia um grande curativo branco com uma mancha vermelha no centro. Nada na minha silhueta sugeria que houvesse um bebê ali. A pele retornou ao lugar como se Hian nunca tivesse existido.

“Preciso do Dylan. Preciso dele agora.”

O enfermeiro largou o soro e torceu o lábio, pensativo por um instante.

“Um cara musculoso, de cabelo escuro? Mande embora algumas vezes, ele insistia em causar confusão e se recusava a vestir roupas adequadas.”

Assim que o enfermeiro disse aquilo, ouvi uma gritaria no corredor.

“Ai, ele passou pelos seguranças de novo. Um instante, por favor.”

Ao me ver sozinho, meu instinto foi tentar levantar e fugir, mas assim que sentei na cama a agulha do soro alfinetou meu braço. Eu estava

preso.

O enfermeiro deixou a porta aberta ao sair, então a discussão tornou-se mais clara. Parecia acontecer logo ao fim do corredor.

“Senhor, eu já lhe expliquei que na UTI não são permitidas vis...”

“Eu não sou visita, sou o predestinado dele!” Dylan interrompeu o enfermeiro “Quer ser morto, seu humano desgraçado?”

“Mas senhor, eu já lhe expliquei...”

“Está tudo bem, eu assumo daqui.” Outra voz conhecida. Era o Michel. “Volta pra sala de espera, peixe-boi. Já disse mil vezes que estou fazendo o possível.”

“Eu... eu sinto dentro de mim que ele acordou.” Dylan amansou a voz, quase choroso. “Por favor, só dois minutos.”

“Não esgote a minha paciência, Dylan.” Michel rosnou, tão agressivo que nem parecia a voz dele. “Tenho sido tolerante, mas se eu descobrir que você sabia sobre isso, pode ter certeza que não vou deixar barato. O Gabe não merece um desgraçado como você.”

A discussão se encerrou bruscamente, com o soluçar triste do Dylan enquanto seus passos tornavam-se distantes.

Logo Michel entrou no quarto, trajando seu jaleco branco. Ele sorriu largamente ao me ver e me abraçou.

“Gabe, como se sente?” Perguntou ele, seus olhos cor-de-nuvem ameaçando transbordar de emoção.

“Cadê o bebê, Michel?” Perguntei, com a voz arranhada.

Minha pergunta fez Michel se afastar e afinar os lábios. Cada segundo sem resposta disparava meu peito horivelmente, eu já queria chutar aquele maldito medidor cardíaco, de tanto que apitava.

“Gabe, você quase morreu.” Michel não conteve a emoção ao dizer isso. “Eu fui louco em permitir o avanço dessa gestação. Completamente louco.”

“Cadê. O meu. Hian??” Gritei, e o esforço me fez tossir dolorosamente.

Michel amparou minhas costas antes que eu caísse da cama e tentou me deitar, enquanto eu me debatia.

Eu precisava fugir, nem que eu rasgasse os braços nas agulhas do soro. Eu precisava do meu bebê.

Após me empurrar de volta ao travesseiro, Michel cruzou os dedos nos meus lábios, para que eu me calasse.

“O bebê está bem.” Michel sussurrou. “Fique quieto sobre isso, Gabe. Lembre do que combinamos. Se perguntarem, você foi internado após cair do telhado.”

Mal ouvi o resto da frase. A parte sobre Hian estar bem já me desabou em lágrimas. Eu apertei o lençol nos olhos e chorei pesado, sentindo o maior alívio de toda a minha vida.

Michel aguardava que eu me acalmasse, então tentei engolir as lágrimas.

“Cair do telhado? Pensei que seria uma apendicite.”

“Não tem um jeito fácil de explicar isso, Gabe.” Michel limpou o óculos no jaleco e tornou a vesti-lo. “O rompimento daquele ovo arrebatou seus órgãos. Seu intestino, seu fígado...havia tantas lesões que foi um milagre eu remover o bebê antes da chegada da equipe cirúrgica. Sua cirurgia demorou quinze horas.”

Eu abri a boca, completamente pasmo.

“Mas... mas o Hian tá bem, você disse.”

“Gabe, você tá me ouvindo? Sim, o bebê está lindo e maravilhoso, mas na UTI você não receberá visitas. Tentarei te transferir para um quarto na próxima semana, se não houverem complicações.”

“Na próxima semana??” Tentei sentar mas logo Michel me empurrou de volta, começando a perder a paciência. “Michel, por favor. Não vou aguentar tanto tempo sem o bebê.”

Michel revirou os olhos, mas havia aquela pontinha de hesitação em seu olhar, que eu precisava aproveitar.

“Por favor, Michel. Eu pretendo te agradecer eternamente por tudo, e te encher de abraços, mas por enquanto eu só quero conhecer o Hian.”

Eu aguardei pela resposta do Michel com o coração nas mãos. Ele desviou o olhar para o chão na tentativa de não cair no meu joguinho.

“Fique bem comportado aí e se recupere. Tentarei transferência para um quarto particular, amanhã.”

“Mas...”

“Amanhã, Gabe. É o melhor que posso fazer.” O tom do Michel me fez encolher na cama. Eu fiz que sim com a cabeça, bem quietinho.

Quando Michel me deixou sozinho eu olhei para o teto, já morrendo de ansiedade e tédio. Pelas várias horas seguintes eu imaginei o meu Hian, e o que ele estaria fazendo, ou vestindo, e se Dylan estava mesmo o alimentando com óleo de peixe. Eu esperava vê-lo em seu tip-top de tubarão. Provavelmente ele não vestiria outra coisa, pois Dylan amou aquele conjuntinho, tanto quanto eu.

Pensando no meu Hian eu adormeci, derrotado pelo monte de remédios que os enfermeiros adicionaram ao meu soro.

Quando acordei, o teto era outro. Branco como o primeiro, mas com uma luminária bonitinha e roda-tetos coloridos. As paredes eram de um tom avermelhado e aconchegante, adornadas com quadros. Também haviam sofás e estantes com plantas. Se não fossem aqueles bipes irritantes nas máquinas ligadas em mim, eu pensaria estar num hotel. Não imaginava que o hospital tivesse quartos tão bonitos.

“Os ferimentos estabilizaram e você está fora de perigo, finalmente.” Falou Michel logo ao meu lado, me surpreendendo. Não havia percebido ele ali. “Mas eu te conheço, Gabe. Caso tente se mover, o seu irmão me deu autorização de puxar suas orelhas.”

Eu dei uma risadinha até perceber algo estranho.

“Meu irmão?”

Michel verificou meu curativo brevemente, desceu meu avental e me cobriu.

“Volto mais tarde, para verificar os pontos.” Michel enfim se permitiu sorrir com tranquilidade. “Fico feliz que esteja melhorando.”

Michel deixou o quarto e trocou um breve olhar com outra pessoa, que entrou logo depois.

Eu não queria acreditar no que estava vendo, mas era ele mesmo. Alisson, acompanhado da garota de cabelos escorridos.

“Alis, como raios você tá aqui?” Eu arregalei os olhos do tamanho de pratos e me sentei na cama impulsivamente, mas um olhar feio do Alisson me fez deitar de novo. Eu esperei que os dois viessem até mim.

Alisson puxou duas cadeiras e ele e Leilani sentaram ao meu lado. Alisson segurou a minha mão, e pelo calor nos dedos dele eu percebi o quanto eu mesmo estava gelado.

Pensando bem, comparando nossas mãos a minha tornara-se branca, meio azulada como a de um zumbi.

“Oi, Gabe. Vim quando soube do seu... acidente.” Alisson sorriu com o canto do lábio. “Tá tudo bem?”

Como estaria tudo bem? Eu queria o meu filho e nada fazia sentido.

“Me responda primeiro, Alisson! Você atravessou o mundo para me ver deitado, e...” Um arrepio desceu minha espinha e eu esfreguei o rosto, sentindo uma enxaqueca começar. “Ai, meu Deus. O Surfe-Hai começa amanhã. Eu vou te matar.”

“Quem vai te matar sou eu. Acha que eu colocaria uma competição antes do meu irmãozinho?” Alisson baixou minhas mãos de volta à cama. “Quando soube que foi internado, eu peguei o primeiro avião.”

Eu tremi os lábios, e desatei a chorar. Droga, eu me esforcei tanto, e mais uma vez destruí os sonhos do Alisson. Eu nunca faria nada certo?

“O Surfe-Hai dura vários dias. O Alisson ainda pode ser o último a surfar.” Leilani sorriu pra mim, claramente só tentando me acalmar, mas eu apreciava a intenção. Sua voz era alegre e enérgica, ainda mais do que pela internet.

Leilani estendeu a mão pra mim e só então percebi que nem nos apresentamos pessoalmente.

Eu apertei sua mão, que ostentava um anel dourado igual ao do Alisson, mas as apresentações que ficassem pra depois.

“Alis, você volte para o Havaí agora mesmo, ou precisará desses aparelhos mais do que eu.” Rosnei pra ele. “Tenho o Dylan e o Michel pra cuidar de mim.”

Alisson pareceu se ofender, mas foda-se. Se ele não participasse do Surfe-Hai eu quebraria todos os ossos dele.

Apesar da óbvia indignação no meu rosto, Alisson levantou calmamente e ajeitou o tubo do soro, que eu apertava nas mãos sem perceber.

“Pensarei no seu caso. Mas ainda tenho coisas a fazer por aqui.” Ele abriu um sorriso. “Como brincar com o meu sobrinho, por exemplo.”

Quando ele disse isso, meu peito disparou. Leilani riu com ele e correu para a entrada. Oscilando sua mini-blusa e minissaia de fitinhas coloridas, ela abriu a porta.

“Ele está bem. Pode entrar.” Falou ela, para alguém lá fora.

E então avistei um lindo homem de cabelos pretos e olhos verde-esmeralda. Meu amado Dylan, que pela primeira vez na vida trajava calça jeans e camisa social, tornando-se quase irreconhecível e infinitamente gostoso. Seu sorriso preocupado e comovido ameaçava travar meu peito, e a trouxinha azul em seus braços me deixava à beira de um colapso emocional.

“Eu contei os segundos para te ver, meu predestinado.” Ele disse, abraçando cuidadoso o rolinho de flanela.

Alisson e Leilani se entreolharam e trocaram uma risadinha, antes de deixar-nos a sós no quarto. Quando a porta fechou eu já chorava como uma criança.

Dylan beijou meus lábios e sentou ao meu lado, tão emocionado que não conseguia falar nada. Ele acomodou os panos azulados ao meu lado, no colchão, e afastou o tecido.

Por meses eu me preparei para aquele momento. Incontáveis vezes eu imaginei o parto, e o momento em que enfim conheceria Hian. Imaginei cada pormenor de sua aparência, lembrando os detalhes do ultrassom até seu rosto tornar-se vívido na minha memória. Eu acordava pensando em Hian, ia

dormir pensando em Hian.

E ainda assim, nada me preparou para aquele momento.

Envolto nos panos macios, aquele pequeno nenezinho de pele rosada sorriu pra mim, tão fofo e delicado que eu temia tocá-lo, ou se desmancharia nos meus dedos. Ainda assim eu o envolvi no meu braço e aninhei contra o meu peito.

Eu já chorava tanto que mal conseguia vê-lo direito. Cabelos pretos, bochechinhas cor-de-rosa e olhos azuis como duas safiras. Toda a minha imaginação não se comparava a um bebê tão lindo como aquele.

“Ele tem os seus olhos.” Dylan afagou a pequena mecha ondulada, fazendo o bebê olhar para cima quietinho e confuso.

Eu estendi a mão para acariciar suas bochechinhas, e Hian livrou a mãozinha dos cobertores e segurou meu polegar. Seus dedinhos eram tão minúsculos que eu chorei ainda mais, mesmo que não fizesse sentido. Sua mãozinha não conseguia circular meu dedo por completo, e cada unha era um pontinho. Como algo tão precioso conseguiu se formar dentro de mim?

“Nós conseguimos.” Eu sussurrei para o pequeno Hian, me contendo para não cobrí-lo de beijos. “Nós somos uma família, agora.”



Capítulo 31

Quando o enfermeiro apareceu para trocar meus curativos, pude enfim verificar o estrago.

Era uma cicatriz grande, mas não muito maior que a de uma cesariana normal. O corte atravessava horizontalmente abaixo do umbigo, e mesmo com tudo inchado e vermelho a sutura em si não era visível. Michel disse ter fechado como numa cirurgia plástica, com uma cola especial, então a cicatriz seria discreta.

Quando mais eu olhava para o corte, menos eu acreditava na minha quase-morte. Michel me explicou em detalhes, quando Dylan retornou com Hian para casa. Havia rasgos em todos os órgãos do meu ventre, e por milagre a destruição não alcançou meus pulmões. Graças à velocidade do Dylan e do Michel fui atendido menos de dez minutos após apagar, e ainda assim quase foi tarde demais. A hemorragia foi tão extensa que precisei de muitas bolsas de sangue.

Um mistério permanecia, sobre como aconteceu. Michel jurava que os ferimentos lembravam a mordida em seu pescoço, mas isso era impossível. Mesmo que Hian tivesse rompido sua placenta ou ovo ou sei lá, ele era um bebezinho sonolento, sem nenhum dente na boca.

Logo depois Michel iniciou um discurso sobre eu precisar me afastar dos tritões, porque eles eram perigosos e blá, blá, blá, então provavelmente era tudo exagero dele.

De qualquer forma, agradei milhões de vezes à ele, que só repetia ter sido a obrigação dele, como médico. Mas eu sabia que era muito mais que isso, ou ele não apareceria sempre com cartões, e cestas de frutas, e balões escrito *melhore logo*. Segundo ele os presentes vinham do pessoal do luau, o que em parte era verdade. Mas ninguém do luau teria grana pra comprar um carrinho de bebê importado, com altura ajustável. Eles ainda nem sabiam

sobre o bebê.

Eu admirei o carrinho em meio à pilha de presentes, e senti um puxão na orelha.

“Olhar no teto, Gabe. Não force a coluna.” Michel me policiou, enquanto verificava os números nos monitores.

Eu bufei e me endireitei na cama. Que saco, eu nem sequer havia machucado o pescoço.

“Obrigado pelo carrinho. O Hian vai parecer um príncipe, andando nele.” Falei.

“Você gostou mesmo?” Michel sorriu, todo empolgado. “Ele é totalmente à prova d’água, e pode ser usado na areia. Imaginei que seria conveniente.”

“Quem diria, até você se empolgando sobre o bebê.” Eu sorri.

“Não se confunda, Gabe. Ainda acho loucura você ter se arriscado tanto. Mas sim, o bebê é um amorzinho, e eu fico feliz que tenha dado tudo certo.”

Eu dei uma risadinha, assistindo Michel trocar o meu soro.

“Que bom que gostou dele. Seria estranho não gostar, porque você vai ser o padrinho.”

Michel tropeçou no nada e quase derrubou o suporte do soro na minha cabeça. E ainda tropeçou de novo ao segurar tudo, e quase caiu para trás.

“Eu vou ser o quê?” Ele escorou-se na minha cama, vermelho e exasperado.

“Você gostaria de ser o padrinho do Hian? Seria uma honra para mim e para o Dylan.”

Michel continuou engasgando e tropeçando e seu olhar se enevoou. Ele sorriu com tanta emoção que acabei sorrindo junto.

“Eu... eu adoraria.”

Eu dei um gritinho de alegria e abracei o Michel, antes que ele pudesse reclamar sobre eu me mexer, ou respirar errado, ou sei lá. Michel

devolveu um abraço comovido, e meio segundo depois me empurrou a deitar de novo.

“Como padrinho do seu filho, eu tenho que cuidar da saúde do pai dele, sabia? Então se acomode, e dessa vez coma todo o jantar.”

Minha alegria tornou-se frustração e eu soquei os lados metálicos da cama.

“Eu odeio sopa de legumes. E sopa fria, ainda por cima.”

“Tem doze pontos no seu estômago, são poucas opções de alimentação. Apenas sopa fria e sorvete.”

Meus olhos se iluminaram. “Sorvete?”

Michel olhou pra mim com um sorriso malvado.

“Oh, sim, temos litros de sorvete na cozinha do hospital. Mas adivinha quem prepara o seu cardápio? Um médico bastante aborrecido sobre você não parar de se mexer.” Michel me mostrou a prancheta dele e apontou para uma parte escrito *sopa*.

“Não seja cruel. Padrinhos deveriam ser super legais.”

“E eu serei como um rei mago. Para o Hianzinho, não para você.” Michel acenou e deixou o quarto. “É tudo pelo seu bem, Gabe. Quero te dar alta ainda esse mês.”

Eu bufei, e acabei cedendo. Era o meu segundo dia naquele quarto de hospital e eu já queria fugir. Ao invés disso, o que consegui foram mais visitas. Os surfistas do luau pediram os menores detalhes da minha queda do telhado, o que gastou toda a minha capacidade de inventar bobagens. A visita deles me animou muito, e até gargalhei do quanto eles me achavam radical por ter despencado de tão alto. Mas por mais que a companhia me agradasse, o tempo todo eu só queria ver Hian de novo.

Michel foi bem claro sobre as visitas com o bebê. O hospital não era ambiente para um recém nascido, então eu teria que suportar vários dias sem vê-lo. Eu iria enlouquecer.

Assim que meus amigos saíram, quem apareceu foi o senhor Jones, que me presenteou com coisas da loja e algumas espigas-na-manteiga embrulhadas com cuidado em papel colorido. Minha fome por comida

normal era tanta que quase aceitei o presente, mas não queria ainda mais bronca do Michel.

O horário de visitas estava quase no fim quando senhor Jones saiu, e em seu lugar apareceu a última pessoa que eu queria ver.

“Alisson, maldito! Você ainda não voltou ao Havaí?”

Pela tranquilidade do Alisson ele já previa aquela exata reação. Ele sentou ao meu lado e segurou minha mão como no dia anterior, e desse vez percebi meu tom de pele mais parecido com o dele. Alisson parecia bem menos nervoso. Na verdade ele tinha um sorriso arrogante nos lábios.

“Pensei que quisesse notícias do seu bebê, mas se insiste, pegarei o próximo avião.”

Meus olhos brilharam.

“Você viu o Hian? O que achou dele?” Perguntei, querendo chorar só de não ter aquelas bochechinhas fofas nos meus dedos.

“Vou concordar com o Michel e dizer que vocês são loucos, e te proíbo de engravidar de novo. Sério, Gabe, eu vi o resultado das tomografias, e ainda não tô acreditando.” Alisson apertou minha mão, mas conseguiu voltar a sorrir. “Pondo isso de lado, o nenê é a alegria da casa. Precisa ver a Leilani seguindo cada passo do Dylan e aprendendo a trocar fraldas e dar mamadeira. Ela tá adorando tudo. Seu namorado é muito prendado.”

Eu ri, e ao mesmo tempo senti uma dor sufocante no coração. Eu também queria trocar as fraldinhas dele, e dar de mamar, e dar banho...

“Falando nisso, onde está a Leilani?” Perguntei, desviando de uma crise de choro.

“Ela enjoou no caminho pra cá. Deve estar no banheiro... ah, ali está minha princesa.” Alisson virou-se para a porta e realmente, era Leilani que entrava. Ela trazia uma bolsa enorme cheia de bolas de lã, e algumas agulhas longas.

Eu franzi a testa. Nas conversas online a Leilani me parecia mais magra.

“Gabe, que fofura aquele bebê! Tô pasma, como conseguiram adotar um recém nascido?” Ela jogou-se entre Alisson e eu, com um sorriso

empolgado no rosto. “Precisa ver o Dylan cuidando dele. As fraldas são tão pequenas, e aquele tip-top de tubarão é tão, tão meigo que ele parece um bichinho de pelúcia. O chá que ele bebe na mamadeira achei meio fedido, mas o Dylan é o pai, então não falei nada. Mas Gabe, ele é lindinho demais.”

Eu ri, querendo ao mesmo tempo desviar do assunto, e também saber cada detalhezinho. No fim deixei Leilani tagarelar sobre cada detalhe da rotina do Dylan, e mesmo choroso eu me acalmei, percebendo o quanto cuidavam bem do Hianzinho. Leilani parecia nas nuvens com a idéia de ser titia.

“E seu namorado é tão legal. Ele rosnou a primeira vez que peguei o bebê, o que foi bem engraçado, mas um pouco depois já passávamos horas falando de bebês. Mas enfim, eu trouxe algo pra você.”

“Mais presentes?” Eu olhei para o canto lotado de mimos coloridos e ri nervoso, me perguntando como carregaria tudo pra casa.

“Mais ou menos, veja.” Leilani vasculhou a bolsa e me entregou um minúsculo par de sapatinhos azuis, feitos de lã.

Eu peguei o conjuntinho nas mãos e segurei as lágrimas pela milésima vez aquela tarde. Era tão fofinho. Quando eu pudesse ver o Hian eu passaria horas o vestindo com mil combinações de roupa.

“Obrigado, Leilani.” Falei, sinceramente agradado. Poucos sabiam sobre o Hian, então aquele era um dos primeiros presentes para ele.

“O presente não são os sapatinhos. Aliás, também são. Mas vou te ensinar a fazer igual, se quiser. Você parece ter um tempinho livre.” Ela virou a bolsa sobre a cama, derrubando várias bolas de lã e varetas.

“Tricô?” Eu comecei a rir, lembrando a tragédia que eu era com qualquer trabalho manual. Por meio segundo a idéia me pareceu ridícula, mas por que não?

Eu deixei que ela tentasse me ensinar, e claro que nas primeiras vinte tentativas eu só consegui enroscar meus braços, ou arrebentar a lã, e no geral apenas passar vergonha. Mas mesmo com o falatório infinito da namorada do Alisson eu me senti menos miserável, e só isso já valia o esforço de mexer com as malditas agulhas.

Compenetrado em acertar pelo menos um ponto, quase não percebi o

Alisson nos deixar a sós. Michel o aguardava na porta e os dois saíram para conversar no lado de fora.

Quando enfim completei a primeira carreirinha do tricô, Leilani cobriu a boca e pareceu esverdear. Ela falou algo que não entendi e correu para fora do quarto, quase atropelando Alisson que voltava ao mesmo tempo.

Eu franzi minha testa, bem confuso. Alisson realmente encontrou uma noiva muito legal, embora parecesse ter um estômago frágil.

“Gabe, eu conversei com o Michel.” Alisson coçou atrás da cabeça. “Ele também tá insistindo que eu vá pro Surfe-Hai. Isso é coisa sua, não é?”

“Claro que é coisa minha. Quero te ver competir, Alisson. Eu sei que da sua preocupação comigo, mas vou me sentir horrível se você for desclassificado.”

Alisson deu um longo suspiro, tão conflitado que me senti mal por ele. No lugar do Alisson nem eu sei o que eu faria, mas eu sabia que vê-lo surfar animaria a minha tediosa recuperação.

“Não quero ser um irmão desnaturado. Gabe, nós somos a única família um do outro.” Falou ele, à beira de lágrimas.

Eu sorri e estendi o braço, e Alisson me abraçou cheio de preocupação em seus gestos. Ele realmente era o melhor irmão do universo.

“Isso não é verdade, Alis. Você tem a Leilani, e eu tenho o Dylan, e o Hian. Até o Michel será o padrinho do bebê. Todos nós somos uma grande família, que eu amo muito.”

“Promete que vai melhorar?”

“Claro que prometo. Michel não te disse que estou fora de perigo? Confie nele.”

Alisson soltou o abraço e secou o rosto com as costas das mãos.

“Só farei isso porque é importante pra você. Saindo amanhã cedo devo pegar o último dia de competição. Mas já avisei ao Michel, se houver qualquer problema eu voltarei no mesmo instante.”

“Obrigado, Alis.” Eu sorri largamente. “Apesar das circunstâncias, fiquei feliz que tenha vindo. E que tenha conhecido o seu sobrinho.”

Mencionar o Hian fez Alisson sorrir, mas ele logo forçou o rosto, fazendo pose de irmão sério.

“Já decidiu sobre a mudança para Waikiki?” Ele me perguntou.

Eu desviei os olhos, entristecendo.

“Você não vai mesmo voltar à Orla das Sereias, não é?”

Alisson fez que não com a cabeça, e meu peito apertou. Eu queria tanto vê-lo partir, mas ao mesmo tempo aquela se tornaria uma despedida de verdade, a menos que eu... aceitasse o convite.

“Conversarei com o Dylan sobre isso.” Respondi. “Agora corre e vai comprar suas passagens. Se perder a competição te enforco com esse tubo de soro.”

“Pode deixar.” Ele me abraçou brevemente e quase deixou o quarto, quando lembrei algo importante.

“Alisson, espera. Tem uma última coisa que você precisa saber. Mas é melhor você se sentar.” Falei.

“O que foi?” Alisson sentou-se ao meu lado, com a preocupação retornando ao rosto.

“É a Leilani.” Eu apertei a mão do Alisson e sussurrei. “Eu acho que ela tá grávida.”

Alisson gargalhou e bagunçou o meu cabelo, rindo até chorar.

“Ai, Gabe. Não mude nunca.” Ele disse, dobrando-se de rir ao deixar o quarto. “Mantenha o celular carregado. Nos falaremos em breve.”

Eu estufei as bochechas, me irritando. O que era tão engraçado?

“Ah, então você finalmente percebeu.” Dylan matava-se de rir, na tela do meu celular.

“Não é engraçado, Dylan. É incrível e maravilhoso. O Hian vai ter um priminho!” Falei, tentando não desanimar com as risadas. Era mesmo tão óbvio assim?

Já havia escurecido, lá fora, embora eu mal pudesse ver o céu, pela fresta da cortina. Terminadas as visitas, minha única companhia eram os enfermeiros, que apareciam para a troca de bandagens e conversavam por cinco minutos, antes de seguirem ao próximo quarto.

A ligação do Dylan estava sendo o ponto alto daquela noite. Era bom ver seu rosto, mesmo que pela vídeo-chamada.

“O Hian tá dando muito trabalho?” Perguntei.

“Nem um pouco, ainda está dormindo.” Dylan moveu a câmera, caminhando pelo quarto. “Espera, vou te mostrar ele.”

Eu apertei os lábios cheio de expectativa, mas dentro do berço avistei apenas os cobertores revirados, e alguns brinquedinhos.

“Ahm... Dylan... Cadê o meu filho?”

“Quê? Mas eu recém.... Humana! Você se apossou da minha prole pela última vez!” Ele esbravejou, marchando porta afora.

Pela imagem tremida eu não conseguia entender nada, mas ouvi as risadas da Leilani, enquanto ela explicava algo sobre ter trocado as fraldas. As grosserias do Dylan não lhe afetavam em nada, ela apenas se divertia em vê-lo tão irritado.

Hum, nesse ponto ela era um tanto parecida com Michel.

Após uma breve discussão, Dylan mirou a câmera de volta em seu rosto. Ele sorria com o orgulho de um urso que salvou o filhote de um enxame de abelhas.

“Mil perdões, meu predestinado. Juro que tenho sido um bom anfitrião ao seu clã.”

“Anfitrião?” Eu comecei a rir. “Dylan, essa é a casa do Alisson, seja gentil com eles. E me mostre logo o Hian antes que eu tenha um infarto.”

Dylan riu e finalmente baixou a câmera para o próprio colo. Com o outro braço ele acomodava o bebezinho mais fofo do universo.

Eu chorei tanto que me senti ridículo. Podia quase sentir Hian contra o meu próprio peito, me tocando com aqueles micro dedinhos cor-de-rosa. Naquele momento ele parecia prestes a adormecer, bem confortável em sua sua enorme fralda e camisetinha de tubarão.

Pela primeira vez pude ver suas perninhas, tão fofas quanto o resto dele, e com pés gordinhos e que pareciam muito macios.

“Ele também pode se transformar?” Perguntei.

“Claro. Tritões sempre se transformam dentro da água.”

“E como é a cauda dele?” Perguntei, fascinado com a forma que ele dobrava e esticava os dedinhos dos pés.

“Pensei que gostaria de descobrir junto comigo. Que acha de inaugurarmos aquela banheirinha?”

Eu sequei minhas lágrimas, tentando me acalmar quando a câmera voltou a focar no rosto do Dylan. Pelo balançar de seu corpo, ele estava ninando o bebê.

“Aposto que será a cauda mais linda de todos os tritões.” Falei.

Com o coração disparando de emoção, eu aguardei Dylan ajeitar a banheira sobre a pia do banheiro. Ele precisou soltar o celular, então tudo o que eu via era a parede enquanto ele conversava com o bebê e despia suas roupinhas.

“Está pronto, meu predestinado?” Dylan pegou o celular novamente, mirando em si mesmo e no bebê peladinho em seu colo.

Eu concordei, cobrindo a boca para não soluçar alto. Ainda não acreditava naquela criatura tão perfeitinha e rosada. Hian parecia incomodado por ser despido quando preferia dormir, mas se manteve quieto, olhando para a o celular como se compreendesse que também olhava diretamente para mim. Seus olhos azuis iridesceram, como os do Dylan.

Dylan tentou manobrar o celular, o bebê e encher a banheira ao mesmo tempo, e eu comecei a me preocupar. Logo ouvi a voz do Alisson, perguntando o que porra Dylan estava tentando fazer.

“Chegou em boa hora, humano. Segura essa câmera e não grite.”

Putá merda. Eu tentei avisar que Alisson não sabia sobre tritões, mas já era tarde. Meu irmão já filmava aquele primeiro banho do nosso bebê, e eu podia ouvir sua risadinha empolgada.

Erguendo o bebê sobre a banheira, Dylan piscou para a câmera de um jeito sexy.

“É hora da verdade.” Disse ele, e mergulhou Hian dentro d’água.

Perceber Dylan afundar o bebê me fez gritar instintivamente, até lembrar que tritões respiravam embaixo d’água.

Alisson aproximou a câmera de um ângulo alto e deu um gritinho de surpresa, muito menor que os berros de pânico que eu havia imaginado.

Quem gritou de verdade foi eu, maravilhado e emocionado com a cena à minha frente.

Azul. A cauda do pequeno Hian oscilava em mil tons cerúleos enquanto ele nadava tranquilamente, circulando a pequena banheira como se aquele fosse seu habitat natural. As escamas de sua pequenina cauda cintilavam como diamantes, tão intensas e azuis quanto seu olhar.

“Eu não quis estragar a surpresa, mas tritões sempre têm a cauda da mesma cor dos olhos.” Falou Dylan, com a voz claramente emocionada. “Podemos dizer que ele tem a sua cauda, meu predestinado.”

Eu não aguentei. Larguei o celular sobre os cobertores e solucei pesado. Em forma terrestre ou aquática, meu bebezinho era perfeito. A criatura mais linda a existir no universo inteiro.

Nunca me doeu tanto não poder abraçá-lo.

“Eu já posso gritar em pânico, agora?” Perguntou Alisson, por trás da câmera.

Eu abri a boca, pecebendo todas as explicações que eu devia ao meu irmão. Por onde eu começava? Devia explicar que não sabia que Dylan era um tritão, quando engravidei? Isso era melhor ou pior que revelar que descobri sua verdadeira espécie, e continuei dando pra ele mesmo assim? Se ele soubesse as putarias vergonhosas que já fizemos ele nunca mais me olharia na cara, eu... eu...

Percebendo meu choque paralisante, Alisson virou a câmera para ele e começou a rir.

“Relaxa, irmãozinho. Não estou tão surpreso assim.”

“Você sabia que Hian era um tritão? Não está assustado?”

“Gabe, depois que o meu irmão pariu uma criança, pouca coisa me assusta. Mas sim, o Michel me contou sobre o Dylan, preocupado sobre eu

dividir a casa com ele. Então deduzi que o bebê fosse meio-tritão.”

Eu comecei a me sentir frustrado. Que merda, eu estava perdendo todas as coisas importantes.

Dylan recuperou seu celular, sorrindo como um bobo para a câmera enquanto deixava Hian nadar sem supervisão.

“Dylan, por favor levante a cabeça dele de dentro da água. Tô começando a ficar nervoso.”

Dylan prontamente me obedeceu e pegou Hian no colo. Sua cauda virou um par de perninhas novamente.

Para o meu infortúnio, a tela piscou vermelho, anunciando bateria fraca.

“Eu preciso ir.” Falei, cheio de dor no peito. “Boa noite, meu Hianzinho. Não posso te abraçar ainda, mas saiba que seu papai te ama muito.”

Dylan mandou um beijinho pra mim, já retornando ao quarto enquanto Hian bocejava em seu colo.

“Vou colocar este garoto para dormir agora, e cochilar um pouquinho. Amanhã cedo acompanharei seu clã ao aeroporto. Sou um bom cunhado, não sou?”

“O Alisson faz amizades com facilidade. Com certeza ele já gosta de você, e a noiva dele também.”

“Fico feliz.” Dylan sorriu, tentando por Hian no berço sem soltar o celular. “Se a aprovação deles for importante ao meu predestinado, então eu...”

A bateria acabou.

Merda.

Eu olhei para a parede distante, onde havia a tomada com o carregador de celular, ambos muito além do meu alcance. Frustrado, eu joguei o celular no sofá e suspirei, tentando cair no sono.

Pela chance de abraçar Hian o mais cedo possível, eu precisava ser um bom paciente. Talvez me comportando direitinho eu até pudesse jantar

sorvete, dali em diante.



Capítulo 32

“...E já estamos de volta, com a última rodada de competições do Surfe-Hai, o maior torneio de Surfe da América do Norte e do mundo!” Anunciou o comentarista.

Eu tranquei a respiração em nervosismo. Os discursos iniciais e anúncios dos patrocinadores enfim deram lugar à praia. A câmera percorreu o lindíssimo mar havaiano, que naquela manhã de sol rebentava em ondas imensas, as maiores que eu já havia visto.

Apesar de ser manhã no Havaí, em Orla das Sereias eram dez na noite. Michel conseguiu autorização especial para que Dylan e Hian ficassem além do horário de visitas, e naquele momento nós quatro assistíamos o momento mais importante da vida do Alisson.

Eu abracei firme o meu pequenino Hian, que não pareceu se incomodar e continuou dormindo contra o meu peito. Papariquei e brinquei com ele por tanto tempo que ele estava exausto, o que era bastante conveniente. Pelo menos por alguns minutos eu queria me concentrar nas grandes finais.

Sentados de cada lado da minha cama, Michel e Dylan nem se moviam. Uma vez na vida os dois não se torciam pelo pescoço, e pareciam tão ansiosos quanto eu.

Aberto sobre as minhas pernas, o laptop voltou a exhibir os dois comentaristas, que pareciam muito empolgados.

“Já temos a sequência de apresentações de hoje.” Falou o comentarista, e uma tabela apareceu com diversos nomes, e bandeiras de vários países. Apesar dos muitos pontos acumulados, Alisson seria o último a se apresentar.

Ai, meu Deus, meus nervos não aguentariam. Eu estendi a mão livre

e lacei meus dedos nos do Dylan.

Por ser um esporte um tanto imprevisível, as pontuações do surfe se baseavam em muitas coisas, como velocidade, técnica e criatividade. Mas o surfe também era um esporte de sorte. Naquela rodada final competiam os seis melhores surfistas do mundo, e dentre eles Alisson era o único novato, e também o competidor mais velho. Mesmo com a maior quantidade de pontos, ele precisaria de muita habilidade e sorte para escolher as melhores ondas.

Um jet-ski levou o primeiro surfista à rebentação das ondas, onde diversos barcos de cinegrafistas já capturavam os melhores ângulos, e haviam até zepelins dos patrocinadores capturando imagens aéreas. Quando o primeiro surfista começou a nadar todas as embarcações lhe deram espaço, e então sua apresentação começou.

Na prática, as regras eram muito simples: cada competidor tinha dez minutos para surfar, e apenas as duas melhores ondas seriam computadas. Depois se somariam os pontos anteriores e se obteria a média final.

Aquele com mais pontos ganharia dois milhões de dólares e o título de melhor surfista do mundo.

Durante a sequência sufocante de manobras loucas, os comentaristas tagarelavam tão rápido que eu não conseguia mais compreender o inglês. Não que ouvís-los fosse ajudar em qualquer coisa, eu não entendia quase nada de surfe.

“Olha, ele caiu daquela onda. Acho que estamos com sorte.”

“Sorte? Ele se recuperou de uma freefall e ainda surfou pelo centro da tubular. Isso duplica a pontuação do cara.” Falou Michel.

Eu apertei a mão do Dylan, mais do que nervoso. Esqueci que Michel era um surfista, mesmo que amador. E realmente, aquele competidor terminou com nota máxima e milhares de elogios dos comentaristas e gritos do público.

Os quatro competidores seguintes se saíram igualmente bem. Mesmo sem entender nada eu reconhecia o talento extremo de cada um, e a cada salto acrobático meu coração saltava não por eles, mas por saber que Alisson precisaria fazer ainda melhor.

Quando já era madrugada, e fim da tarde no Havaí, enfim chegou a

vez do Alisson. Diferente dos outros quase ninguém torcia por ele, então eu mesmo vibrei, como se ele pudesse me ouvir. Michel foi rápido em me lembrar que ainda estávamos em um hospital.

Eu me calei e abocanhei meu terceiro pote de sorvete, que Michel teve a misericórdia de me conseguir quando o penúltimo competidor também obteve um score perfeito. Àquela altura vários enfermeiros se reuniram conosco, todos nós torcendo pelo Grande Alisson, de Orla das Sereias.

Os comentaristas se questionaram sobre o patrocinador, nunca ouviram falar de uma tal *Amigos do Surfe*, e também não tinham muito a dizer sobre a trajetória do Alisson, exceto que era um cara que ganhava competições em algum outro país. Eu me irritei com aquela dupla de idiotas, mas eles iriam ver. Alisson mostraria que era muito mais que um surfista de fim-de-mundo.

O jet-ski levou Alisson até a rebentação das ondas, e no caminho ele acenou para as câmeras, abraçado em sua eterna prancha amarela. Nossos olhares pareceram se cruzar e o sorriso em seu rosto me acalmou totalmente. Tudo bem que Alisson não ganhasse. Ele estar lá entre os próprios ídolos já era toda a vitória que ele queria, e eu me sentia radiante por ele.

Ainda assim, obter o título mundial seria um bônus maravilhoso, e portanto eu não deixei de torcer.

Chegou o momento. O contador de tempo começou a correr, e Alisson remou até o primeiro tremor d'água, parecendo prever o que logo tornou-se realidade: uma enorme onda tubular, maior que qualquer onda de Orla das Sereias.

“Arriscado. Se ele começar com uma onda de nove metros e cair, vai perder tempo demais encontrando outra”. Michel tentava parecer entediado, mas seus pés batucando no chão o denunciavam.

“O humano nunca conseguiu uma pontuação máxima. Ele tem mais pontos anteriores, mas vai precisar de um 9,8 apenas para empatar com o primeiro lugar.”

Eu e Michel arregalamos os olhos para Dylan, em completo choque.

Dylan se incomodou com o nosso espanto.

“Surfe é importante ao meu predestinado. Eu li alguns livros e

analisar os históricos de vitória de cada competidor. Foi bastante simples.” Dylan deu de ombros, e voltou a assistir o jogo.

Eu... eu não encontrei resposta. De qualquer forma, assim que Alisson saltou sobre sua prancha, todos no quarto trancaram a respiração.

Alisson escalou pela onda, rápido e habilidoso como se ele e o mar fossem um só. A onda continuou a crescer, atingindo onze metros segundo os comentaristas, mas Alisson não pareceu se intimidar. Ele continuou subindo e inclinou o corpo até zunir pela água, em velocidade total. Ele voou pelos céus, girando a prancha para trás antes de realizar uma aterrissagem perfeita, no topo da onda.

“Um backflip!” Michel e Dylan gritaram juntos.

Eu dei um gritinho de alegria e beijei a testa do Hian, louco de emoção. Não sabia o que raios era um backflip, mas pela emoção de todos no quarto, e pelo entusiasmo dos comentaristas, eu soube que Alisson fez algo fantástico.

Alisson serpenteou onda abaixo, exibindo-se até esgotá-la totalmente, e então veio a pontuação: 9,9.

A vontade de gritar chegava a doer, mas eu comemorei em silêncio, trocando beijinhos com o Dylan. Ao longe estouravam fogos de artifício, me lembrando que Alisson não era apenas meu herói, mas o herói da cidade toda.

Provavelmente, naquele momento, todos em Orla das Sereias estavam grudados em seus computadores, assistindo a competição. Mas apesar da comemoração, Alisson ainda precisava surfar uma segunda onda.

Como Michel previu, a primeira onda arrastou Alisson quase até a praia. Ele nadou rápido de volta ao fundo, e quando restavam dois minutos no contador, conseguiu embarcar numa segunda onda.

Dessa vez, antes que Alisson chegasse ao topo, a onda cedeu sobre ele, bloqueando a nossa visão. A água o contornava como uma enorme serpente azul, formando um longo tubo e ocultando Alisson por trás da espuma.

Meu coração estava nas mãos, e eu apertei a mão do Dylan com tanta força que ele gemeu baixinho. Não conseguia ver o Alisson. Se ele caiu faltando tão pouco tempo, tudo estaria perdido.

Enquanto as câmeras tentavam flagrar qualquer coisa, os comentaristas demonstravam a mesma confusão.

Aos poucos a onda baixou, desmanchando de um lado a outro e se transformando numa simples listra de espuma branca. Logo o tubo d'água desapareceria, e nada do meu irmão.

E então os comentaristas gritaram empolgados, apontando para um pontinho amarelo na extremidade oposta. Alisson acelerou como um raio por dentro do tubo, e escapou da onda no último segundo, antes que arrebentasse. Envolto em espuma, ele empinou a prancha e rodopiou pelo céu, antes de mergulhar no cristalino mar havaiano.

Todos nós fomos à loucura. Eu, claro, já chorando como uma criança perdida.

“Ele conseguiu! Ele atravessou de ponta a ponta! Temos um novo recorde mundial!” O comentarista gritava em euforia total, cercado por espectadores que também vibravam pelo Alisson.

E a comemoração só aumentou, quando a nota apareceu na tela.

10. Um score perfeito.

Eu queria ser mais forte, porque chorei tanto, mas tanto, que nem vi quando o nome do Alisson subiu ao topo da tabela, ao lado de uma medalhinha dourada.

Meu irmão conseguiu. Ele realmente ganhou o Surfe-Hai.

Eu estava tão descontrolado que Dylan puxou meu rosto e me beijou intensamente, abraçando a mim e ao Hian enquanto todos no quarto vibravam e aplaudiam o Grande Alisson.

Mais estouros soaram distantes, na direção da praia. Michel abriu a janela, e o quarto se iluminou em rosa, e laranja e azul. Meus olhos brilharam para a cena adiante.

Centenas de fogos de artifício estouravam nos céus, lançados de todas as partes da cidade. Milhares de fãs, comemorando a noite em que meu irmão Alisson tornou-se uma lenda.

Eu gostaria de dizer que viramos a noite festejando, e jogando confete, e nos enchendo de bolo, mas assim que Alisson recebeu o enorme troféu dourado a transmissão se encerrou, e todos voltaram aos seus postos. Não pude nem mesmo ficar com Hian e Dylan, embora os dois estivessem tão cansados que Dylan merecia mesmo uma longa noite de sono.

O sol já começava a nascer quando eu mesmo adormeci, mas dessa vez com um sorriso imenso e uma tranquilidade que há dias não sentia. Mal podia esperar até comemorar com Alisson pessoalmente.

Quando acordei na manhã seguinte, já esperava outro dia tedioso naquela maldita cama. Para a minha alegria, porém, haviam visitas no sofá ao lado. E eram as melhores visitas possíveis.

“Hian!!” Eu estiquei meus braços, querendo que Dylan me entregasse logo aquela coisinha fofa. Assim que estava em meus braços eu o cobri de beijinhos e apertei aqueles dedinhos lindos e macios e apaixonantes.

Como resposta, Hian apenas sorriu quietinho, me presenteando com seu lindo olhar azul.

Eu amava tudo naquele pedacinho de fofura, mas também mal podia esperar pelas primeiras reações. Naquele dia Hian completava sua primeira semana de vida e enfim perdia o tom rosa-beterraba, ganhando um tom de pele muito parecido com o meu.

“Quando ele começa a falar?” Perguntei ao senhor eu-li-muitos-livros. “Acha que a voz dele será parecida com a sua, ou com a minha?”

“Está se adiantando demais, meu predestinado.” Dylan riu, acomodando-se no sofá. “Que tal esperar outras coisas? Em algumas semanas ele conseguirá rir, e vai segurar a própria mamadeira.”

“Isso acontece antes ou depois dele aprender a ler?”

Pela cara que o Dylan fez, eu dei uma risada fingindo estar brincando. Eu definitivamente precisava me educar sobre crianças.

Eu pensei em como escapar daquela conversa, e Hian resolveu o problema pra mim. Enquanto eu o balançava no meu peito, ele fez um barulhinho molhado e um cheiro horrível invadiu meu nariz.

“Eca. Você ainda tá dando óleo de peixe pra ele?” Eu puxei atrás da

fralda para espiar, e o cheiro fez torcer meu rosto.

Michel já havia me autorizado a sentar, então eu me recostei na cabeceira da cama enquanto Dylan vasculhava uma bolsa enorme e meio ridícula, com ursinhos e laços em tons azul-pastel. Ele tirou uma fralda seca e alcançou pra mim.

Eu segurei aquele objeto branco e alienígena, e olhei para o Dylan como se pedisse socorro.

“Vou te ensinar, não é difícil.” Dylan riu do horror na minha cara. “Prefere que eu mesmo troque?”

“Eu... ahm... é só uma fralda, Dylan. Claro que eu consigo fazer isso.”

Fingindo saber o que estava fazendo, eu liberei as calças do Hian e o deitei sobre o lençol, entre as minhas pernas. Antes que eu puxasse os adesivos da fralda o Dylan deu risada e tirou um plástico da bolsa escandalosa.

“Me deixa forrar a cama, só por precaução.” Ele ergueu o Hian e logo o deitou de novo, sobre o plástico. “Não que eu duvide de suas capacidades, meu predestinado. É só que... isso vai ser engraçado.”

Eu fechei meus lábios num asterisco. Tá certo, eu mostraria pro Dylan que sabia tudo sobre bebês.

Sob o olhar confuso e meio assustado do Hian, eu abri os adesivos laterais da fraldinha e puxei tudo para baixo, mas o adesivo prendeu na barriguinha dele e beliscou, causando uma crise de choro horrorosa.

Ai, meu Deus, eu fiz o bebê chorar. Com uma mão eu ergui a fralda e com a outra eu acariciei seu rosto tentando acalmá-lo, mas Hian esperneou e meteu a perna dentro da fralda suja, espalhando cocô por literalmente a cama toda.

Socorro, Jesus.

Ignorando a gargalhada do Dylan, eu peguei a caixa que ele me alcançou. Havia várias pomadas e coisas que eu não conhecia. Eu peguei uma bola de algodão e ergui as perninhas do Hian, que berrava como nunca. Eu não sabia se estava machucando ele ou não. Na confusão eu acabei

deixando cair a fralda suja, causando uma enorme mancha marrom entre eu e ele.

Quando eu já considerava acompanhar Hian na choradeira, Dylan veio ao meu resgate e esfregou um paninho no bebê. Em menos de dois minutos ele já havia passado pomada em sua bundinha rosa e vestido a fralda seca. Ele recolheu o plástico e o quarto tornou-se impecável, como se nada tivesse acontecido.

Como se debochasse de mim, Hian logo parou de chorar e deu sorrisinho fofo para o Dylan.

“Eu tinha tudo sob controle.” Baixei o rosto, em humilhação completa.

Dylan embalou Hian em seu colo, mal conseguindo conter o riso.

“Você só precisa treinar, meu amado. Treinar, e ler um pouquinho que seja sobre crianças. Posso te trazer alguns livros.”

“Não precisa. Eu leio na internet.” Rosnei, profundamente irritado.

“Tudo bem, então. Ah, quase esqueci o motivo de ter vindo cedo.” Dylan sorriu para o Hian, brincando com seu beicinho fofo e vermelho. “Vim buscar essa montanha de presentes. Você vai receber alta.”

“Eu vou?” Perguntei, sorrindo e esquecendo qualquer aborrecimento.

“Sim, mas não se anime demais. Você ficará de cama durante o mês, mas poderá brincar com o Hian. Ele sente falta do papai Gabe, e eu também.”

“Papai Gabe, é? Isso soa bonito.” Eu sorri travessamente, e voltei a deitar na cama. “Também sinto sua falta, papai Dylan.”

Dylan teve um calafrio, e lambeu os lábios. Ele olhou para baixo, e confirmou que Hian já adormecia. Depois olhou para a porta fechada.

Ah, sim, eu gostava daquela sequência de reações. Eu afastei o joelho e *acidentalmente* deixei o lençol cair, revelando o avental verde que eu vestia.

“Não podemos.” Sussurrou ele, sem convicção nenhuma.

“Não podemos o quê?” Eu sorri pra ele, mordiscando a minha unha.

Dylan resistiu por meio segundo. Então deu um longo suspiro e deitou Hian no carrinho de bebê que Michel presenteou.

“Isso é uma idéia ruim.” Ele disse, já trancando a porta.

Eu molhei meus lábios e ergui o avental, revelando meu mastro durinho e carente.

“Faz tanto tempo que não vejo ele.” Eu dei uma risadinha, já fervendo de tesão. “Quer matar a saudade comigo?”

Dylan sentou ao pé da cama, de olhar fixo na minha ereção umedecida. Ele ergueu a mão para tocar e depois baixou de novo, inseguro.

“Se você não resolver, eu mesmo vou precisar fazer isso. E o médico me proibiu de fazer esforço.” Eu deslizei meu dedo ao longo da extensão, indo e voltando enquanto os olhos do Dylan acompanhavam meus movimentos.

Dylan se rendeu, e segurou a base enrijecida. Com o polegar ele massageou a cabecinha vermelha, fazendo o pré-goço lavar o seu dedo.

Eu apertei a mão na boca, me mantendo quieto. Ah, era bom. Dylan não me tocava desde semanas antes do parto, então naquele momento os menores toques eletrizavam o meu corpo. Eu abri mais as pernas, delirando quando Dylan passou a subir e descer a mão. Era a masturbação mais deliciosa da minha vida.

“Quietinho, meu predestinado. Deixe tudo por minha conta.” Sussurrou Dylan, se deliciando com o pulsar do meu mastro cada vez mais rígido.

Minha respiração tornou-se rasa. Ah, eu tava quase gozando. Tava vindo com força. Seria tão gostoso.

E então o berreiro começou.

Eu e Dylan nos viramos para o carrinho, onde Hian chorava até avermelhar e debatia seus bracinhos contra as paredes acolchoadas.

“Ah, já é hora dele mamar.” Dylan me soltou e começou a vasculhar a bolsa. “Mamadeira... mamadeira... ah, droga. Eu não pretendia demorar, não trouxe nenhuma.”

“Você tá brincando, não tá?” Eu estremeci de frustração, olhando

pra tora rígida abaixo do meu curativo.

Dylan deu uma risadinha encabulada e me mostrou a bolsa aberta. Só haviam fraldas lá dentro.

“Mil perdões, meu predestinado. Eu volto no horário de visitas, e então nós...”

“Não precisa. Só vai.” Eu cobri a cabeça com o travesseiro, enquanto o choro do Hian alfinetava meus ouvidos.

Dylan recolheu um punhado dos presentes e deixou o quarto, empurrando Hian em seu carrinho novo.

Enfim sozinho, a frustração tornou-se tão grande que eu simplesmente virei de lado e tentei dormir, deixando que meu corpo esfriasse lá embaixo.

Claro que não consegui dormir, havia recém acordado. Eu terminei o que Dylan começou, e aquilo quase consertou meu mau humor. Ainda revoltado, eu abri meu celular e pesquisei sites sobre maternidade.

Algo me dizia que frustração seria a palavra de ordem dali em diante. Dylan estava certo, eu devia pelo menos aprender o que me aguardava, e aceitar o que eu deixaria de ter.

Pelo resto do dia eu aprendi mil coisas sobre bebês, e brinquedos, e psicologia infantil. Demoraria um tempo, mas eu mostraria ao Dylan que não seria um pai tão incompetente assim.



Capítulo 33

Ah, finalmente em casa.

Eu puxei o ar, inalando aquele cheirinho único que só a nossa casa tem. No caso da minha, era uma mistura de água do mar, perfume de limpeza e desodorante masculino.

A sala, a mesa de jantar, tudo parecia tão nostálgico, que nem parecia terem se passado só oito dias. Cada minuto naquele hospital foi uma tortura.

“Acha que consegue se locomover sozinho, meu predestinado?” Perguntou Dylan, após me passar pela entrada.

Eu alisei os aros da minha cadeira de rodas e rodopiei no centro da sala.

“Vai ser moleza. Desculpa te dar tanto trabalho.” Eu afrouxei o elástico da bermuda, desacostumado a usar roupas e a parecer um homem normal.

Após nove meses totalmente loucos e um incidente que eu ainda não compreendia, minha vida finalmente dava sinais de normalidade. Em alguns dias eu poderia caminhar novamente, e aí eu seria um típico homem de família, com um namorado lindo e um bebezinho maravilhoso.

Dylan havia saído de novo, para buscar o Hian no banco de trás. Michel fez a gentileza de nos trazer em seu Porsche, embora estivesse no meio de seu plantão.

Com o bebê no colo, Dylan se despediu dele até que educadamente, e Michel também acenou para mim, antes de retornar ao hospital.

Eu sentiria falta de conversar com o Michel todos os dias. Mas ele tornou-se um médico importante, e também começava sua especialização em

obstetrícia. No fundo eu sentia que não nos veríamos mais. E esta sensação não vinha apenas dos longos plantões que seu trabalho exigia.

Mais cedo naquele dia, Alisson havia me ligado. Eu o parabenizei bilhões de vezes, mas logo veio a pergunta insistente dele. E eu não queria enrolar minha resposta para sempre.

Dylan entregou Hian nos meus braços e eu o embalei, apaixonado pela delicadeza dos cílios que começavam a crescer, tão pequeninos e pretos.

Minha chegada à Orla das Sereias foi marcada pelo desespero e pela tragédia. Cheguei por falta de escolha, sem nunca imaginar que ali encontraria o amor, a felicidade, e coisas que nunca teria na cidade onde vivia. Ainda assim, aquela era a cidade do Alisson, e a casa do Alisson, e a vida do Alisson. Foi onde ele mesmo escreveu a sua história, e então ele seguiu em frente.

Talvez fosse o meu momento de caminhar os meus próprios passos. E eu não estaria sozinho.

“Dylan... Você gosta daqui?” Eu olhei pela janela, para as casinhas coloridas adiante. O cheiro de mar invadiu meus sentidos, como se quisesse tornar tudo mais difícil.

“Desta casa?” Dylan me alcançou uma taça de sorvete, e sentou no sofá diante de mim. “Nunca havia morado em aposentos humanos, mas as paredes quadradas são bonitas, depois que se acostuma. Vou admitir que sinto falta da piscina.”

Eu baixei o rosto, sorrindo para o brilho vívido no olhar do Hian. Realmente, aquela casa não era lugar para um tritão. Ou para um meio-tritão. Hian merecia uma piscina de água salina, numa casa bem perto do mar, onde ele pudesse ser ele mesmo.

“Entendo, mas não falei da casa. Falo dessa cidade. Orla das Sereias.”

“Ah.” Dylan coçou o queixo, pensativo. “Mil perdões, meu predestinado, mas não tenho opinião. Meu chamado me atraiu a você, e por coincidência ou pelo destino, te encontrei na cidade da infância dos meus pais. Papai Arian que não me ouça, mas este lugar é apenas a moldura barata da linda pintura que é o nosso amor.”

Eu avermelhei, engasgando para aquela breguice sem tamanho. Dylan conseguia me embaraçar mesmo nas conversas mais sérias.

“Então você não se importaria em... sei lá... se mudar?” Perguntei.

Dylan inclinou-se no sofá e beijou meus lábios. Ele sorriu para mim, e depois baixou os olhos para a criaturinha linda que quase adormecia no meu colo.

“Somos predestinados, Gabe. Aqui, em qualquer lugar, não importa. Enquanto estivermos juntos, eu serei o tritão mais feliz deste planeta.” Ele deu uma risadinha. “Desde que seja perto do mar, por favor.”

“Não se preocupe, amor.” Senti meu peito apertar, mas não houve hesitação nas minhas palavras. “Para onde iremos o mar é tão lindo, que o brilho da água só perderá em beleza para o cintilar das suas escamas.”

Dessa vez foi Dylan quem avermelhou, e eu sorri vitorioso. Eu também sabia ser cafona, quando eu queria.

Como eu não podia subir escadas, o sofá acabou se tornando a minha cama. Na verdade, a sala parecia mais normal quando havia uma piscina no meio. Para facilitar minha vida o Dylan trouxe tudo para o andar de baixo, incluindo o berço e os brinquedos do bebê.

Uma semana se passou desde o meu retorno. Eu enfim poderia deixar a cadeira de rodas, mas precisaria da aprovação do Michel após outra tediosa tarde de exames. Segundo ele, foi um milagre eu não perder o intestino nem precisar de cirurgias adicionais, e minha recuperação rápida surpreendeu todos os médicos.

O importante era que meu tratamento enfim chegaria ao fim, e eu poderia ser o pai que o Hian merecia.

Eu despejei uma chaleira de água morna na banheira, que Dylan ajeitou na mesa da sala antes de ir nadar no oceano. Cuidar do Hian numa cadeira de rodas era inconveniente, mas prometi a mim mesmo que não deixaria isso me atrapalhar. Me ausentei da vida do meu filho por tempo demais.

Eu testei a temperatura com o cotovelo, como o Dylan me ensinou, e despejei xampu aromático, fazendo subir bolhas cor-de-rosa e perfumadas na superfície da água.

“Vem, Hian. Seu banho está prontinho.” Eu baixei a lateral do berço e peguei aquela trouxinha fofíssima e quentinha. Me sentia até mal de acordar Hian para banhá-lo, mas aquele era um dia especial.

Pela primeira vez, eu daria banho no Hian sozinho.

Eu contive uma risadinha empolgada e dei um beijo em sua bochechinha rosa, fazendo Hian sorrir para mim. Eu desabotoei seu tip-top de flanela e retirei a fralda, expondo sua barriguinha macia, com o umbigo ainda avermelhado pela queda do cordão umbilical.

Hian não chorou nem reagiu de forma alguma, o que aprendi a aceitar como algo natural. Na minha cabeça, logo após o nascimento já estaríamos brincando com cubinhos coloridos e fazendo aviãozinho de sorvete, então foi um choque perceber o quanto esta parte demoraria. Mas Dylan estava certo, era bom que demorasse e pudéssemos apreciar cada etapa de seu crescimento.

Inclinando-me na cadeira de rodas eu ergui o Hianzinho nas mãos e o deitei de costas na água, me fascinando ao ver suas perninhas brancas tornando-se uma cauda azul bem diante dos meus olhos. Eu poderia dar mil banhos nesse garotinho lindo, e meus olhos sempre brilhariam nessa parte. As escamas da cauda se desenvolviam a cada dia, tornando-se mais azuis e vívidas, elas cintilavam nas cores do arco-íris sob a luz direta.

A curiosidade me venceu, e eu ergui Hian novamente. A cauda tornou-se um par de perninhas. Eu o mergulhei de novo. E ergui mais uma vez. Cauda. Pernas. Cauda. Pernas. Cauda. Pernas. Como aquilo funcionava?

Meu fascínio era tanto que só percebi a careta do Hian quando era tarde demais. Ele abriu um berreiro e eu entrei em pânico, sem saber se o abraçava ou mergulhava na água.

“Ele não é um brinquedo, sabia?” Dylan riu de mim, parado ao pé da escada.

Eu abracei o Hianzinho e ninei contra o meu peito, logo o acalmando.

“Pensei que estivesse no mar.” Falei, envergonhado. “Desculpa, não vai acontecer de novo.”

“Não pretendo censurá-lo, meu amor. Adoro vê-lo brincar com o bebê, embora seus métodos sejam um tanto... atípicos.” Dylan aproximou-se de mim e entregou uma fralda seca. “Imaginei que fosse precisar disso.”

Eu agradei. Realmente, não teria como vestir o Hian após o banho. O que seria de mim sem o Dylan?

Enquanto eu mergulhava o Hian para um banho de verdade, Dylan abriu a porta de entrada.

“Prometo não demorar. Qualquer coisa me ligue.”

“Não esqueça de comprar leite em pó.” Eu acenei com o bracinho molhado do Hian. “Até mais tarde, papai!”

Cuidar do Hian era difícil e maravilhoso ao mesmo tempo. Ele ainda era muito pequeno para brincar de verdade, mas era divertido agitar chocalhos na sua frente e vê-lo morder. Menos divertido era ver sua boquinha fofa e desdentada rasgar o chocalho ao meio. Tritões eram fascinantes e um pouquinho assustadores.

Eu sequei e vesti Hian, que já quase adormecia, e então o deitei no berço. Ele adormeceu no mesmo instante e logo me entediei. Só me restava esperar o Michel para os exames, e torcer que não encontrasse o Dylan pelo caminho, enquanto ele retornava do mar.

Falando em mar, algo em Hian surpreendeu a nós dois. Em suas duas semanas de vida, Dylan não notou o menor sinal de desidratação, e sua cauda ainda brilhava cristalina após ser banhado em água comum, de torneira. Foi emocionante descobrir isso. De modo geral Hian era tão parecido com tritões, que me emocionava ter lhe passado a pele resistente dos humanos. Hian não dependeria do mar para sobreviver.

Meu celular vibrou no bolso, me salvando de pegar no sono. Era a Leilani.

Eu atendi, segurando o riso. Todos os dias ela me ligava para falar de bebês, e perguntar sobre o Hian, e pedir dicas de maternidade. Nessa última parte Dylan era o mestre. Eu só passava o celular pra ele e os dois conversavam por horas.

Daquela vez, entretanto, Leilani sorria com uma euforia ainda maior que a habitual.

“Gabe, é um menino!”

“Menino?” Eu bocejei, já meio sonolento. E então percebi do que ela falava e quase saltei da cadeira. “É um menino? Verdade? Descobriram quando?”

“Hoje de manhã.” Ela secou as lágrimas. “É um menininho lindo e perfeito.”

Leilani mostrou as fotos do ultrassom e eu vibrei de emoção ao lembrar do ultrassom do meu próprio filho. Podia entender a felicidade da Leilani, apesar de sentir leve inveja. Por motivos óbvios eu não pude guardar fotos do Hian.

“O Alisson deve estar feliz.” Falei.

“Se ele tá feliz? Gabe, ele gritou tanto que quase nos chutaram do hospital.” Leilani riu “Ele tá nas nuvens. Digo, ele teria gritado igual se fosse uma menina, mas você conhece os homens... ele estava louco pra treinar seu pequeno surfista.”

“Obrigado por ser tão legal com ele, Leilani.” Eu sorri, quase chorando com ela. “Não faz idéia de como tudo isso é importante pra o Alisson.”

“O Alis foi correndo comprar tinta azul, acredita? Vamos pintar o quarto do bebê hoje mesmo, vai ficar sensacional. Vocês pintaram de que cor o quarto do Hian?”

Eu mordi o lábio. Com toda a confusão nem tive tempo de pensar nisso. Além do mais, aqueles seriam meus últimos dias naquela casa, embora Leilani e Alisson ainda não soubessem.

Meu olhar desviou para a mesinha da TV, onde haviam três papéis alongados e coloridos. Passagens só de ida para Dylan e Hian, e eu.

“Desculpa, Leilani, eu preciso desligar.” Falei.

“Tudo bem, descansa aí. E manda mais fotos do Hianzinho, eu fico babando pra cada uma, ele é tão fofinho.”

“Pode deixar.”

Eu desliguei e deitei o celular no peito, suspirando.

Logo eu precisaria contar sobre a minha decisão. Alisson faria uma festa ao saber, a ele eu contaria por último. Eu começaria pelo lado mais difícil. Só de imaginar sua reação, meu peito doía.

Assim que pensei nisso, a campainha tocou e eu já sabia quem era.

Hesitante, eu rodei até a porta e atendi.

“Oi, Michel.”

Michel me cumprimentou, vestindo as roupas de médico com as quais eu já havia me acostumado. Já na sala ele baixou-se diante da minha cadeira com o estetoscópio em mãos, enquanto eu tirava a camiseta.

“Como está o meu afilhado?” Ele olhou de canto para o bercinho onde Hian dormia.

“Guloso. Sempre ou dormindo ou com fome. Mas precisa ver ele mamando, é muito fofo.” Falei, e dei um gemidinho quando o estetoscópio gelado tocou meu peito.

“Isso é normal. Para um recém-nascido humano, pelo menos. Ele será uma criança quieta.” Michel riu, terminando de ouvir meus batimentos cardíacos.

Dei outro gemido, me arrepiando todo. Michel precisava avisar antes de tocar na cicatriz. A marca tornou-se uma linha rosa, eu nem precisava mais de curativos. Mas a pele sensível me matava de cócegas.

“Como assim, quietinho? Isso é ruim?” Perguntei, tremendo no esforço de não rir.

“Sem neurose, Gabe. Acho que nunca vi ele chorar, só isso.”

“Ah, entendo.” Dei uma risadinha tímida. Realmente, Hian chorava pouco, e quando chorava era porque fiz alguma besteira, como esquentar demais a mamadeira. Dylan já não sabia o que fazer comigo, mas eu estava aprendendo.

Michel finalmente largou a minha cicatriz e se levantou, fechando sua maleta de equipamentos.

“Como está se sentindo?” Ele perguntou, enquanto eu me vestia.

“Tem feito a fisioterapia que pedi?”

“Você pediu pro Dylan, e isso foi covardia.” Eu fiz um biquinho. “Ele levou a sério demais o seu programa. Estou mais musculoso agora que antes da internação.”

“Foi justamente por isso que pedi a ele. Tanto tempo acamado enfraqueceu seus músculos, mas você realmente parece bem.” Michel riu discretamente. “Tá até formando um tanquinho na sua barriga.”

“Estou mesmo, não estou?” Eu levantei a camiseta de novo, confirmando um suave relevo acima da cicatriz. Depois de tanto tempo barrigudo e inchado, eu nem acreditava no quanto meu corpo se recuperou. Eu estava mais gostoso que antes da gravidez.

“Falando sério, a junta médica do hospital ficou estarecida com a sua recuperação. Não desconfiam da verdade, claro, mas seus órgãos se recuperaram totalmente e não houve nenhum princípio de infecção, ou hemorragias secundárias. Receber alta em menos de um mês é um completo milagre.”

“Milagre. Pra um médico você usa demais essa palavra.” Eu olhei alto e sorri para o Michel. “Que tal uma explicação mais legal? Eu ganhei o poder de cura dos tritões.”

“Desde que você nunca murche fora d’água, eu aceito sua teoria.”

Eu e Michel rimos. E então ele me estendeu as mãos.

“Pronto para livrar-se dessa coisa?” Ele me perguntou.

Eu concordei com a cabeça e segurei nas mãos dele, enfim me levantando daquela cadeira de rodas. Minhas pernas fraquejaram um pouco, mas em segundos eu me sentia pronto para correr uma maratona.

Com um sorriso orgulhoso nos lábios, eu abri a boca para agradecer ao Michel, mas ele me abraçou apertado, escondendo o rosto no meu ombro. As palavras travaram na minha garganta.

“Tô tão feliz em te ver bem.” Michel soluçou. “Eu tive que ser forte, eu fui o seu médico, mas eu tive tanto medo.”

Eu abracei o Michel e deixei que chorasse no meu ombro, sentindo meu coração apertar. Não queria ter preocupado o Michel, nem causado

problemas pra ninguém.

“Você é um ótimo médico, Michel. E um ótimo amigo também.” *Eu vou sentir sua falta*, tentei dizer. Mas as palavras não saíram. “Posso servir um café?”

“Claro. Ainda lembra como se faz?” Michel riu e debruçou-se no berço, acariciando a mechinha escura na testa do Hian.

“Não fiquei de cama tanto tempo assim.” Eu fui à cozinha e enchi a cafeteira com o pó. Geralmente era o Dylan quem preparava, mas talvez o meu café ficasse bom como o dele. “Vai querer com adoçante ou açúcar?”

Michel não respondeu. Eu perguntei de novo, e a sala continuou quieta.

Desconfiado, eu voltei à sala, e meu coração se torceu.

De rosto baixo e com as mãos tremendo, Michel lia as passagens de avião.

“Vocês estão indo embora.” Ele disse.

“Eu... eu pretendia te contar hoje.” Falei.

Michel escondia sua expressão sob a franja. Eu me aproximei temeroso, e toquei seu ombro.

“Escuta, Michel, eu...”

Michel virou-se para mim tão bruscamente que eu recuei, assustado. Mas em seu rosto havia um sorriso animado, e seu olhar acompanhava o sorriso.

“Eu já previa que o Alisson nunca voltaria, então isso é perfeito. Você vai poder viver com o seu irmão.” Ele riu.

“É, eu vou...” Eu mordi meu lábio, dolorido como se houvessem espinhos no meu peito.

“E a sua cunhada, aquela Leilani, tá grávida também. Que ótimo para o Hian crescer com um priminho. Eu não tive primos, ou irmãos, então cresci sozinho... sinto certa inveja...” A voz do Michel estremeceu.

Eu não conseguia lidar com aquilo. Meus olhos marejaram e eu me virei antes que Michel percebesse.

“O café já deve estar pronto.” Falei, voltando à cozinha.

“Não precisa. Lembrei de um compromisso. E também tenho uma festa de despedida para planejar.” Michel jogou o cabelo para trás, com um sorriso tão forçado que meu coração quase parou. “Faz meses que não apareço no luau, mas o pessoal vai adorar o convite. Aqueles caras adoram festas, e também gostam de você, Gabe. Eles vão sentir saudade.”

“É, vão...” Eu voltei pra cozinha e apoiei as costas na parede, tentando conter meus nervos.

“Eu deletei aquele selfie.” A voz do Michel tornou-se seca, quase sombria.

“Selfie?”

“Eu não mandei pra ninguém, deletei no mesmo dia da sua primeira visita. Eu sabia que era um jogo estúpido, mas você era o irmãozinho do Grande Alisson. Pensei que você fosse tão idiota quanto ele, e errei. Me perdoa.”

Eu respirei fundo, com o rosto molhado. Aquele jogo era uma memória tão distante que parecia de uma vida passada, uma vida em que eu era um adolescente inseguro e triste, e não um pai de família com projetos para o futuro. Fazia mesmo menos de um ano, desde o jogo dos dados?

“Eu te perdôo. Nunca fiquei bravo sobre aquilo.” Respondi, esfriando a cabeça nos azulejos da parede.

Michel calou-se novamente. Nós dois não dissemos nada por um longo tempo.

Eu servi o café em duas xícaras, mas quando retornei à sala avistei apenas Hian, as passagens sobre a mesa, e a porta de entrada escancarada, deixando entrar a brisa do mar.



Capítulo 34

Era minha primeira vez nos fundos da mansão do Michel. Assim como os jardins frontais, o pátio era imenso, com uma enorme quadra esportiva, telão de filmes ao ar livre e quiosque de bebidas, onde um bartender servia bebidas para todos.

Apesar da correria com as mudanças e de todos os cuidados com o Hian, dois meses passaram num piscar de olhos. Naquele meio tempo meu bebezinho tornou-se ainda mais adorável, com um denso cabelo preto que ondulava até as orelhas. Dois dentinhos começavam a crescer embaixo, tornando seus sorrisinhos especialmente fofos.

Naquele momento Hian não estava comigo, mas no colo do Dylan, enquanto todos o cercavam querendo brincar e fazer caretas. Era a primeira vez que nós o apresentávamos a outras pessoas, mas qualquer preocupação desapareceu quando meus amigos do Luau derreteram para seus olhinhos azuis e brilhantes.

Sentado numa das cadeiras do gramado, eu bebi meu coquetel de abacaxi e assisti Dylan passear todo orgulhoso, exibindo nosso pequeno aos pais do Michel, e a todos que compareceram à nossa festa de despedida. Pensei que fosse brincadeira do Michel, mas ele realmente caprichou na decoração. Havia balões coloridos e fitas por todo o pátio, além de holofotes com luzes piscantes, dando aquele clima de balada noturna que ele tanto gostava.

Eu li novamente o cartaz pendurado sobre a porta. *Gabe e Dylan, façam muita festa no Havaí!* Foi escrito à mão, com a assinatura de todos ao redor. Nunca pensei que fosse tão amado por todos. Era emocionante, mas também era muito triste.

Muitas das pessoas ali presentes eu estava vendo pela última vez.

Quando me senti prestes a chorar alguém arredou a cadeira ao meu

lado e me ofereceu alguma coisa. Um milho-na-manteiga?

“Obrigado, senhor Jones. Não estou com fome.” Eu ri, meio sem-graça. Até estava meio faminto, mas provar aquele gosto tão familiar me faria desabar de vez.

“E então. Waikiki, é? Rapaz, estive lá uma vez, as praias são loucas. Lindo mesmo”. Senhor Jones abocanhou o milho, numa larga dentada.

“Acha que o Hian vai gostar de lá?” Perguntei a ele.

“Se vai gostar? Rapaz, não te fresqueia. Olha que anjo o menino. Capaz de tu levar pro deserto e ele gostar igual.”

“Eu... tenho minhas dúvidas sobre isso.” Comecei a rir. “O Dylan certamente não gostaria.”

Senhor Jones deu um tapinha no meu ombro.

“Vai dar tudo certo, menino Gabe. Precisa coragem pra essas loucuradas de jovem. Tu nasceu pra meter a cara na vida e sair dando voadora, então só tem coisa boa adiante.” Senhor Jones deu uma risadinha fascinada, assistindo de longe o Dylan amamentar o Hian.

Todos deliraram com a fofura extrema. Hian segurava a mamadeira com um sorrisinho nos lábios, parecendo adorar ser o centro das atenções.

“Espero estar fazendo a coisa certa.” Falei.

Senhor Jones terminou seu milho, e espetou minha barriga com o sabugo.

“Rapaaaz, que tu fez com o moleque neurótico que eu conheci? Tu tá seguindo o coração, menino Gabe. E o coração sempre sabe a coisa certa.”

Eu sorri para o senhor Jones, e para o Dylan logo adiante, que devolveu o sorriso e agitou a mãozinha do bebê Hian, acenando para mim. Hian também riu, com seus adoráveis dois dentinhos.

Sim, tudo daria certo. Mais que o meu coração, um instinto dentro de mim dizia que Waikiki seria nosso verdadeiro lar.

Eu gostaria que Michel pudesse concordar com isso, mas após alguns minutos de festa ele se recolheu e trancou-se no quarto. Apesar disso, eu invejava toda a força dele.

Mesmo de coração remuído, Michel pediu para levar-nos ao aeroporto, na manhã seguinte.

Um enorme avião zuniu logo adiante, nos janelões do aeroporto.

“Olha que grande, Hian!” Eu me escorei no vidro.

Sentado na bolsa-canguru que eu vestia, Hian olhou alto e esticou as mãozinhas, como se pudesse alcançar a aeronave que se afastava, tornando-se um ponto no céu.

“É numa dessas coisas que você quer que eu entre?” Dylan acompanhou a subida do avião com seus olhos de esmeralda arregalados. Ele tremia numa expressão de puro horror.

“Vai ser divertido, amor. Você vai poder ver o oceano todo, lá de cima.”

“Eu... eu não posso mesmo ir nadando? Me dê apenas alguns meses, e eu te encontro lá.”

“Dylan, pela última vez, você não vai contornar o continente pelo fundo do mar. Esqueça essa ideia absurda e pense no seu filho. E em mim.”

Dylan engoliu seco, empalidecendo quando outro avião desapareceu no céu.

“Tudo pelo meu predestinado.” Ele cobriu a boca, como se prestes a vomitar.

Eu apertei sua mão, admirando discretamente o quanto ele estava lindo. Dylan odiava usar roupas, mas naquela ocasião ele vestia calças sociais, sapatos de verniz e camisa branca, que ele mesmo fechou os botões. Com o cabelo bem escovado para trás e até um Rolex no pulso, ele parecia um empresário elegante, e o perfume salino que ele usava me deixava a meio passo de agarrá-lo ali mesmo, diante da multidão que entrava no salão de embarque.

“Calma, meu amor. Será apenas um dia de viagem, e fizemos todos os preparativos.” Comentei, apontando para nossa escandalosa bolsa de

maternidade.

Sim, além de mamadeiras de óleo de peixe eu também carregava muitas garrafas de água marinha. Seria uma história engraçada de explicar, se a alfândega nos parasse.

As caixas de som apitaram novamente.

“Atenção passageiros do voo para Waikiki, embarque iniciado pelo portão internacional número 3.”

Eu dei as costas para a janela e avistei Michel. Ele ainda mantinha distância, assistindo os passageiros entrarem no salão de embarque.

“Nosso voo é o próximo.” Parei em frente ao Michel com um sorriso sincero, mas triste.

Michel devolveu o mesmo sorrisinho e afagou a cabeça do Hian, fazendo-o rir.

“Vou sentir sua falta.” Ele enfim disse. “Prometa ser feliz em Waikiki.”

Eu abracei Michel, um abraço bem afastado já que Hian sentava entre nós dois. Lutei bravamente para não chorar, e consegui manter as lágrimas dentro, mas ao ver as lágrimas no rosto do Michel também deixei escapar algumas.

Meu melhor amigo. E o homem que trouxe Hian ao mundo, e salvou a vida do Dylan e a minha. Dylan que não entendesse mal, mas eu não via a minha vida sem o Michel.

“O que pretende fazer, daqui pra frente?” Perguntei, secando o rosto.

Michel deu de ombros, e sorriu com o canto do lábio.

“Terminar minha especialização em obstetrícia. Tentar atender apenas mulheres, daqui pra frente. Essas coisas.” Ele riu.

“Apenas mulheres? Que pena. O que farei quando vierem os irmãozinhos do Hian?” Acho que foi uma brincadeira de mau gosto, porque Michel arregalou os olhos, pálido como papel. “Estou brincando, estou brincando. Mas não vamos tratar isso como um adeus. O Hian precisará de um pediatra, e não conheço muitos especializados em tritões.”

“Eu sei. Desculpa pelo clima de velório.” Michel esfregou embaixo dos olhos. “Ainda nos falaremos pelo Skype, e minha mansão tem oito quartos de visita. Não é porque vocês venderam a casa, que não terão onde ficar em Orla das Sereias.”

“Agradeço o convite. E você também apareça por lá. Dizem que Waikiki é um lugar lindo.”

Michel concordou, e seu sorriso desmanchou. Dylan parou ao meu lado, o encarando com os olhos de agulha e os lábios eriçados.

Eu engoli seco, entristecido demais para ainda ter que separar uma briga estúpida.

Mas, para meu espanto, Dylan apenas estendeu a mão.

Sob meu olhar de completa surpresa, Dylan e Michel trocaram um aperto de mãos, firmes e sérios.

“Tem minha gratidão, humano. Não esquecerei o que fez pelo meu predestinado.” Falou Dylan.

“Eu só fiz minha obrigação como médico, peixe-boi.” Michel sorriu.

E então Michel deu um passo à frente, e seu olhar calmo escureceu-se num tom sombrio. Ele aproximou os lábios do ouvido do Dylan.

“Arrisque a vida do Gabe só mais uma vez, e eu juro que vou tirá-lo de você.”

Dylan se afastou num gesto brusco. Eu segurei seu braço antes que rasgasse o pescoço do Michel de novo, mas Dylan nem tentou se mover. Ele encarou fixamente o olhar do Michel, que eu enfim compreendia. Era um olhar de desafio, uma expressão tão determinada que eu me perguntei o que restava daquele maconheirinho idiota, que falava besteiras e bebia até cair.

Diante de mim, com um olhar que lembrava nuvens em tempestade, estava um homem capaz de intimidar um tritão.

“É melhor nós irmos, Dylan.” Eu entrelacei meus dedos nos dele, sentindo o clima tão pesado, que respirar tornou-se difícil. “Tchau, Michel.”

“Tchau, Gabe. Façam uma boa viagem.”

Michel acenou para mim, eu acenei para ele e então segui adiante,

além dos seguranças e dos detectores de metal.

Quando olhei para trás novamente, Michel não podia mais ser visto. Havia apenas o salão de embarque, e a vasta multidão que chegava.

Desta vez foi Dylan quem me puxou, e abraçado firme em Hian, eu segui em frente.

Quando dei o primeiro passo dentro do avião, Hian deu uma risadinha animada, e meu sorriso enfim retornou aos meus lábios.

Aquele era o primeiro dia da minha nova vida. E com Hian e Dylan iluminando a minha vida, eu com certeza nunca olharia para trás.



Epílogo 01

Três anos depois

“Hian, você já está pronto?” Perguntei, terminando de me pentear enquanto entrava em seu quarto.

Nem precisei vasculhar os brinquedos para encontrá-lo. Um rastro de canetinhas apontava para uma caverna de almofadas, ao lado de sua piscina.

“Hian?” Eu me abaixei e afastei a almofada que servia de porta. “Vamos? Seu papai Dylan já está esperando.”

Deitado de bruços no chão, Hian ergueu o rosto para mim, iridescendo seu lindo olhar de safira. Ele balançava suas perninhas dentro do pequeno espaço, claramente aborrecido em interromper seu desenho.

Eu olhei para o papel sob suas mãos, que ainda seguravam canetinhas coloridas. Mais um desenho de riscos azuis e círculos amarelos como os muitos que ele havia pendurado nas paredes do quarto. Eu adorava cada desenho do meu Hianzinho, e os que ele me presenteava eu sempre prendia na geladeira.

“O que você desenhou dessa vez?” Perguntei, embora já soubesse a resposta.

Hian sorriu empolgado para a pergunta, e apontou com seus dedinhos sujos de tinta.

“*Ete* é o mar e *etas* as ondas” Ele ziguezagueou o dedo pelos riscos azuis, e então apontou para o círculo amarelo no centro. “E *ete* é o chamado.”

Eu ri, e tomei o papel nas mãos enquanto Hian saía de seu esconderijo.

“É um lindo desenho. Onde vamos colocar esse?” Perguntei.

Os olhinhos do Hian brilharam, e ele coçou o rosto com seu jeitinho tímido. Depois de um tempo ele pareceu se decidir, e apontou para o mural metálico da parede.

“Com os outros desenhos? Ótima idéia.” Falei, erguendo Hian no colo para que ele mesmo prendesse, com um dos ímãs de golfinho. “Olha só, ficou perfeito.”

Hian deu uma risadinha fofa e logo debateu as pernas, querendo descer.

Eu soltei, mas por mim eu carregaria Hian nos braços o tempo todo. Me doía vê-lo crescer tão rápido, mas ele já alcançava a altura dos meus joelhos. Baixinho para um garoto de três anos, mas ainda assim grande demais para continuar sendo meu bebezinho de colo.

Ainda assim, eu me empolgava demais em vê-lo se desenvolver. A cada dia Hian aprendia algo novo, ou fazia coisas diferentes, era tão mágico acompanhar cada mudança.

Fiquei tão bobo olhando o meu pequeno que até esqueci o motivo de ter aparecido. Mas o próprio Hian pareceu lembrar, porque trocou sua saia de ficar em casa por outra mais bonita, uma longa canga de tecido azul com estampa de golfinhos, que descia até a altura de sua tornozela de conchinhas.

Morar no Havaí mostrou-se conveniente de forma inesperada: como era costume dos homens usar longos saíotes, Hian podia vestir-se em roupas humanas sem atrapalhar sua eventual transformação aquática. Aquela canga em especial era a sua favorita, e uma que ele sempre usava para visitar o primo.

Eu tentei escovar as ondinhas azuis do Hian para o lado, mas ele tomou a escova de cabelo das minhas mãos e se penteou sozinho, escovando a franja até a frente dos olhos, como ele gostava.

“Não tá na hora de cortar esse cabelo?” Provoquei, brincando com as mechas de trás, que quase alcançavam os ombros.

Hian fez que não com a cabeça. Ele organizou as almofadas numa pilha e guardou cada uma das canetinhas dentro do estojo, até que o quarto estivesse impecável.

Eu ri, e achei melhor não atrapalhar sua concentração. Enquanto Hian se organizava eu arrumaria seu quarto e...

“Hian, o Dylan arrumou sua cama?” Eu arqueei uma sobrancelha para os lençóis perfeitamente esticados sobre o colchão. O cobertor foi dobrado aos pés da cama com o travesseiro em cima, como num quarto de hotel.

“Foi eu.” Ele fechou a maletinha de artista, com um rostinho vermelho e inseguro. “Tá feio?”

“Ahm... não.” Respondi, espantado. “Vem, o papai Dylan tá esperando a gente.”

Hian estendeu sua mãozinha para mim e eu a segurei, sem conseguir esconder meu sorriso. Hian podia estar crescendo, mas ele seria meu garotinho fofo para sempre.

Nossa casa em Waikiki nem se comparava à casa em Orla das Sereias. Aquela mansão competia em tamanho com a do Michel: Dois andares amplos, com diversos quartos, salas e banheiros luxuosos. Mas o que nos atraiu mesmo foi a localização: Os painéis de vidro da sala davam acesso direto à uma estreita faixa de praia. Os altos rochedos de cada lado da areia bloqueavam o acesso dos turistas, tornando aquela a nossa pequena praia particular.

Desnecessário dizer, aquela mansão reduziu muito o nosso estoque de ouro, mas ainda restava o bastante para uma vida de conforto... até o Dylan inventar de comprar um barco. E uma Ferrari azul. Como resultado, precisei abrir meu próprio negócio: uma filial da Amigos do Surfe idêntica à loja do Senhor Jones. Como seguíamos sendo patrocinadores oficiais do Alisson, os negócios estavam maravilhosos.

Mas após trabalhar a semana toda, eu não queria nem pensar em negócios. Eu queria mesmo era aproveitar o sol da tarde, que iluminava nossa sala de estar em tons dourados e aconchegantes.

Eu abri a porta da garagem e Dylan não aguardava no carro, como eu esperava. Mas não precisei pensar muito para encontrá-lo.

“Vamos nos atrasar, meu amor.” Falei, abrindo os painéis de acesso à praia.

Dylan virou-se na sua espreguiçadeira e ergueu os óculos de sol, sorrindo para nós. Dizem que o corpo masculino atinge seu auge aos 22 anos, e Dylan era a prova viva disso. Nos últimos anos seu peitoral salientou-se ainda mais, e os músculos das coxas tornaram-se esculturas, de tão sólidos e bem delineados. Até seus lábios pareciam mais carnudos e gostosos de beijar, e aquela bunda... meu Deus, era cada vez mais difícil conter certos pensamentos.

Dylan se espreguiçou e bagunçou os cachos escuros, e Hian soltou minha mão e correu pela areia até ele. Dylan abraçou nossa pequena fofura e cobriu de beijos, arrancando risadinhas agudas do Hian.

“*Vamo nadá?*” Perguntou Hian, de olho no mar.

Dylan olhou pra mim com os olhinhos brilhando, mas eu fechei a cara. Ele que não pensasse em entrar molhado no carro. Eu já precisaria aspirar toda aquela areia. Além do mais, estávamos atrasadíssimos.

“Mais tarde, filhote.” Dylan afagou a cabeça dele, desanimado. “Vamos visitar o diabin... digo, o seu primo Maikon.”

A princípio Hian murchou tanto quanto Dylan, mas lembrar-se do Maikon fez voltar sua empolgação. Ele deu as mãos para mim e para o Dylan, e nós o balançamos no ar em nosso caminho até o carro.

Dylan sentou Hian na cadeirinha de trás enquanto eu me ajeitava no banco do acompanhante.

“Ainda dá tempo de mudar de idéia.” Falou Dylan, temeroso. “Podemos ir no cinema, ou naquele restaurante japonês.”

“Não seja assim, Dylan. Vamos apenas comer o bolo que sobrou da festinha, conversar um pouco e voltar. Devemos uma visita há semanas.”

“E com excelentes motivos.” Dylan ajeitou o cinto e abriu o portão da garagem.

“Voltaremos a tempo do seu banho de mar com Hian. Prometo.” Eu alarguei meu sorriso, tentando não parecer tão preocupado.

Esperava que pelo menos metade das minhas palavras fossem verdade.

Antes do meu dedo alcançar a campainha, já ouvi sons de coisas quebrando, e os gritos exasperados da Leilani.

Dylan segurou meu braço.

“Última chance de sair correndo.” Disse ele.

Eu dei risada e toquei a campainha. Desde que Alisson mandou parafusar a mobília no chão e colocou travas nas portas e janelas, a situação com Maikon melhorou muito. Não podia ser tão assustador assim.

Alisson abriu a porta e me cumprimentou, escorado na maçaneta e ofegando pesado. Eu me segurei para não rir do cabelo despenteado e das olheiras escuras.

“E aí, Alis. Como foi o dia?” Perguntei sarcástico, puxando Dylan para dentro da casa.

Hian nem precisou ser conduzido. Assim que viu a porta aberta ele saltou do meu colo e correu por entre as pernas do Alisson em busca de seu priminho.

Ele não precisaria procurar muito. Bastava seguir os gritos da Leilani.

“Maikon, por favor. Desce da geladeira!” Os gritos da Leilani vinham da cozinha, mais desesperados do que bravos, o que indicava que a loucura já durava várias horas. “Alis, seu filho tá tentando saltar no ventilador de teto.”

Alisson se arrepiou ao ouvir o próprio nome, e cobriu o rosto com as mãos.

Não consegui. Eu estourei dando risada. Podia ser sadismo da minha parte, mas Hian era tão quietinho que um pouco de barulho me divertia. Desde que fosse uma vez por mês, claro. Nem a pau eu visitaria Alisson com maior frequência, ou Dylan cortaria os pulsos e acho que eu também.

Eu dei um tapinha apiedado nas costas do Alisson ao entrar. Dylan jogou-se no sofá com cara de quem viajava para um lugar silencioso, dentro da própria mente.

“Senta ali com o Dylan, Alis. Eu resolvo dessa vez.” Falei, e fui até a cozinha. “Oi, Maikon, como está o meu sobri.... ai meu Deus.”

Até para os padrões de loucura daquela casa, a cena à minha frente me surpreendeu. O pequeno Maikon não só escalou a geladeira, como levou junto uma prancha de surfe e agora saltava e rodopiava lá em cima, para desespero da Leilani que tentava alcançá-lo, antes que quebrasse o pescoço.

“Ah, Gabe. Graças a Deus.” Arfou ela, com olheiras tão grandes quanto as do Alisson, vestido com marcas de dedinho de criança e o cabelo preso num coque bagunçado. “Falei que dar uma prancha nova de aniversário era má idéia. Mas o Maikon insistiu, e claro que o Alisson adorou o pedido.”

Eu coçei atrás do pescoço, me perguntando como alcançar o garoto quando nem Leilani alcançava. Acabei levando uma cadeira, mas enquanto eu subia Hian apareceu na cozinha, e Maikon o avistou.

“*Pimo* Hian! Eu tô *sufando!*” Os olhos pretos do Maikon brilharam de empolgação, enquanto ele empinava a prancha de um lado a outro.

Hian abraçou forte sua maletinha de artista e arregalou seus olhinhos, boquiaberto.

Finalmente consegui descer o Maikon, que esperneou no meu colo o tempo todo, batendo na minha cara com as mãos meladas de sei lá o quê. Assim que o soltei ele correu arrastando a prancha pela corda, fazendo-a bater em todos os móveis. Maikon agarrou Hian pelo braço e também o arrastou em direção aos quartos.

“Vem Hian, vem vê as *manobas* de *sufe!*” Gritou Maikon, correndo rápido demais para alguém que usava fraldas enormes. Mesmo já treinado no peniquinho, Hian tropeçava para acompanhá-lo.

Os dois fecharam-se no quarto e finalmente houve silêncio.

Eu abri um sorriso vitorioso para a minha cunhada, que alisava a franja para trás e ofegava, em completa exaustão.

“Viu? Foi super fácil dessa vez.” Brinquei.

“Apenas... vamos servir o bolo.” Ela suspirou e abriu a porta da geladeira, onde havia um terço de um bolo com cobertura azul e pranchinhas de surfe feitas de marzipã, que eles encomendaram para a festinha na creche.

Era tão adorável, que nem parecia ser para o Maikon.

Digo, em aparência o menino era uma gracinha. Ele herdou o mesmo cabelo castanho do Alisson, e a pele cor-de-avelã da Leilani. Assim como Leilani era mais alta que eu e o Alisson, Maikon passava uns três dedos da altura do Hian, mesmo sendo meses mais novo.

Voltando minha atenção ao bolo, eu ajudei minha pobre cunhada com os pratos e garfinhos, enquanto ela servia o refrigerante como um zumbi. Às vezes eu me preocupava com a saúde dela e do Alisson. Os dois já beiravam os quarenta anos, e acho que nem com meus vinte e poucos eu conseguiria acompanhar o filho deles. Dylan certamente nem tentava mais.

Apesar de tudo, Maikon era a alegria daquela casa. Alisson poderia passar horas falando dele, listando suas infinitas aprontadas que acabavam soando divertidas, meses depois. No fim, ele e Leilani sabiam que era apenas uma fase. Assim como a vez em que Maikon virou o sofá em cima do finado hamster, e quando ele quebrou a privada dando descarga em todos os celulares, um dia Alisson lembraria do surfe na geladeira e iria rir.

Nem morto que eu falaria isso naquele momento, é claro.

“Quem quer bolo?” Perguntei, chegando na sala com um pratinho em cada mão.

Nem Dylan nem Alisson responderam. Os dois apagaram no sofá, roncando profundamente.

Oh, bem. Dylan não poderia comer bolo, de qualquer forma. Eu sentei na poltrona com um prato em cada coxa e um sorriso enorme, me babando para o aroma doce de chocolate.

Desde que comecei a criar músculos eu passei a cuidar melhor da alimentação, e os elogios do Dylan ao meu peito firme e gominhos eram todo o incentivo do mundo para me manter disciplinado. Ainda assim, o amor ao chocolate falava alto. Naquela tarde eu comeria como um gordo.

Quando eu já terminava o segundo pratinho de bolo, Leilani apareceu com mais duas fatias e me entregou uma delas, que aceitei de imediato.

Nossa, como eu amava festinhas de criança. Para a última festinha do Hian eu comprei tantos brigadeiros que nós nos esbaldamos em açúcar por

semanas. Dylan não entendia a graça, mas ele sempre tinha Hian nas suas explorações submarinas. Ele que me deixasse ter certas exclusividades com nosso filho, nem que isso significasse enchê-lo de doces.

Enfim, nós adultos pudemos apreciar a tranquilidade. A casa do Alisson era menor que a nossa, mas ainda assim espaçosa, com uma sala ampla e bonita, que Leilani decorou à moda havaiana, toda colorida e adornada por plantas. Ou pelo menos pelas plantas que Maikon não havia arrancado.

À nossa frente, no centro da sala, o enorme troféu do Surfe-Hai brilhava dourado dentro de uma redoma transparente. Era uma linda taça, com um suporte esculpido no formato de pranchas, conchas e ondas do mar. Um prêmio digno do título de melhor surfista do mundo.

Numa das alças da taça pendia a o cordão de uma medalha de ouro. O primeiro prêmio do Maikon, no circuito de surfe pré-escolar.

“Onde estão os meninos?” Leilani perguntou, olhando ao redor. “O Maikon passou o dia implorando por mais bolo. E o Hian também adora doces.”

“Você sabe como os dois são juntos. O Hian controla o Maikon melhor que todos nós.” Eu dei risada, e Leilani também riu, concordando. “Devem estar brincando no quarto, Hian trouxe a maletinha dele.”

“Maletinha?” Alisson finalmente acordou e esfregou os olhos, mais morto que vivo.

“É, a inseparável maleta de canetinhas. Hian poderia passar horas desenhando.”

Pensei que os dois iriam rir comigo, mas o olhar arregalado do casal me assustou, e eu me encolhi na poltrona. Falei alguma coisa errada?

“Ca... canetinhas, você disse?” Alisson gaguejou, e os dois correram para o quarto.

Eu os segui, e percebemos que não havia ninguém no quarto do Maikon. Um burburinho vinha logo adiante, na suíte do casal.

Alisson tremia ao descer a maçaneta. Assim que ele abriu a porta percebi que todo o pânico não havia sido exagero.

No centro do quarto, deitado de bruços no carpete macio, Hian desenhava concentrado em uma folha de papel, traçando os mesmos riscos azuis e círculos amarelos de sempre. Ele ergueu o rosto para nós, com olhinhos doces e confusos de quem não entendia o horror em nossas expressões.

Em dez minutos, Maikon conseguiu riscar tudo. Absolutamente tudo, e com todas as cores de canetinha. Os lençóis, as paredes, o carpete, o travesseiro, os armários...

“Minha prancha!” Alisson correu para sua lendária prancha amarela, encostada à parede. Nem ela havia escapado da inspiração artística do Maikon. Rabiscos vermelhos, azuis e laranja a atravessavam de cima a baixo.

Impressionante. Se me dessem dez minutos e uma marreta para destruir aquele quarto, eu não teria conseguido fazer metade do estrago. Maikon não era apenas bagunceiro. Ele era um gênio do crime.

“Você venha aqui!” Leilani levantou Maikon do chão e arrancou as canetinhas, promovendo um dos maiores berreiros que já ouvi. Maikon esperneava furiosamente, desesperado em recuperar seus novos brinquedinhos. Nem suas roupinhas escaparam da fúria multicolorida e o rosto lembrava um palhaço francês.

Eu tentei ser forte, mas estourei de tanto rir. Precisei sair do quarto antes que um dos dois me matasse. Ai, que horror.

“Nós já podemos fugir, agora?” Sussurrou Dylan, sem mudar sua posição no sofá. O safado apenas fingia dormir?

“Apenas mais meia hora.” Falei, indo para a cozinha procurar sabão e esponjas. “Acho que o Alisson precisa de uma ajudinha.”



Epílogo 02

Após alguns minutos esfregando, os riscos na parede começaram a desaparecer. Ajoelhados no chão, eu e Alisson torcemos a esponja no balde de sabão e continuamos lavando o último trecho colorido.

“Vocês odeiam que eu diga isso, mas essa fase vai deixar saudades.” Eu dei um sorriso complacente ao Alisson. “Pode ser meio louco, mas sinto falta de trocar fraldas. São coisas que passam, e não voltam mais.”

“Não tenho raiva do Maikon, só estou exausto.” Alisson riu, sem esconder o cansaço. “Viu a alegria dele com a pranchinha nova? Se Maikon conseguir não partí-la ao meio, quero inscrevê-lo na próxima competição infantil.”

“Ele vai adorar. E o Hian vai gostar de assistir. Às vezes me preocupo que ele seja quieto demais, mas com o Maikon ele se solta, não é? Espero que ele não tenha problemas em fazer amizades.”

“Não tem nada errado com o Hian. E vou respirar fundo, e dizer que não tem nada errado com o Maikon também. Os dois são apenas crianças, e nós somos pais muito paranóicos.”

Eu dei risada, terminando de esfregar um grande risco azul. Até que canetinhas pré-escolares eram fáceis de lavar, o que era ótimo porque ainda haviam riscos vermelhos pelo rodapé.

“Vamos admitir que o Maikon é um pouquinho enérgico?” Provoquei. “Deve ser coisa da família da Leilani. Eu não me lembro de ter sido um bebê difícil.”

“Na verdade...” Alisson avermelhou. “A mamãe sempre dizia que eu era o anticristo em forma de criança. Ela contava as histórias mais loucas, coisas bem piores que um quarto rabiscado, mas ela sempre ria ao lembrar. A trabalhadeira que eu dei foi o motivo de nós termos quinze anos de

diferença.”

Eu arregalei os olhos, com o peito batendo apertado ao ouvir da mamãe.

“Eu nunca soube disso.” Dei uma risadinha triste. “E quanto a mim?”

Alisson franziu a testa.

“O que tem você?”

“Que tipo de criança eu era?” Perguntei, corando. “Digo, eu era pequeno quando a mamãe... hum, ela nunca me contou essas histórias.”

“Você era reservado.” Alisson desviou o rosto, sorrindo encabulado. “Não tanto como o Hian, você odiava desenhar e ficar parado, mas nunca trouxe problemas. A mamãe sempre me ligava para contar da mobília que você *não* destruiu, mas perto de mim qualquer bebê seria um anjo. Desculpa, eu não sei muita coisa.”

“Tudo bem.” Eu tentei não me emocionar com uma bobagem daquelas, mas meus olhos molharam. “Acha que a mamãe teria orgulho da gente?”

Alisson olhou para o céu estrelado, através da janela.

“Claro que sim. Ela teria adorado conhecer os netinhos.”

Eu concordei, e sequei embaixo dos olhos. Uns poucos minutos depois, e a parede estava limpa.

Alisson e eu retornamos para a sala, onde Leilani e Dylan vigiavam a brincadeira das crianças. Terminada a choradeira, Maikon enfim havia se acalmado, e montava bloquinhos coloridos com Hian.

Ver o sorriso animado no rostinho do Hian aquecia o meu coração, e eu sabia que, embora Dylan se assustasse com Maikon, ele apreciava o efeito que o priminho tinha em nosso filho.

“Vamos, amor?” Eu abracei os ombros do Dylan, por trás do sofá. Pude sentir o esforço do Dylan em não gritar *finalmente*, mas ainda assim ele se levantou bem rápido.

Percebendo o pai levantar, Hian prontamente desmontou seus

bloquinhos e guardou todos na caixa, incluindo os blocos do Maikon.

Pelo beicinho do primo, eu temi que outro berreiro fosse começar. Maikon sempre fazia escândalo quando o separávamos de Hian.

Naquele momento, porém, Hian veio até mim e puxou a perna da minha calça, erguendo seus olhinhos de safira.

“*Maiko* pode *i bincá*?” Pediu ele.

Eu quase me derreti com tanta fofura.

“*Di* que sim! *Di* que sim! *Di* que sim!” Maikon se pendurou na minha outra perna, gritando e esperneando.

“Diz que sim.” Alisson e Leilani repetiram juntos, com um olhar de desespero.

Ai, meu coração de manteiga se dissolvia por completo. Dylan beliscou a minha bunda discretamente, tentando me lembrar da opinião dele, que eu podia imaginar qual era.

“Tudo bem, o Dylan traz ele de volta amanhã.” Respondi, sorrindo e evitando contato visual com o Dylan. Eu sentia como se ele me lançasse navalhas com os olhos. “Vamos para o mar todos juntos.”

As crianças gritaram de empolgação, saltando pela sala. Os olhinhos do Hian cintilavam por baixo da longa franja.

Ignorando a óbvia frustração do Dylan, eu interrompi a comemoração das crianças e peguei suas mãozinhas. A mão do Hian era macia e quentinha e a do Maikon eternamente grudenta com alguma coisa. Pelo cheiro doce ele encontrou o bolo de chocolate, mas eu deixaria que Leilani e Alisson descobrissem por conta própria.

Durante o resto da tarde, eu, Dylan, Hian e Maikon brincamos na nossa pequena praia particular, nos fundos da casa.

Eu terminei o castelinho que começamos juntos e me espreguiçei na areia morna, assistindo ao longe Dylan brincar com as crianças dentro d'água.

Normalmente Dylan e Hian mergulhariam nas profundezas do oceano durante horas, mas naquele momento os dois tritões mantinham-se na superfície, Dylan segurando Maikon no colo enquanto os dois priminhos jogavam água um no outro, Maikon com suas mãozinhas e Hian chicoteando com a cauda.

Acostumado ao filho comportado, não demorou até Dylan cansar completamente. Ele passou a boiar de costas para cima como um cadáver enquanto Maikon surfava as suas costas e Hian ria alegremente, alheio ao desespero do pai.

Uma cauda verde e uma cauda azul, as duas cintilando como diamantes sob a luz do fim da tarde. Minha família era incomum, mas eu não poderia ser mais feliz. Dylan e Hian completavam a minha vida de forma tão perfeita, que às vezes eu não acreditava na minha própria sorte.

Quando o sol terminou de se pôr, eu me levantei e adentrei o mar até alcançar os meninos. Eu tirei Maikon das costas do Dylan antes que ele conseguisse arrancar outra escama e, ignorando as esperneadas furiosas do meu sobrinho, beijei o ombro do meu tritão e o fiz olhar para mim.

“Está tarde. As crianças precisam dormir.”

“Esse aí dorme?” Dylan massageou o dorso da cauda, onde faltava a escama que Maikon mastigava., Ele aninhou Hian em seus braços.

Eu ri, e retornei à areia enquanto Dylan nadava com Hian ao meu lado.

Tomado de nostalgia, eu montei o fraldário que há meses não usava, e deitei Maikon na superfície acolchoada. Munido de talco e óleo de bebê perfumado, eu habilmente soltei a fralda suja fechei em uma bola. Em minutos já havia limpado, passado a pomada e fechado uma fralda sequinha. Maikon nem teve tempo de reclamar.

Após jogar a fralda suja no lixo, eu descii Maikon do fraldário e vesti sua camiseta de dormir.

Dylan apareceu no nosso quarto e quase foi atropelado por Maikon,

em sua correria ao quarto do Hian.

“Terminei de drenar a piscina, e montei a segunda cama. Falta alguma coisa, meu predestinado?” Perguntou ele.

“Não esquece as caixas de jogos. Não quero que se machuquem, escalando o armário.” Suspirei, olhando para o berço no canto do nosso quarto. Hian ganhou o próprio quarto poucas semanas antes, completo com sua própria cama e piscina salina, que Dylan esvaziou por motivos óbvios.

“Já desci os brinquedos, tá tudo pronto. Podemos por favor ir pra cama?” Dylan esfregou o rosto.

Eu concordei, terminando de desmontar o fraldário. Dylan trancou a porta, e o simples girar da chave aqueceu meu corpo. Nosso quarto também possuía piscina interna, e Dylan geralmente adormecia nela. Quando ele falava em *ir para a cama*, portanto, sempre significava outra coisa.

Ai, já fazia tanto tempo. Hian podia ser quieto, mas sempre acordava muito cedo para nadar com o Dylan. Pela primeira vez seu priminho o manteria ocupado de manhã, então me enchi de esperanças.

Eu me liberei das roupas e deitei-me sobre os lençóis macios.

“Quanta pressa. Prefiro te despir eu mesmo.” Ele disse, livrando-se da sunguinha e revelando o mastro já quase pronto pra mim.

Eu lambi os lábios e aumentei a provocação, entreabrindo as pernas enquanto chupava meus próprios dedos com dedicação.

“Como posso corrigir esse erro?” Perguntei, deslizando o dedo do meio nos lábios molhados.

Já totalmente duro, Dylan teve um arrepio de tesão. Ele abriu a gaveta do criado-mudo e pegou um envelopinho quadrado. Tão apressado como eu, ele rasgou a embalagem com os dentes e deitou ao meu lado, já desenrolando a camisinha lá embaixo.

Era estranho precisar fazer sexo protegido para não engravidar, mas eu já havia me acostumado. O lubrificante do preservativo agilizava muito as coisas, mas eu não deixaria de provocar o Dylan.

Quando enfim tive toda a sua atenção, eu beijei Dylan com profundidade e desejo, massageando sua língua com a minha até ouvi-lo

gemer na minha boca. Os dedos molhados levei para trás e circulei na minha entrada, me preparando para receber aquele tritão delicioso.

Assim que a sensação me fez arfar, Dylan separou nosso beijo e olhou para baixo, mordiscando seus lábios em profundo interesse.

Sorrindo vitorioso, eu empinei a bunda para o alto e passei a enfiar e tirar dois dedos, deixando que Dylan assistisse. Ele ficava louco em assistir eu me afrouxar, então deixei que tivesse seu showzinho, me satisfazendo em ver seu mastro pulsar em excitação.

“Meu predestinado é tão perfeito.” Esquecendo qualquer mau-humor, Dylan sentou na cama logo atrás de mim, me dando até um pouco de vergonha. Daquele ângulo ele podia ver minha entradinha afrouxada, enquanto eu me fodia com os dedos.

Mesmo envergonhado, eu passei a meter três dedos, ainda mais rápido. Ver o Dylan se masturbando ao me assistir pirava os meus hormônios necessitados. Eu mesmo endureci como uma pedra, e já pingava pré-gozo nos lençóis.

“Tô prontinho.” Falei, tirando os dedos e expondo minha entradinha rosa. Até dei uma reboladinha, me divertindo com o brilho devasso naqueles olhos de esmeralda.

Dylan encaixou o corpo atrás de mim e agarrou com força a minha bunda, já espaçando as nádegas. Ele baixou o rosto e deu uma lambida nas preguinhas sensíveis, me fazendo morder a fronha para não gritar.

“Vai ser difícil pegar leve, hoje.” Ele sussurrou.

“Me arromba.” Arfei. “Eu fico quietinho. Eu consigo.”

Dylan apalpou minhas nádegas com força, apreciando a textura macia. Se ele queria me enlouquecer estava conseguindo.

Durante as apertadas senti algo molhado e duro na fenda e empinei a bunda, tentando relaxar, mas a ansiedade era muita. Eu mesmo me esfregava naquela pontinha gostosa, quase me empalando por conta própria.

E então Dylan agarrou meu quadril e avançou, me alargando totalmente bater a virilha na minha bunda.

Eu grunhi de dor e de prazer, enterrando a cara no travesseiro. Ai,

meu Deus, eu não iria aguentar. Devíamos ter deixado a TV ligada.

“Aperta pra mim, meu amor.” Dylan circulou o quadril, massageando a minha próstata com uma precisão que lançava trovões dentro de mim. Como se não bastasse ele inclinou o corpo e segurou o meu pau, sem tentar me masturbar. Ele apenas brincou com o polegar na ponta úmida.

Louco para gritar de tesão, eu contraí meus músculos, apreciando o gemidinho do Dylan. Fazer assim doía nas primeiras vezes, mas me apertando eu sentia cada relevo daquele mastro grosso, e o Dylan também enlouquecia pelo mesmo motivo.

Dylan recuou até a glândula espaçar minha entrada tensionada, e então ele se enterrou em mim rápido e bruto, me fazendo quase urrar. Mas eu me mantive forte. Precisava me concentrar, e levar vara em silêncio. Não podíamos ser ouvidos pelas crianças.

Como sempre, Dylan levou meu pedido a sério e arrombou sem piedade, indo e vindo com força quase violenta, enquanto seus dedos torturavam a minha parte mais sensível.

Eu não tava aguentando, eu ia gozar.

“Tá pingando bastante.” Sussurrou ele, quase deitando o peito nas minhas costas. Ele circulou o polegar pelo meu orifício molhado, fazendo meu pau latejar, implorando por uma atenção decente.

Mordendo a franha com toda a força, eu levei a mão pra baixo e segurei a mão do Dylan. Eu movi para cima e para baixo, e foi como se fosse ele a me masturbar. Meu Deus, era gostoso demais.

Dylan deu uma risadinha satisfeita e livrou-se da minha mão. Ele enfim bateu uma punhetinha rápida e deliciosa, tudo isso enquanto estourava a virilha na minha bunda.

Não deu. Eu gritei contra o travesseiro, contraindo todo o corpo num orgasmo feroz e intenso, melando a mão do Dylan e fazendo respingar nos lençóis e na minha barriga.

Deliciado pelos meus espasmos, Dylan deu um gemidinho baixo e jorrou quente dentro da minha bunda. Ou pelo menos a sensação era essa. Assim que ele saiu de mim o calorzinho gostoso foi junto, aprisionado dentro da camisinha.

Eu desabei na cama, dolorido e extasiado ao mesmo tempo.

Dylan era o melhor parceiro que eu poderia ter. Sexo com ele simplesmente não podia ser definido em palavras. Ele recém se livrava da camisinha e eu já queria mais. Um boquetezinho, qualquer coisa. Era impossível me cansar daquele tritão.

“Dorme comigo hoje?” Perguntei por cima do ombro. “Digo, se não for prejudicar sua saúde.”

Dylan sorriu e deitou ao meu lado. Ele me abraçou de conchinha, me envolvendo em seus músculos quentes e maravilhosos.

Eu virei o rosto e trocamos um beijinho, que eu gostaria que fosse apenas romântico, mas meu corpo reagiu. Dylan com certeza percebeu, porque tornou o beijo mais safado, chupando meus lábios enquanto descia a mão até o meu mastro.

“Alguém tá querendo outra punhetinha.” Ele sussurrou orgulhoso, contra os meus lábios.

“Nem pensar.” Arfei, movendo o quadril contra a sua mão. “Quero esses seus lábios gostosos.”

Dylan mordiscou os próprios lábios, e eu senti sua vara espetar minhas costas. Que safado. Mais uma noite gastando uma caixa inteira de camisinhas.

Deleitado pela beleza daquele homem, eu abri as pernas e assisti Dylan descer, mordiscando os gominhos da minha barriga em profundo tesão. Ah, como eu gostava de atraí-lo com os meus músculos.

Quando chegou lá embaixo, Dylan agarrou meu mastro petrificado e lambeu os lábios com o olhar nos meus.

Com o coração acelerando eu cobri a boca, assistindo-o esticar a língua e tocar a pontinha.

“Papai Gabe. O *Maiko* fez cocô.”

Dylan ergueu o rosto e nós dois olhamos pra porta fechada. Ele rapidamente soltou meu pau e eu limpei a garganta, tentando recuperar a voz normal.

“Amanhã troco a fraldinha dele, Hian. Por quê não tentam dormir?”

“Ele *tabém vomitô* bolo.”

“Quê?”

“Tá cheiro ruim.”

“Eu... eu já to indo. Me esperem no quarto.”

Após um longo, longo suspiro, eu pus as mãos no rosto, querendo chorar. Meu pau latejava ferozmente, sedento pela continuação, mas Dylan já havia levantado da cama.

“Meu predestinado tem um sobrinho encantador.” Debochou Dylan, com um sorriso de *eu te disse*.

“Podemos não ser casados, Dylan, mas ele também é seu sobrinho.” Eu vesti uma calça de pijama e tentei distrair os pensamentos, na esperança que aquela tenda baixasse logo.

Entre risadinhas sádicas, Dylan deu um longo bocejo.

“Tudo bem, vai dormir.” Eu joguei os braços pro ar, exasperado. “Tenho um desastre ambiental para resolver.”

Dylan deu boa noite, e escondeu-se sob os lençóis. O resto da minha maravilhosa noite envolveu limpar sujeiras impronunciáveis enquanto Maikon berrava, horrorizado por sujar seu pijama, ou coisa assim.

Meia hora depois, para meu profundo alívio, Maikon e Hian adormeceram em suas camas. Eu apaguei a luz e retornei ao meu quarto, pronto para dormir e esquecer aquele imprevisto.

Dylan não estava dormindo.

Eu tranquei a porta, de olhar fixo na cena adiante. Aquele homem dos meus sonhos totalmente nu sobre os lençóis brancos, com um sorriso convidativo e devasso nos lábios.

“Pensei que fosse dormir.” Falei, livrando-me das calças e deitando ao seu lado.

“E recusar um desejo do meu predestinado?” Dylan alisou meu corpo, cheio de tesão. “Nem parece que você me conhece há quatro anos.”

Eu lambi os lábios do Dylan, sedento pelo seu sabor, e pelo aroma salino e fresco que emanava de sua pele.

“E o que está esperando, meu tritão?” Eu abri as pernas e meti sua mão no meu membro, mostrando quão rápido meu corpo reagia à ele.

Dylan massageou ao longo da extensão do jeitinho que eu gostava. Atento aos meus gemidos, ele umedeceu os lábios.

“Que tal uma ordem, meu humano?” Ele provocou, roçando sua própria excitação contra a minha.

Eu abri um sorriso safado, e também um novo envelopinho. Eu brinquei com a camisinha em frente aos lábios.

“Dylan, eu te trouxe para Waikiki.” Repeti suas palavras de anos atrás, segurando o riso. “Me desculpa, mas precisamos acasalar.”

Dylan riu alto e beijou-me os lábios, afinando os olhos numa expressão devassa.

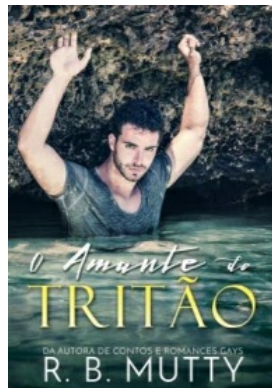
“Tudo pelo meu predestinado.”



O Amante do Tritão

FIM

Conheça os livros da série *O Amante do Tritão*



O Amante do Tritão (Livro 01)

<https://www.amazon.com.br/dp/B06XWCVZRD>



Especial de Natal (Conto spin-off do livro 01)

<https://www.amazon.com.br/dp/B078G3519Y>



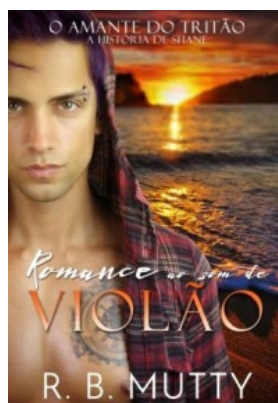
Ondas em Rebentação (Livro 02)

<https://www.amazon.com.br/dp/B075SHW6LX>



O Preço da Adoração (Spin-off do livro 01)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07261SG98>



Romance ao Som de Violão (spin-off do livro 02)

<https://www.amazon.com.br/dp/B077QFKN21>



Noite de Despertar (spin-off do livro 02)

<https://www.amazon.com.br/dp/B078X8CZZT>



Casa de Marionetes (duologia com Noite de Despertar)
Lançamento em Fevereiro de 2018



Livro 03? Spin-off? Aguarde...

Outros romances por R. B. Muty

O Amante do Tritão (412 páginas)

<https://www.amazon.com.br/dp/B06XWCVZRD>

Ondas em Rebentação (Livro 02)

<https://www.amazon.com.br/dp/B075SHW6LX>

O Preço da Adoração (Spin-off do livro 01)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07261SG98>

Romance ao Som de Violão (spin-off do livro 02)

<https://www.amazon.com.br/dp/B077QFKN21>

O Beijo do Incubus (258 páginas)

<https://www.amazon.com.br/dp/B01MU02QCB>

Heróis Despedaçados (186 páginas)

<https://www.amazon.com.br/dp/B01MG99BG4>

Paixão sob Holofotes (117 páginas)

<https://www.amazon.com.br/dp/B06W2M3QFY>

Meu catálogo na Amazon

<http://amzn.to/2p1TNcm>

Sigam minha página para acompanhar meus lançamentos. Sempre tem romances e contos gays novos te esperando!

<https://www.facebook.com/rbmuty>.

Obrigada por ler este livro!

Seu apoio é muito importante para mim ♥ Se gostou desta história considere deixar uma avaliação na Amazon e ajude a divulgá-la. Colaborando para o sucesso de cada livro você incentiva esta autora independente a trazer sempre novas histórias de tritões!

Para acompanhar os lançamentos de R. B. Muttly, siga-a no Facebook:

<http://fb.me/rbmatty>

Ou através da lista de e-mail:

<https://tinyletter.com/rbmatty>

^[1] *I Lava You* – Versão original por James Ford Murphy. Versão em português interpretada por Joelma Bomfim e Bruno Bonatto.